



**ANTONIO ALMIR SILVA GOMES**

**SANAPANÁ UMA LÍNGUA MASKOY:  
ASPECTOS GRAMATICAIS**

CAMPINAS - SP  
2013





UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

**ANTONIO ALMIR SILVA GOMES**

**SANAPANÁ UMA LÍNGUA MASKOY:  
ASPECTOS GRAMATICAIIS**

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do Título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Lucy Seki

CAMPINAS - SP  
2013

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Teresinha de Jesus Jacintho - CRB 8/6879

G585s Gomes, Antonio Almir Silva, 1979-  
Sanapaná uma língua Maskoy : aspectos gramaticais / Antonio Almir Silva  
Gomes. – Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador: Lucy Seki.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos  
da Linguagem.

1. Língua sanapaná. 2. Língua sanapaná - Sintagma Nominal. 3. Língua  
sanapaná - Sintagma Verbal. 4. Língua sanapaná - Morfologia. 5. Língua  
sanapaná - Sintaxe. I. Seki, Lucy, 1939-. II. Universidade Estadual de Campinas.  
Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Sanapaná a Maskoyan language : a grammar sketch

**Palavras-chave em inglês:**

Sanapaná language

Sanapaná language - Noun Phrase

Sanapaná language - Verb Phrase

Sanapaná language - Morphology

Sanapaná language - Syntax

**Área de concentração:** Linguística

**Titulação:** Doutor em Linguística

**Banca examinadora:**

Lucy Seki [Orientador]

Angel Humberto Corbera Mori

Cristina Martins Fargetti

Kristine Sue Stenzel

Rosane de Sá Amado

**Data de defesa:** 12-12-2013

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística

BANCA EXAMINADORA:

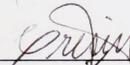
Lucy Seki

  
\_\_\_\_\_

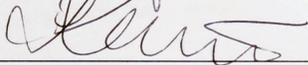
Angel Humberto Corbera Mori

  
\_\_\_\_\_

Cristina Martins Fargetti

  
\_\_\_\_\_

Kristine Sue Stenzel

  
\_\_\_\_\_

Rosane de Sá Amado

  
\_\_\_\_\_

Beatriz Protti Christino

\_\_\_\_\_

Glauber Romling da Silva

\_\_\_\_\_

Rogério Vicente Ferreira

\_\_\_\_\_

IEL/UNICAMP  
2013



ẽhẽ (SIM)

um  
era uma vez um POVO  
era  
uma  
vez

alegria  
CHUVA

Tristeza  
Ausência de CHUVA

Abundância  
CHUVA

Escassez  
Ausência de CHUVA

Esperança  
Chuva

Dor  
Ausência de CHUVA

Vida  
CHUVA

Morte  
Ausência de CHUVA

Viva  
CHUVA  
Viva

**Aos Sanapaná,  
o POVO da CHUVA  
ou ausência dela.**



**Maria Izabel Lobo de Carvalho,**

a quem, também, dedico esta Tese,  
meu carinho,  
minha admiração,  
meus eternos agradecimentos.

Tudo o que sou hoje é reflexo de sua confiança, amizade, carinho.

Obrigado, obrigado, obrigado!!!



## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, como não poderia deixar de ser em virtude de meu credo religioso, agradeço a DEUS, meu PAI que em momento algum me abandona. A ELE meu agradecimento pelo dom da vida, pela saúde, pela família a mim concedida, por mais essa vitória conquistada.

À minha família, por entender minhas escolhas e meus ideais e, acima de tudo, por apoiá-los irrestritamente. Obrigado 'Nelito' (pai), Lucia (mãe), Aley e Alberto (irmãos), Samara (mãe da Thalita) e Ângela (irmãs). Amo a cada um de vocês.

Aos Sanapaná da comunidade indígena La Esperanza, pela amizade e por acolher-me, desde o ano de 2009, em sua comunidade. Niko Carlos Gonzáles e Valério Chaves, obrigado pela disponibilidade em ensinar-me um pouco de sua língua materna, por 'aturar' as inúmeras perguntas, as inúmeras vezes em que eu não entendia o que vocês falavam, as inúmeras vezes em que lhes pedia para que repetissem enunciado X e/ou Y. Obrigado Gilberto, Ermirando, Claudinho, Hemirto, Vilberto, Luizinho e, alunos de nono ano (Turma 2009) da escola N° 6780, que por muitos momentos foram companhias maravilhosas, fazendo-me esquecer um pouco a saudade dos que no Brasil deixei.

OBRIGADO Eva Maria Roessler e Maria Luiza Freitas (Malu), inacreditável o que vocês fizeram por mim durante minhas primeiras visitas aos Sanapaná.

Agradeço à minha orientadora, Dra. Lucy Seki, sobretudo pela paciência a mim destinada e por respeitar meu tempo.

Aos professores que constituíram a Banca de Avaliação desta Tese e, com isso, contribuíram para que eu pudesse apresentá-la da melhor maneira possível. Os problemas que porventura permaneceram são de inteira responsabilidade minha.

Aos professores do Instituto de Estudos da Linguagem de quem tive o prazer de assistir suas aulas: Filomena Sândalo, Charlotte Galves, Angel Corbera Mori, Plínio Barbosa, Juanito Avelar, Bernadete Abaurre, Sonia Cirino e Lucy Seki. À professora Rosane de Sá Amado (USP) pela leitura cuidadosa de minha Tese quando ainda em versão bastante preliminar e por ter-me orientado sabiamente em meu trabalho de qualificação de área. Desculpe-me por tantos e-mails com perguntas e obrigado por sempre respondê-los.

Ao Cláudio, Rose e Miguel da secretaria do IEL pela qualidade dos serviços prestados. Por inspirar-me tranquilidade em períodos tensos da academia.

Minhas primeiras ideias linguísticas acerca das línguas Maskoy trocadas com alguém tinham como interlocutor Hannes Kalish, autor de vários artigos sobre estas línguas, coordenador do Grupo (cf. [www.enlhet.org/indice.htm](http://www.enlhet.org/indice.htm)) e, conseqüentemente, conhecedor da língua Enlhet. Sempre atento às minhas dúvidas relacionadas à uma família linguística totalmente desconhecida (a priori) para mim, esmerou-se em saná-las de modo muito competente.

Keila Gisele Lima Reis, OBRIGADO pela amizade, longas conversas ao telefone.

Esses anos todos em Campinas certamente se tornaram mais agradáveis em virtude dos inúmeros amigos conquistados, por isso o prazer em citar o nome de cada um dos que aceitaram participar dos meus momentos alegres, tristes,

empolgantes, melancólicos, etc. Nayara Camargo, Kátia Nepomuceno, Emerson Carvalho, Carlos Renato, Larissa Lisboa, Eduardo Vasconcelos, Aroldo Andrade, Juliano Nequirito, Maick Oliveira, Sabrina, Moana, Nice, Marquinhos, Vivian, Walker, Rosilene Costa.

Aos meus amigos paraenses como eu, na Unicamp como eu, Alessandra, Fábio, Aline, Gigi, Didi, Marcos, Montanha, Carmel, Aleixo. Por vários momentos a presença de vocês me fez sentir mais perto da terra querida, do tacacá, da maniçoba, do vatapá, enfim....

À Elissandra Barros, minha amiga desde sempre, por tudo, inclusive pela ajuda financeira em momentos de “recessão econômica” pelos quais passei ao longo desses anos. Obrigado pela cumplicidade e amizade. Aqui agradeço, também, de modo especial, minha amiga Angela Fabiola Chagas, pela amizade sincera, por ter-se tornado uma pessoa especial em minha vida há mais de uma década. Sabemos, independentemente de palavras, o quanto somos importantes para o outro.

Aos meus amigos do núcleo *out* UNICAMP: Maick, Djefe, Mauricio e cia, Wellington, Rodrigo. *Incrivelmente incrível* a participação de vocês em minha vida em tão pouco tempo, aff. Adoro a cada um de vocês. Obrigado ao Carlos Alexandre, que participou de minha vida de forma magnífica.

Em terras tucujus (Macapá-AP) agradeço aos amigos adquiridos desde 2011 na Universidade Federal do Amapá. Meire Adriana da Silva, Rejane Candado, “Rone e Fabi”, Marina Pignati. Obrigado Mécia Sampaio por tanto carinho.

Em terras paraguaias, uma pessoa essencial para o desenvolvimento desta Tese é inequivocamente meu amigo Ivan Rieder Veras, não somente pela atenção e gentileza a mim destinadas, mas por somar tudo isso ao acolhimento em seu apartamento todas as vezes em que eu precisei ficar em Assunção a fim de resolver alguma coisa naquela cidade.

Obrigado à Vick, funcionária do Ministério de Educação do Paraguai, que durante o II Congresso Nacional de Educação Indígena, realizado em agosto de 2009 na cidade paraguaia de Cerrito, apresentou-me ao professor Civito, que se tornaria posteriormente o grande responsável por meu primeiro contato com os Sanapaná de La Esperanza. Obrigado ainda ao Cezar, pela competência ao cuidar de assuntos relacionados ao DOLLIP.

À Adelina Pusineri (diretora), Raquel Zalazar, Arsênio Ariel, Bernardo Benitez e Romilda Velazquez que, como funcionários do Museu Etnográfico 'Andrés Barbero' em Assunção, sempre se dispuseram docilmente a atender a meus pedidos de referências bibliográficas. Às longas horas vividas no referido museu em busca de informações variadas sobre o povo Maskoy, Sanapaná particularmente, à atenção generosa de todos vocês, obrigado.

Como se 'lê', nada do que apresento ao longo deste trabalho teria sido possível sem a ajuda inestimável desse universo de pessoas maravilhosas que cruzaram meu caminho acadêmico. Por isso a necessidade de referir-me a cada um deles nominalmente e em especial.

## RESUMO

Esta Tese tem como objeto de investigação aspectos da gramática Sanapaná relativos à sentença simples. Sanapaná é a língua falada pelo povo homônimo que vive, dentre outras, na comunidade La Esperanza, às proximidades do município de Loma Plata – Paraguai. Constituída por seis capítulos, no primeiro constam informações gerais sobre o povo Sanapaná e sua língua inseridos em um contexto socioeconômico, cultural e linguístico. No segundo capítulo apresento uma análise de aspectos fonéticos e fonológicos, com ênfase para os segmentos consonantais e vocálicos, bem como para a sílaba. O terceiro e o quarto capítulo são destinados ao sintagma nominal. A divisão entre ambos os capítulos pauta-se na concepção de classes abertas e de classes fechadas proposta por Schachter e Shopen (2007). Desta forma, no Capítulo III trato das classes abertas, mais especificamente do Nome e do Adjetivo e, no Capítulo IV, trato das classes fechadas que se relacionam com as classes abertas: os pronomes, os numerais, os advérbios, os quantificadores e as adposições. Compreende-se uma interface Morfologia / Sintaxe ao longo destes dois capítulos. Após referir-me ao sintagma nominal compreendido pelos dois tipos de classes expressos nos capítulos III e IV, faço referência, no Capítulo V, ao sintagma verbal. Para isso, trato o verbo, assim como nos capítulos anteriores, em sua interface Morfologia / Sintaxe. Na perspectiva da Morfologia, mostro que o verbo Sanapaná apresenta algumas semelhanças com o nome no que diz respeito ao uso de prefixos. No entanto, distinguem-se em relação ao uso de sufixos. Na perspectiva da Sintaxe, mostro o verbo como predicador e, conseqüentemente, seus mecanismos relativos aos argumentos por ele requeridos. No Capítulo VI trato de aspectos da gramática Sanapaná inerentes às sentenças negativas e imperativas. Os seis capítulos em questão constituem-se um passo importante para o conhecimento linguístico mais amplo de uma língua da família Maskoy, considerando-se, sobretudo, o conhecimento reduzido que a comunidade científica detém das referidas línguas.

Nos mesmos capítulos, mostro que a língua Sanapaná assemelha-se em algumas características com outras línguas Maskoy, bem como distingue-se em outros. Comparo aspectos Sanapaná com o que ocorre em outras línguas faladas no Gran Chaco. Ao assim fazê-lo, baseio-me, sobretudo, em práticas tipológico-funcionais, cujo objetivo assenta-se na busca de características comuns às línguas naturais. Tal perspectiva permite-me considerar a língua objeto desta Tese como possuidora das características seguintes: (i) sistema vocálico composto por três fonemas (e três alofones) e sistema consonantal por treze fonemas; (ii) sílaba prototípica do tipo CV(C); (iii) sintagma nominal nu; (iv) predicado com informações dos argumentos; (v) negação descontínua. Finalmente, devo assumir que esta Tese constitui-se um dos primeiros estudos sistemáticos de uma língua Maskoy, o que me permite considerar que trabalhos futuros serão importantes para esclarecer, inclusive, dúvidas postas ao longo dos capítulos mencionados. Torna-se a mesma, portanto, uma rica fonte de informação de uma língua do Paraguai.

**Palavras-chave:** Sanapaná; consoante; vogal; sintagma nominal; sintagma verbal.

## ABSTRACT

This thesis has as its objective aspects of grammar of Sanapaná relating to simple sentences. Sanapaná is the language spoken by the Sanapaná people, among others those living in the community La Esperanza, in the vicinity of the city of Loma Plata - Paraguay. The thesis consists of six chapters, the first containing general information about the people and their language in socioeconomic, cultural and linguistic context. In the second chapter I present an analysis of phonetic and phonological aspects, with emphasis on consonant and vowel segments, as well as the syllable. The third and fourth chapters are dedicated to the noun phrase. The division between the two is guided by the design categories of open and closed classes proposed by Schachter e Shopen (2007). Thus, in Chapter III open classes are discussed, specifically Nouns and Adjectives, and in Chapter IV I discuss the closed classes that relate to open classes: pronouns, numerals, adverbs, quantifiers and adpositions. These two chapters demonstrate the Morphology / Syntax interface. After discussing the noun phrase, defined by the two classes analyzed in Chapters III and IV, I refer, in Chapter V, to the verb phrase, and its Morphology / Syntax interface. From the perspective of Morphology, I show that the verb in Sanapaná bears some resemblance to the noun with respect to the use of prefixes. However, they differ regarding the use of suffixes. From the perspective of Syntax, the verb is shown to be a predicator with its mechanisms for its required arguments. Chapter VI deals with aspects of Sanapaná grammar inherent in sentences with negation and imperative sentences. The analysis presented for negation assumes (i) the existence of two distinct processes, one being the use of affixes, and the other the use of particles and (ii) that such processes interact morphosyntactically. Finally, I consider that the content of this thesis does not exhaust the discussion of the simple sentence Sanapaná but, on the contrary, introduces it. With this, I assume that future work will be important to clarify questions raised throughout the chapters of this dissertation. Above all, this PhD

thesis is one of the most concrete studies of a member of the Maskoyan language family, which make it a reference in linguistic investigation of the indigenous languages of Paraguay.

**Key words:** Sanapaná; consonant; vowel; noun phrase; verb phrase.

## **QUADROS, GRÁFICOS E ESPECTROGRAMAS**

Quadro 01: Distribuição geográfica e populacional dos povos Makoy

Quadro 02: Índices habitacionais dos povos Maskoy

Quadro 03: Consoantes Enlhet

Quadro 04: Vogais Enlhet

Quadro 05: Consoantes Lengua

Quadro 06: Vogais Lengua

Quadro 07: Consoantes Sanapaná

Quadro 08: Vogais longas e vogais breves Mocovi

Quadro 09: Tipos silábicos Sanapaná

Quadro 10: Pronomes pessoais

Quadro 11: Pronomes Sanapaná

Quadro 12: Numerais Sanapaná

Quadro 13: Prefixos de concordância A / S / O

Quadro 14: Prefixos de negação

Quadro 15: Prefixos de pessoa do discurso

Gráfico 01: Línguas orientais do Chaco paraguaio

Gráfico 02: Línguas ocidentais do Chaco paraguaio

Gráfico 03: Línguas Maskoy

Espectrograma 01: pehlten

Espectrograma 02: pekho

Espectrograma 03: hlejap

Espectrograma 04: tema

Espectrograma 05: nenhlet



## LISTA DE ABREVIATURAS

[+1]	- Traço prevalente 1ª pessoa
[-1]	- Traço prevalente 2ª e / ou 3ª pessoa
A	- Sujeito de sentença transitiva
AD	- Adição
ADJ	- Adjetivo
ALAT	- Alativo
ASP	- Aspecto
ASSOC	- Associativo
AUM	- Aumentativo
BENEF	- Benefactivo
C	- Consoante
CAUS	- Causativo
COL	- Coletivo
COMP	- Comparativo
COMPL	- Completivo
CONC	- Concordância de pessoa
CONJ	- Conjunção
DEF	- Definido
DEIT	- Dêitico
DEM	- Demonstrativo
DET	- Determinante
DIM	- Diminutivo
EP	- Epêntese
EXORT	- Exortativo

FEM	- Feminino
FRIC	- Fricativa
FUT	- Futuro
HIP	- Hipotético
INCOMP	- Incompleto
INDEF	- Indefinido
INF	- Informação
INT	- Interrogativo
INTENS	- Intensificador
LAT	- Lateral
LOC	- Locativo
MASC	- Masculino
MOD <sub>ado</sub>	- Modificado
MOD <sub>dor</sub>	- Modificador
MOV	- Movimento
NOMZ	- Nominalizador
NPr	- Nome próprio
NUM	- Numeral
O	- Objeto
OCL	- Oclusivo
PAS	- Passado
PL	- Plural
POS	- Possessivo
PRON	- Pronome
PROSP	- Prospectivo
RED	- Reduplicação
REF	- Referente

REFL	- Reflexivo
S	- Sujeito de sentença intransitiva
SG	- Singular
TOP	- Topico
SUJ	- Sujeito
V	- Vogal (para Capítulo II), Verbo (para demais capítulos)



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>29</b>
<b>1 SANAPANÁ UM POVO MASKOY: INFORMAÇÕES LINGUÍSTICO, CULTURAIS E SOCIOECONÔMICAS</b> .....	<b>35</b>
1.1 Povos Maskoy ontem e hoje .....	36
1.1.1 Gran Chaco .....	36
1.1.2 Atual situação linguística e populacional do Paraguai .....	38
1.1.3 A família linguística Maskoy .....	40
1.1.3.1 Localização geográfica das línguas Maskoy .....	43
1.1.4 Fontes históricas acerca dos povos Maskoy .....	51
1.1.5 Trabalhos linguísticos sobre a família Maskoy .....	53
1.2 Sanapaná ontem e hoje .....	61
1.2.1 O povo Sanapaná .....	62
1.2.2 O povo Sanapaná pelo olhar de um pesquisador .....	64
1.2.3 Mitos Sanapaná .....	66
1.2.4 Os Sanapaná de La Esperanza .....	69
1.2.4.1 Aspectos sociolinguísticos e culturais .....	69
1.2.4.2 Aspectos socioeconômicos .....	76
<b>2 ASPECTOS DE FONÉTICA E DE FONOLOGIA</b> .....	<b>79</b>
2.1 Os segmentos consonantais e vocálicos Sanapaná .....	80
2.1.1 As consoantes Sanapaná .....	81
2.1.1.1 Casos de alofonia consonantal .....	86
2.1.1.2 Casos de interação morfofonológica .....	97
2.1.2 As vogais Sanapaná .....	105
2.1.2.1 Vogais longas .....	106
2.1.2.2 Casos de alofonia vocálica .....	108
2.1.2.3 Assimilação vocálica .....	112
2.1.2.4 Epêntese vocálica .....	113
2.1.2.5 Harmonização vocálica .....	116
2.2 A sílaba Sanapaná .....	119
2.2.1 Distribuição das sílabas na palavra .....	126
2.2.2 Queda de sílaba (Metaplasmo) .....	129

2.2.3 Iconicidade da sílaba .....	131
2.2.4 Distribuição dos segmentos consonantais e vocálicos na estrutura silábica..	132
2.3 Interface Fonologia / Sintaxe .....	134
<b>3 O SINTAGMA NOMINAL: CLASSES ABERTAS .....</b>	<b>137</b>
3.1 A classe dos nomes Sanapaná.....	139
3.1.1 Morfologia nominal.....	139
3.1.2 Categorias relacionadas ao Nome.....	146
3.1.2.1 Gênero .....	146
3.1.2.2 Número .....	150
3.1.2.3 Grau .....	163
3.1.2.4 Posse .....	164
3.1.3 Derivação Nominal.....	179
3.1.4 O Nome na sintaxe .....	182
3.1.4.1 O Nome como núcleo do SN .....	183
3.1.4.2 A ordem do nome no sintagma nominal .....	186
3.1.4.3 A ordem do nome no sintagma preposicional e no sintagma adverbial	188
3.1.4.4 A ordem do nome em outros contextos sintagmáticos .....	190
3.1.4.5 O nome e as partículas NEG .....	192
3.1.5 O SN complexo .....	193
3.2 A classe dos adjetivos Sanapaná .....	195
3.2.1 Atributivos .....	198
3.2.2 Predicativos.....	200
3.2.3 Aspectos da morfologia dos adjetivos.....	201
3.2.4 Adjetivos e traços semânticos.....	203
3.2.5 Adjetivos em contextos comparativos.....	206
3.2.6 Os adjetivos frente a outras classes abertas .....	208
<b>4 O SINTAGMA NOMINAL: CLASSES FECHADAS .....</b>	<b>211</b>
4.1 A classe dos pronomes .....	212
4.1.1 Pronomes pessoais.....	213
4.1.2 Pronomes possessivos .....	223
4.1.3 Pronomes demonstrativos .....	228
4.1.4 Pronomes indefinidos.....	231
4.1.5 Pronomes reflexivos.....	234

4.1.6	Pronomes interrogativos .....	236
4.1.6.1	Pronomes interrogativos de palavra ou conteúdo .....	237
4.1.6.2	Contexto de pergunta polar SIM / NÃO .....	246
4.1.7	Quadro de pronomes .....	250
4.2	A classe dos numerais .....	251
4.3	A classe dos advérbios .....	256
4.3.1	Os advérbios locativos .....	257
4.3.2	Os advérbios temporais .....	261
4.4	A classe dos quantificadores .....	264
4.4.1	Os quantificadores Sanapaná .....	264
4.5	A classe das adposições .....	272
4.5.1	As preposições .....	272
4.5.2	A posposição .....	274
<b>5</b>	<b>O SINTAGMA VERBAL .....</b>	<b>279</b>
5.1	A classe dos verbos Sanapaná .....	281
5.1.1	Aspectos da morfologia verbal .....	284
5.1.1.1	A morfologia prefixal do verbo .....	284
5.1.1.2	A morfologia sufixal do verbo .....	308
5.1.1.2.1	Tempo / Aspecto .....	309
5.1.1.2.2	Modo .....	316
5.1.1.2.3	Causativo .....	321
5.1.2	Aspectos da sintaxe verbal .....	323
5.1.2.1	Estrutura Argumental do Verbo .....	323
5.1.2.2	Apagamento do argumento A / S .....	327
5.1.2.3	Transitividade .....	328
5.1.2.3.1	O verbo em contexto de sentença transitiva .....	329
5.1.2.3.2	O verbo em contexto de sentença bitransitiva .....	330
5.1.2.3.3	O verbo em contexto de sentença intransitiva .....	334
<b>6</b>	<b>SENTENÇAS NEGATIVAS E IMPERATIVAS .....</b>	<b>347</b>
6.1	A sentença negativa .....	349
6.1.1	A negação com afixos .....	349
6.1.2	A negação com partículas .....	357
6.1.3	A negação com quantificador .....	362

6.1.4 A dupla negação .....	363
6.1.5 A interação de negação com a morfossintaxe Sanapaná.....	366
6.1.6 A negação e a transitividade verbal .....	369
6.1.7 A negação Sanapaná frente a outras línguas .....	369
6.2 A sentença imperativa.....	374
6.2.1 As sentenças imperativas negativas.....	375
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>379</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>385</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>395</b>
<b>ÁLBUM DE FOTOS .....</b>	<b>397</b>

## INTRODUÇÃO

Esta Tese é fruto de um trabalho sistemático de pesquisa linguística iniciado por mim em agosto de 2009 junto aos Sanapaná de La Esperanza, comunidade situada no Chaco Central Paraguaio, entre os municípios de Iralá Fernandez e Loma Plata – Departamento de Presidente Hayes.

Somando-se as quatro viagens realizadas a esta comunidade a partir daquele ano, compreendo aproximadamente 100 dias de trabalho de campo<sup>1</sup>, possíveis a partir de meu contato com o professor Civito Monte, membro de La Esperanza, ainda em agosto de 2009, por ocasião do Congresso de Educación Escolar Indígena realizado no mês de agosto de 2009 na cidade paraguaia de Cerrito – departamento de President Hayes. Àquele encontro, fui apresentado ao professor Civito e o informei de que gostaria de conhecer e realizar pesquisa linguística sobre Sanapaná, sua língua materna. Embora não muito claros a ele os propósitos de meu trabalho, dispôs-se a ajudar-me em meu ingresso a La Esperanza, o que ocorreu uma semana após o evento em Cerrito.

Na primeira viagem, realizada entre os meses de agosto e setembro de 2009, convivi com a referida comunidade por 30 dias ininterruptos, momento no qual tive a oportunidade de conhecer um povo ‘genuinamente paraguaio’ que,

---

<sup>1</sup> Os dados resultantes desses dias estão divididos em dois grupos. O primeiro, que engloba basicamente aqueles adquiridos com o objetivo de compreender aspectos fonéticos / fonológicos, está digitalizado em formato *wav* e em processo de organização via banco de dados possível de ser disponibilizado em breve. O segundo grupo, por sua vez, é constituído basicamente por formulários transcritos foneticamente em formato de caderno de campo. Neste, encontram-se informações da gramática Sanapaná. Em breve, pretendo digitalizá-los e, conseqüentemente, torná-los acessíveis a quem interessar possa. A característica dos dados e do trabalho de campo aqui mencionados deve-se ao tempo (exíguo) disponível para a produção da Tese. É certo que os próximos passos em direção a um melhor conhecimento de aspectos da gramática Sanapaná envolvem o trabalho com outros tipos de dados, especialmente aqueles presentes em textos de diferentes gêneros. Com isso, será possível avançar para além das informações relativas à sentença simples tratadas aqui.

apesar dos transtornos causados especialmente pela ausência da água, tem o dom de ser feliz, de acreditar na beleza da vida. A este povo, dedico meu respeito e minha admiração. Naqueles dias de agosto e setembro assumi a responsabilidade de ser um dos primeiros pesquisadores a tornar possível à comunidade internacional o conhecimento linguístico sistematizado de uma língua Maskoy. Isto porque, tomando-se o conjunto de seis línguas (cf. UNRUH, KALISCH, 2001, 2003) que constituem a família Maskoy, há poucas informações disponíveis com teor linguístico. Esse fato torna o trabalho como um todo particularmente desafiador.

Naquela primeira viagem, defrontei-me com dois desafios, além da falta de parâmetros com os quais pudesse iniciar o referido trabalho. O primeiro refere-se à minha inexperiência, naquele momento, com trabalho de campo. Embora aluno de Doutorado, àquela altura tinha pouquíssima experiência nesse quesito. Somente aos poucos, contando com o apoio irrestrito da comunidade La Esperanza, pude superar minha inexperiência, marcada, sobretudo, por descobertas magníficas e constantes.

Certamente, a um linguista, começar a perceber os mecanismos internos a uma dada língua é maravilhoso. Em meu caso, tais percepções resultaram no conhecimento dos fones da língua Sanapaná, nos mecanismos morfossintáticos relacionados às sentenças simples, que me permitiram assumir um conjunto de fones consonantais, um conjunto de fones vocálicos, cuja primeira impressão fora publicada por mim (GOMES, 2009). A constatação de características linguísticas variadas em Sanapaná mostrou-se extremamente empolgante, de modo que me senti instigado a realizar uma segunda viagem de campo.

O segundo desafio àquela minha primeira viagem a La Esperanza refere-se ao pouco recurso financeiro de que dispunha para realizar a pesquisa. Superadas as dificuldades, após os primeiros dias, já à vontade entre os membros de La Esperanza, iniciei meu trabalho propriamente linguístico. Através da elicitación de itens lexicais e pequenos sintagmas, pude compreender um pouco de questões da Fonética e da Fonologia Sanapaná. Como recurso, utilizei um gravador digital. A

compreensão das referidas questões, aprimoradas nas viagens seguintes, é apresentada no Capítulo II.

Na segunda viagem de campo – realizada entre os meses de março e abril de 2010 – já familiarizado com alguns aspectos da língua, dentre eles a existência de ‘fones complexos’ e mesmo possuidor de uma transcrição fonética mais segura, convivi com o povo Sanapaná por mais 30 dias. Na ocasião, pude, sobretudo, (i) confirmar e/ou refutar hipóteses estabelecidas a partir dos dados dos quais dispunha em virtude da primeira viagem; (ii) compreender melhor a organização do sistema de concordância / posse recorrente no sintagma nominal (SN) e no sintagma verbal (SV); (iii) buscar mais suporte para a análise da organização interna de SN e SV a partir dos elementos que o constituem. Novamente, o trabalho constituiu-se através de elicitación de dados. Na verdade, essa metodologia fora adotada também nas viagens posteriores.

Ao longo dos 30 dias transcorridos entre os meses de março e abril de 2010 pude, também, conhecer um pouco melhor o dia a dia da comunidade La Esperanza; a angústia desse povo por falta de ‘trabalho’, de água, de comida; a confiança em dias melhores; a celebração de credos cristãos, dentre outros aspectos.

No ano de 2011 estive por 15 dias do mês de dezembro em La Esperanza. Naqueles dias, dei ênfase à investigação dos mecanismos inerentes à negação Sanapaná e voltei a observar a morfologia verbal.

Durante o ano de 2012, considerando-se meu estado de recém-ingresso na carreira do magistério superior na Universidade Federal do Amapá, não pude realizar trabalho de campo em La Esperanza. Foi um ano em que me dediquei ao trabalho docente de formação de professores em Licenciatura Intercultural Indígena – Habilitação Linguagens e Códigos.

Em 2013 voltei a La Esperanza, onde convivi com os Sanapaná entre os meses de abril a maio, por aproximadamente 30 dias. Nesse período ampliei meu

corpus de sentenças simples com ênfase nas informações gramaticais Sanapaná, de modo a adquirir o formato atual da Tese, conforme discrimino abaixo.

Esta Tese, além de um capítulo introdutório no qual apresento informações socioeconômicas, culturais e linguísticas, contém outros cinco capítulos. Nestes, encontram-se informações sobre aspectos da Fonética e da Fonologia (Capítulo II), bem como da morfossintaxe Sanapaná (Capítulos III – VI).

O objetivo que perpassa todos os capítulos é descrever os aspectos da gramática da sentença simples desta língua. Assim o faço a partir do Capítulo II ao tratar dos 13 segmentos consonantais e 03 segmentos vocálicos (orais); além da estrutura silábica. Nesse conjunto, trato de alofonia consonantal (2.1.1.1) e vocálica (2.1.2.2); de processos morfofonológicos (2.1.1.2), tais como assimilação, epêntese, de harmonização vocálica (2.1.2.5); de metaplasmos (2.2.2); de iconicidade da sílaba (2.2.3); da distribuição dos fonemas consonantais e vocálicos na estrutura silábica (2.2.4); da interface Fonologia / Sintaxe,(2.2.4).

O Capítulo III, como seu título “O Sintagma Nominal: classes abertas” sugere, tem como tema central o sintagma nominal constituído pelo Nome (3.1) e pelo Adjetivo (3.2). Sobre o nome, descrevo sua morfologia (3.1.1) e os aspectos sintáticos inerentes (3.1.4). Suas especificidades são apresentadas nas subseções do capítulo. Ao tratar dos Adjetivos, distingo dois tipos, um mais próximo da morfologia nominal (3.2.1) e outro mais próximo da morfologia verbal (3.2.2). O Capítulo IV também é denominado Sintagma Nominal, mas distingue-se do Capítulo anterior por tratar das classes fechadas. Sendo assim, o escopo do mesmo recai sobre a classe dos Pronomes (4.1); dos Numerais (4.2); dos Advérbios (4.3); dos Quantificadores (4.4) e, finalmente, das Adposições (4.5).

Na sequência da Tese trato do “O Sintagma Verbal” (Capítulo V), onde utilizo, sobretudo, a morfologia para distinguir a classe dos verbos das demais classes de palavras Sanapaná. Com isso, apresento “Aspectos da morfologia verbal” (5.1.1) para tratar dos afixos do verbo, bem como suas funções sintáticas.

Sobre a sintaxe que se estabelece na sentença a partir dos verbos, descrevo a Estrutura Argumental do Verbo (5.1.2.1) e a transitividade verbal (5.1.2.3).

O último capítulo, intitulado “Sentenças Negativas e Imperativas”, trata também da morfossintaxe referente a estes dois tipos distintos de sentenças. Neste e em outros capítulos, conforme o leitor observará, muitas perguntas e / ou fenômenos da gramática Sanapaná permanecem sem respostas. Assumo, com isto, o valor introdutório à língua do povo Sanapaná explícito nesta Tese. Quiçá possa responder às mesmas perguntas e / ou fenômenos em momentos futuros. Boa leitura!



## **CAPÍTULO I**

### **SANAPANÁ UM POVO MASKOY: INFORMAÇÕES LINGUÍSTICO, CULTURAIS E SOCIOECONÔMICAS**

Este primeiro capítulo da Tese está dividido em duas partes específicas. Na primeira, intitulada ‘Povos Maskoy ontem e hoje’ (1.1), distinguem-se cinco subtópicos nos quais se poderão encontrar (1.1.1) informações gerais acerca da região em que está inserido o povo a que se dedica esta Tese; (1.1.2) o contexto linguístico e populacional em que se encontram as línguas Maskoy; (1.1.3) dados oficiais acerca dos povos indígenas que vivem em solo paraguaio; (1.1.4) comentários acerca de algumas fontes históricas relacionadas especificamente aos Maskoy e, finalmente, em (1.1.5) encontra-se um panorama acerca dos trabalhos linguísticos relacionados a alguma língua Maskoy. Especialmente no que confere ao conjunto de línguas que constituem a referida família linguística, pode-se perceber que ainda hoje há informações diversas e divergentes e que, certamente, não serão solucionadas ao longo deste trabalho, já que não se enquadram no conjunto de objetivos que o constituem como tal.

A segunda parte do Capítulo, intitulada ‘O povo Sanapaná ontem e hoje’ (1.2), é composta por quatro subtópicos, onde constam informações específicas relacionadas ao povo Sanapaná. Ênfase ao longo dos referidos subtópicos, sobretudo, a situação socioeconômico-cultural do referido povo. Nesse contexto, destaco o subtópico (1.2.4), onde traço, tomando como base minha própria experiência vivida com os Sanapaná da comunidade La Esperanza, localizada há aproximadamente 35 km do município de Loma Plata, um panorama bastante amplo da situação. Tal panorama justifica a existência de dois subitens no tópico (1.2.4), nos quais se pode encontrar informações a respeito de aspectos sociolinguísticos (1.2.4.1) e socioeconômicos (1.2.4.2) estritamente relacionados

aos Sanapaná de La Esperanza. Em (1.2.1), faço referência à autodenominação Sanapaná e à história de contato destes. No subtópico seguinte há informações de ordem cultural sob uma perspectiva histórica. Em (1.2.3), apresento algumas notas sobre mitos Sanapaná publicados em 1973 por Cordeu.

Como se pode observar, esse capítulo inicial cumpre o papel de situar o leitor no contexto Maskoy e, conseqüentemente, no contexto Sanapaná.

## **1.1 Povos Maskoy ontem e hoje**

Os povos Maskoy vivem atualmente na região do Chaco Paraguai. Nas seções seguintes, faço diversas considerações sobre estes povos, numa perspectiva do passado e do presente. Inclue-se nesse grupo o Sanapaná, cuja língua constitui o objeto de estudo desta Tese.

### 1.1.1 Gran Chaco

O povo Sanapaná vive na região central do Chaco (palavra Quéchuá cujo significado é “terra de caça”, cf. METRAUX, 1996) Paraguai, nas proximidades do município de Loma Plata, sudeste do departamento de Presidente Hayes. Devo ressaltar, de antemão, que Chaco, também denominado *Gran Chaco*, é uma grande área de planície com características próprias que se estende, além do Paraguai, à Argentina e à Bolívia, e tem suas fronteiras a oeste com as Cordilheiras dos Andes, ao sul com a Bacia do Rio Salado, a leste com os rios Paraguai e Paraná e a norte com a bacia de Mato Grosso.

Em termos linguísticos, além da família Maskoy, na qual se encontra a língua Sanapaná, objeto de estudo desta Tese, são faladas ao longo do *Gran Chaco* línguas das famílias Guaicuru, Mataco, Zamuco e outras. Segundo Adelaar e Muysken (2006, p. 488) “na região do Chaco... três pequenas famílias linguísticas são faladas: Guaicuru, Mataco e Zamuco. Além dessas, há falantes de Lengua-Maskoy e Tupí-Guaraní”.

No geral, considerando-se os povos que vivem ao longo desta região, o grande problema é a água, abundante nos poucos meses de inverno (junho-agosto) e ausente nos demais meses do ano. Em toda a área chaqueña situada em território paraguaio, há apenas o rio Pilcomayo que cruza o território. Isto implica considerar que o Chaco paraguaio é uma região extremamente seca, fato que constitui um desafio aos povos locais.

O clima do *Gran Chaco*, capaz de atingir as temperaturas mais altas da América do Sul (cf. AMARILLA, P. J., 2006), é influenciado por duas correntes de ar completamente adversas. De um lado as correntes de ar frio advindas do sul da América do Sul. De outro, as correntes de ar quente advindas do norte da América do Sul. Em virtude destas duas correntes de ar, há variações bruscas de temperaturas, principalmente nos meses de junho a agosto. Em meses posteriores a agosto, pode-se atingir temperaturas superiores a 40°C. Em virtude das características físicas desta região, conforme Braunstein e Miller (1999), os principais espécimes da flora encontrados são algarrobos (*Prosopis*), quebrachos (*Shinopsis*, *Aspidosperma*), guayacán (*Caesalpinia paraguariensis*), mistol (*Zyzyphus mistol*), chañar (*Geoffroea decorticans*), pau santo (*Bulnesia sarmientoi*); além de vários tipos de acácias e cactus.

Segundo Metraux (1996, p. 32), tanto cultural quanto ecologicamente, o *Gran Chaco* é uma zona de transição entre as planícies tropicais da Bacia Amazônica e os pampas áridos da Argentina. Sua ampla fronteira ocidental sofreu influências da região andina, ao passo que as fronteiras a leste sofreram influências de povos Guaraní.

Geograficamente, conforme Amarilla, P. J. (2006), o Chaco paraguaio, situado na parte ocidental do rio Paraguai, corresponde à maior área do território nacional e, considerando-se as peculiaridades físicas, especialmente relacionadas ao solo e à vegetação, está dividido em três grandes partes, denominadas Baixo Chaco, Chaco Central e Alto Chaco.

### 1.1.2 Atual situação linguística e populacional do Paraguai

O Paraguai, tradicionalmente conhecido como um país bilíngue, possui, na verdade, uma variedade de línguas<sup>2</sup>, especialmente na região central do país, mais conhecida como *Chaco*. Esta região é usualmente dividida em duas partes<sup>3</sup>: a região oriental, à direita do rio Paraguai e a região ocidental, à esquerda do mesmo rio.

Zarratea (2009)<sup>4</sup> considera que há atualmente no Paraguai um total de 15 línguas e aproximadamente 30 dialetos. Segundo o autor, a diversidade de línguas encontrada no Paraguai pode ser considerada conforme a origem genética. Nesse caso, tem-se o bloco americano, o bloco europeu e o bloco asiático. O bloco americano é composto por cinco famílias linguísticas: 1) Zamuco, que reconhece os dialetos ayoreo e yshyr; 2) Mataco, com os dialetos: nivaklé, makä y choróti; 3) Maskoy, integrada por: lengua, angaité, guaná, sanapaná y toba-maskoy; 4) Guaicurú e 5); Avá-guaraní, composto, segundo Zarratea, op. cit., por paĩ-tavyterä, ava-katueté, mbya-ka'yguä, aché-guayaki, guaraní-ñandéva, chiriguaná o guarayo y guaraní paraguayo. O bloco europeu está representado pelo castellano, pelo português, pelo alemão (especialmente o dialeto Platoich), pelo russo, pelo ucraniano e pelo polonês. O bloco asiático está representado pelo japonês, pelo coreano e pelo chinês.

A quantidade de línguas indígenas paraguaias apresentadas por Zarratea (2009) difere daquela apresentada por Amarilla, P. J. (2006). Para este, há na região do Chaco paraguaio 17 etnias que pertencem a cinco grupos linguísticos diferentes. Tais grupos são delimitados a partir da localização geográfica. Na região oriental, conforme Amarilla, P. J. (2006), são encontrados apenas povos pertencentes à família linguística Tupí-Guaraní, conforme descrito abaixo.

---

<sup>2</sup> Para Meliá (2004, p. 2) “en un Estado que se autoproclama bilingüe y hace de ese bilingüismo una ideología “oficial” había que detectar la amplitud del plurilingüismo real.”

<sup>3</sup> Para maiores detalhes consultar, dentre outros, Meliá (2004).

<sup>4</sup> Cf. El mapa lingüístico del Paraguay, disponível em <[www.abc.com.py/2007-05-13/articulos/329417/el-mapa-linguistico-el-paraguay](http://www.abc.com.py/2007-05-13/articulos/329417/el-mapa-linguistico-el-paraguay)> acessado em setembro/2009.



Gráfico 01: Línguas orientais do Chaco paraguaio. Adaptado de Amarilla, P. J. (2006).

Na região ocidental, diferentemente da oriental, em que há apenas uma família linguística, encontram-se quatro famílias linguísticas, conforme ilustrado no gráfico a seguir.

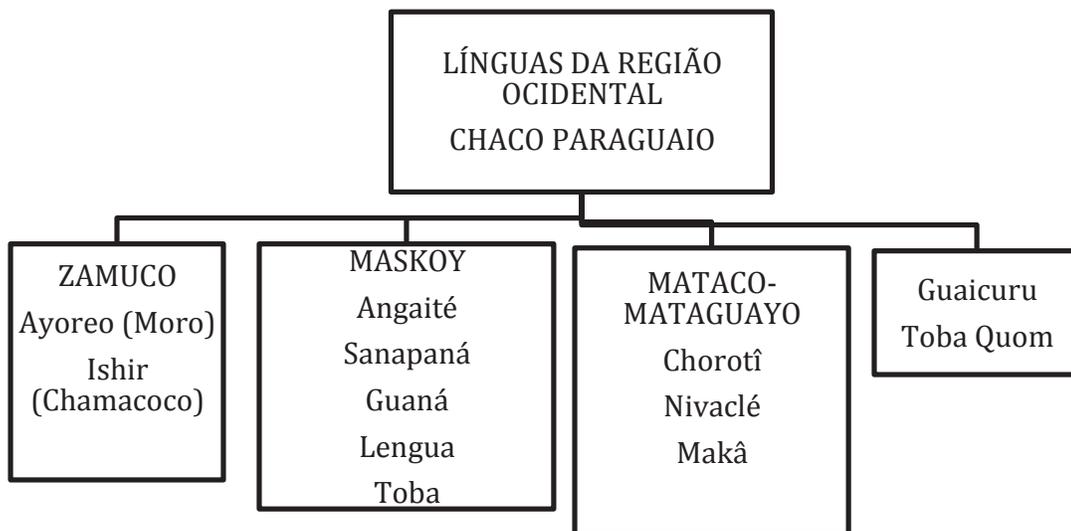


Gráfico 02: Línguas ocidentais do Chaco paraguaio. Adaptado de Amarilla, P. J. (2006).

A população indígena atual do Paraguai, conforme dados do Censo 2008 publicado pela Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos Del Paraguay (DGEEC), é de 108.308 habitantes, sendo que 52,5% vivem na região

oriental do país, enquanto que 47,5% vivem na região ocidental. Tais números representam apenas 1,7% da população nacional. Nesse universo, um fator se mostra ‘preocupante’: a existência de uma população predominantemente jovem. Isto demonstra, sobretudo, a baixa expectativa de vida entre a população indígena, propiciada por fatores sociais desfavoráveis às referidas populações. Para se ter uma ideia, a população não indígena frequenta a escola por um tempo médio de 8 anos, ao passo que a população indígena a frequenta em média por apenas 3 anos. Situação semelhante acontece com o acesso aos serviços de saúde, em que 87,8% da população indígena não têm acesso.

### 1.1.3 A família linguística Maskoy

A família Maskoy aparece em algumas fontes sob a denominação Enlhet-Enenlhet (nossa nação, nação da gente), (UNRUH; KALISCH, 2001; UNRUH; KALISCH, 2003; FABRE, 2005). Essa nomenclatura, segundo Unruh e Kalisch (2003, p. 2) – seus proponentes –, permite que todos os povos que constituem a referida família linguística se percebam como uma nação, pois abrange o conceito de pessoa humana<sup>5</sup>. Entretanto, diferencia-se da comumente aceita no âmbito científico, sobretudo, por estabelecer seis línguas (cf. Gráfico 03 – línguas Maskoy) para a família e não cinco, como em Zarratea (2009), Adelaar e Muysken (2006), por exemplo, ou quatro como em Campbell (1997).

Metraux (1996, p. 55), diferentemente do que apresenta Unruh e Kalish e Zarratea, faz referência às línguas Maskoi<sup>6</sup>, Kaskiha (Guaná), Sapukí, Sanapaná, Angaité e Lengua. Lengua, segundo o autor, seria o grupo de indivíduos descendentes do grupo Maskoi do século XVIII. Desse grupo de línguas apresentado em Metraux, op. cit., como aquelas que constituíam a família Maskoi

---

<sup>5</sup>Até o momento de produção desta Tese, por ter-me dedicado ao trabalho linguístico exclusivamente em La Esperanza, não tenho condições de dissertar sobre a quantidade de falantes, bem como às diversas nomenclaturas relacionadas à essa família linguística. Por isso, assumo aqui aquelas propostas por Unruh e Kalisch (2003). Assim o faço baseado no fato de que se trata de autores que vivem em uma comunidade Maskoy, o que lhes confere conhecimentos específicos da mesma comunidade, bem como da maneira como seus falantes se reconhecem no mundo.

<sup>6</sup> Conforme ortografia utilizada pelo autor.

constam no mapa de Loukotka (1968, *apud* LANDAR, 1977, p. 404) as línguas Maskoi, Sanapana, Sapuki, Kaskina e Lengua. Em Campbell (1997, p. 195) são citadas como membros da família Maskoy as línguas Guaná (Kashika, Kashiha) [Kaskihá]; Sanapaná (Quiativs, Quilyacmoc, Lanapsua, Saapa, Kasnatan); Lengua (Vowak) (Dialeto: Angaité [Angate, Enlit, Coyavitis, Northern]); Maskoy (Emok, Toba-Emok, Toba) [Maskoi].

Esse breve panorama apresentado acerca da família linguística Maskoy nos dá uma ideia da diversidade de nomenclaturas relacionadas às línguas que a constituem. De antemão, ressalto que essa diversidade de nomenclaturas não é uma realidade específica das línguas Maskoy, senão de inúmeras outras famílias linguísticas. Campbell (1997, p. 5) afirma que “o estudo de línguas indígenas americanas é complicado algumas vezes porque pode haver uma variedade de nomes pelos quais uma única língua é conhecida”<sup>7</sup>.

Em termos genéticos, segundo Fabre (2005, p. 551), “o grande número de gentílicos que aparece nas fontes coloniais torna difícil a identificação dos vários nomes de povos indígenas com os povos Enlhet-Enenlhet atuais”. Todavia, entre os antigos nomes dos povos que constituem a família linguística Enlhet-Enenlhet, o mais usado é Lengua-maskoy. Esse povo ancestral dos Maskoy, ao que tudo indica, conforme Fabre, *op. cit.*, viveu na região do Chaco paraguaio, no território que compreende as margens do Pilcomayo até o Chiquitanía<sup>8</sup>. Essa região desde períodos pré-colombianos é habitada por povos com uma tradição economicamente nômade ou seminômade, baseada na caça, coleta de frutas, pescaria, e agricultura sazonal. Contudo, de acordo com Braunstein e Miller (1999), muitos indígenas tornaram-se sedentários com a chegada de povos não indígenas no último século e o controle territorial exercido pelo estado.

Os primeiros contatos dos povos Maskoy com a sociedade não indígena se deram, segundo Susnik (1987), no fim do século XVIII. Para esse período, Kersten

---

<sup>7</sup> The study of American Indian languages is complicated at times because there may be a variety of names by which a single language is (or was) known.

<sup>8</sup> Em Amarilla, J. P. (2006, p.183) há referência a uma outra denominação para os ancestrais Maskoy: Machicuy-maskoy.

(1968, p. 40) menciona cinco línguas relacionadas geneticamente como Maskoy (erroneamente designadas Lengua-Enimagá-Ennimá, cf. KERSTEN, op. cit.): Lengua, Angaité, Sanapaná, Sapuquí e Guaná. Nesse sentido, o conjunto de seis línguas apresentado em Unruh e Kalisch (2003) retrata, certamente, uma evolução linguística (ou análise diferenciada) da referida família se comparada às fontes referentes ao século XIX. A configuração atual para a referida família linguística apresentada por Unruh e Kalish (2003) é ilustrada a seguir.

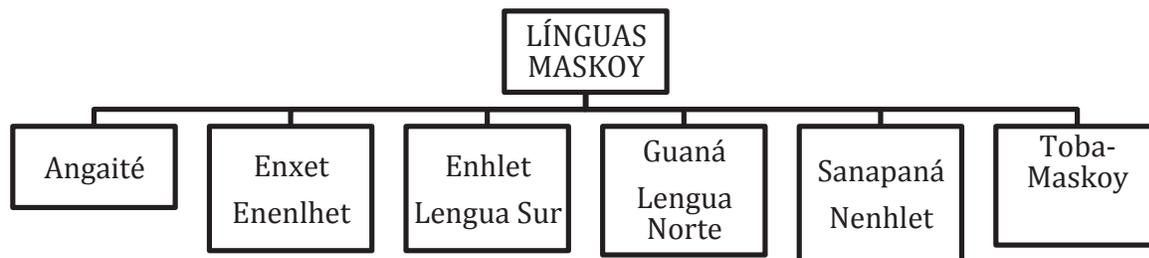


Gráfico 03: Línguas Maskoy (Adaptado de Unruh e Kalisch, 2003)

A abundância de denominações relacionadas ao grupo de línguas Maskoy encontra paralelo na variedade de classificações deste grupo no que se refere à relação genética com outros grupos linguísticos. Veja-se, por exemplo, Greenberg (1956, *apud* ADELAAR; MUYSKEN, 2006, p. 28), que se refere às línguas Maskoy como membros do grupo de línguas andinas. Mais precisamente ao grupo Macro-Pano, juntamente com as línguas Tacana-Pano, Mosen, Mataco, Lule, Vilela, Charrua, Guaycuru-Opaie. Swadesh (1959, 1952, *apud* ADELAAR; MUYSKEN, 2006, p. 29), por sua vez, refere-se à Lengua-Maskoy como membro do grupo Macro-Quechua, juntamente com diversos outros grupos sul-americanos. Em Loukotka (1968, *apud* ADELAAR; MUYSKEN, 2006, p. 31), também se encontra referência à Lengua como membro do grupo de línguas andinas, o que demonstra consenso dos estudiosos em considerar a família linguística Maskoy como membro do grupo de línguas andinas.

A variedade de nomenclaturas e agrupamentos das línguas Maskoy (e outras) ao longo dos séculos revela a interpretação particular de cada pesquisador para a situação. Kersten (1968) refere-se à questão, por exemplo, como uma situação caótica. Segundo ele, a nomenclatura complicada se justifica, principalmente, em virtude da quantidade reduzida de informações étno-históricas acerca dos povos chaquenhos como um todo. Como uma das consequências do excesso de nomenclatura para povos chaquenhos, chegou-se a acreditar que se tratava da região mais populosa do mundo, acrescenta Kersten (1968, p. 41).

#### 1.1.3.1 Localização geográfica das línguas Maskoy

Localizadas exclusivamente na região ocidental do país (Chaco central), considera-se atualmente uma divisão geográfica para as línguas Maskoy a partir de dois grandes grupos: (i) grupo ocidental representado pelos povos guaná e toba (norte) e angaité e sanapaná (sul) e (ii) grupo oriental representado pelos povos enlhet e enxet, conforme mapa abaixo:



Fonte: Unruh e Kalisch (1999).

Embora delimitados geograficamente a partir de uma localização oriental / ocidental, há uma relação de intercâmbio entre as sociedades indígenas do Paraguai. Nesse contexto, estão inseridas as sociedades que constituem a família linguística Maskoy. Para Unruh e Kalisch (2001) os povos que constituem a família linguística Maskoy (Enlhet-Enenlhet) resultam atualmente de uma forte miscigenação entre si. Os autores citam, por exemplo, a região do Riacho Mosquito, onde vivem toba, guaná, angaité, sanapaná e enxet. Tal fato propicia, certamente, uma reconfiguração linguística para essa família, de modo que, conforme Unruh e Kalisch (2003), os seis idiomas apresentam atualmente grandes

semelhanças lexicais, morfológicas e sintáticas<sup>9</sup>. Um panorama mais amplo, porém não tão atual, acerca dos povos que constituem a família linguística Maskoy encontra-se no Atlas de las Comunidades Indígenas en el Paraguay (CENSO 2002), de onde se podem extrair informações relacionadas à localização, população<sup>10</sup> e situação atual de cada um dos povos e respectivas línguas, conforme apresentadas no quadro (1):

<b>POVOS ENLHET-ENENLHET</b>		
<b>LOCALIZAÇÃO</b>	<b>POPULAÇÃO</b>	<b>LÍNGUA FALADA</b>
Comunidad Riacho Mosquito; Alto Paraguai	274	Guarani (100%)
Comunidad Castilla; Alto Paraguai	124	Guarani (100%)
Comunidad San Isidro – kilometro 39 – Alto Paraguai	38	Guarani (100%)
Comunidad Maria Auxiliadora – kilometro 40 – Alto Paraguai	73	Guarani (100%)
Comunidad Livio Farina – Pueblito; Alto Paraguai	281	Guarani (100%)
Comunidad Boquerón	130	Guarani (100%)

<sup>9</sup> Apesar de indicarem semelhanças morfosintáticas e lexicais entre as línguas Enlhet-Enenlhet, os autores não apresentam evidências para tal afirmação. Trata-se, portanto, de uma questão a ser investigada tão breve possível, inclusive, tendo como suporte as informações linguísticas postas ao longo desta Tese. O mesmo pode ser dito em relação à transmissão linguística presente no contexto de miscigenação mencionado por Unruh e Kalisch (2001) e expresso no quadro (1), onde constata-se povos Sanapaná convivendo em um mesmo espaço geográfico com distintos povos Maskoy ou povos de outros grupos linguísticos.

<sup>10</sup> Os dados de 2002 acerca dessa variável certamente estão defasados, já que há dados de 2008 (CENSO/DGEEC) que apontam para um crescimento demográfico indígena. Contudo, estes dados mais recentes não são precisos quanto a números populacionais por povo indígena. Nesse sentido, optei pelo CENSO 2002.

Kue; Alto Paraguai		
Comunidad Villa Redención; Concepción	170	Guarani (93,8%); Castellano (3,1%), <b>Sanapaná (3,1%)</b>
Comunidad Para Todo; Presidente Hayes	327	Enlhet Norte (71,8%); Enxet Sur (14,1); Guarani (11,3%); Nivaclé (1,4%); Toba-Qom (1,4%)
Comunidad Pozo Amarillo; Presidente Hayes	1.426	Enlhet Norte (71%); Toba (25,8%); Enxet Sur (2,2%), Sanapaná (1,0%)
Comunidad Makxlawaya; Presidente Hayes	655	Enxet Sur (90,5%); Guarani (9,5%)
Comunidad Nueva Vida; Presidente Hayes	605	Enlhet Norte (82,9%); Enxet Sur (13,7%); Guarani (1,7%); Castellano (1,7%)
Comunidad Paz del Chaco; Presidente Hayes	839	Enlhet Norte (90,6%); Enxet Sur (7,6%); <b>Sanapaná (1,2%)</b> ; Toba-Qom (0,6%)
Comunidad Campo Largo; Presidente Hayes	761	Enlhet Norte (99,4%); Nivaclé (0,6%)
Comunidad Misión Enlhet; Boquerón	527	Enlhet Norte (99%); Guarani (1%)
Comunidad San Loewen – Menlhanmaclha; Boquerón	192	Enlhet Norte (100%)
Comunidad Pesempo'o; Boquerón	1.178	Enlhet Norte (98,9%); Guarani (0,4%); Toba (0,6%); Angaité (0,4%)
Comunidad El Estribo; Presidente Hayes	1.624	Enxet Sur (88,3%); Guarani (10,5%); <b>Sanapaná (1,1%)</b>

Comunidad Kem Hayak Sepo; Presidente Hayes	157	Guarani (57,7%); Enxet Sur (42,3%)
Comunidad La Armonia; Presidente Hayes	330	Enxet Sur (64,1%); Enlhet Norte (35,9%)
Comunidad La Esperanza; Presidente Hayes	418	Guarani (86,4%); Enxet Sur (13,6%)
Comunidad La Herencia; Presidente Hayes	1.314	Guarani (57,5%); Enxet Sur (40,6%); Castellano (0,9%); <b>Sanapaná (0,9%)</b>
Comunidad Sawhoyamaxa; Presidente Hayes	205	Guarani (87,2%); Enxet Sur (10,6%); Enlhet Norte (2,1%)
Comunidad San Fernando; Presidente Hayes	86	Guarani (100%)
Comunidad Yakyé Axa; Presidente Hayes	147	Enxet Sur (75%); Guarani (21,4%); Guarani Occidental (3,6%)
Comunidad Yanekyaha; Presidente Hayes	339	Enxet Sur (95,9%); <b>Sanapaná (2%)</b> ; Guarani (2%)
Comunidad Buena Vista; Presidente Hayes	120	Guarani (100%)
Comunidad Puerto Colón; Presidente Hayes	152	Guarani (89,7%); Enxet Sur (10,3%)
Comunidad Santa María; Presidente Hayes	31	Guarani (66,7%); Enxet Sur (33,3%)
Comunidad Alborada – La Unión – Presidente	65	Enxet Sur (92,9%); Guarani (7,1%)

Hayes		
Comunidad Naranja Ty – Presidente Hayes	60	Enxet Sur (84,6%); Guarani (15,4%)
Comunidad Laguna Pato; Presidente Hayes	314	Guarani (84,6%); Enxet Sur (11,5%); <b>Sanapaná (3,8%)</b>
Comunidad Nueva Promesa; Presidente Hayes	640	Guarani (61,5%), <b>Sanapaná (34,4%)</b> ; Guarani Occidental (4,1%)
Comunidad Xamok Kasek – Estancia Salazar – Presidente Hayes	255	Guarani (90,6%); Enlhet Norte (6,3%); Enxet Sur (3,1%)
Comunidad Karanda'y Puku; Presidente Hayes	179	Guarani (100%)
Comunidad Anaconda; Presidente Hayes	270	<b>Sanapaná (100%)</b>
Comunidad La Esperanza; Presidente Hayes	331	<b>Sanapaná (95,3%)</b> ; Guarani (4,7%)
Comunidad Casanillo; Presidente Hayes	979	Toba (78,4%); Guarani (21,1%); Toba Maskoy (0,5%)
Comunidad Calería Ita Kua – Guyra Tî; Concepción	76	Guarani (81,3%); Angaité (18,8%)
Comunidad La Patria; Presidente Hayes	1.500	Guarani (48,4%); Angaité (45,5%); <b>Sanapaná (4,1%)</b> ; Enlhet Norte (1,6%); Enxet Sur (0,4%)
Comunidad Riacho San Carlos; President Hayes	486	Guarani (95,2%); Enxet Sur (3,6%); Angaité (1,2%)

Comunidad Diez Leguas; Presidente Hayes	893	Guarani (100%)
Comunidad Ex Cora'i; Presidente Hayes	417	Guarani (80,6%); Angaité (19,4%)
Comunidad San Martín; Boquerón	93	Guarani (100%)
Comunidad Santo Domingo; Boquerón	163	Guarani (96%); Enlhet Norte (4%)
Comunidad Machete Vaina; Alto Paraguai	135	Guarani (83,3%); Guaná (13,3%); Toba (3,3%)
Comunidad Apa Costa; Concepción	72	Guarani (100%)

Quadro 01: Distribuição geográfica e populacional dos povos Maskoy. Adaptado de Atlas de las Comunidades Indígenas en el Paraguay, CENSO 2002.

Algumas observações devem ser feitas *a priori* acerca das informações apresentadas no Quadro 01. Os povos em questão estão distribuídos basicamente na região de Presidente Hayes, Boquerón e Alto Paraguai. É possível encontrar povos de outra filiação genética vivendo entres estes povos, Nivaclé, por exemplo, que pertence geneticamente à família linguística Mataco Mataguayo. É bastante elevada a porcentagem de povos Maskoy que já não utilizam suas línguas ancestrais como meio de comunicação. Há casos, inclusive, em que a língua Guarani, juntamente com o Espanhol, tornou-se o único código comunicativo. Fabre (2005), baseado em dados do Censo (2002), afirma que dos muitos povos que se declaram falantes de línguas Maskoy (Enlhet-Enenlhet) alguns apresentam um alto grau de perda linguística, a ponto de desconhecer o próprio idioma de seus ancestrais.

No caso dos números referentes à população indígena, o CENSO/DGEEC/2008 demonstra um crescimento demográfico considerável, já que aponta um total de aproximadamente 108 mil, contra um total de 87 099 nos

dados de 2002. O referido CENSO revela, também, as condições socioeconômicas a que as populações indígenas do país estão submetidas, destacando as condições de educação, saúde, moradia, acesso à água e à eletricidade. Em se tratando das populações Maskoy mais especificamente, os números do CENSO apontam para condições precárias de acesso aos bens anteriormente aferidos. Isso porque enquanto a média nacional para anos de estudo é de 8 anos, entre os Maskoy essa média cai para 3,11 anos; além disso, considera-se que 34,6% da população em questão é composta por analfabetos. A gravidade do problema se justifica, principalmente, por se tratar de povos bastante integrados ao sistema econômico nacional. No que se refere à saúde, 75,8% da população Maskoy não tem nenhum tipo de seguro que lhe garanta acesso ao sistema.

Apenas 49% da população economicamente ativa (PEA) Maskoy tem alguma fonte de renda. Desse total, 64,5% tem seus rendimentos provenientes do setor primário (agricultura, pecuária, exploração florestal, caça e pesca); 12,5% do setor secundário (indústria e construção) e 23%, do setor terciário (comércio e prestação de serviços). Ainda conforme o CENSO/DGEEC/2008, do total da PEA Maskoy, 43,1% são assalariados e 56,9% são independentes. No que se refere à média salarial entre os povos Maskoy, o CENSO ressalta proximidade com a média salarial nacional, de aproximadamente 800 Guaranis.

Os índices de habitação, reproduzidos abaixo conforme publicado pelo DGEEC, revelam as precárias condições de infraestrutura a que as populações Maskoy estão submetidas.

Material predominante nas paredes	Total 4.442	Material predominante no piso	Total 4.442	Material predominante no teto	Total 4.442	Fonte de água potável	Total 4.442
Estacas	2,5	Terra	92,0	Telha	3,5	SENASA	-
Adobe	5,0	Madeira	0,5	Palha	1,0	Poço sem bomba	1,0
Madeira	25,4	Ladrilho	2,0	Fibracimento	8,5	Poço com bomba	9,0
Ladrilho	12,9	Lecherada	4,0	Chapa de zinco	69,7	Tanque australiano	1,0
Tronco de Palmeiras	41,8	Baldosa comum	1,0	Tábua de madeira	-	Rede comunitária	0,5
Papelão, lona	8,5	Outro	0,5	Tronco de palmeira	14,4	Tajamar – rio	43,3
Não tem parede	-			Papelão, lona	3,0	Cisterna	45,3
Outro	4,0			Outro	-		
Escarnizo	-						

Quadro 02: Índices habitacionais dos povos Maskoy. Extraído de CENSO/DGEEC/2008

O cenário socioeconômico revelado no CENSO/DGEEC/2008 acerca das populações Maskoy não é diferente, todavia, do cenário em que se encontram os demais povos indígenas que vivem em solo paraguaio. Ao contrário, revelam as condições a que todos os referidos povos estão submetidos.

#### 1.1.4 Fontes históricas acerca de povos Maskoy

Há poucos relatos históricos acerca dos povos que constituem a família linguística Maskoy. Dentre estes poucos, faço referência à Coryn (1922) e a Cañedo (1924).

Coryn (1922) agrupa todos os povos Maskoy sob uma única denominação: “A raça dos Lengua se divide em várias tribos que são: os Maskois, os Angaités, os Sanapanahs” (CORYN, 1922, p. 222). Em termos linguísticos, o autor afirma que todos falam o mesmo idioma, apresentando apenas diferenças prosódicas.

Politicamente, as comunidades são formadas por indivíduos que vivem em núcleos familiares sob juízo de um chefe eleito pela própria comunidade. De modo geral, ressalta Coryn (1922), as comunidades Lengua não tem uma noção de divindade, o que o levou a caracterizá-los como povos ateus: “os Lengua não têm ideia de divindade alguma, e não rendem culto a nenhuma”. Depois da morte, acreditam os Lengua, “a pessoa anda de noite, invisível, e se diverte fazendo mil travessuras aos que ainda viventes” (CORYN, op. cit. p., 225).

Ao se referir às relações interpessoais, Coryn (1922) afirma que não há entre os Lengua a realização de cerimônias para marcar a união entre duas pessoas. Da mesma forma, não há para separar-se. A essa realidade, o autor refere-se como matrimônio por tempo indeterminado – modificação da poligamia. Segundo Cañedo (1924, p. 49), quando há a união entre duas pessoas, o homem vai viver, juntamente com sua esposa, na casa da família dela, de modo a formar uma só família<sup>11</sup>.

A realização de festas é comum a todos os povos chaquenhos. Essas festas ocorrem normalmente com a presença de povos vizinhos àqueles que as realizam. De acordo com Coryn (1922, p. 236), “enquanto há mandioca, batata, ou qualquer outra fruta comestível suficiente para todos, há festa”. Tais festas são animadas por músicas entoadas pelo povo. Estas, por sua vez, são acompanhadas por tambores de produção própria. Além de festas gastronômicas, há referência a “festas de cura”, em que o pajé realiza trabalhos a fim de curar um

---

<sup>11</sup> Para o caso Sanapaná, constatei a realização de cerimônias religiosas aos moldes de credos cristãos para marcar a união de pessoas. Na ocasião, a família dos noivos oferece uma refeição coletiva, conforme afirmei em apresentação intitulada “Relações interpessoais em Sanapaná” durante conferência da *Society for the Anthropology of Lowland South America* (SALSA) realizada em junho de 2011 em Belém-PA. Ainda hoje é comum, todavia, que o marido passe a viver na casa da família da noiva.

enfermo; primeira menstruação das meninas (puberdade das meninas) e festas para comemorar as estações do ano.

No que se refere a uma provável origem remota dos povos Maskoy, Cañedo (1924) afirma que “os Lengua<sup>12</sup> sabem perfeitamente que o Chaco é sua pátria adotiva”, tendo estes advindo provavelmente de um país frio. De acordo com Cañedo, os Lengua afirmam que o povo *Einzlet* é o seu povo ancestral que vivia em uma região remota a oeste. Em virtude do desaparecimento de um homem branco que com ele vivia, o povo *Einzlet* saiu em grande jornada à procura deste. Assim, os ancestrais Lengua chegaram ao Chaco paraguaio e, conseqüentemente, foram se distanciando até formar novos grupos com línguas diferentes, embora com uma origem comum. Dentre as ‘novas línguas’ Cañedo refere-se à Lengua, Sanapaná, Angaite do Sul, Angaite do Norte, Caiotuguis, Comizquijá, Conivián, Coneseneg, Companayinmán, Conaházla, Quilnictaenín, Quilnitcaé, Cuyuyait. Geneticamente, contudo, as referidas línguas não pertencem todas à mesma família. Segundo Cañedo (1924, p. 19), como grupos distintos dos Lengua encontram-se no Chaco os Sugines (Chotiagais), Macas, Canattaá e Sento, Chamacoco, Pilaga, Conasmá, Conesené e Guatsanaltás.

#### 1.1.5 Trabalhos linguísticos sobre a família Maskoy

O conhecimento que se tem das línguas que constituem a família linguística Maskoy é reduzido e opaco<sup>13</sup>. Apesar de se tratar de um conjunto de seis línguas<sup>14</sup>, há pouca coisa confiável no que pese valor científico. As fontes de onde se pode extrair alguma informação acerca da estrutura linguística Maskoy são (i) Susnik (1958, 1977, 1987) relacionado à Lengua e (ii) Unhur e Kalisch (1999,

---

<sup>12</sup> Cañedo (1924) utiliza o nome Lengua, provavelmente, para referir-se a um povo ancestral que dera origem aos distintos povos Maskoy conhecidos atualmente.

<sup>13</sup> Essa realidade, contudo, não é exclusiva dessa família linguística. Diferentemente do Brasil, por exemplo, em que uma quantidade considerável das cerca de 150 línguas indígenas (quantidade apresentada por MOORE; GALUCIO; GABAS JR., 2008) tem alguma informação de cunho linguístico cujo teor pode ser considerado confiável, a maioria das línguas indígenas paraguaias não foi objeto de estudos sistemáticos. Isso se deve, dentre outros fatores, à ausência de cursos que formem linguistas naquele país.

<sup>14</sup> Conforme a classificação proposta por Unruh e Kalisch (2003).

2001, 2003), especialmente relacionados à língua Enlhet. Além de Susnik e Unruh e Kalisch, fontes principais de informações acerca de línguas Maskoy, podem-se encontrar algumas poucas informações sobre essas línguas em Loukotka (1930) e Coryn (1922).

Em Susnik as informações são confusas, pouco elucidativas e em Unruh e Kalisch se tem informações que privilegiam aspectos sociolinguísticos, especialmente relacionados aos Enlhet. No caso de Coryn, as informações são dadas como capazes de referir-se a todas as línguas Maskoy.

Em todos os trabalhos de Susnik, não há sistematização das informações linguísticas. Em informações relacionadas à sílaba em Lengua (atualmente denominada Enlhet), por exemplo, em trabalho de 1958, a autora faz referência a sílabas breves e a sílabas plenas. O argumento utilizado para justificar tal distinção é o fato de o primeiro grupo apresentar uma dupla flexão vocálica *kyip, kyáp, sip, sáp* e o segundo grupo apresentar vogais prolongadas *tip, tēyīn*.

No que se refere à sentença, a autora afirma que a principal característica das línguas Maskoy é a posição central que o predicado assume, fato que vem passando por mudanças; não há uma incorporação pronominal do sujeito e do objeto em uma palavra verbal. Além disso, a autora afirma que os verbos se distinguem por três aspectos funcionais (i) a categoria da presença - afirmativo, presente, 1ª série de prefixos pronominais; (ii) a categoria da não presença – não concreto, a concretizar-se, negativo, futuro<sup>15</sup>, 2ª série de prefixos pronominais; (iii) a categoria de absoluto – imperativo, 2ª série de prefixos pronominais, disposição (-wāncī, ěmiñēyī), suposição (kyīnaikyī : ankok) e intenção (kyīnaikyī : antloxo).

Futuro **sat/saat/saatá** e negação **m-...-ak** e **m-...-e** manifestam, conforme Susnik (1987), um comportamento gramatical uniforme, uma vez que omitem todos os denominadores verbais<sup>16</sup> implícitos no enunciado.

---

<sup>15</sup> Provavelmente relacionado a *irrealis*. Para *irrealis* em Sanapaná, ver 5.1.1.2.2.

<sup>16</sup> Essa nomenclatura refere o fenômeno de concordância que ocorre no verbo das línguas Maskoy. Para esse fenômeno na língua Sanapaná, conferir o capítulo V desta Tese.

Em trabalhos das décadas de 1970 e 1980, Susnik faz referência a alguns verbos posicionais, aos quais chama estativos, e os agrupa em quatro subconjuntos: (i) estar sentado; (ii) estar estirado; (iii) estar de pé (com o índice assertivo -êyĩ); (iv) estar ubicado (con el denominador evidencial –aiyĩ / -àe / -a:e). Ainda relacionado aos verbos, Susnik refere-se a causativos e a tempo. A autora distingue dois tipos de causativos: causativo direto **ascĩ / escĩ / oscĩ** (indica que o sujeito atua como agente sobre o causado) e causativo indireto **-Kis / -cıs** (não implica necessariamente que o sujeito seja o agente da ação). Tempo não é considerado conforme sua duração, mas tão somente o momento em que transcorre o enunciado. Nesse sentido, algo que acontece anterior ou posteriormente ao momento do enunciado pode ser marcado por advérbios.

Outra característica mostrada por Susnik é o uso de pronomes pessoais e prefixos pronominais, cujo sistema pronominal nunca distingue morfologicamente o pronome de terceira pessoa do pronome de segunda pessoa. O sujeito é indicado nominalmente ou encontra-se definido contextualmente pelo prefixo pronominal correspondente. Comparando-se Lengua às demais línguas chaquenhas, Susnik afirma que a referida língua distingue gênero masculino de gênero feminino na segunda/terceira pessoa, mas nunca na primeira pessoa. No caso dos nomes, a maioria é naturalmente masculino ou feminino. Aqueles que não o são se definem a partir do uso das formas **kilnawa** – macho; **kilana** – fêmea.

Ainda conforme os trabalhos de Susnik identifica-se em Lengua a pouca frequência do emprego da voz passiva. O condicional se dá, basicamente, com as partículas de suposição **ankok** – se / quando e **antlôho** – se há dúvida, incerteza.

Baseado em Susnik (1977), Adelaar e Muyaken (2006, p. 497-498) aponta para algumas características gramaticais da Lengua (Maskoy), mais especificamente no que se refere à (i) existência de um rico sistema de classificadores verbais que marcam noções do tipo direção e local(idade); (ii) de marcas de sujeito para primeira, segunda/terceira pessoa singular e primeira pessoa plural; (iii) de um conjunto de pronomes independentes composto por seis formas distintas que interagem com o verbo e com algumas categorias de nomes.

No caso dos trabalhos de Unruh e Kalisch, especialmente o de 1999a, pode-se inferir, por exemplo, um sistema de fones consonantais e vocálicos para a língua Enlhet conforme apresentado a seguir.

CONSOANTES ENLHET						
	bilabial	labio-dental	alveolar	palatal	velar	glotal
Oclusiva	p		t		k	ʔ
Nasal	m		n		ŋ	
Fricativa			s		x	h
Fric. Lat.			ʃ			
Aprox.		w		j		
Aprox. Lat.			l			

Quadro 03: Consoantes Enlhet. Adaptado de Unruh e Kalisch (1999a)

VOGAIS ENLHET			
	Anterior	Central	Posterior
Alta	ɪ		
Média	ɛ    ə	ɔ	ɔ
	œ	e	
Baixa		a	

Quadro 04: Vogais Enlhet. Adaptado de Unruh e Kalisch (1999a)

Considerando-se os Quadros (03) e (04), Unruh e Kalisch (1999a) afirmam que Toba é o único dos seis núcleos linguísticos que evita sistematicamente o

alargamento de vogais. No que se refere à sílaba, afirmam os autores, em Enlhet há somente sílabas do tipo CV(C).

Em trabalho de 1998, Unruh e Kalisch, ao se referir ao Dicionário Enlhet “Moya’ansaeclha’ Nengelpayvaam Nengeltomha Enlhet”, apontam alguns problemas para a questão de separação de palavras. Segundo os autores, definir a separação de palavras em Enlhet levanta algumas questões, por exemplo:

(1) Escrever sem separar as palavras respectivas (*apquetcalhnec naat*) não funciona, uma vez que dificulta o reconhecimento das mesmas.

(2) Escrever separando sílabas (*apquetcalh nec naat*) não funciona porque cometer-se-ia o erro de separar raízes, naturalmente inseparáveis.

(3) Escrever separando palavras morfológicas (*apquetca lhnec naat*), foi a opção adotada pelos autores no dicionário *Moya’ansaeclha’ Nengelpayvaam Nengeltomha Enlhet*.

Essa última opção, contudo, conforme os autores, tem a desvantagem de dar a impressão errônea de que as palavras que aparecem isoladas podem ser produzidas isoladamente, o que é impossível. Referem-se, por exemplo, a formas como *lhnec*, que nunca aparecem isoladamente.

Ao se referir à classe dos nomes, Unruh e Kalisch (1998) afirmam que os nomes Enlhet-Enenlhet se caracterizam por sua relacionalidade inerente, expressa por um prefixo ‘pronominal’. Com o exemplo em (03) apresentado abaixo, os autores mostram que o prefixo refere-se ao evento denotado pelo nome, no caso do nome monovalente. No caso do nome bivalente (04) o prefixo refere-se a um possuidor. Para os autores, sintaticamente, a natureza relacional do nome determina que este só possa ser empregado de forma predicativa. Este argumento

é utilizado como evidência de que as línguas Maskoy podem ser qualificadas como «omnipredicativas» (UNRUH, KALISCH, 1998; KALISCH, 2010).

- 3) *¿Ang-vet-'aa ya ng-kel'apa lhkaak?* (enlhet)  
fem.a-ver:3.ps.-factivo Part.pred:INT fem.b-(ser) anciana Part.pred:pas reciente  
'¿Vos (fem.) has visto a la anciana que recién estaba?'  
Literalmente: ¿Vos (fem.) la has visto? Ella era una anciana.

- 4) *Marta ng-ken' ang-kel'apa ng-ken'* (enlhet)  
fem.a:Marta fem. a-(ser) madre de fem.a-(ser) anciana fem. a /b-(ser)  
madre de 'la madre de Marta' a-a) 'la madre de la anciana'  
Literalmente: Es Marta, es su madre. a-b) 'Su madre es anciana.'

Ao se referir à classe dos verbos, Unruh e Kalisch (1998) afirmam que os membros desta classe constituem-se uma expressão completa, já que codificam as informações sobre o predicado e todos os seus argumentos, característica das línguas polissintéticas. As informações presentes no predicado, acrescentam os autores, indicam, dentre outras, a estreita relação semântica e formal entre classes aspectuais, direcionais e posicionais.

Coryn (1922), considerando Lengua como idioma de diversos povos Maskoy, apresenta informações gramaticais do idioma falado pelos Lengua do rio Paraguai. Baseado nas referidas informações, sistematizo um conjunto de consoantes composto por 15 segmentos (Quadro 05) e um conjunto de vogais composto por 5 segmentos (Quadro 6). No caso dos segmentos do Quadro (06), ressalto a existência de contrapartes alongadas referentes a cada um dos mesmos segmentos.

	bilabial	alveolar	pós-alveolar	palatal	velar	glotal
Oclusiva	p b	t			k g	
Nasal	m	n		ɲ		
Fricativa		s z	ʃ			h
Aprox.				j		
Aprox. Lat.		l				

Quadro 05: Consoantes Lengua. Adaptado de Koryn (1922)

VOGAIS LENGUA			
	Anterior	Central	posterior
Alta	i		u
Média	e		o
Baixa		a	

Quadro 06: Vogais Lengua. Adaptado de Koryn (1922)

O gênero dos nomes (aos quais chama ‘substantivos’), conforme Coryn (1922, p. 245), se restringe a masculino ou feminino, de modo que não há gênero neutro. Conforme o autor, os gêneros existentes na língua são indicados, na maioria dos casos, na sílaba inicial da palavra. No caso do gênero masculino, normalmente pelas consoantes *b*, *p* e pelas palavras *nahp*, *nahb* e *nip*. No caso de gênero feminino – pelos paradigmas apresentados a seguir referentes a formas interrogativas – pode-se depreender as consoantes *k*, *g*.

O gênero de animais é definido com o uso das palavras *kilahana* ‘fêmea’ ou *kilnowo* ‘macho’. No caso de sentenças interrogativas, é possível perceber o uso

de diferentes formas para o gênero masculino e para o gênero feminino, bem como escopos diferentes, conforme abaixo:

*Formas interrogativas masculinas*

Sapmahak = (a)onde?

Sapwam = quanto?

Saptaha = que disse, que fez?

Sabwisaiha = como se chama?

*Formas interrogativas femininas*

Sakmahak = (a)onde?

Sagwam = quantas?

Saktaha = que disse, que fez?

Sigwisahi = como se chama?

Como se pode notar, gênero é um tema recorrente entre os estudos consultados / disponíveis da gramática Lengua. Nos referidos estudos, muitas semelhanças são identificadas nos dados Sanapaná, tais como a posição central do predicado no que se refere à identificação de argumentos em seu interior, a omissão destas marcas argumentais para os contextos de negação e futuro, a identificação do possuidor no nome, o tipo silábico CV(C). Identifica-se, todavia, algumas características distintas entre as línguas. Em Sanapaná, por exemplo, considero um sistema vocálico composto por 3 vogais. No trabalho de Koryn (1922) é possível identificar 5, incluídas a vogal *u*, não identificada em Sanapaná. De toda sorte, a Tese aqui apresentada, em conjunto com os trabalhos mencionados nesta seção, lançam hipóteses sobre a estrutura gramatical das línguas maskoy.

Afora os trabalhos linguísticos acima mencionados, há trabalhos de cunho etnográfico, e que não comentarei nesta ocasião. A quem interessar possa, trata-

se de trabalhos onde se podem encontrar informações sobre aspectos socioeconômicos e culturais, dentre os quais cabe citar Zanardini e Biedermann (2006), Fabre (2005).

## 1.2 Sanapaná ontem e hoje

Os Sanapaná, como mencionei em (1.1.3.1), assim como os demais povos Maskoy, vivem em territórios na região oriental do Paraguai. Nos mapas



apresentados<sup>17</sup>, pode-se observar a localização geográfica do Paraguai em relação à sulamerica (Mapa 01), a região onde estão os Sanapaná, próximos à cidade de Loma Plata, departamento de Presidente Hayes (Mapa 2-3). Especificamente o Mapa 3 amplia a área destacada no Mapa 2. Destaque-se no referido mapa (3) a Ruta Transchaco, em cujas proximidades encontram-se os Sanapaná de La Esperanza. Esse grupo Sanapaná em suas diversas características econômicas, socioculturais, linguísticas, educacionais constitui-se o tópico desta seção.

### 1.2.1 O povo Sanapaná

Sanapaná é a forma mais utilizada para referir-se ao povo homônimo, cuja população oficial é de 2.271 indivíduos (CENSO, 2002). Há outras formas também relacionadas a este povo, tais como Saapa'ang e Kasnapan, termos utilizados pelos Enxet e pelos Guaná, respectivamente, para se referir aos Sanapaná localizados ao sul da região chaqueña. Aos Sanapaná localizados na parte norte, os *Enlhet* chamam *Kelya'mok*. Além destas, pode-se encontrar em trabalhos distintos, conforme Fabre (2005), outros nomes cujo referente é o povo Sanapaná, tais como kyisapang, sanam, sapukí, lanapsua e quiativis. Nenhuma destas formas, todavia, é utilizada pelo povo Sanapaná que vive atualmente em La Esperanza como auto referência. *Nenhlet* é o nome que a sociedade cuja língua é tema desta Tese utiliza como auto referência. Sendo assim, compreende-se que Sanapaná é um “nome fictício” aferido ao povo *nenhlet* provavelmente no período de ocupação da América do Sul por diferentes grupos europeus.

O contato ocorrido com as sociedades não indígenas entre os povos Enlhet-Enenlhet no século XVIII só viria a ocorrer na primeira metade do século XX entre os Sanapaná. Até os primeiros contatos com as sociedades não indígenas, os Sanapaná viviam de atividades relacionadas à caça e à pesca. Os homens

---

<sup>17</sup> Agradeço às minhas alunas Andrea do Nascimento Reis e Stefanie Souza da Silva – graduandas do curso de Letras da Universidade Federal do Amapá – pela ajuda na confecção dos mapas. Os mesmos foram adaptados de imagens extraídas do Google maps. Acesso em 20 de outubro de 2013.

produziam os próprios utensílios utilizados nas atividades de subsistência. As mulheres, dentre outros, se ocupavam com a confecção de derivados de tecidos (bolsas, redes, mantas, etc.) e de cerâmica (pratos, urnas de barro cozido, etc.). No âmbito musical, conforme Zanardini e Biedermann (2006), construíam artesanalmente seus próprios instrumentos, tais como flautas, tambores, violinos feitos de samuú (*Chorisia insignis*). Especialmente relacionado às atividades de busca de alimentos, os ancestrais Sanapaná assemelham-se a outros povos chaquenhos. Os pertencentes à família Guaicuru, segundo Gualdieri (1998, p. 14), eram essencialmente caçadores e coletores.

Amarilla, D. (2006) indica os anos de 1940 como o período em que se deu o contato desse povo com as comunidades não indígenas. O referido contato, que mostrou uma nova forma de vida, trouxe consequências nem sempre positivas ao povo. Na verdade, conforme a autora, o povo Sanapaná teve que se submeter, sem que se desse conta, a uma cultura distinta da sua.

O período do primeiro contato dos Sanapaná com povos não indígenas não é consenso entre os estudiosos que trataram do tema. Zanardini e Biedermann (2006), por exemplo, afirmam que em 1850 os Sanapaná estavam próximos ao rio Paraguay, em sua confluência com o Riacho Alegre para negociar com os brancos: pele de animais silvestres, alguns produtos agrícolas, dentre outros. Ainda no século XIX, conforme Zanardini e Biedermann, op. cit., sabe-se do envolvimento de índios Sanapaná com empresas do Alto Paraguay.

Atualmente, os vários grupos Sanapaná encontram-se em situação bastante diversificada. Há grupos que possuem terra própria, como os que vivem na Comunidade Anaconda, Comunidade Santo Domingo e Comunidade La Esperanza, por exemplo. Há grupos cujo direito à terra ainda encontra-se em processo de oficialização junto ao Governo Federal, como no caso dos povos que vivem na Comunidade Puerto Colón e Comunidade Santa Maria e há grupos cujo direito à terra própria ainda não foi reconhecido pelo Governo Paraguai, como no caso daqueles que vivem na Comunidade La Harmonia.

Em termos gerais, o que há em comum aos povos Sanapaná (e a outros povos Maskoy) é a presença de alguma instituição religiosa em suas comunidades. Destaco, por exemplo, o caso daqueles que vivem na Comunidade La Esperanza, atendidos pelos Menonitas da Associação Social de Cooperación Indígena Menonita (ASCIM) e daqueles que vivem na Misión La Patria, atendidos por missionários Anglicanos. Ademais, há o fato de que em várias comunidades os Sanapaná convivem com outros povos Maskoy, especialmente os Angaité; o que propicia uma miscigenação entre os mesmos, a ponto de dificultar ao pesquisador a concepção de aspectos distintivos entre ambos.

### 1.2.2 O povo Sanapaná pelo olhar de um pesquisador

Faço referência aqui ao trabalho de Amarilla, D. (2006). A partir de relatos coletados e traduzidos pela autora, se pode ter uma noção histórica acerca da situação sociocultural do povo Sanapaná. Ao cenário em questão, acrescento em (1.2.4) uma visão particular e atual acerca dos Sanapaná de La Esperanza. Para tal, tomo como suporte minha experiência de campo empreendida durante as diversas viagens realizadas a La Esperanza.

Segundo Amarilla, D. (2006), os povos Sanapaná teriam um lugar sagrado, chamado "*Hlamop Casic*" (Lugar de Origem). Este lugar seria sagrado porque nele se poderia encontrar água em abundância e todos os tipos de animais silvestres que serviam de alimento diário para o povo.

O povo tinha o conhecimento dos remédios do mato. Um conhecimento vindo do alto. Por essa razão, sobreviviam a todo tipo de dificuldade. Eles tinham conhecimento de como conseguir o alimento dos montes, da água, das plantações. Os Xamãs, por sua vez, conheciam todos os espíritos existentes no mundo, sejam os bons, sejam os maus espíritos. Tal conhecimento provinha da própria natureza (plantas, animais aquáticos, aéreos, floresta).

Em termos de festa, o povo Sanapaná realizava a festa de quinze anos das meninas<sup>18</sup>, com duração de três dias. Havia todo um ritual para a preparação das bebidas, das comidas, da festa de modo geral. Juntavam frutas das árvores, carnes de animais silvestres. No conjunto gastronômico utilizado para a referida festa, Amarilla, D. (2006) destaca a presença de bebidas alcoólicas produzidas à base de frutas, sucos de milho, batata assada na terra, dentre outros. Os convidados, por sua vez, traziam carne de ovelhas e cabras, bem como seus músicos e melhores artesanatos, a fim de trocá-los com os anfitriões.

Além da festa de quinze anos das meninas, há referência à festa de colheita da alfarroba. O local onde se realizava esta festa era ornamentado com flores de alfarrobeira. Uma das principais atrações da festa, segundo relatado em Amarilla, D. (2006), era o momento em que as moças presentes se punham a molhar os rapazes.

Os Sanapaná se vestiam apenas com roupas produzidas a partir da pele de animais silvestres e plumas de aves. Como acessórios, as mulheres utilizavam colares de sementes variadas e de caracóis. Os homens, por outro lado, utilizavam uma espécie de chapéu de couro na cabeça. Amarilla, D. (2006, p. 56) refere-se a outros tipos de manufaturas produzidas pelos Sanapaná, dentre eles destaca-se a produção de pratos, caçarolas, jarros de barro cozido e cabaças. Estas, normalmente estilizadas a fogo com figuras e ornamentos triangulares, lineares, etc. Os jovens, por sua vez, produziam brinquedos de barro, tais como cavalos, vacas, cachorros e pássaros.

A educação dos jovens se dava a partir da observação aos mais velhos e pela prática da obediência, de modo a viver de forma autônoma. No caso dos rapazes, deveriam tornar-se capazes, por exemplo, de matar um animal no mato,

---

<sup>18</sup> Essa festa, contudo, não era celebrada exclusivamente pelos Sanapaná. Ao contrário, se tratava de uma festa comum aos povos que viviam às proximidades dos rios Pilcomayo e Bermejo; dentre eles, Chorotí, Toba, Mbayá e Mataco. Segundo Metraux (1996, p. 185), a puberdade de uma jovem era celebrada com danças e cantos pelos povos que viviam nas proximidades destes rios. Tais festas, ressalta o autor, tinham a intenção de proteger a púbere dos perigos sobrenaturais. Ao descrever o rito de puberdade, Metraux, op. cit., afirma que as mulheres golpeavam o chão com varas longas em cuja extremidade encontravam-se feixes com unhas de veado enquanto marcavam o passo da dança ao redor do condutor da música.

com sua própria flecha. No caso das moças, deveriam ter conhecimentos sobre trabalhos com tecido. Às mulheres era ensinada não apenas a elaboração, mas também quais tipos de plantas se poderia utilizar para a coloração da matéria prima a ser usada na confecção de tecidos, bolsas, calçados que pudessem ser usados por todos. Ao considerar minhas observações feitas ao longo de distintas viagens aos Sanapaná de La Esperanza, entendo que todo o cenário delineado nesta seção passou por transformações (o que pode ser encarado como natural por alguns), conforme mostro em (1.2.4).

### 1.2.3 Mitos Sanapaná

Apresento aqui algumas informações do universo mitológico Sanapaná extraídas de Cordeu (1973). Tais informações têm como fonte relatos de Modesto Ramirez, ancião Sanapaná com aproximadamente 65 anos há época.

O primeiro relato refere-se à **Origem dos Povos Maskoy**, segundo o qual surgiram do monte situado abaixo da terra. Eles tinham que sair de baixo, então o fizeram em um lugar repleto de palmeiras. Ao fazê-lo, se dividiram em diversos povos: toba, sanapaná, angaite e todas as demais tribos surgiram aí. Mas os povos Maskoy não estavam abaixo da terra desde sempre. Antes, estavam acima e fizeram um poço muito fundo, onde entraram todos e depois puseram terra para tapá-lo. Depois tiveram que sair por outro lugar. Ao saírem, se pôde saber quem era sanapaná, angaite, toba. Porque ao entrarem no buraco eram apenas uma nação<sup>19</sup>.

O **fogo**, por sua vez, tem origem através de uma pequena ave (*Hap'en*) que, tendo visto o 'dono do fogo' (*Tak'uato*) fazê-lo, o esperou descansar para pegar os paus com que fazia fogo e levá-los à sua gente. A pequena ave percebeu que somente o dono do fogo o sabia fazer. Os demais seres humanos não sabiam,

---

<sup>19</sup> Esse tipo de informação também se pode encontrar em Zanardini e Biedermann (2006), segundo os quais, os Enlhet-Enenlhet vieram de um monte abaixo da terra e, para sair de lá, tiveram que encontrar um lugar repleto de palmeiras, como a região onde se encontram atualmente. Após saírem de baixo da terra, dividiram-se em várias tribos: Toba, Sanapaná, Angaité e todas as demais tribos. Somente depois vieram os paraguaios, ressaltam os autores.

não conheciam os paus com que se extraía o fogo. A pequena ave os ensinou a fazer fogo. Assim que viram como se fazia o fogo, seu povo começou a juntar lenha e a fazer fogo. E assim começaram a fazê-lo. E assim já não mais comiam os alimentos sem levá-los ao fogo.

Para a história da **Lua**, consta que adoeceu uma mulher indígena. Então, acreditaram os demais indígenas que a referida mulher foi morta por outra indígena. Nesse tempo, a lua estava abaixo da terra. Então, os indígenas fizeram um poço grande, juntaram lenha e puseram fogo dentro do poço. A mulher morreu porque quando dormia, veio a lua e pôs um pau com fogo sobre suas pernas, então a mulher morreu. Tendo a mulher morrido, começaram a perseguir a lua; a flecharam no ombro. Depois os indígenas fizeram um poço, onde puseram muita lenha. Então a lua correu para o campo e os indígenas lhe deram duas flechadas. Depois os indígenas se reuniram. Fizeram fogo ao redor do poço e se reuniram todos. Ai, agarraram a lua e a empurraram para dentro do poço. Embora relutasse, cansou-se a lua e caiu dentro do poço onde havia fogo e morreu. Ao mesmo tempo em que morreu, dali se levantou e foi pro céu, onde ficou para sempre.

Além dos relatos míticos apresentados acima, Cordeu (1973) faz referência a alguns personagens míticos, dentre eles o *Kokojnë* (dono do mato / da floresta), *Tomboiauhám* (mulher canibal), *lekók* (entidade maligna do monte), *leknamonaimént* (entidade aquática da tempestade) e *At lomá* (mulher louca).

A floresta tem seu dono **Kokojnë**, que não é humano e tem poder sobre as plantas. Segundo relatado em Cordeu, op. cit., o *Kokojnë* habita em um lugar distante daqui. Seu rosto não é como o nosso rosto. É todo colorido. Não é pintado, é natural, todo colorido. Para protegê-lo, há lindos cavalos e vacas, que não são como os cavalos e vacas que conhecemos.

Além do dono da floresta, há o dono das plantas e dos bichos e animais, que também pode ser considerado um *Kokojnë*. Esse tem o rosto parecido com o rosto dos humanos, mas a cor é vermelha. Se te vê comendo uma fruta, te mata. Mas se não te vê, pode comer as frutas da floresta. O dono das plantas e dos

bichos e animais, é mulher (*Kelguamá*) como os seres humanos, mas ela é muito feia. Os bichos e animais do reino da floresta não podem ser tocados. Não se pode falar com eles. O dono deles não pode conversar conosco, porque é gente como nós, mas não é humano. Se alguém o encontra na floresta será morto por ele. Ele é mais poderoso que o homem.

**Tomboiauhám** refere-se a uma mulher que, tendo saído à floresta com seu marido, enlouqueceu e transformou-se em animal. Saíram os dois em busca de mel. Ao encontrar o mel, o homem derrubou a árvore e tirou-lhe o mel. A mulher comeu o mel. Após comer o mel, chegaram a um lugar onde havia muitas palmeiras e muitos ninhos de pássaros. Então o homem subiu nas palmeiras e começou a pegar os pássaros que lá havia. Em vez de guardar os pássaros, a mulher começou a comê-los. Fez isso por várias vezes. Depois de comer todos os pássaros a mulher correu bastante e fez seu marido descer da palmeira. Então a mulher correu novamente. Não tendo mais força para permanecer em cima da palmeira, o homem desceu. A mulher o agarrou e aí mesmo o matou. A mulher matou o marido e comeu a carne do seu corpo. Apenas quando comeu toda a carne do corpo do marido, levou o cadáver à aldeia. Ao chegar à aldeia, todos começaram a correr para ver o cadáver. Não havia forma de controlar a mulher, porque ela tinha muita força e as mãos e pés estavam muito grandes, como de animal. Não conseguiram matá-la, então ela correu para o mato, onde vive como os animais.

**Lekók** é uma entidade maligna da floresta. Tem cabelo grande e é igual aos seres humanos, mas é transparente, desaparece na floresta. O índio, quando estava no mato, viu por lá um bicho transparente. É o bicho do mato, que vive no mato; é um mau espírito. Então o índio voltou enfermo à sua aldeia e os seus parentes tentaram curá-lo, mas não conseguiram, não havia remédio capaz de curá-lo. Então o índio morreu e os seus parentes começaram a chorar. Somente um homem poderoso – *Yaguasmá* – pode curar alguém que viu o *lekók*.

**leknamonaimént** é a entidade aquática da tempestade. Embaixo da água há muitos bichos de todas as categorias. Há bichos que te comem se entras no rio.

Esses bichos, para sair das águas fazem muito barulho. Então, quando saem das águas faz muito vento, e começa a chover, e há grandes tormentas. Ele é muito grande. Sai em forma de peixe, com as costas largas, os olhos e boca bem grandes. Tem os dentes muito largos e caminha com as mãos. Não tem cor, somente brilho. Brilha muito. Quando está fora da água, precisa de mau tempo. É como peixe, mas muito maior, algo como 2 ou 3 metros de altura. Entretanto, esse não é o dono dos bichos da água.

O último relato acerca de entidades míticas Sanapaná apresentado por Cordeu (1973) refere-se à **At lomá**. Consta que uma mulher, estando menstruada, comeu mel e enlouqueceu em virtude disso. Tendo os homens ido ao mato caçar, se encontravam somente as mulheres na aldeia quando a mulher (menstruada) comeu mel e enlouqueceu. Tentou matar os filhos, mas as outras mulheres da aldeia não permitiram. Mesmo assim, as mulheres não conseguiram amarrá-la, porque ela tinha muita força e tirava todas do chão. Então um dos filhos da mulher a amarrou na árvore e a matou. Assim o filho matou a mãe.

#### 1.2.4 Os Sanapaná de La Esperanza

Nesta seção, refiro-me a dois aspectos relacionados ao povo Sanapaná de La Esperanza, sendo o primeiro constituído de informações sociolinguísticas e culturais, incluindo algumas relacionadas à educação escolar, ao contexto linguístico e à documentação da língua Sanapaná (1.2.4.1) e o segundo aspecto relacionado a informações de ordem socioeconômica do mesmo povo (1.2.4.2). Com isso, pretendo delinear um cenário mais contemporâneo acerca de um povo Maskoy.

##### 1.2.4.1 Aspectos sociolinguísticos e culturais

Os Sanapaná de La Esperanza estão sob juízo religiosa dos missionários menonitas, conforme Gomes (2009). Consequentemente, atesta-se a execução de ritos atribuídos a uma visão cosmológica implementada pelos missionários que

vivem com o referido povo. Assim, o conhecimento tradicional / ancestral, tal qual entendemos (histórias, canto, dança, ritos), é pouco transmitido às crianças. Em outros termos, se pode dizer que em nome de uma cultura religiosa ocidental, conferem às tradições próprias *status* secundário. Na verdade, em apenas um momento do ano se pode observar alguma manifestação coletiva que lhes possa identificar culturalmente. Trata-se do dia 19 de abril, momento em que comemoram o ‘Dia do Índio’<sup>20</sup>. Na ocasião, realizam (i) um almoço coletivo, utilizando-se para tal carne proveniente de uma pequena produção de bovinos dos próprios Sanapaná; (ii) danças que remetem à cultura ancestral do referido povo e (iii) desportes – (futebol e voleibol, para homens e mulheres, respectivamente). No caso específico de (ii), trata-se de danças tradicionais denominadas *maleng*, em que os indivíduos da comunidade – independentemente de idade e/ou sexo – abraçados em círculo, marcam o ritmo a partir de um instrumento chamado *namok*, cuja matéria prima é o tronco de uma árvore com mesmo nome, comum à região chaquenha. Trata-se, conforme informações dos participantes, de danças realizadas pelos ancestrais Sanapaná para alegrar as noites e, ao mesmo tempo, permitir aos jovens ‘encontrar’ futuros parceiros. As músicas, que tem duração média de 1 minuto e animam os participantes, são iniciadas justamente pelo indivíduo (instrumentista) que manuseia o *namok*. Em seguida, todos o acompanham. Encerrada a música, todos permanecem caminhando em círculo até que a próxima seja iniciada. Quando isso ocorre, a aproximadamente 1 minuto após o encerramento da música anterior, todos se abraçam novamente para dançar. Nessa dinâmica, dançam a noite toda, ininterruptamente. Sempre há pessoas e instrumentistas suficientes para esperar o amanhecer do novo dia. Quando há muita gente, formam-se dois círculos ao redor do instrumentista. Normalmente, no círculo mais interior ficam os mais idosos, ao passo que no círculo mais externo encontram-se os mais jovens.

---

<sup>20</sup> Tive a oportunidade de presenciar os bailes de *maleng* de abril de 2010, momento em que realizava minha segunda viagem de campo. Particularmente, foi uma grata surpresa, já que em minha primeira viagem a La Esperanza não houve oportunidade de tratar de aspectos culturais inerentes ao referido povo.

Segundo relato de um membro de La Esperanza, esse é o único momento em que se bebe e fuma na comunidade, porque se trata de um momento em que rememoram seus antepassados. A bebida utilizada atualmente, bem como o fumo – ambos industrializados – são obviamente diferentes daqueles utilizados pelos ancestrais rememorados, ressalta o mesmo membro.

A relação da população Sanapaná de La Esperanza com a visão cosmológica implementada pelos missionários que vivem com o referido povo pode ter impacto na relação que os Sanapaná estabeleceram com os aspectos próprios da cultura ancestral, o que poderia justificar, por exemplo, a realização esporádica da festa do *namok*, a pouca transmissão de histórias para as crianças, a dúvida quanto à existência de pajé na comunidade, etc. Diante desta situação, há, contudo, um fator positivo no que se refere à manutenção do idioma materno, já ilustrado no CENSO de 2002: Sanapaná ainda é transmitido como idioma materno às crianças de La Esperanza. Em termos mais precisos, se pode afirmar, com poucas exceções, que as pessoas que vivem na referida comunidade adquirem a língua Sanapaná como idioma materno<sup>21</sup>, o que implica em afirmar que seja um ato comunicativo envolvendo anciãos, adultos, homens, senhoras, seja um ato comunicativo envolvendo adolescentes e crianças, a língua utilizada será a Sanapaná.

As exceções consistem no fato de que recentemente La Esperanza recebeu como moradores algumas famílias que não falam Sanapaná. São monolíngues em Guarani. Com isso, se estabelece a necessidade de comunicação nesta língua e um cenário em que há indivíduos vivendo em La Esperanza que não falam e não entendem Sanapaná, outros que entendem mas não falam. Mesmo com essas exceções, pelo alto grau de transmissão da língua Sanapaná, se pode apostar, ao menos para a próxima geração, que se trata de uma língua com baixo

---

<sup>21</sup> Tenho conhecimento de outra comunidade em que seus membros adquirem Sanapaná como língua materna. Trata-se da comunidade Anaconda, localizada há aproximadamente 40 km de distância de La Esperanza. Os indivíduos de Anaconda, segundo relatos, viviam em La Esperanza há algumas décadas atrás. Pode estar aí a explicação para questões linguísticas.

risco de extinção, especialmente pela aquisição crescente de uma concepção de preservação e valorização da língua como identidade própria do povo<sup>22</sup>.

Apesar de normalmente dominarem como segunda língua as duas línguas oficiais do Paraguai – Espanhol e Guaraní –, na prática conversacional do dia a dia o que se percebe é o uso irrestrito da língua materna como meio de comunicação. Dentro da comunidade, portanto, se pode afirmar que o uso da língua Sanapaná é universal, garantido, sobretudo, por um posicionamento das lideranças indígenas cujo objetivo é a valorização e utilização ampla da mesma. Uma exceção a esse cenário vem do âmbito escolar, em que a presença de professores não indígenas, sobretudo a partir do 5º ano do Ensino Fundamental, propicia a utilização das línguas oficiais da nação como meio comunicativo durante as aulas. Assim, tem-se que o meio de uso da língua Sanapaná é mesmo o cotidiano da comunidade. Sua presença opaca na escola relaciona-se ao fato de que apenas os que a frequentam sabem escrever e / ou ler o sistema de escrita da língua.

A instituição religiosa representada por missionários Menonitas novamente põe-se do lado oposto a esse cenário linguístico ao traduzir a Bíblia, ao mesmo tempo em que se esmera em realizar todos os ritos religiosos utilizando-se da própria língua da comunidade.

Em contexto de contato, há pelo menos duas situações possíveis<sup>23</sup>. De um lado se pode presenciar um encontro entre Sanapaná e falantes de outra língua da família Maskoy, onde haverá uma tentativa de entendimento mútuo utilizando-se, para isso, do próprio idioma dos agentes da situação comunicativa. Nesse

---

<sup>22</sup> É provável que essa situação linguística seja específica das comunidades La Esperanza e Anaconda, já que, conforme se observa no quadro (1), nas demais comunidades onde vivem Sanapaná há a presença de outros povos e, conseqüentemente, de outras línguas, inclusive as oficiais do país.

<sup>23</sup> Situações de contato são bastante comuns entre os Sanapaná e outros povos indígenas que vivem às proximidades de La Esperanza. Essa realidade confere a este povo (e aos demais do Chaco Paraguai) uma realidade de plurilinguismo, em que cada membro da comunidade convive / domina, normalmente, três línguas distintas (Espanhol, Guaraní e outra língua Maskoy). Vê-se, considerando-se os meios de comunicação disponíveis ao referido povo, por exemplo, que através da televisão devem adequar-se inevitavelmente às línguas oficiais do país; através das emissoras de rádio que chegam a La Esperanza devem adequar-se a outras línguas, tais como toba, enxet. Certamente se trata de um contexto onde muitas línguas são conhecidas e utilizadas simultaneamente, fato que pode caracterizar-se muito interessante a linguistas diversos.

contexto, segundo alguns Sanapaná, Enxet, Angaité e Lengua são bastante compreensíveis linguisticamente. Por outro lado, diante de não indígenas, ou de indígenas não relacionados geneticamente aos Sanapaná, o ato comunicativo certamente se desenvolverá tendo-se como meio uma das duas línguas oficiais do Paraguai. Estas línguas, principalmente o Espanhol, são também as línguas majoritárias nos meios de comunicação em geral.

Como se trata de um povo multilíngue, cuja língua materna é apenas uma das diversas possibilidades de comunicação, é bastante comum, após uma situação de contato com os meios de comunicação (radio, TV) ouvi-los tecendo comentários acerca do que viram utilizando-se, para tal, do próprio idioma. Ressalto, com isso, que, embora conhecidos, os meios de comunicação ocidentais, tais como TV, Internet e outras mídias, ainda não são acessíveis à maioria da sociedade Sanapaná de La Esperanza.

A situação de contato com a TV especificamente se dá em virtude de um professor indígena, que comprou um aparelho de DVD e um de televisão, esporadicamente os ligar na área central da aldeia, para mostrar-lhes filmes ou apresentações de grupos de música paraguaia. Em ocasiões como essa, a referida área fica repleta de Sanapaná de todas as idades.

A área central da aldeia – uma sala de aproximadamente 10m<sup>2</sup> construída com tijolos, juntamente com a escola, únicos lugares da comunidade onde há energia elétrica – é o lugar onde se reúne o Conselho da comunidade para tomar decisões, simplesmente conversar sobre temas diversos, guardar materiais coletivos e manufaturas produzidas (carvão especialmente), falar ao rádio com as outras comunidades indígenas, etc. Ao lado da referida área está o armazém da comunidade, lugar onde os membros da mesma podem comprar gêneros alimentícios básicos, onde está também o assessor da ASCIM. Esta é a figura intermediária entre os indígenas de La Esperanza e o mundo externo, especialmente para a realização de negócios. Além do armazém, estão nas proximidades da área central os espaços públicos de lazer, tais como o campo de futebol e o campo de voleibol, onde aos finais de semana se reúnem todos para a

realização de atividades desportivas. Em ocasiões como essas, normalmente as mulheres praticam voleibol e os homens praticam futebol. Esporadicamente, é possível ver as mulheres jogando futebol com os anciãos, o que mostra que, culturalmente, não há hierarquias diferentes para os dois sexos no que refere à prática desportiva. A área central é estratégica para os encontros dos membros de La Esperanza, já que geograficamente as casas ficam distantes umas das outras<sup>24</sup>. Para se ter uma ideia da dispersão geográfica, da área central para a escola são aproximadamente 2 mil metros de distância.

Na escola da comunidade La Esperanza (Nº 6780) há aproximadamente 120 alunos (informações dos próprios professores), desde a série inicial até o nono ano do Ensino Fundamental. Estes alunos são distribuídos em dois turnos e cuidados basicamente por quatro professores. Em termos de ensino de línguas, são ensinados basicamente três idiomas: os dois oficiais do país e o idioma materno.

No que se refere ao ensino do idioma materno, o que sei até agora é que há um sistema de escrita Sanapaná produzido por membros da associação menonita na década de 1960. Deste alfabeto destaco, a partir de um folheto disponível na escola, sem autor identificado, a grafia utilizada para os seguintes fones:

- a representação do fone /hl/ como *hl*

/hlejap/                      <*hleyap*>

/kehlta/                      <*kehlta*>

---

<sup>24</sup> Esse é um fato que me chamou a atenção em minha primeira viagem a La Esperanza, especialmente porque jamais presenciei algo semelhante com povos indígenas brasileiros. O pouco que conheço da organização física do espaço em comunidades indígenas brasileiras (Mebengokre, Panará – estado de Mato Grosso – e Amanayé – estado do Pará) é que as ‘casas’ são construídas de modo a ficar muito próximas umas das outras. Há casos, inclusive (Ömejkrākum e Kākamkubē (TI Mekragnotire) e Nāsepotiti (TI Panará) – Mato Grosso – em que as ‘casas’ estão dispostas em pequenos círculos.

- a representação do fone /ŋ/ como *ng*

/haŋgok/ <*hankok*>

/eraŋge/ <*elangke*>

- a representação do fone /j/ como *y*

/hlemoje/ <*hlemoye*>

/koje/ <*koye*>

- a representação do fone /w/ como *v* ou com *u*

/wason/ <*vasom*>

/akweske/ <*akueske*>

- apagamento de /k/ do fone *kh*, o que gera *h*

/pekho/ <*pe'ho*><sup>25</sup>

/nemakha/ <*nemaha*>

As convenções citadas acima acerca do sistema de escrita Sanapaná são aquelas ensinadas no âmbito escolar. Como ainda não tive oportunidade de conhecer outras comunidades Sanapaná, desconheço se esse sistema é também utilizado pelas referidas comunidades. Esta é, certamente, uma etapa importante para trabalhos futuros. Em termos gerais, todavia, tenho observado até agora a existência de pouco material didático relacionado ao ensino de Sanapaná. Os materiais usados para ensinar esta língua, conforme relato de um ancião, são baseados na própria experiência do povo. Não há materiais confeccionados com o rigor científico, o que me permite afirmar que se trata de algo que precisa ser feito tão logo possível.

---

<sup>25</sup> Provavelmente, o diacrítico ['] corresponde à oclusiva glota /k/.

Em termos de documentação, se tem um panorama completamente fragmentário, que pode ser considerado sob dois tipos: (1) o conjunto de textos publicados, com destaque para Cordeu (1973), Loukotka (1930) e Amarilla, D. (2006); e (2) breves listas de vocabulários e pequenos textos produzidos por alguns anciãos. Inexistem gravações em áudio e vídeo, esboço de uma gramática, dicionários, etc. No que confere ao conjunto de textos publicados com objetivos linguísticos, o considero possuidor de informações bastante limitadas. No caso dos trabalhos de Loukotka (1930) e Amarilla, D. (2006), apesar de se tratar de alguns textos, não apresentam informações gramaticais e, como não há informações desta natureza em outras fontes, tornam-se apenas traduções para o espanhol de histórias Sanapaná. No caso do trabalho de Cordeu (1973), tem-se apenas uma breve lista de palavras agrupadas por campo semântico<sup>26</sup>.

Esse breve panorama acerca da realidade / qualidade da documentação da língua Sanapaná mostra que há muito a ser feito; concepção partilhada pelos próprios membros do conselho da comunidade, que aspiram por um programa de documentação que se reflita em resultados concretos, principalmente na escola. Após minha primeira visita à aldeia, realizada em meados de 2009, criou-se uma concepção de que é necessário documentar a língua, especialmente com a produção de materiais didáticos variados que possam ser utilizados na escola.

#### 1.2.4.2 Aspectos socioeconômicos

Os Sanapaná de La Esperanza tem uma economia individual e coletiva relativamente frágil. Esta fragilidade econômica se deve a inúmeros fatores naturais e sociais. No que concerne aos aspectos naturais, merece destaque o ecossistema chaquenho no qual estão inseridos, moldado pelos longos períodos sem chuva e pelas altas temperaturas quase que constantes. Esse contexto implica necessariamente pouca oferta de recursos naturais da fauna e da flora, bem como da água de maneira geral. Com oferta reduzida deste último recurso,

---

<sup>26</sup> Ressalte-se que praticamente todas as entradas lexicais apresentadas na referida lista não correspondem ao termo utilizado atualmente pelos Sanapaná de La Esperanza.

não é possível manter uma cultura de cultivo de gêneros alimentícios. O próprio solo do qual dispõem, pela sua característica arenosa, não permite tal cultura. Inúmeras tentativas já foram empreendidas no sentido de estabelecer culturas de gêneros alimentícios. Todas, contudo, mostraram-se impraticáveis. No período de chuva – basicamente os meses de junho a agosto – estabelecem-se culturas de plantio de melancia, mandioca, batatas e gergelim. Esta última é vendida quase em sua totalidade a associações instaladas nas cidades vizinhas a La Esperanza. Ao considerar a escassez de recursos provenientes da fauna, flora e solo, reduz-se drasticamente a oferta de bens de consumo. Com isso, torna-se previsível o fato de que há muita necessidade (de ordem geral) entre o povo em questão.

O segundo fator responsável pela fragilidade econômica dos Sanapaná de La Esperanza concentra-se em aspectos sociais, tais como ausência de políticas públicas mais efetivas; ausência de oferta de emprego à População Economicamente Ativa (PEA); analfabetismo beirando 100% da população adulta. Embora imersos no contexto natural descrito acima, não há políticas externas atuando junto aos Sanapaná no sentido de gerar, de alguma maneira, autonomia econômica. Nesse sentido, a única fonte de renda externa da qual dispõem provem da prestação de serviços esporádicos destes a alguns fazendeiros da região. Quando há tal oferta de serviços, os Sanapaná realizam basicamente tarefas relacionadas à agricultura, de onde recebem em média G\$40.000 (quarenta mil guaranies) por 10 horas diárias de serviços prestados – o que equivale há aproximadamente R\$17 ou U\$9, 75.

O ‘problema’ maior relacionado a tais serviços não é, todavia, a extensa carga horária, nem o valor – relativamente baixo – e sim a oferta, já que não ocorre ao longo do ano todo. Como dito anteriormente, trata-se de uma oferta esporádica, o que gera um desequilíbrio entre a oferta de mão de obra e a oferta de serviços. Os recursos provenientes de tais serviços são destinados basicamente à aquisição de bens de consumo não duráveis.

Quando não há demanda de prestação de serviços, busca-se auxílio através de uma pequena fazenda comunitária, onde a comunidade desenvolve

atividades de agropecuária. Essa atividade, contudo, não é suficiente para manter a comunidade em termos alimentícios.

Outro aspecto que contribui incisivamente para o cenário econômico Sanapaná refere-se à pequena quantidade de indivíduos escolarizados. Como se trata de uma população imersa no contexto econômico nacional paraguaio, se pressupõe a “relevância” que índices relacionados à educação escolar assumem no contexto econômico. Nos mais diversos cenários econômicos tem-se percebido que números relacionados à escolarização da população influenciam diretamente no Produto Interno Bruto (PIB) e, conseqüentemente, nos rendimentos financeiros individuais. Destaco, por exemplo, Hanushek e Wößmann (2010). Estudos igualmente diversos apontam para o fato de que quanto maior a média de anos de educação escolar, maior a renda per capita e maiores as perspectivas econômicas de uma população. Nesse sentido, investimentos por parte do poder público em educação institucionalizada, de modo a facilitar o ingresso e permanência dos jovens Sanapaná na escola, poderia constituir-se em opção para melhorar a situação econômica de La Esperanza e das comunidades indígenas paraguaias de modo geral. Tal mudança econômica não implica necessariamente ascensão social, já que o panorama que apresento aqui não está embasado em uma divisão piramidal de categorias, mas ao direito / acesso ao bem mais básico da existência humana: alimentação. Infelizmente, dada a conjunção de fatores naturais e sociais a que estão expostos, os Sanapaná nem sempre tem disponível alimentação adequada. Se considerarmos índices referentes à alimentação que indicam a realização de pelo menos três refeições diárias (ROZIN, 1990), pode-se afirmar que esta população está aquém do desejado. Daí a importância de mudar as possibilidades sociais, de modo a tornar concretas novas perspectivas de vida embasadas, sobretudo, no direito a bens básicos.

## CAPÍTULO II

### ASPECTOS DE FONÉTICA E DE FONOLOGIA

No Capítulo anterior, discuti questões amplas sobre a sociedade / língua Sanapaná e, conseqüentemente, sobre a família linguística Maskoy, na qual insere-se a referida língua. Especialmente relacionado a questões linguísticas, mostrei – baseado em estudos distintos – dentre outras, informações sobre segmentos vocálicos e consonantais da língua Lengua, igualmente membro da família linguística Maskoy. Aqui, trato de alguns aspectos da Fonética e da Fonologia Sanapaná, mais especificamente de operações relacionadas às consoantes (C) e às vogais (V). Além destas, faço considerações sobre algumas questões inerentes à sílaba. Com isso, pretendo, sobretudo, delimitar, como o título do Capítulo sugere, um panorama de questões da Fonética e da Fonologia Sanapaná. Nesse sentido, é possível observar algumas diferenças entre os segmentos vocálicos e consonantais Sanapaná, se comparados aos mesmos segmentos Lengua.

Ao iniciar a discussão de aspectos linguísticos Sanapaná com informações da Fonética e da Fonologia baseio-me em Dixon (2010a, p. 264). Segundo este autor, o primeiro capítulo a ser apresentado em um trabalho produzido com base em dados de campo – pelas características do trabalho resultado dessa Tese o enquadro nesse caso – deve ser o de Fonologia, uma vez que os fonemas precisam ser reconhecidos para, posteriormente, servirem como base para a escrita da língua<sup>27</sup>.

Apesar de o escopo principal da Tese não ser neste momento a Fonética e / ou a Fonologia Sanapaná, considero relevante tratar aqui de algumas das

---

<sup>27</sup> Tradução livre para “the first chapter to be drafted in any fieldwork-based endeavour must be phonology, since phonemes need to be recognized as the basis in which to write the language.”

questões mencionadas acima por se tratar de uma língua sobre a qual pouco se sabe a esse respeito. Com isso, subdivido o capítulo em duas seções distintas.

Na primeira seção – intitulada “Os segmentos consonantais e vocálicos Sanapaná” (2.1) trato especificamente das consoantes (C) e das vogais (V). Na segunda seção – A sílaba Sanapaná – como o título informa, discuto questões relacionadas à sílaba (2.2). Sendo assim, este capítulo constitui-se com a estrutura seguinte: As consoantes Sanapaná (2.1.1); As vogais Sanapaná (2.1.2); A sílaba Sanapaná (2.2); Interface Fonologia / Sintaxe (2.3). Cada uma destas seções é constituída por subseções relacionadas.

Ao considerar a ausência em Sanapaná de fenômenos como nasalidade e tom, normalmente aceitos como complexos em muitas línguas, penso em um sistema fonético e fonológico no qual os processos mais produtivos são favorecidos pela interação morfofonológica estabelecida entre fonemas. No que confere à sílaba, mostro que o padrão silábico mais comum na língua em questão é do tipo CV(C). Sílabas V e VC também são atestadas.

Os processos desencadeados na sílaba ocorrem basicamente da direita para a esquerda, ou seja, o segmento mais à direita exerce influência sobre o segmento mais à esquerda. É o que mostro, por exemplo, na subseção relacionada à harmonização vocálica (2.1.2.5).

## **2.1 Os segmentos consonantais e vocálicos Sanapaná**

Consoantes e vogais como produto da fonação humana têm suas características articulatórias há muito definidas. É consenso entre os estudiosos da linguagem que o contraste básico entre ambas ocorre em virtude do processo ao qual são submetidas no aparelho fonador. Desta forma, consoantes são agrupadas dentro de um conjunto no qual todos os membros sofrem algum tipo de obstrução ao longo do aparelho fonador, ao passo que as vogais constituem o grupo em que todos os seus membros são produzidos pela passagem do ar livremente, sem nenhum obstáculo, ao longo do aparelho fonador.

No caso das consoantes Sanapaná, o papel das pregas vocais, característica muito presente entre línguas naturais, torna-se secundário, uma vez que não se constata distinção entre segmentos causada pelo aspecto [vozeado] e [desvozeado]. Entre as vogais Sanapaná, destaco a ausência de um sistema vocálico composto pelos três níveis de altura da língua, que dão lugar na fonologia da língua a apenas dois níveis. Tais aspectos, juntamente com outros, serão abordados nas subseções seguintes.

### **2.1.1 As consoantes Sanapaná**

A língua Sanapaná apresenta, conforme assumi em 2012 (GOMES, 2012), 13 fonemas consonantais, entre os quais se destaca a ausência de contraste causado pelas características da passagem de ar pelas pregas vocais e a ocorrência do segmento /hl/. Note-se no caso das oclusivas, por exemplo, a ocorrência apenas de segmentos desvozeados que, comparados àqueles apresentados na seção 1.1.5 para Lengua, sugerem ser um traço fonético comum às línguas Maskoy. Note-se, ainda, a realização de segmento não explodido – representado por [ʔ] – como fone possível na língua, bem como a contraparte vozeada da oclusiva velar.

Para o caso da oclusiva glotal, argumentarei em seções seguintes que sua função básica está relacionada ao padrão silábico CV(C) e ao processo de perda de vogais longas.

	bilabial	labio-dental	alveolar	Palatal	velar	glotal
Oclusiva	p <sup>[1]</sup>		t <sup>[1]</sup>		k <sup>[1]</sup> [g]	ʔ
Nasal	m <sup>[1]</sup>		n <sup>[1]</sup>	ɲ		
Fricativa			s		hl	h
Aprox.		w		j		
Aprox. Lateral			l			

Quadro 07: Consoantes Sanapaná

Sem a necessidade de contrastar segmentos conforme sua característica quanto à produção nas pregas vocais, apresento a seguir alguns contrastes cuja função é apenas ilustrar distintos contextos de uso dos mesmos fonemas.

**/p/ – /m/**

[pakwa]	‘banana’
[makwa]	‘amendoim’
[poʔok <sup>ˀ</sup> ]	‘outro’
[moʔok <sup>ˀ</sup> ]	‘outra’

**/p/ – /n/**

[pehlten <sup>ˀ</sup> ]	‘lua’
[neten <sup>ˀ</sup> ]	‘sol’

**/n/ - /k/**

[naʔak <sup>ˀ</sup> ]	‘POSP’
[kaʔak <sup>ˀ</sup> ]	‘erva (para terere)’

**/s/ - /m/ - /hl/**

[sepop`]	‘joão de barro’
[mepop`]	‘morcego’
[hlepop`]	‘terra, areia’

Os exemplos apresentados até aqui não ilustram uma ampla variedade de contrastes consonantais. Esse fato, contudo, não favorece questionamentos acerca do *status* de fonema de cada um dos segmentos presentes nos referidos exemplos, já que, conforme se pode observar no quadro (07), não há contraste entre fonemas causado pelas características da passagem de ar pelas pregas vocais, por exemplo. Nesse sentido, ao considerar a inexistência de pares mínimos do tipo /± Vozeado/, ilustro com os itens lexicais abaixo os fonemas consonantais Sanapaná.

<b>/p/</b>	[pehlenka]	‘formiga’
	[japon`]	‘pai’
	[topaʔo]	‘igreja’
<b>/t/</b>	[jamatoʔok`]	‘rede’
	[as-toma]	‘POS <sub>+1</sub> -comida’
	[tetehama]	‘PRON <sub>INT</sub> ’
<b>/k/</b>	[-kama]	‘CAUS’
	[ke]	‘pescar’
	[pop`kaje]	‘planta (categoria)’
<b>/ʔ/</b>	[kaʔak`]	‘terere’
	[koʔo]	‘1SG’
	[tapeʔe]	‘galinha’

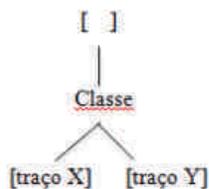
<b>/m/</b>	[samam`hen`] [nesep`ma] [-kama]	‘melancia’ ‘doente’ ‘CAUS’
<b>/n/</b>	[nahlma] [nenhlet`] [ak`nem`]	‘floresta’ ‘Sanapaná’ ‘dia’
<b>/ɲ/</b>	[aɲaʔa] [aɲepa] [teɲalaʔa]	‘história’ ‘fazenda’ ‘PREP’
<b>/s/</b>	[anset`kok`] [sosokha] [sepo]	‘criança’ ‘ADV’ ‘mandioca’
<b>/hl/</b>	[hlaman`ma] [hlejap`] [hlema]	‘ADV’ ‘PRON <sub>-1/MASC</sub> ’ ‘um (NUM)’
<b>/h/</b>	[hen`kaʔe] [jamalahak`] [kan`han`]	‘aqui’ ‘cercado’ ‘CONJ’
<b>/w/</b>	[wan`hla] [pawa] [awahlo:k`]	‘fim (de algo)’ ‘roupa’ ‘dentro (de algo pequeno; panela, por exemplo)’

/j/	[jametˀ]	‘árvore’
	[netˀnoje]	‘alto’
	[aʔmajhl]	‘caminho’
/l/	[peletao]	‘faca’
	[ankeloana]	‘mulher’
	[eleomakha]	‘comunidade’

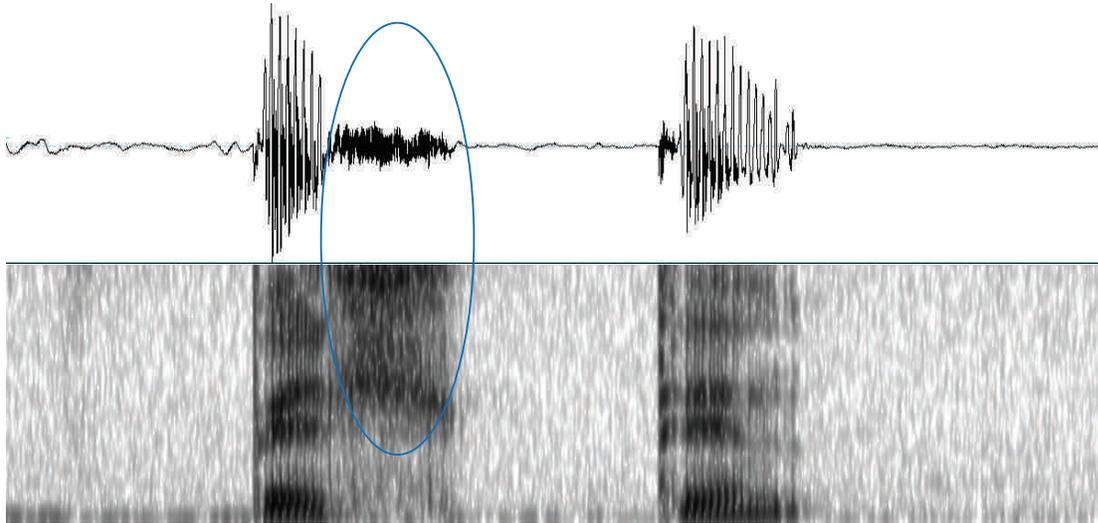
As características que favorecem o fone [g] serão tratadas em detalhes em (2.1.1.2). No conjunto de 13 fonemas consoantais Sanapaná interessa-me destacar as características acústicas de /hl/ por se tratar um segmento complexo<sup>28</sup> composto simultaneamente pela fricativa velar /h/ e pela fricativa lateral /l/.

Tomados isoladamente, os fones que compõem o fonema /hl/ podem ser caracterizados pelos traços [+contínuo] e [-sonorante] (cf. LADEFOGED, MADDIESON, 2008, p. 180) para a contraparte fricativa do segmento complexo e pelos traços [+contínuo], [+lateral], [+sonorante] para o caso da consoante lateral fricativa desvozeada. Em conjunto, todavia, os dois fones fundem-se em um segmento cujas características acústicas são ilustradas no espectrograma a seguir<sup>29</sup>.

<sup>28</sup> Segmentos complexos tem sido entendidos a partir de Clements (1985) como aqueles que possuem um único nó de raiz, uma categoria única de nó constituído por um tipo particular e mais de um terminal de traços associados ao nó de categoria. Nestes segmentos, o terminal e traços são simultaneamente articulados. A representação possível para os referidos segmentos é a seguinte:



<sup>29</sup> Os espectrogramas presentes neste capítulo são produtos das características acústicas de produção de apenas um indivíduo Sanapaná. Metodologicamente, optei por assim fazê-lo baseado no que está expresso em Ladefoged e Maddieson (2008, p. 173) acerca de diversos trabalhos que, para o estudo das diferenças acústicas entre as fricativas, observaram muitas “discrepâncias entre espectrogramas de uma dada fricativa quando produzidas por diferentes falantes”.



Espectrograma 01: pehlten

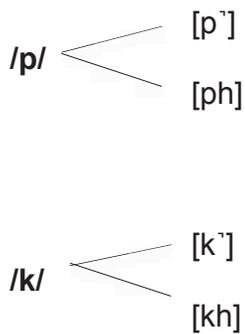
Do espectrograma 01 duas características merecem destaque: (1) a maior concentração de energia em formantes mais altos, conforme ilustrado com o círculo no segmento,, e (2) sua amplitude acentuada. Características como estas são apontadas por Maddieson e Emmorey (1984, *apud* LADEFOGED, MADDIESON, 2008, p. 199) como evidências acústicas da consoante lateral fricativa desvozeada. Os autores citam, nesse caso, as línguas Zulu e Navajo. Dadas as semelhanças acústicas entre aquelas línguas e a língua Sanapaná, defino o fonema /hl/ como uma consoante deste tipo.

#### 2.1.1.1 Casos de alofonia consonantal

Os casos que apresento aqui como processos de alofonia justificam-se como tal por não implicarem distinção lexical nos contextos em que ocorrem e, sobretudo, por ocorrerem em ambientes silábicos específicos. São dois os

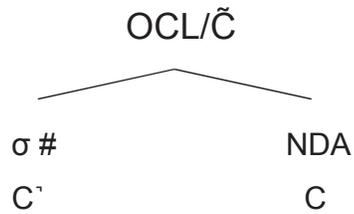
processos de alofonia em Sanapaná: não explosão dos fonemas oclusivos e nasais (1.1.1.1) e aspiração dos fonemas /p/ e /k/ (1.1.1.2).

A distribuição complementar para os dois tipos de processos refere um recurso fonológico para indicar posição silábica no caso da não explosão e o tipo silábico no caso da aspiração. Sendo assim, assumo de antemão que a alofonia consonantal em Sanapaná é um fenômeno puramente fonológico, à medida que não se amplia para o domínio da morfossintaxe. Como tal, tem-se preservado em Sanapaná um princípio básico para a ocorrência de alofones nas línguas naturais que é a necessidade de que os segmentos envolvidos possuam em comum pelo menos um traço fonético (cf. HOCKETT, 1942). Os pares abaixo me permitem observar os traços comuns aos fonemas envolvidos bilabial, oclusivo, surdo no caso de /p/ e bilabial, velar, surdo no caso de /k/. Permitem-me observar ainda um sistema simétrico relacionado a cada um dos alofones, conforme abaixo.



a) Alofonia consonantal com segmento não explodido

A série de oclusivas /p/, /t/, /k/, bem como as nasais /m/, /n/, em posição final de sílaba [\_\_\_\_ \$], ocorre como consoantes não explodidas [C̚]. Logo, estas constituem-se casos de alofonia condicionada à posição final de sílaba, conforme ilustrado na representação abaixo, cuja informação principal pode ser resumida da seguinte forma: consoantes oclusivas e consoantes nasais em posição final de sílaba são realizadas como consoantes não explodidas.

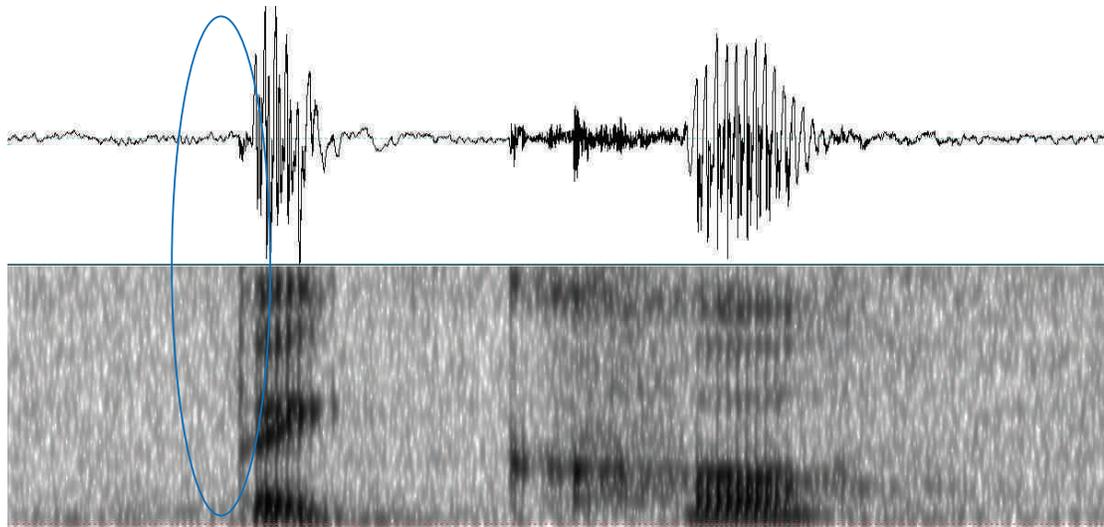


Os exemplos (1-5) demonstram essa distribuição dos alofones. Os espectrogramas que seguem cada um dos conjuntos de exemplos cumprem a função de ilustrar a diferença acústica entre o fonema propriamente dito e seu alogone (não explodido).

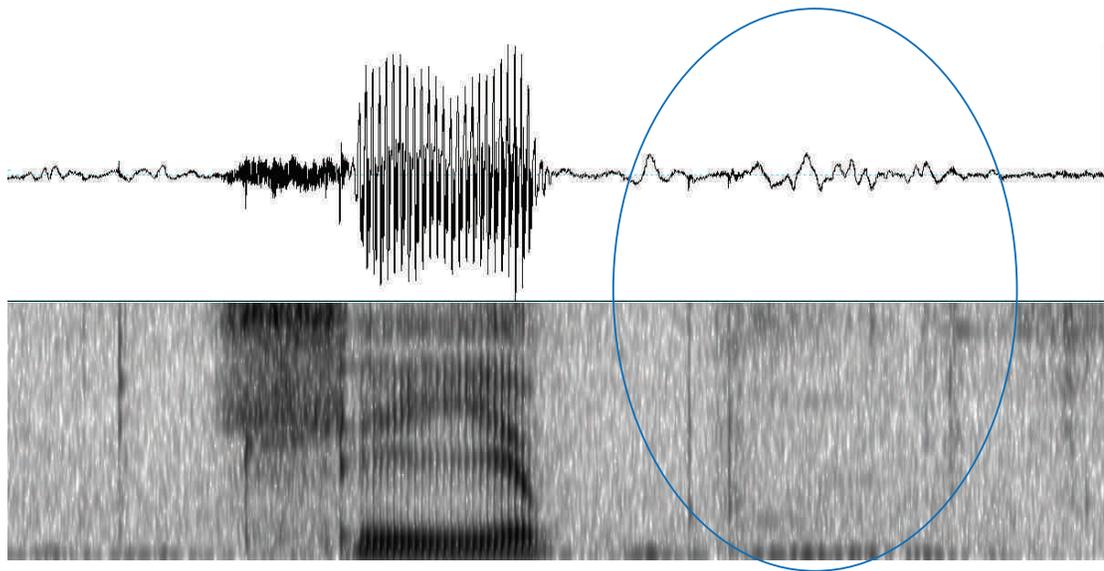
(01) /p/ → [p̚] / \_\_\_\_ \$

[hlepop̚]	'terra'
[hlejap̚]	'PRON <sub>-1/MASC</sub> '
[tep̚]	'sair'

No primeiro par de espectrogramas a seguir, observa-se o relaxamento não imediato da laringe expresso naquele referente ao segmento não explodido (Espectrograma 03). Esse fato fica evidente através das ondas mais acentuadas ao final do espectrograma em questão. No espectrograma (02), /p/ é realizado com menos energia. O contraste de /p/ e [p̚] ilustrado nos dois espectrogramas mostra ainda o preenchimento de F1 no caso do segmento não explodido em detrimento do não preenchimento no caso do explodido. Esse processo é semelhante aos casos envolvendo aspiração (cf. seção seguinte), contudo, utilizando-se de VOT menor.



Espectrograma 02: pekho



Espectrograma 03: hlejap

A diferença atestada nos espectrogramas (02-03) é a mesma identificada nos espectrogramas (04-05) para ilustrar o fenômeno da não explosão de segmentos em posição de *coda* silábica referentes à consoante oclusiva alveolar, ou seja, o segmento explodido praticamente não apresenta energia referente a F1, ao passo que no segmento explodido atesta-se energia.

(02) /t/ → [t̚] / \_\_\_\_ \$

[met̚'ko]

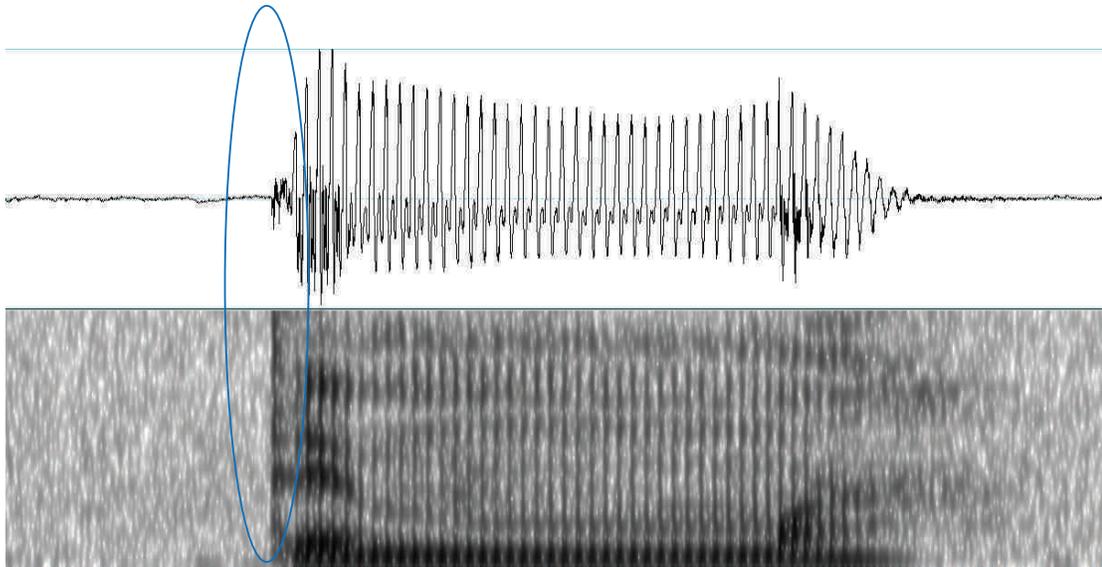
'PART<sub>NEG</sub>'

[natat̚']

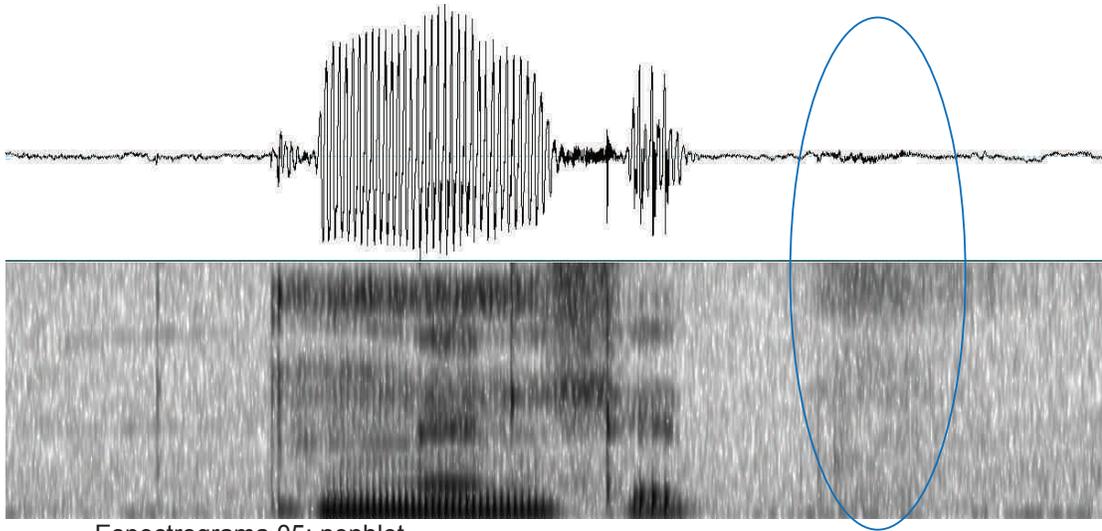
'pássaro'

[ket̚']

'meio, metade'



Espectrograma 04: tema



Espectrograma 05: nenhlet

Outros paradigmas ilustrando alofonia consonantal com segmento não explodido são apresentados a seguir.

- (03) /k/ → [k̚] / \_\_\_\_ \$  
 [koʔok̚] 'INDEF-1'  
 [tek̚] 'dormir'  
 [naʔak̚] 'POSP'
- (04) /m/ → [m̚] / \_\_\_\_ \$  
 [sem̚hem̚] 'cachorro'  
 [samam̚hem̚] 'melancia'  
 [as-japom̚] 'meu pai'
- (05) /n/ → [n̚] / \_\_\_\_ \$  
 [anset̚kok̚] 'homem pequeno'  
 [nepoXten] 'anta'  
 [pangoje] 'reflexivo'

O relaxamento da laringe relacionado aos segmentos não explodidos expresso em todos os espectrogramas através de maior energia, sobretudo nos formantes mais baixos, é um indício de que a estes segmentos é dada menor ênfase na estrutura silábica. Maior ou menor destaque a um segmento é um critério adotado ainda no século XIX por Whitney e Saussure (*apud* GOLDSMITH, 2009, p. 4) como critério para distinguir *onset* de *coda*. Para Whitney e Saussure, consoante com sonoridade ascendente no início da sílaba cumpre função de *onset* e, no final, com sonoridade descendente, cumpre função de *coda*.

Dada a posição específica para a ocorrência das consoantes em questão, pode-se pensá-las como casos de alofones posicionais distribuídos da seguinte forma: C em posição de *onset* silábico e C' em posição de *coda* silábica. Esse fenômeno fonético assemelha-se ao que ocorre em Francês (6) ou em Vallader (dialeto da língua Rumantsch) (7), por exemplo, onde há a inserção de um fone C' sem que tal inserção altere a informação gramatical. Em ambos os casos, a inserção cumpre função de evitar encontros vocálicos.

(06)	ce medecin	'estes médicos'
	cet âne	'estes burros'
(07)	da Zernez	'de Zernez'
	dad Ardez	'de Ardez'
	a Cuoira	'para Cuoira'
	ad Arosa	'para Arosa'

O processo de não explosão atestado em Sanapaná distingue-se, todavia, do atestado nos exemplos (06) e (07) extraídos de Aronoff e Fudeman (2005, p. 74) porque não se dá a fim de evitar encontros vocálicos, mas tão somente para indicar *coda* silábica. É o que se pode atestar nos exemplos abaixo em que /t'/ é inserido seja em contexto vocálico (8a), seja em contexto consonantal (8b).

(08) /kanet aṅalɔa/  
dois tatu  
'dois tatus'

b. /kanet popiet/  
dois veado  
'dois veados'

Embora eu esteja tratando C´ como alofone de C, há três casos atestados em que C´ tem função distintiva. No primeiro par de exemplos relacionados a essa exceção, a ausência da oclusiva bilabial não explodida [p´] identifica o pronome feminino de não primeira pessoa (9a), em contraste à forma masculina, adquirida com o acréscimo do referido segmento à raiz do pronome (9b). No segundo par de exemplos, *moʔok* é um pronome indefinido feminino (10a). Sem a oclusiva velar não explodida [k´] na posição de *coda*, o pronome indefinido em questão torna-se um auxiliar prospectivo de primeira pessoa do discurso (10b). O terceiro caso refere-se à presença de [n´] na raiz verbal negativa (11a). Sua ausência, conforme se observa em (11b), realiza uma raiz verbal negativa distinta.

(09) [hleja]  
'PRON<sub>-1/FEM</sub>'  
'ela'

b. [hleja p´]  
'PRON<sub>-1/MASC</sub>'  
'ele'

(10) [moʔok´]  
PRON<sub>-1/INDEF/FEM</sub>  
'outra'

b. [moʔo]  
'PROSP<sub>+1</sub>  
'ir'

(11) [ɲanko]  
NEG-dar  
'não dar'

b. [ɲakho]  
NEG-matar  
'não matar'

#### b) Alofonia consonantal com segmento aspirado

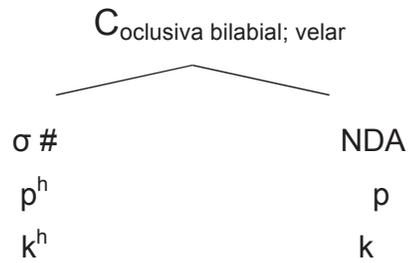
Um segundo caso referente a processos de alofonia que merece destaque é aquele relacionado à aspiração das consoantes oclusiva bilabial /p/ e oclusiva velar /k/. Ladefoged e Maddieson (2008, p. 48) definem aspiração como uma variação na laringe que permite a passagem de uma grande taxa de ar por um período anterior ou posterior à fonação<sup>30</sup>.

No caso Sanapaná, em posição de *onset*, os fonemas /p/ e /k/ se co-articulam com a consoante fricativa glotal /h/, o que gera um segmento constituído pela sequência de consoante e aspiração; sendo que esta aspiração resulta de um processo de lenição da fricativa glotal. Assim, tem-se [ph] (12) e [kh] (13) num contexto conforme representação a seguir<sup>31</sup>.

---

<sup>30</sup> Tradução livre para “a greater rate of airflow than occurs in modal voice for a period before or after a stricture”.

<sup>31</sup> Uma questão que precisa ser respondida em estudos futuros refere-se à não aspiração do fonema /t/. O não tratamento desse fenômeno aqui não implica necessariamente em sua ausência / não produtividade em Sanapaná mas, tão somente, ao fato de não tê-lo encontrado nos estudos empreendidos para esta Tese. Seguramente, sua ocorrência permitiria-me considerar aspiração como um processo geral à série de oclusivas. Por outro lado, se de fato não produtivo, hipóteses poderiam ser lançadas, sendo uma delas baseada em processo de mudança da língua que favorece o apagamento da aspiração. É isso que se tem observado, por exemplo, para [ph] e [kh].



Antes de apresentar abaixo exemplos envolvendo os alofones com aspiração, devo dizer que a característica acústica principal desse tipo de segmento é a maior amplitude dos formantes, se comparados à sua contraparte sem aspiração. Nos espectrogramas (09) e (10), por exemplo, pode-se vislumbrar a diferença de amplitude envolvendo [k<sup>h</sup>] em posição de *coda* e [kh] em posição de *onset*, respectivamente.

- (12) /p/ → [ph]      / \_\_\_\_ \$  
 [aphak<sup>h</sup>]                      ‘velho’
- [e-pheok<sup>h</sup>]                      ‘meus dedos’  
 POS-dedo<sub>PL</sub>
- [jephopea]                      ‘nuvem’
- (13) /k/ → [kh]              / \$ \_\_\_\_  
 [henkakha]                      ‘onde’  
 PRON<sub>INT</sub>
- [kheje]                      ‘HIP’
- [mokhoje]                      ‘distante’  
 ADV

Três aspectos fonológicos inerentes ao processo de aspiração das oclusivas /p/ e /k/ ilustrado nos exemplos (12-13) devem ser destacados: (i) a produtividade do referido processo independentemente do núcleo silábico no qual se insere; (ii) o não espraiamento do mesmo para o domínio de outra sílaba e (iii) sua ocorrência na sílaba que recebe o acento primário<sup>32</sup>. Sobre (i), a sequência de exemplos ilustra exatamente núcleos silábicos constituídos respectivamente por /a/, /e/, /o/. No que confere a (ii) e a (iii), *henka'kha* e *je'phope*<sup>33</sup> são auto explicativos no sentido de que demonstram a presença do acento primário sobre a sílaba com aspiração e o não espraiamento desse processo fonético para outras sílabas. Do contrário, seriam possíveis exemplos do tipo *henkha'kha* e *je'phophea*.

Assim como as exceções para os fones /p/ e /k/, há um caso identificado até o presente momento em que o fone aspirado [kh] estabelece contraste em Sanapaná. Como se pode observar em (14) abaixo, a aspiração incide na mudança do valor lexical da palavra.

- |      |             |             |
|------|-------------|-------------|
| (14) | [na.kho]    | 'não matar' |
|      | 'matar/NEG' |             |
| b.   | [nan.ko]    | 'não dar'   |
|      | 'dar/NEG'   |             |

Os casos de alofonia apresentados nessa seção mostram a distribuição complementar envolvida entre os fones, de modo que é possível encontrar em Sanapaná, portanto, duas variantes para os fonemas /k/ e /p/, sendo uma restrita à posição de *onset*, onde ocorre [kh] e [ph], e outra restrita à posição de *coda*, na qual se atesta [k̠] e [p̠]. No caso da aspiração em *onset*, é interessante observar sua distinção em relação, por exemplo, ao Mocovi – língua da família Guaicuru

<sup>32</sup> Considero ao longo desta Tese o acento como processo fonológico que ocorre preferencialmente em posição final de palavra, por isso não o apresento em uma seção específica.

<sup>33</sup> Interessante notar em *je'phophea* o acento em posição distinta da posição final da palavra, assumida nesta Tese como *default* Sanapaná.

falada no Chaco Austral, Argentina – na qual se atestam, dentre outros na série de consoantes oclusivas, os alofones [ph] e [kh] “em final absoluto de palavras” (GUALDIERI, 1998, p. 30).

l. a.	[láp <sup>h</sup> ]	“a boca”
b.	[lakíp <sup>h</sup> ]	“a sede”
c.	[l:qaʔit <sup>h</sup> ]	“o rabo”
d.	[rasót <sup>h</sup> ]	“(ele) dança”
e.	[tók <sup>h</sup> ]	“vermelho”
f.	[maɲík <sup>h</sup> ]	“avestruz, ema”
g.	[lác <sup>h</sup> ]	“ele dorme”
h.	[tʃinaq <sup>h</sup> ]	“formiga”

(Fonte: GUALDIERI, 1998)

#### 2.1.1.2 Casos de interação morfofonológica

Nessa seção, trato de quatro processos de interação morfofonológica bastante comuns em Sanapaná: alteração da qualidade da consoante em encontros consonantais; lenição de consoantes oclusivas em ambientes nasais; assimilação de fonemas; epêntese consonantal.

##### a) Alteração da qualidade da consoante em encontros consonantais

*Onsets* constituídos por aproximantes interferem nas consoantes não explodidas em posição imediatamente anterior aos mesmos. Nesse contexto, tem-se que a consoante originalmente não explodida perde tal característica, tornando-se explodida. Ocorre, portanto, um processo de ressilabificação.

- (15) /ap-ja-ma/  
 CONC-1-beber-NOMZ  
 ‘Ele beber’  
 Lit. bebida dele’

- b. /ak-wa-to/  
 CONC-FEM-chegar-TAM  
 'Ela (vai) chegar'

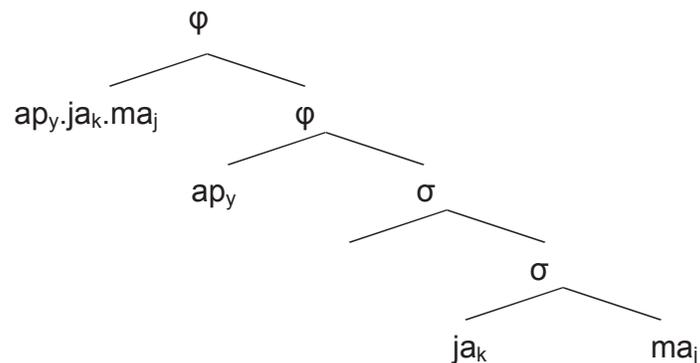
Esses exemplos permitem indicar que em um encontro consonantal em que  $C_1$  é originalmente  $C^{\text{r}}$  e  $C_2$  apresenta traços [+APROX] resulta na regra abaixo:

$$[C^{\text{r}}] \rightarrow /C/ \ / \ \underline{\quad\quad} \ /j,w$$

Essa regra, contudo, resulta de uma operação fonológica de reestruturação silábica causada por  $C_2$ . Nesse caso, a referida consoante força a alteração da qualidade de  $C_1$ , o que justifica a perda da característica [-EXPL] de  $C$ .

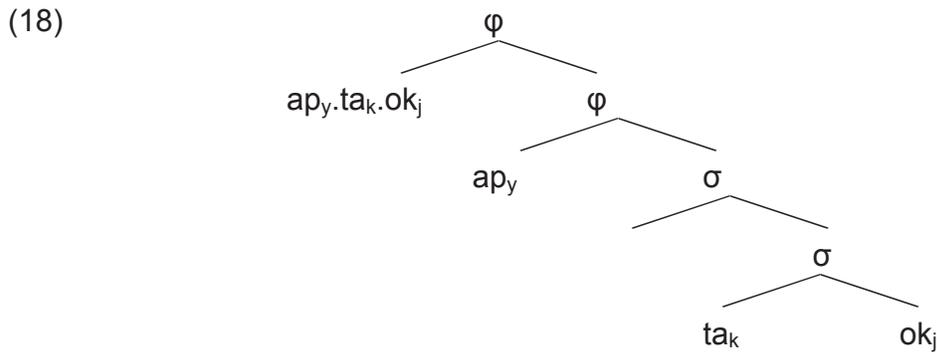
Nos exemplos em (13),  $C_1$  assimila o traço [+EXPL] de  $C_2$ . Vejamos a estrutura (16) abaixo na qual se constatam o nível da sílaba ( $\sigma$ ) e o nível da palavra ( $\varphi$ ). No nível  $\sigma$  identificam-se as sílabas *ja* e *ma*. As duas sílabas estabelecem uma relação simétrica entre si. Trata-se, portanto, de uma única operação fonológica. No nível da  $\varphi$  ocorrem dois processos: (i) mudança da qualidade consonantal de  $C_1$  provocada por  $C_2$  e (ii) soma consequente afixação das duas sílabas de (i) com a sílaba *ap*.

(16)



O processo de reestruturação fonológica de (16) é restrito aos casos em que C<sub>2</sub>, como já indicado, é uma aproximante. Disso prevê-se que encontros consonantais distintos desse padrão implicarão um processo fonológico mais econômico na língua à medida que não desencadearão alteração fonológica de nenhuma consoante. É o que se atesta, por exemplo, em (17). Nesse caso, ocorre apenas a justaposição de sílabas.

- (17) /ap-taok/  
 POS-1-olho<sub>PL</sub>  
 ‘seus olhos’



Embora as representações (16) e (18) refiram-se a casos de encontro consonantal em posição inicial da palavra, não se pode presumir que o mesmo seja restrito a essa posição. Nos exemplos abaixo, atesta-se o mesmo fenômeno, também, em posições não iniciais da palavra; ocorre a manutenção da natureza [-EXPL] da consoante [ṭ] presente na sílaba medial de ambos os exemplos apresentados.

- (19) [as.keṭ'.ko]                    ‘filho’  
 [an.seṭ'.koḳ']                    ‘menino’

b) Lenição de consoantes oclusivas em ambientes nasais

Outro processo de interação morfofonológica é o de lenição envolvendo a oclusiva velar /k/ quando em contexto silábico imediatamente posterior a nasais. Esse processo fonológico está representado abaixo, onde compreende-se o vozeamento de /k/ quando precedido de nasais:

/k/      →      [g] / m̃, ñ      \_\_\_\_\_

(20) [e-neñ-koʔo]      →      [enengoʔo]  
CONC-PRON<sub>+1</sub>      'PRON<sub>+1PL</sub>'  
'nós'

b. [a-hleñ-ke]      →      [ahlenge]  
CONC<sub>-1</sub>-caminhar-COMPL  
'Eu caminhei'

O processo de lenição inerente à oclusiva velar é corroborado com o exemplo (21) no qual se constata a agramaticalidade em (21b). Tal processo fonético gera o segmento [g] que não figura como fonema da língua, conforme ilustrado no quadro (07) de Fonemas Consonantais Sanapaná.

(21) [an-gwa-te]  
CONC<sub>FEM</sub>-chegar-PAS  
'Ela chegou'

b. \*a-kwa-te  
CONC<sub>FEM</sub>-chegar-PAS  
'chegar'

Um segundo processo de lenição identificado refere-se à consoante fricativa alveolar /s/, previsível no pronome possessivo de primeira pessoa – em contraste com /-ap/ (22) - mas substituída por /h/ (23).

(22) /ap-angok/  
CONC<sub>-1</sub>-POS  
'dele'

(23) /ah-angok/  
CONC<sub>+1</sub>-POS  
'meu, minha'

A segmentação do pronome em (22) 'dele' com o prefixo /ap-/ pressupõe que o correspondente à primeira pessoa seja realizado pelo prefixo /as-/, o que geraria a forma *as-angok*. No entanto, o que ocorre na língua é o emprego da forma /ah-/, via debucalização de /p/ (23).

### c) Assimilação de fonemas

Um terceiro processo de interação morfofonológica bastante comum em Sanapaná é a assimilação de fonemas iguais em sílabas adjacentes. Desta forma, delinea-se um processo em que  $C + C \rightarrow C$ , como em (24).

(24) [ap-pan`goje] → [apangoje]  
PRON<sub>-1/MASC</sub>-POS.REFL  
'dele mesmo'

b. [as-sekama] → [asekama]  
PRON<sub>-1/MASC</sub>-coisa  
'minhas coisas'

Os exemplos de interação morfofonológica tratados até aqui referem-se a processos que envolvem perda fonética, seja do segmento (23), seja do traço fonético (20-22). Há casos, todavia, em que o processo fonético implica uma epêntese consonantal, ou seja, ganho de material fonético. É o que mostro a seguir.

d) Epêntese consonantal

O caso mais produtivo de epêntese consonantal envolve o sufixo diminutivo /-kok/. Este condiciona a epêntese de [tʰ] ao final da raiz onde se juntará, de modo a gerar uma raiz com *coda* na última sílaba. Trata-se, portanto, de um processo de acréscimo de segmento fonético que ocorre, conforme ilustram os exemplos (25), da seguinte forma:

RAIZ + tʰ + -kok

(25) [nata + kokʰ] → [natatʰkok]  
 pássaro DIM  
 passarinho / pássaro pequeno  
 \*natakok

b. [anʰkeloana + kok] → [anʰkeloanətʰkok]  
 muher DIM  
 menina  
 \*ankeloanakok

c. [anʰse + kok] → [anʰsetʰkokʰ]  
 criança<sub>MASC</sub> DIM  
 menino  
 \*ansekok

- d. [alepan`ke + kok] → [alepan`ket`kok`]  
 novo DIM  
 novinho  
 \*alepankekok
- e. [kenao + kok`] → [kenaot`kok`]  
 homem DIM  
 homem pequeno, baixo  
 \*kenaokok

A presença de [t`] como resultado de epêntese consonantal também é notada em exemplos como em (26). Nesses, contudo, sua ocorrência ultrapassa o limite da raiz, já que ocorre posteriormente ao sufixo nominalizador /-ma/. A posição morfológica do processo difere, portanto, daquela identificada nos exemplos em (25).

(26) /nesep-ma-taok/  
 doença-NOMZ-PL  
 ‘doenças’

b. /an-mena-taok/  
 CONC-1/INDEF-embriagado-PL  
 ‘embriagados’

Um segundo caso de epêntese consonantal atestado em Sanapaná pode ser identificado pelo contraste entre os exemplos (27) e (28). Sendo {wa} a raiz verbal em (27), concluo que a oclusiva velar [g] de (28) é inserida em virtude da nasal anterior. Nesse contexto, conforme demonstrei em (2.1.1.2.2), há uma

tendência de lenição da consoante /k/. A nasal, contudo, não atua apenas no processo de lenição, mas, também, no processo de epêntese.

(27) [ak-wa-to]

CONC-1-INDEF-chegar-TAM

‘Ele (já) chegou’

(28) [an-gwa-tak’]

CONC-DEF-chegar-TAM

‘Ela chegou’

b. [e-nen-gwa-te-ma]

DEIT-PL-chegar-TAM-NOMZ

‘nossa chegada’

A forma /nen-/ presente no sintagma (28b) ilustra um terceiro caso de epêntese consonantal, evidente ao consider /em-/ o morfema dêitico de número PL. A consoante nasal /n/ em posição de *onset* seria, assim, epêntese gerada como cópia de /n/ em posição de *coda* afim de evitar vogais idênticas em posições adjacentes. Isto em virtude da proibição de apagamento de /e-/ do primeiro morfema e /e-/ do segundo morfema, ambos com função dêitica. Essa mesma estrutura morfológica encontra-se na forma pronominal de primeira pessoa plural *enenko’o*.

Tendo mostrado processos morfofonológicos relacionados às consoantes, passo agora à descrição dos segmentos vocálicos e seus respectivos processos morfofonológicos.

### 2.1.2 As vogais Sanapaná

A língua Sanapaná apresenta três fonemas vocálicos orais distribuídos no trato oral a partir de um ponto de articulação [+POST] até um ponto [-POST], sendo caracterizados de acordo com a altura da língua em médias e baixa.

	Anterior	Central	Posterior
Média	e		o
Baixa		a	

Fonemas vocálicos Sanapaná

Alguns contrastes vocálicos são apresentados abaixo. Com os referidos exemplos, se pode observar que os três tipos mencionados não encontram restrições quanto à sua ocorrência em final de palavra.

/e/ – /o/

[to] ‘comer’

[te] ‘dormir’

[ta] ‘TAM’

/e/ – /a/

[jeama] ‘empurrão’

[jama] ‘bebida’

/o/ - /a/

[moʔo] ‘PRON<sub>INDEF</sub>’

[maʔa] ‘PROSP’

Assim como o fiz com os fones consonantais em que não destaquei uma sequência extensa de pares mínimos a fim de contrastá-los e consequentemente atribuir-lhes *status* de fonema da língua Sanapaná, apresento aqui apenas uma

lista de itens lexicais cujo objetivo é ilustrar as diversas ocorrências dos fonemas vocálicos.

(29)	/e/	[hlepe]	‘terra, terra’
		[haʔe]	‘PRON <sub>DEM</sub> ’
		[jemenˀ]	‘água’
	/o/	[mopeʔa]	‘branco’
		[moʔo]	‘PROSP’
		[sepo]	‘mandioca’
	/a/	[pawa]	‘roupa’
		[naʔakˀ]	‘POSP’
		[teʔma]	‘casa’

Uma vez que a nasalidade ocorre em Sanapaná através dos fonemas /m/ e /n/ / \$\_\_\_ e dos alofonems [mˀ] e [nˀ] / \_\_\_\$, não foi atestado durante a pesquisa contraste entre V e Ṽ. Sendo assim, considero em Sanapaná a existência apenas de vogais orais.

#### 2.1.2.1 Vogais longas

A existência de vogais longas entre línguas Maskoy parece ser recorrente. Susnik (1958), por exemplo, apresenta os itens *típ* e *tëyìn* como casos de sílabas às quais denomina plenas e indica que a característica de ambos é a natureza prolongada das vogais <i> e <ë>. Unruh e Kalisch (1999, p. 7) nos exemplos *nengvetaycamcoo* ‘ser testigo’ (testemunha); *aptaaveeclhee* ‘él come’ (ele come) da língua Enlhet indicam que a duplicação das letras expressa o alongamento vocálico. Essa característica vocálica parece ser recorrente, também, em outras línguas indígenas faladas por populações chaqueñas. No quadro a seguir,

Gualdieri (1998, p. 28) faz uma distinção entre o que denomina vogais breves e vogais longas para a língua Mocovi (Guaicuru).

Vogais	Anterior		Central		Posterior	
	breve	longa	breve	longa	breve	longa
Alta	<i>i</i>	<i>ii</i>				
Média	<i>e</i>	<i>ee</i>			<i>o</i>	<i>oo</i>
Baixa			<i>a</i>	<i>aa</i>		

Quadro 08: Vogais longas e vogais breves Mocovi

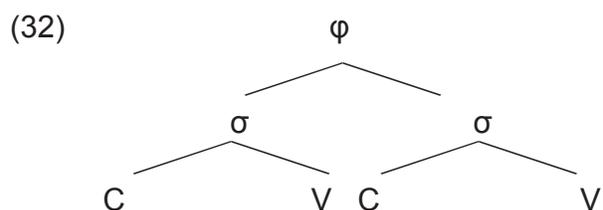
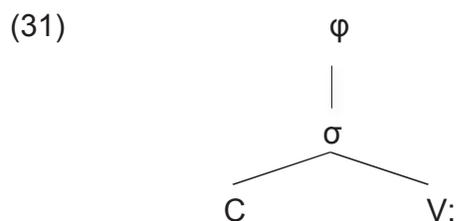
Em Sanapaná, contudo, esse tipo vocálico requer maior atenção. As informações que apresento aqui para esse tema são bastante iniciais e, inclusive, apontam para outra possibilidade. O exemplo de vogal longa de que disponho é aquele que ocorre para fins gramaticais de número no sufixo diminutivo [-ko:k]; sua presença atua como indicador de plural. Na verdade, tratam-se nesse sufixo de duas vogais idênticas, sendo uma referente à sílaba CV e outra referente a PL. Essa vogal é a mesma que atestada, por exemplo, na marcação de PL de nomes de partes do corpo (cf. 3.1.2.2) ou em nomes como *ankeloanaok* ‘meninas’ em que o último /o/ funciona igualmente para PL.

Para além deste caso, atesta-se que ambientes propícios à ocorrência de vogais longas tais como presença de fones adjacentes do mesmo tipo, contudo, são alterados pela inserção da oclusiva glotal, como em (30). O mesmo ocorre com a presença da aproximante /j/ (30b). Como resultado, tem-se que a presença da oclusiva glotal gera duas sílabas distintas, separando as vogais entre as mesmas sílabas.

- (30) [ka.ʔakʰ]                                    ‘erva (para terere)’  
       [ma.ʔa]                                     ‘PROSP.<sub>-1FEM</sub>’  
       [ko.ʔo]                                     ‘PRON.<sub>+1</sub>’  
       [mo.ʔo]                                     ‘PROSP.<sub>-1FEM</sub>’

- b. [kheje]  
‘HIP’

Desta forma, o que se vislumbra como alongamento vocálico presente em línguas Maskoy – conforme os trabalhos de Susnik (1958) e Unruh e Kalisch (1999) mencionados – e em outras línguas chaqueñas (cf. GUALDIERI, 1998), atualmente pode estar sendo substituído em Sanapaná por um processo morfofonológico de epêntese da oclusiva glotal, de modo a separar V: em duas V, o que resultaria, sobretudo, em rearranjo silábico. Com isso a representação (31) não refletiria o caso Sanapaná. Em seu lugar, haveria uma representação como em (32).



#### 2.1.2.2 Casos de alofonia vocálica

Ao tratar de alofonia vocálica tomo como base a noção clássica de alofonia que considera alofone variação de um fonema. Essa variação, por sua vez, não é significativa, uma vez que não realiza contraste linguístico. Em muitas línguas, segundo Mannell (2008), os alofones são condicionados foneticamente, mas em outras podem ser resultado apenas de variação de pessoa para pessoa e / ou de

ocasião para ocasião. Essa última característica parece ser aquela relacionada à alofonia vocálica Sanapaná.

a) Alofonia com a vogal alta

No sistema fonológico Sanapaná não há vogais altas (cf. 2.1.2). Ocorre, contudo, um processo de alofonia vocálica envolvendo a vogal média anterior /e/ que, via alçamento é produzida como [i]. Tal processo, como se observa abaixo, independe da posição que a sílaba ocupa na palavra, já que ocorre em posição inicial (33a), medial (33b) ou final (33c-e) da palavra. O mesmo pode ser dito em relação ao tipo vocálico adjacente à direita ou à esquerda da vogal que resultara de alofonia. Sendo assim, considero o alçamento de /e/ resultado de variação livre.

(33)	/e/	~	[i]	
a.	[ke.ka.kao]	~	[ki.ka.kao]	‘REFL’
b.	[an.ke.lo.a.na]	~	[an.ki.lo.a.na]	‘menina’
c.	[ta.ʔa.sekʰ]	~	[ta.ʔa.sik]	‘PRON’
d.	[e.me.nekʰ]	~	[e.me.nik]	‘meu pé’
e.	[as.je.hlenʰ]	~	[as.je.hʰin]	‘meu irmão (mais novo)’

O processo de alofonia em questão ocorre, também, em Enlhet, por exemplo. Essa língua, segundo Unruh e Kalisch (1999, p. 13), não faz uma distinção fonológica entre [e] e [i], conforme ilustrado nos exemplos abaixo apresentados pelos autores.

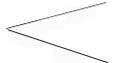
(34)	apvisqui	apvesqueʰ	‘chefe, líder’
	mepqui	mepque	‘sem’
	lhip	lheep	‘vós’
	yitnec	yetnec	‘há’

b) Alofonia com a vogal média baixa

Outro processo de alofonia vocálica em Sanapaná refere-se ao abaixamento das vogais médias /e/ e /o/. Diferentemente do que atestado com o alçamento da vogal /e/, processo não atestado com a vogal /o/, tem-se que tanto /e/ quanto /o/ são afetados pelo abaixamento da altura da língua, de modo a gerar alofones vocálicos médios abertos.

(35)	<b>/e/</b>	~	<b>[ɛ]</b>	
	[akjawɛʔa]	~	[akjawɛʔa]	‘muito’
b.	<b>/o/</b>	~	<b>[ɔ]</b>	
	[apʰketʰkɔkʰ]	~	[apʰketʰkɔkʰ]	‘jovem’

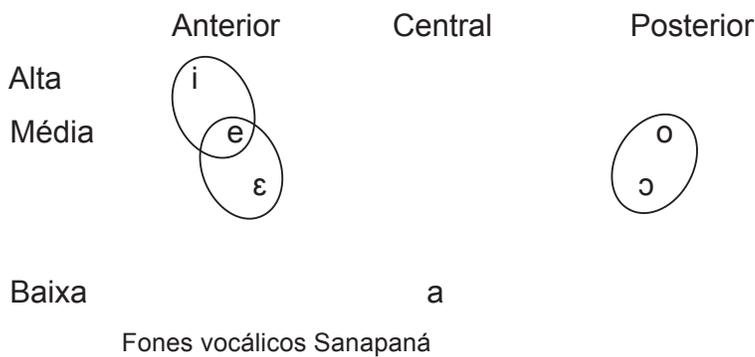
Os processos de alçamento de /e/ para [i], juntamente com os processos de abaixamento vocálico de /e/ e de /o/ podem ser sistematizados conforme segue. Nesta sistematização, nota-se a ausência de [u], fato que pode ser comum à família Maskoy, já que também se atesta sua ausência em Enlhet.

(36)	/e/		[i]
			[ɛ]
	/o/	—————	[ɔ]

Ainda referindo-me aos processos de alofonia vocálica por alçamento (33) e por abaixamento (35), destaco a ocorrência de espriamento da abertura da vogal para outros segmentos vocálicos adjacentes. É o que se vislumbra nos exemplos em (37). Nesses casos, o abaixamento do dorso da língua atua no sentido de gerar um processo de harmonização vocálica (cf. 2.1.2.5).

- (37) [ap`tamεlεɔ]                    ‘ser bom’  
 [nanεɔk`nem]                    ‘relógio’  
 [εhlahlnεʔɔ]                    ‘escutar/PAS’

A representação de processos fonéticos em (36) amplia o conjunto de 3 fonemas vocálicos apresentado em (2.1.2) para um conjunto de 6 fones vocálicos. Abaixo, mostro as relações que se estabelecem entre os mesmos fones.



Interessante notar no conjunto de fones vocálicos do Sanapaná a semelhança com os fones vocálicos da língua Enlhet (cf. Quadro 04, seção 1.1.5) no que diz respeito à ocorrência de abertura das vogais médias em ambas as línguas.

O contraste entre as duas línguas Maskoy revela, também, diferenças, quais sejam a ausência de vogal alta em Enlhet e a ocorrência de /o/ em Sanapaná, não identificado no conjunto de fones vocálicos possível de ser interpretado em Unruh e Kalisch (1999). Mesmo essas diferenças apontam para outra semelhança: a assimetria dos sistemas vocálicos. No caso Sanapaná, identificado na vogal alta anterior [i] sem sua contraparte posterior [u] e no caso Enlhet identificado na vogal média anterior [e] sem sua contraparte posterior [o].

### 2.1.2.3 Assimilação vocálica

Da mesma forma que atestado nas consoantes, ocorre assimilação de dois segmentos vocálicos iguais quando em contextos adjacentes. Assim, tem-se que  $V + V \rightarrow V$ .

(38) [maʔa-anko] → [maʔanko]  
PROSP<sub>FEM</sub>-CONC<sub>-1/FEM</sub>  
'ela ir'

b. [hlemoje enengoʔo] → [hlemojenengoʔo]  
ASS PRON<sub>+1PL</sub>  
'comigo'

Em (39) abaixo ocorre a assimilação de /-a/, segmento distinto do segmento da sílaba posterior.

(39) [neXla e-ta:kha] → neXleta:kha  
INT DEIT-ir  
'Você não foi?'

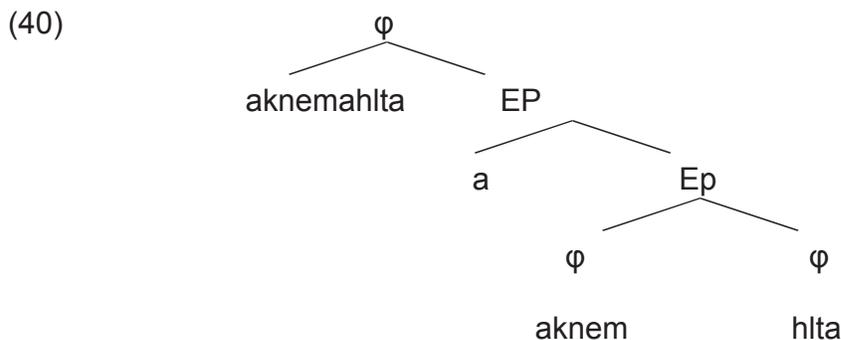
A manutenção do prefixo /e-/ após o processo morfofonológico em questão – e não de /a/, o que poderia gerar um processo de harmonização vocálica, por exemplo – é direcionada pela interface sintática da língua, uma vez que a indicação de pessoa do discurso via prefixo na raiz verbal é obrigatória em Sanapaná. Desta forma, sendo /e-/ o morfema que desempenha tal função na sentença (39), jamais poderia ser apagado, sob pena de tornar a sentença agramatical.

#### 2.1.2.4 Epêntese vocálica

Processos de epêntese também são produtivos com vogais em Sanapaná e envolvem apenas os fonemas vocálicos /a/ e /o/.

##### a) Epêntese vocálica de /a/

A segmentação de *aknemahlta* demonstra esta palavra como resultado de composição de *aknem* 'sol' + *hlta* 'TOP', o que poderia ter uma tradução literal do tipo o 'sol que passou'. Essa segmentação permite-nos observar, concomitante ao processo de composição, um processo de epêntese envolvendo a vogal /a/. Tais processos, constituem-se com uma estrutura como em (40) abaixo:



O processo em questão é favorecido, provavelmente, por restrições fonológicas ao encontro consonantal entre os fonemas /m/ e /hl/, \*/mhl/. Outra hipótese acerca dessa epêntese refere-se ao tipo de vogal escolhido no conjunto de três fonemas vocálicos. O fonema /a/, nesse caso, pode ilustrar um processo de harmonização vocálica desencadeado a partir da vogal presente em /-hlta/.

##### b) Epêntese vocálica de /o/

A epêntese do fonema vocálico /o/ ocorre na raiz de nominais. Como ilustram os exemplos em (41), a mudança do possuidor [+1] (41a) incide, além da mudança do prefixo, na epêntese da vogal /o/ na raiz nominal (41b). Esse processo envolvendo epêntese de vogais parece muito próprio de nomes de

partes do corpo (41), já que não se trata de uma restrição fonológica para encontros do tipo /pk/. Veja, por exemplo, (42).

(41) /e-kton/  
POS<sub>+1</sub>-braço  
'meu braço'

b. /ap-okton/  
POS<sub>-1</sub>-braços<sub>PL</sub>  
'braços dele'

(42) /nap-ke/  
matar-COMPL  
'matou'

b. /ap-kenao/  
CONC<sub>-1</sub>-macho  
'(ele) homem'

Nos casos em que se aplicam – nomes que indicam partes do corpo – a epêntese vocálica envolvendo o fonema /o/ desempenha a função gramatical de número. Trata-se, portanto, da epêntese do morfema {-o-}. É o que se observa em (41b) e nos exemplos (40) apresentados abaixo.

(43) /e-mek/  
POS<sub>+1</sub>-mão  
'minha mão'

/e-meok/

POS<sub>+1</sub>-mãos<sub>PL</sub>

'minhas mãos'

b. /a-mek/

POS<sub>-1/FEM</sub>-mão

'mão dela'

/a-meok/

POS<sub>-1/FEM</sub>-mãos<sub>PL</sub>

'mãos dela'

c) Epêntese vocálica de /ao/

À epêntese de /a/ e de /o/ acrescenta-se outra possibilidade, qual seja o acréscimo simultâneo de /a/ e de /o/. Essa operação presente no exemplo (44b) demonstra ainda a queda da vogal /e/ presente no exemplo (44a).

(44) /ak-tek/

CONC<sub>-1/FEM</sub>-olho

'olho dela'

b. /ak-taok/

CONC<sub>-1/FEM</sub>-olhos<sub>PL</sub>

'olhos dela'

Nos exemplos acima observa-se, novamente, a alteração vocálica como recurso responsável pela atribuição de número. Na seção (3.1.2.2) em que trato de número como elemento da morfologia nominal, retomarei a casos semelhantes aos apresentados em (41-44).

Aqui interessa observar que o fonema /a/ do conjunto das duas vogais pode ser o mesmo /a/ indicado em (2.1.2.4), o que permitiria uma segmentação do tipo a-o. Sendo assim, a função gramatical de número permaneceria sob responsabilidade de /o/, ao passo que /a/ refletiria apenas um processo de harmonização envolvendo o prefixo /ak-/. Não se pode pensar /a/ simplesmente como um caso de restrição silábica, uma vez que sílabas do tipo CVC são comuns em Sanapaná.

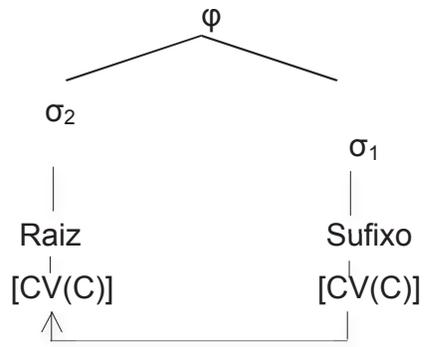
Dúvidas quanto ao emprego da epêntese também permanecem no exemplo (44a) onde se constata a queda de /e/ para dar lugar a /ao/ (44b). O que se pode compreender em relação à referida queda é a restrição a encontros de três vogais. Sendo assim, /a/ e /o/ são os responsáveis por desencadear processos de epêntese vocálica; sendo /o/ próprio de nomes de partes do corpo. O fonema /e/, por sua vez, não é produtivo para tal.

#### 2.1.2.5 Harmonização vocálica

Os casos aqui apresentados apontam para a possibilidade da existência de processos de harmonização envolvendo os três fonemas vocálicos Sanapaná. Tais processos parecem restringir-se ao domínio de apenas uma sílaba à direita da sílaba que os desencadeiam. Sendo assim, tem-se um processo fonológico relacionado à sílaba e não necessariamente à raiz lexical envolvida. A raiz constitui-se – embora não exclusivamente, como se constata nos exemplos com /o/ – o alvo do processo.

Ao considerar a presença de afixos na posição final da palavra, presumo que o referido processo seja desencadeado nessas categorias funcionais, conforme a representação a seguir.

(45)



a) Processos envolvendo a vogal baixa /a/

(46) /ap-hlejan-ma/  
CONC.<sub>-1</sub>-dizer-NOMZ  
'meu dizer'

b. /ap-kapas-kama/  
CONC.<sub>-1</sub>-enviar-CAUS  
'Ele envia'

b) Processos envolvendo a vogal média /e/

(47) /as-jas-kes-ke-hlta/  
CONC.<sub>+1</sub>-OBJ?-lavar-COMPL-TOP  
'Eu que lavei'

b. /ap-tep-ke/  
CONC.<sub>-1</sub>-sair-COMPL  
'Ele saiu'

c) Processos envolvendo a vogal média /o/

(48) /e-ta-koho-ta/  
DEIT-voltar?-TAM  
'Ele tem que voltar'

- b. /o-hl-pa-womok/  
 DEIT?-SUJ<sub>PL</sub>-caçar-ASSOC  
 ‘Nós caçamos (com)’

A comparação dos exemplos envolvendo os três tipos vocálicos possibilita as seguintes informações relacionadas ao processo de harmonização vocálica em Sanapaná:

- *codas* possuem *status* periférico na sílaba, fato que as torna irrelevantes (opacas) para a V da  $\sigma_1$  que desencadeia a harmonização.

Exemplos (47a-b)

ALVO	FONTE
RAIZ	SUFXO
{kes}	/-ke/
{tep}	/-ke/

- pode ser desencadeada em  $\sigma$  diferente da última sílaba, como em (47a) e (48a).

ALVO	FONTE
RAIZ	SUFXO
{kes}	/-ke-hlta/
{ta}	/-koho-ta/

- quando o sufixo é bissilábico, a harmonização fica restrita a ele. Exemplos (46b), (48b).

ALVO	FONTE
RAIZ	SUFIXO
{kapa}	/-kama/
{pa}	/-womok/

- quando co-ocorrem dois sufixos em um mesmo sintagma, preferência para harmonização recai sobre o sufixo mais próximo da raiz, como no exemplo (47a).

ALVO	FONTE
RAIZ	SUFIXO
{kes}	/-ke-hlta/

## 2.2 A sílaba Sanapaná

É indiscutível o papel da sílaba ( $\sigma$ ) para os estudos em Fonologia. Segundo Blevins (2007, p. 1), todas as abordagens fonológicas reconhecem a sílaba como uma unidade fundamental para a análise fonológica<sup>34</sup>. Para Goldsmith (2009), a sílaba tradicionalmente foi concebida como um construto de uma vogal usualmente precedida por uma ou mais consoantes e algumas vezes seguida por uma ou mais consoantes<sup>35</sup>. Tomando-se essa estrutura, Goldsmith, op. cit., concebe a sílaba como um constituinte. Tal concepção permite-me ilustrar a seguir os dois tipos de constituintes silábicos encontrados em Sanapaná, sendo (i) sílabas abertas, em que a posição de *coda* não é ocupada por C e (ii) sílabas fechadas, caracterizadas pelo fato de terem C em posição de *coda*.

<sup>34</sup> All major approaches to phonology, from the early Prague School through the London prosodicists and the American structuralists to modern generative approaches including autosegmental and metrical phonology, have recognized the syllable as a fundamental unit in phonological analysis.

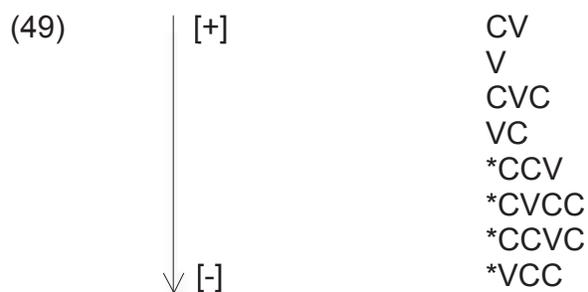
<sup>35</sup> Tradition has it that a syllable consists of a vowel, usually preceded by one or more consonants, and sometimes followed by one or more consonants (GOLDSMITH, 2009, p. 2).

Em cada um dos dois tipos são identificadas duas possibilidades silábicas, conforme ilustro no quadro a seguir.

SÍLABAS ABERTAS		SÍLABAS FECHADAS	
V		VC	
a.he	'cipó'	ak.nem	'sol'
e.mek	'minha mão'	ap.ta.wa	'minha roupa'
a.le.pan.ke	'novo'	an.ke.lo.a.na	'mulher'
CV		CVC	
ke.te.ma	'cactus'	met.ko	'NEG'
ko.ʔo	'PRON <sub>+1</sub> '	ja.wa.kahl.ma	'cidade'
ne.hla	'INT'	mo.paj.ʔa	'branco'

Quadro 09: Tipos silábicos Sanapaná

Uma observação atenta ao quadro acima direciona minha análise para uma estrutura silábica Sanapaná que privilegia o tipo CV, conforme argumento ao longo desta seção. Assim, a sequência abaixo exprime as possibilidades de padrões silábicos Sanapaná a partir de valores gradientes nos quais [+] revela os mais recorrentes e [-] revela padrões menos recorrentes. Aqueles não atestados, tem sua agramaticalidade marcados por [\*].



Os diferentes processos envolvidos na constituição da sílaba implicam em cinco restrições fonológicas, tratadas em detalhes a seguir.

### **Restrição Fonológica I**

*Sílabas VC* – restritas a casos em que a sílaba corresponde morfológicamente a um prefixo com função gramatical.

### **Restrição Fonológica II**

*Sílabas CVC* – restritas a casos em que a posição de *coda* é preenchida por ocluvivas, nasais, aproximantes.

Na estrutura silábica CVC do quadro anterior, é possível identificar três tipos de *coda*, sendo o primeiro constituído por C' [met'.ko], o segundo pelo traço de fricção [C<sub>+FRIC/LAT</sub>] [ja.wa.kahl.ma] e o terceiro pela aproximante [mo.paj.'a].

Do ponto de vista acústico, conforme mostrei com os espectrogramas em (2.1.1.1), tais segmentos são produzidos com maior amplitude da turbulência, se comparados aos demais segmentos. Por isso, considero que a posição de *onset* em SANAPANÁ é periférica na estrutura silábica. Nesse sentido, o que é apresentado como CVC é, na verdade, a relação nuclear de apenas uma V com uma C (*onset*). Tal argumento me permite considerar nesta língua o padrão silábico do tipo CV.

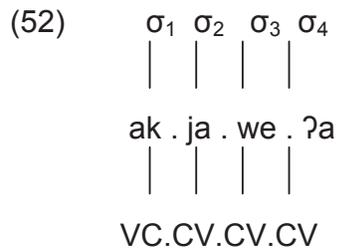
A relação periférica da *coda* considerada para o Sanapaná encontra subsídio no Princípio de Sequência Sonora (*Sonority Sequencing Principle*) proposto por Morelli (2003, p. 359), para quem em uma sílaba a sonoridade aumenta na direção do pico e diminui na direção das margens. Como consequência, tem-se que sonoridade aumenta durante a primeira parte da sílaba e diminui durante a segunda parte. No caso Sanapaná, *onset* + *núcleo* constituem-se a primeira parte e C' (*coda*) a segunda parte.

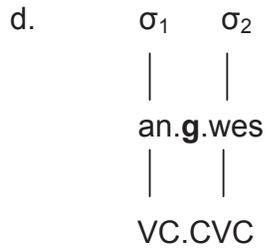
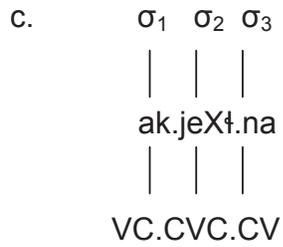
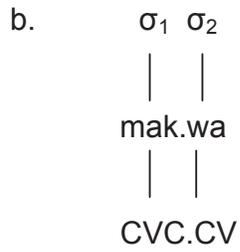
Exemplos encontrados na língua como os apresentados a seguir poderiam ser interpretados como do tipo CCV (50a-b) e CCVC (51a-b), já que envolvem uma C e uma aproximante. Nesse caso, seria possível pensar em padrões silábicos distintos daqueles identificados no Quadro (09).

- (50) [a.kja.we.ʔa] 'muito'  
CCV
- b. [ma.kwa] 'amendoim'  
CCV
- (51) [a.kjeXɬ.na] 'fruta'  
CCVC
- b. [an.gwes] 'cigarra'  
CCVC

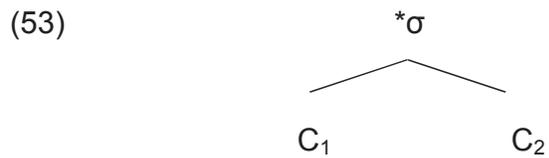
Uma análise mais precisa dos mesmos exemplos, contudo, demonstra improcedentes os tipos silábicos pressupostos linearmente. As restrições fonológicas I e II mencionadas anteriormente se aplicam aqui. Sendo assim, pode-se depreender de (50a) uma sílaba do tipo VC 'ak' (52a), conseqüentemente seguida por uma sílaba CV (Restrição Fonológica I).

De (50b) segmenta-se uma sílaba do tipo CVC' 'mak' (52b). No caso de (51a), tem-se novamente a aplicação da Restrição Fonológica II. Finalmente, em (51b) o que parece CC é resultado de uma operação fonológica de epêntese da consoante velar. Vejamos como se mostram esses processos.





A mesma restrição atestada em (52d) aplica-se à epêntese de /t/ quando envolvido com o sufixo /-kok/. Compreende-se, desta forma, que sílaba com sequência CC não constitui um padrão silábico em Sanapaná.

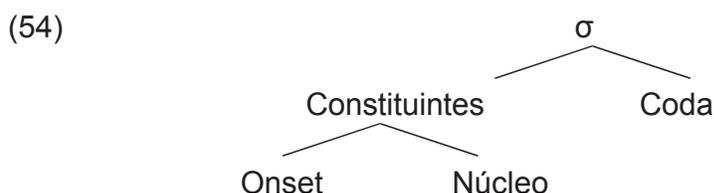


Sendo assim, chego a uma terceira restrição fonológica:

### Restrição Fonológica III

*Sílabas CC* – não ocorrem. Tamanho máximo da sílaba corresponde à presença de V acompanhada de C em posição anterior e/ou posterior.

Essa restrição fonológica permite-me pensar a estrutura silábica da língua Sanapaná como semelhante àquela apresentada por Kubozono (1989, *apud* GOLDSMITH, 1999, p. 7) para o Japonês, conforme abaixo:



O interessante dessa representação para o Sanapaná é o fato de que demonstra a *coda* em posição mais periférica se comparada à posição ocupada pelo núcleo e pelo *onset* silábico. Quando realizada na sílaba, a *coda* indica, portanto, a estrutura CVC, um padrão virtual da língua exatamente pelas restrições a que está submetida. A possibilidade de não realização de *onset* e de *coda* nos casos de sílaba do tipo V indica que somente o núcleo silábico é obrigatoriamente preenchido fonologicamente.

Da estreita relação entre os constituintes revela-se a sílaba padrão CV. Desta forma tem-se que em Sanapaná

(55)	V	=	$\sigma_{\text{MÍNIMA}}$
	CV	=	$\sigma_{\text{PADRÃO}}$
	CVC	=	$\sigma_{\text{MÁXIMA}}$

Refutar sílabas com encontros consonantais do tipo CC me faz retomar o exemplo (49d). Neste, constata-se uma epêntese consonantal na  $\sigma_2$ . Naqueles exemplos, mostrei que a presença de [g] na palavra Sanapaná resulta de um

processo de lenição do fonema /k/ causado por contextos em que a sílaba que o precede apresenta traços fonológicos [+NAS]. Essa análise permite-me considerar, portanto, que a presença do referido segmento na sílaba é reflexo de um processo de rearranjo silábico que nada tem a ver com a estrutura do tipo silábico e sim com os processos morfofonológicos da língua. Sendo assim, destaco dois processos envolvidos no caso em questão: (1) processo puramente morfológico que entende a presença das sílabas VC ‘an’ e CVC ‘wes’ e (2) um processo fonético que, favorecido pela presença de traço [+NAS], permite à  $\sigma_2$  criar a C epentética [g] para  $\sigma_1$ . Nesse caso, cria-se a sílaba fonética {ang}, que não corresponde aos padrões silábicos da fonologia Sanapaná. Esse tipo de rearranjo é diferente daquele envolvendo a epêntese da oclusiva alveolar apresentado em (2.1.1.2), já que nesse caso parece haver uma concorrência para gerar uma harmonização com duas  $\sigma$ MÁXIMA. Com essa análise, considero que processos fonéticos ocorrem posteriormente aos processos fonológicos.

A proibição de sílabas com *onset* ou *coda* do tipo CC permite-me tratar, também, de sílabas com núcleo VV. Assim como apresentado na Restrição I para sílabas CV – restritas a morfemas gramaticais – há exceções que favorecem sílabas com núcleo VV, sendo estas relacionadas aos contextos envolvendo plural de nomes de partes do corpo, conforme apresentado abaixo.

(56) /e-meok/

POS<sub>+1</sub>-mãos<sub>PL</sub>

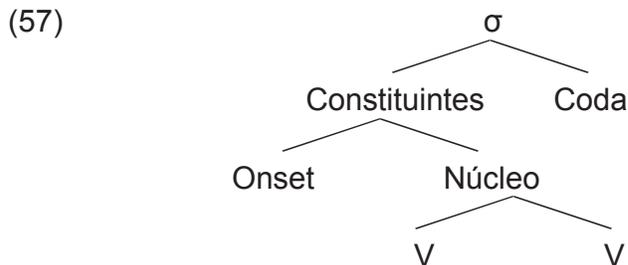
‘minhas mãos’

b. /ak-taok/

CONC<sub>-1/FEM</sub>-olho<sub>PL</sub>

‘olhos dela’

As sequências vocálicas /eo/ e /ao/ resultam, portanto, em ditongos, geram, conseqüentemente, a necessidade de cindir o núcleo silábico presente na estrutura (54) em dois nos conforme (57) e constituem a restrição a seguir.



### Restrição Fonológica IV

*Sílabas com núcleo VV* – ocorrem condicionadas ao contexto de indicação de plural em nomes de partes do corpo.

Essa restrição refere-se, portanto, ao núcleo silábico e não ao tipo silábico. Voltando-se, novamente, aos exemplos em (56), observa-se que as posições de *onset* e *coda* permanecem inalteradas, a saber uma consoante em cada uma das mesmas posições.

#### 2.2.1 Distribuição das sílabas na palavra

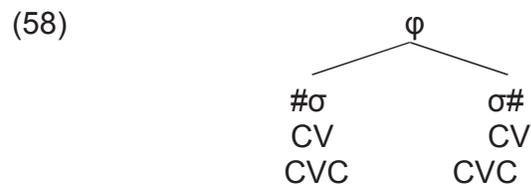
Tendo indicado os três tipos silábicos, apresento agora a distribuição dos mesmos na palavra a partir da sílaba máxima até a sílaba mínima.

CVC	=	$\sigma_{\text{MÁXIMA}}$	
		sep	‘morrer <sub>RAIZ</sub> ’
		hle.jap	‘PRON <sub>-1</sub> /MASC’
		ak.nem’	‘sol’

CV =  $\sigma_{\text{PADRÃO}}$   
 hle.ja 'PRON'  
 ta.pe.ʔe 'galinha'  
 ha.we 'NEG<sub>EXIST</sub>'

V =  $\sigma_{\text{MÍNIMA}}$   
 a.hle.mok 'flor'  
 a.te.he 'calor'  
 e.he 'AFIR'

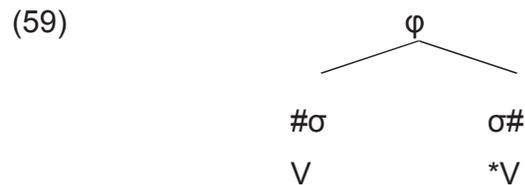
Nestes exemplos, se pode notar que  $\sigma_{\text{MÁXIMA}}$  e  $\sigma_{\text{PADRÃO}}$  podem ocorrer seja em posição inicial seja em posição final de palavra, conforme ilustrado abaixo.



Quando se trata de  $\sigma_{\text{MÍNIMA}}$ , parece haver uma restrição fonológica que impede a ocorrência de V em posição final de palavra. Sendo assim, apresento uma outra restrição fonológica relacionada à sílaba Sanapaná.

### Restrição Fonológica V

*Sílabas mínimas* – não ocorrem em posição final de palavra



Essa restrição se mostra produtiva quando se observam exemplos como em (60) que envolvem a presença da oclusiva glotal na última sílaba.

(60)	[ma.ʔa]	‘PROSP’
	[ha.ʔe]	‘PRON’
	[mo.ʔo]	‘PROSP’
	[ko.ʔo]	‘PRON <sub>+1</sub> ’
	[to.pa.ʔo]	‘igreja’
	[henˀ.ka.ʔe]	‘PRON’
	[la.ʔa]	‘DAT’
	[pa.ʔa]	‘mosquito’
	[a.ɲa.lo.ʔa]	‘tatu’
b.	[ka.ʔakˀ]	‘erva mate’
	[na.ʔakˀ]	‘POSP’
	[ja.ta.ʔaj]	‘cabra’
	[po.ʔokˀ]	‘PRON’

O emprego de /ʔ/ constitui-se uma operação fonológica desencadeada a fim de evitar sílabas finais da palavra do tipo V (60a) ou VC (60b). Especialmente relacionada à proibição de sílabas VC – possíveis de ocorrer nos exemplos em (60b) caso não houvesse o emprego de /ʔ/ – considero a Restrição Fonológica I como responsável. Sendo assim, a consoante /ʔ/ não tem função apenas fonológica, mas também, funcional no sentido de que se refere a informações gramaticais da língua. Para os exemplos em (60a) mantém-se, desta forma, o padrão silábico CV e, para os exemplos em (60b), o padrão silábico CVC.

Importa ressaltar, ainda, que a presença da oclusiva glotal em  $\sigma\#$  aponta para a tendência do padrão acentual da língua Sanapaná em ocorrer preferencialmente na última sílaba da palavra. Sendo assim, todos os exemplos em (60) acima podem ser considerados oxítonos. O processo de enfraquecimento

do traço [+EXP] presente nas palavras com final /k/ demonstra que o acento é definido localmente e não através do tipo silábico.

### 2.2.2 Queda de sílabas (Metaplasmo)

A queda de sílabas (metaplasmo) é um processo fonológico possível em Sanapaná e pode envolver seja a posição inicial, seja a posição final do item lexical. É o que se verifica nos exemplos que seguem.

(61) **hengaʔe** ap-ketko naʔak  
DEM CONC<sub>-1</sub>-rapaz POSP  
'Este rapaz aqui'

b. ap-nonan-**gaʔe**  
ap-nonan hengaʔe  
CONC<sub>-1</sub>-sentado-DEM  
'Este sentado aqui'

(62) manaʔak  
maʔa naʔak  
FUT POSP  
'ir (lá)'

b. aʔepanak  
aʔepa naʔak  
chácara POSP  
'na chácara'

No exemplo (61a) observa-se o pronome demonstrativo proximal *hengaʔe* que, no exemplo seguinte (61b), em posição final do sintagma, perde a sílaba inicial /hen/ sem, contudo, perder sua informação lexical. A comparação entre os

exemplos em (62) demonstra dois metaplasmos distintos. Em (62a) envolve a sílaba final de *ma.ʔa*, já em (62b) envolve a sílaba /ʔa/ interna à posposição<sup>36</sup>.

Considerar a segunda sílaba do item lexical *na.ʔak* (62a) do tipo CVC implica na queda de fones das duas sílabas. O contraste do referido exemplo com (62b) demonstra a recorrência do metaplasmo nos fones /ʔa/ que, normalmente carregam sobre si o acento silábico. Como se trata de um contexto segmental idêntico, tem-se, então, um processo fonológico característico de haplogogia.

Cabe, finalmente, apontar um exemplo em que o metaplasmo envolve o prefixo de pessoa /ap-/ presente no pronome /*angok*/ (63). Subjacentemente, tem-se o nome '*peskeska*' 'sombra' e o pronome possessivo de não primeira pessoa singular /*ap-angok*/. Como se observa no sintagma abaixo, a co-articulação dos dois itens lexicais resulta no metaplasmo da vogal final do nome e do índice de pessoa do pronome. Cai, portanto, a última vogal da raiz nominal e o prefixo do pronome.

- (63) *peskesk-angok*  
*peskeska-apangok*  
 sombra-PRON<sub>POS-1/SG</sub>  
 'sombra da árvore'

<sup>36</sup> Payne; Payne; Gildea (apud Gildea 1995), ao tratar de redução de sílabas em línguas Karib, mostram um processo de redução de sílabas em Panare semelhante ao que apresentado neste exemplo, no sentido de que envolve segmentos internos à palavra. No caso Panare, o processo reflete a redução de formas longas verbais motivada prosodicamente. No caso Sanapaná, tem-se a mesma motivação, já que a queda de /ʔa/ implica um processo de rearranjo silábico.

(2a) From Payne, Payne, and Gildea (in preparation)

<i>aʔmuku</i>	~	<i>aʔmuh</i>	'gather'
<i>aanipi</i>	~	<i>aaniʔ</i>	'fill'
<i>akaapi</i>	~	<i>aakaʔ</i>	'curse, gossip about'
<i>aki</i>	~	<i>ah</i>	'misfire, make a mistake'
<i>anopi</i>	~	<i>anoʔ</i>	'bend'
<i>apanawaki</i>	~	<i>apanawah</i>	'move back and forth'
<i>apisi</i>	~	<i>apih</i>	'grab, get'
<i>asamaanipi</i>	~	<i>asamaaniʔ</i>	'play'

Ao considerar que a queda da vogal /a/ da raiz resulta tão somente de processos de elisão vocálica, e que os demais exemplos de metaplasmo mostrados nessa seção envolvem basicamente classes fechadas de palavras, penso na possibilidade de uma restrição fonológica atrelada a este tipo gramatical. Seguramente precisarei ampliar meu corpus para uma discussão mais ampla. Nesse sentido, assumo apenas que metaplasmos são recorrentes em classes fechadas de palavras.

### 2.2.3 Iconicidade da sílaba

A sílaba Sanapaná, sobretudo as do tipo CV e CVC, como assumi em Gomes (2012), tem uma relação muito forte com a classe dos verbos no sentido de que a maioria destes é formada por apenas uma sílaba.

#### (64) Sílaba CV

/ja/	‘cortar’
/ka/	‘dar’
/le/	‘descascar’
/wa/	‘chegar’

#### (65) Sílaba CVC

/jes/	‘gostar’
/ken/	‘apertar’
/ten/	‘trazer, buscar’
/kehl/	‘caçar’

Para o tipo CVC importa ressaltar a ocorrência de rearranjo silábico no momento da relação desta com sufixos. É o que ocorre, por exemplo, com as raízes {*tep*} ‘bater’ e {*nan*} ‘fazer’ que, ao receberem sufixos, sofrem a epêntese de uma vogal temática, que as transforma em bissilábicas do tipo CV.CV.

Especialmente na segunda raiz de (66b), constata-se, por oposição a (66c), um processo de harmonização vocálica.

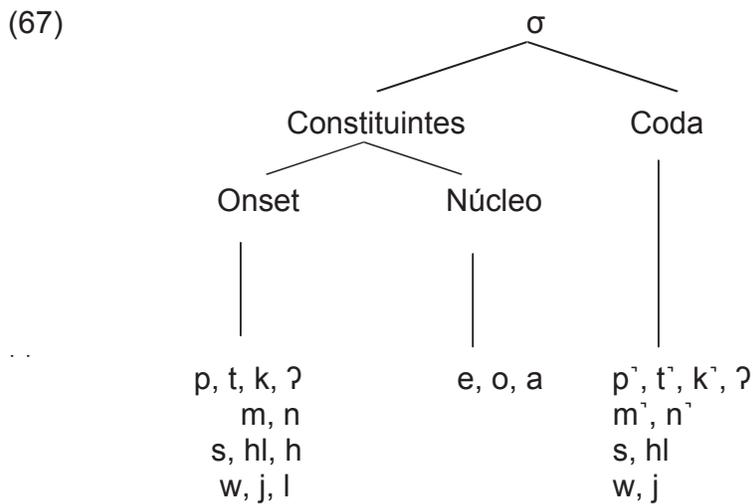
(66) {*tep*} 'bater'  
 [te.po.wa.ma] 'a batida dele'

b. {*nan*} 'fazer'  
 [na.ne.ʔae] 'feito'

(c) [na.naj.ʔa] 'feito'

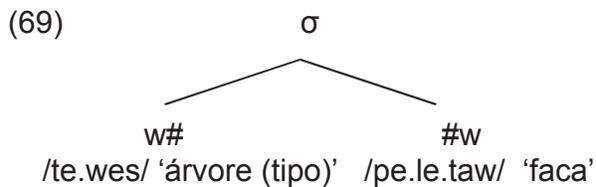
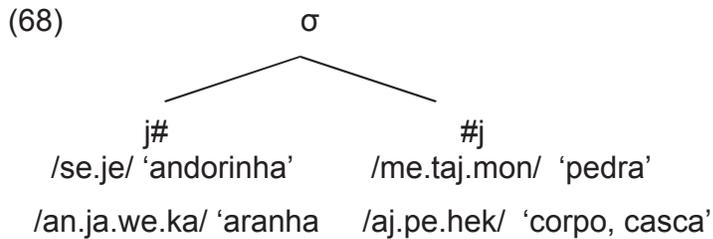
#### 2.2.4 Distribuição dos segmentos consonantais e vocálicos na estrutura silábica

A partir das informações apresentadas nas seções anteriores, é possível sistematizar a distribuição dos segmentos consonantais e vocálicos na silábica da língua Sanapaná da seguinte forma:



Além do que já fora dito em (2.1.1.1) acerca do *status* de alofone das consoantes [p̣], [ṭ], [ḳ], [ṃ], [ṇ], é necessário destacar a não restrição das aproximantes /w/, /j/ a um ambiente silábico específico. Isso implica dizer que

estas são empregadas seja em posição de *onset* (68), seja em posição de *coda* (69).



O mesmo não ocorre com fricativa glotal /h/ e a lateral alveolar /l/, ambas restritas à posição de *onset*. A restrição para esse conjunto de fonemas permite a seguinte representação em que # indica a posição possível de ocorrência dos referidos fonemas, ao passo que \* indica proibição.

[w, j]	→	# $\sigma$	/	$\sigma$ #
		/weh.l.wet/		/pe.le.taw/
		/hle.ja/		/aj.ka/
				'banhar'      'faca'
				'PRON <sub>-1/FEM</sub> '      'filho'

[h, l]	→	# $\sigma$	/	* $\sigma$ #
		/han.gok/		_____
		/kan.han/		_____

É importante salientar que embora possível  $\sigma \#$  envolvendo aproximantes, como vimos nos exemplos acima, há poucos casos atestados na língua contendo esse tipo de *coda*. No geral, *codas* são ocupadas por alofones segmentais não explodidos. Tais restrições são reflexo de uma tendência de línguas naturais que considera as relações fonológicas locais propensas a restrições. Nesse sentido, Goldsmith (2009) indica a maior possibilidade de que numa relação silábica ocorram restrições envolvendo o núcleo e a *coda* do que restrições envolvendo a V e C<sub>final onset</sub><sup>37</sup>.

Outra ocorrência possível, mas pouco produtiva, é o encontro em fronteira silábica da nasal bilabial /m/ com a oclusiva glotal /ʔ/, como em *nam ʔe*. A pouca ocorrência desse tipo de encontro consonantal certamente se deve à ordem C' - C menos produtiva que a ordem C - C'.

### 2.3 Interface Fonologia/Sintaxe

Destaco nesta seção dois processos de interação entre Fonologia e Sintaxe. O primeiro refere-se à concordância entre sintagmas que pode resultar na alteração da forma fonológica do morfema, como em (70-71) abaixo.

(70)	enenko'o <sup>38</sup>	ap-ke-hl-to-ma		ak-jaokoho
	PRON <sub>+1/PL</sub>	CONC <sub>-1</sub> -MASC-OBJ <sub>PL</sub> -comer-NOMZ		CONC <sub>-1</sub> -todo
	kelasma	naʔak	<b>ak-hane-ma-Xika</b>	
	peixe	POSP	CONC <sub>-1</sub> -cozinhar-NOMZ-TOP	
	'Nós comemos todo aquele peixe cozido'			

<sup>37</sup> Tradução livre para "... if there is a rhyme constituent, as in [<sub>Syllable</sub> Onset [<sub>Rhyme</sub> N ucleus C oda]], then we should find stronger cooccurrence restrictions between the nucleus and the following coda segment than between the vowel and the (final) consonant of the onset (since the latter pair of segments are in a larger constituent, the syllable, but the former are in a smaller constituent, the rhyme)". (Goldsmith, 2009, p. 8).

<sup>38</sup> Nos capítulos seguintes, onde trato de aspectos morfossintáticos, a consoante oclusiva /ʔ/ é representada com o diacrítico /ʔ/. Assim, numa tentativa de aproximar-se de um sistema alfabético para a língua Sanapaná, a sílaba [ʔo] é substituída por <ʔo>. A mesma tentativa perpassa os exemplos não identificados como ilustrativos de questões fonético/fonológicas. Sendo assim, todos os casos apresentados sem as notações [ ], // são tomadas como representativas da ortografia Sanapaná.

b. aknajoma jankao na'ak  
festa POS POSP

enenko'o awanhe-**Xlta** entoma  
PRON<sub>+1/PL</sub> INTENS-COMPL comida  
'Na nossa festa tem muita comida'

(71) as-paket-ke  
CONC<sub>+1</sub>-falar-COMPL  
'Eu falei'

b. as-pamet-kes-**kama**  
CONC<sub>+1</sub>-falar-COMPL-CAUS  
'Eu falei'

Em (70a) o sufixo /-hlka/ estabelece relação de concordância com o prefixo /ak-/. Em (70b) o mesmo sufixo, por estabelecer relação com o sintagma nominal *entoma*, assume a forma /-hlta/. Nos exemplos (71), a raiz referente ao verbo 'falar' assume as formas {*paket*} e {*pamet*} por estabelecerem relação respectivamente com os sufixos /-ke/ e /-kama/.

Uma questão sintática bastante interessante que surge nesse contexto refere-se a qual elemento da sentença interfere no outro; qual desencadeia a concordância. Aqui assumirei que o elemento que se relaciona com a raiz, ou seja, o morfema gramatical é aquele que desencadeia a referida concordância. Sendo assim, o prefixo /ak-/ de (70a) é influenciado fonologicamente pelo sufixo completivo /-hlka/. Em (70b), por outro lado, como se trata de um sintagma nominal, é o nome *entoma* que desencadeia a concordância no modificador *awanhe-hlta*. O mesmo processo de (70a) se aplica aos exemplos em (71), de modo a permitir as raízes {*paket*} e {*pamet*}.

O segundo processo atribuído à interface Fonologia / Sintaxe refere-se à perda de sílaba da raiz verbal para dar lugar a afixos. Em outras palavras, para operar na sintaxe, a raiz verbal sofre metaplasmo, já identificado em outras categorias gramaticais da língua Sanapaná (cf. 2.2.2). É esse processo que deriva os exemplos abaixo:

- (72) [kaʔmas-kama]                    ‘cantar’  
b.    [apkaʔmas-kama]                ‘X canta’  
c.    [apkelamas-kama]                ‘X e Y cantam’

Para esses exemplos estou segmentando apenas sufixo causativo. Uma segmentação detalhada para os mesmos pode ser melhor compreendida nos capítulos seguintes relacionados à morfossintaxe Sanapaná presente no sintagma nominal (Capítulos III e VI), no sintagma verbal (Capítulo V), bem como nos processos responsáveis pela sentença negativa e imperativa (Capítulo VI). O que interessa observar aqui é o metaplasmo que ocorre na sílaba inicial *kaʔmas-kama* quando contrastada com *apkelamas-kama*. Neste caso, a informação lexical do verbo resulta apenas na sílaba *mas*, uma vez que *apkele* carrega em si informações funcionais da língua /ap-/ ‘traços *phi*’, /ke-/ ‘MASC’, /la-/ ‘PL’. Essa análise nos direciona novamente para a concepção de raiz verbal expressa por uma única  $\sigma$ .

## CAPÍTULO III

### O SINTAGMA NOMINAL

#### Classes Abertas

O escopo deste capítulo são as classes abertas Sanapaná, a saber: nomes e adjetivos. Tais classes distinguem-se das classes fechadas – tema do capítulo seguinte – e tem como característica primeira o fato de serem ilimitadas sob a perspectiva do léxico. Além desta, segundo Robins (1964, p. 239, *apud* SCHACHTER; SHOPEN, 2007, p. 3), as classes abertas “variam no tempo e entre um falante e outro”<sup>39</sup>. Para Schachter e Shopen, *op. cit.*, as classes de palavras que podem ocorrer como abertas são os Nomes, os Verbos, os Adjetivos e os Advérbios. Para os autores, a delimitação destas não é possível tomando-se como referência apenas aspectos semânticos inerentes a cada uma. É necessário considerar os distintos aspectos gramaticais para tal. Sendo assim, o Nome é definido sintaticamente como aquele cuja “função mais comum é a de argumento ou núcleo de argumento” (cf. SCHACHTER; SHOPEN, 2007, p. 7); concepção partilhada por Dixon (2009, p. 3). Além de desempenhar essa função, os Nomes, segundo Schachter e Shopen, comumente podem ser especificados para caso, número, categoria ou gênero, definitude<sup>40</sup>.

A classe dos Nomes (N) é a primeira a ser discutida neste capítulo (3.1). A segunda classe é a de Adjetivos (ADJ) (3.2), caracterizada como aquela cuja função principal é denotar qualidades ou atributos. Conseqüentemente, ADJ atua como modificador ou predicador do N. Como tal, em línguas como Ilokano e Inglês

---

<sup>39</sup> Tradução livre para “...we can describe open categorias as those ‘whose membership is in principle unlimited, varying from time to time and between one speaker and another’”

<sup>40</sup> Definitude é adotada por Payne (2011, p. 93), juntamente com Agente e Tópico, como papel funcional inerente ao N e relacionado, portanto, a informações semânticas da língua em que ocorre.

podem desempenhar a função sintática de predicado (com ou sem o auxílio de uma cópula), conforme Schachter e Shopen (2007, p. 13).

As características morfossintáticas da classe ADJ são, por exemplo, a indicação de grau (positivo, comparativo, superlativo). Esta é, portanto, uma das características que distingue morfossintaticamente, sob uma perspectiva tipológica, a classe ADJ da classe N em diversas línguas naturais. Essa característica parece se aplicar, também, à língua Sanapaná. No que se refere ao *status* de classe aberta assumido para os ADJ Sanapaná, deve-se compreender que esta não é uma característica universal referente aos adjetivos. De acordo com Dixon (2009, p. 9-10), “muitas línguas tem uma classe aberta de adjetivos... mas outras tem uma classe fechada”<sup>41</sup>.

As línguas cuja classe ADJ é considerada pequena possuem três ou quatro membros, ao passo que as línguas cujas classes ADJ podem ser consideradas abertas possuem um número maior de membros. Para o caso Sanapaná, considero a produtividade do prefixo /ak-/ como critério para considerar ADJ uma classe aberta, cujos membros podem ser derivados de distintas raízes, conforme se observará nos exemplos apresentados. Sendo assim, N e ADJ constituem-se o objeto deste capítulo. Para defini-los como membro do sintagma nominal, adoto critérios morfológicos e sintáticos. Desta forma, trato dos aspectos relacionados à morfologia nominal (3.1.1) e ao comportamento do N no sintagma (3.1.4) como tema referente ao N.

Estes dois temas têm outros desdobramentos que culminam no tratamento do N em contexto de SN complexo (3.1.5). Os ADJ, por estabelecerem uma estreita relação com a semântica são tratados, além da morfossintática, também, sob essa perspectiva.

Em nenhum momento desta Tese, cumpre salientar, será utilizado apenas o critério semântico para fazer referência a alguma classe gramatical da língua Sanapaná. Assim, tanto N quanto ADJ não serão tratados apenas como as classes

---

<sup>41</sup> Tradução livre para “Many languages have an open class of adjectives ... but others have a small, closed class”.

que referem nomes de pessoas, lugares ou coisas (N) e uma propriedade ou um atributo (ADJ). Essa concepção tem sido considerada bastante inadequada para os propósitos da Linguística, uma vez que se observa tipologicamente uma inter-relação entre aspectos morfossintáticos e não puramente semânticos. Nesse sentido, destaco, dentre vários outros trabalhos, os de Givón (2001) que, ao tratar das classes lexicais, considera as características morfossintático-semânticas inerentes a cada uma; de Dixon (2010b, p. 3), para quem classes de palavras podem ser identificadas a partir de semelhanças sintáticas e de semelhanças semânticas<sup>42</sup>; de Schachter e Shopen (2007) segundo os quais critérios gramaticais (morfossintáticos) são mais adequados para o tratamento das partes do discurso (classes de palavras) que critérios semânticos.

### **3.1 A classe dos nomes Sanapaná**

Apresento aqui as características da classe do nome com ênfase nos aspectos morfológicos. Assim sendo, considero os itens lexicais agrupados nesse conjunto como aqueles que partilham os prefixos de posse, por exemplo, e a ausência de categorias gramaticais de gênero, número, grau, normalmente associada a tal classe.

#### **3.1.1 Morfologia nominal**

Morfologicamente, a maioria dos nomes (N) em Sanapaná pode ser considerada simples, pois apresenta somente uma raiz. Essa grande maioria constitui um tipo de N – ao qual denomino N1 – e abarca o conjunto de nomes nus, isto é, nomes realizados fonologicamente sem nenhuma referência gramatical interna à (própria) raiz. Dois outros tipos de N são identificados, sendo um

---

<sup>42</sup> Word classes can be identified *between* languages (and assigned the same names) on two criteria – similarity of syntactic function and similarity of meaning. In terms of syntactic function, a noun may always function as head of a noun phrase that can be a predicate argument, and a verb can always be head of a predicate. In terms of semantic content, the noun class always includes words with concrete reference such as ‘dog’, ‘stone’, and ‘axe’, while the verb class always includes words referring to actions, such as ‘cut’, ‘talk’, and ‘give’. (DIXON, 2005, p. 3).

constituído por N obrigatoriamente marcado por prefixo de posse (N2) – nomes inalienáveis e outro (N3), onde constam os nomes que sofrem processo morfológico de composição e / ou derivação. Assim, o N Sanapaná pode ser representado, conforme seu tipo, da seguinte maneira:

N1	→	RAIZ		
N2	→	PREFIXO <sub>POS</sub>	+	RAIZ
N3	→	RAIZ (NOMZ)	+	RAIZ

A seguir apresento um conjunto de itens lexicais pertencentes a cada um dos tipos de N mencionados.

### **Nomes Tipo 1 (N1)**

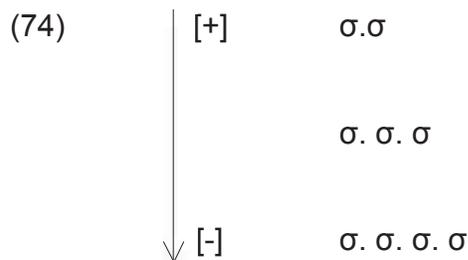
(73)	semhem	‘cachorro’
	pa’wa	‘roupa’
	wasom	‘rio’
	pa’at	‘capim, grama’
	pehlten	‘lua’
	askok	‘besouro’
	ja’pa	‘mosca’
	te’wes	‘árvore (tipo)’
	metajmom	‘pedra’
	poma’ap	‘porco do mato’
	peskeska	‘sombra’
	pele’taw	‘faca’
	apaloa	‘tatu’
	keloana	‘FEM’

Os nomes apresentados, como assumi, caracterizam-se por não possuírem morfologia aparente para além da raiz. Os mesmos possuem distintas quantidades de sílabas. No primeiro grupo de exemplos todos os nomes possuem duas sílabas. No segundo, três sílabas e, por último, quatro sílabas; caso de /a.ɲa.lo.a/. Na verdade, não disponho de nenhuma raiz prototipicamente nominal composta por apenas uma sílaba. Essa informação morfofonológica é importante porque, ao considerar que raízes verbais são monossilábicas preferencialmente do tipo CV, torna-se possível aqui delinear a seguinte distinção morfológica para nomes e verbos<sup>43</sup>.

Ns: possuem raízes compostas majoritariamente por mais de uma sílaba;

Vs: possuem raízes compostas majoritariamente por apenas uma sílaba.

A quantidade diferente de exemplos apresentada acima sugere que duas sílabas são a quantidade preferencial para N. A escala de quantidade / recorrência de sílabas é decrescente a partir de duas. A representação abaixo, portanto, retrata esse fato do N Sanapaná.



Importante notar nesse caso que a quantidade de sílabas de N pode justificar o comportamento morfológico dessa classe de palavras no que confere aos afixos. Conforme se pode observar nos demais tipos de N, a quantidade de

---

<sup>43</sup> Outras diferenças morfofonológicas entre N e V são apresentadas ao longo desta Tese, com destaque para as seções em que trato das categorias relacionadas ao N (3.1.2) e ao V (5.1.1).

afixos que ocorre com N é pequena se comparada à classe dos verbos, onde a quantidade de afixos é mais ampla e, conforme já mencionei, as raízes são do tipo monossilábico; característica típica de línguas polissintéticas.

A distribuição entre N e V – pautada na quantidade de sílaba – pode resultar, na verdade, de uma restrição fonológica, de modo a impedir, por exemplo, palavras fonológicas com mais de cinco sílabas. Nesse caso, o reduzido número de afixos que ocorre com N justifica-se pela existência de diversas sílabas no mesmo N. Acredito, desta forma, que os problemas mencionados por Unruh e Kalisch (1998) (cf. 1.1.5) acerca da dificuldade de separar palavras em Enlhet podem, no caso Sanapaná, ser pensados a partir dos quatro tipos de N discutidos.

Ainda nesse conjunto de nomes cabe ressaltar um pequeno conjunto de nomes caracterizados pela presença lexicalizada do morfema /-kok/. A função gramatical do referido morfema relacionada a DIM permanece. Entretanto, não mais é possível segmentá-lo da raiz N.

(75)	ansetkok	‘menino’
	atkok	‘filho’

Os nomes em questão distinguem-se de outros, tais como *ankeloanatkok*, *jametkok*, porque nestes casos o sufixo em questão é facilmente segmentável, ao passo que em (75) não se pode mais fazê-lo. A seguir, apresento os demais tipos de N.

### **Nomes Tipo 2 (N2)**

(76)	e-jempehek	‘meu corpo’
	e-wahlwok	‘minhas partes internas do corpo’
	e-mankaok	‘meus pés’

Da mesma maneira que no grupo N1, o grupo N2 é constituído por raízes com mais de uma sílaba. Os N2 pertencem, todavia, a um grupo semântico específico da língua Sanapaná, mais precisamente, àquele que refere partes do corpo. Esse grupo somente entra no léxico da língua quando recebe o prefixo que indica seu possuidor. Representa, assim, o conjunto de nomes inalienáveis Sanapaná. O prefixo em questão atua no sentido de que restrição fonológica relacionada à quantidade de sílabas seja respeitada.

Um segundo olhar ao paradigma (76) permite-me considerar, ainda, a presença de sufixos junto às raízes em questão, conforme a segmentação em (77), de onde depreende-se, para além do morfema /-o/ referente a número (77c), os morfemas /-hek/ (77a) e /-wok/ (77b)<sup>44</sup>.

- (77) e-jempe-hek
- b. e-wahl-wok
- c. e-mankaok

Operações morfofonológicas no sentido de ampliar o nome podem ser identificadas nas raízes em (78), nas quais embora subjacentemente possam ser consideradas monossilábicas, chegam no léxico bissilábicas, podendo, a partir do léxico, receber outros afixos, como ilustrado em (78d).

- |      |           |             |
|------|-----------|-------------|
| (78) | a-mek     | ‘mão dela’  |
| b.   | ap-mek    | ‘tua mão’   |
| c.   | am-nek    | ‘pé dela’   |
| d.   | ap-me-o-k | ‘mãos dela’ |

---

<sup>44</sup> Sobre os sufixos, consultar seção (5.1.1.2). O sufixo /-wok/ pode ter a mesma função morfológica do sufixo /-wo/ encontrado em sentenças em contexto comparativo (cf. 3.2.5).

### Nomes Tipo 3 (N3)

(79) metajmom-aneK

montanha-pó

‘cimento’

(Lit. pó da montanha)<sup>45</sup>

b. jeteo-henoje

parecido?-abelha

‘mel’

c. pat-aktek

corpo-semente

‘arroz’

(80) as-natet-ma-e-ha-taok

POS<sub>+1</sub>-uso?-NOMZ-POS<sub>+1</sub>-?-olho<sub>PL</sub>

‘meus óculos’

(Lit. meu uso nos meus olhos)

b. as-natet-ma-e-meok

POS<sub>+1</sub>-uso?-NOMZ-POS<sub>+1</sub>-mão<sub>PL</sub>

‘minhas luvas’

(Lit. meu uso nas minhas mãos)

---

<sup>45</sup> As glosas apresentadas nesta Tese seguem a seguinte padronização: apenas letras minúsculas para os exemplos que considero sintagma nominal e iniciais maiúsculas para os casos em que o exemplo é considerado uma sentença (pela presença de um predicado).

- c. as-tet-me-menek  
POS<sub>+1</sub>-uso?-NOMZ-POS<sub>+1</sub>-pé  
'meu sapato'  
(Lit. meu uso no pé)

Os N3 são caracterizados pela realização de processos morfológicos distintos da mera adição de afixos. A segmentação dos exemplos em (79a-c) demonstra a ocorrência de adição de uma segunda raiz. Tem-se nesse caso, portanto, a justaposição de uma raiz N a outra raiz N. Os processos ilustrados em (80a-b), por seu turno, são bem mais complexos, na medida em que envolvem um prefixo que indica o possuidor do N gerado, uma raiz cuja informação semântica, provavelmente, implica em compreensão genérica do tipo 'serve para' seguida por uma nominalização e, na sequência, um prefixo de posse com informação dêitica igualmente genérica com uma outra raiz (N).

A nominalização para os casos apresentados é utilizada como argumento para tratar o processo em questão como relacionado à geração de um sintagma com valor nominal. Diante disso, a representação (N3 → RAIZ + (NOMZ) + RAIZ) apresentada anteriormente, não ilustra com detalhes o N3, fato que me permite pensá-la de maneira mais precisa da seguinte forma:

N3 → POSSUIDOR + RAIZ + NOMZ + POSSUÍDO + RAIZ

Do ponto de vista da tradução para o PB, tratar *asnatetmaehataok* e *asnatetmaemeok* simplesmente como 'meus óculos' e como 'minha luva', respectivamente, parece não ser o mais adequado. Uma tentativa mais adequada nos remeteria a algo do tipo 'meu uso nas mãos' e 'meu uso nos olhos'. A tradução, portanto, não corresponde ao processo em si. Diferentemente de (79a), no qual a tradução parece bastante adequada, aqui o conjunto de informações parece não se perder totalmente de modo a dar lugar a um terceiro significado.

Com isso, delimito uma distribuição entre os dois processos de N3 baseada na concepção de composição para o caso em que há justaposição e de derivação para o caso em que há – além do acréscimo de informações lexicais – acréscimo de informações gramaticais.

### 3.1.2 Categorias relacionadas ao Nome

Apresento três categorias que se relacionam com o N Sanapaná: gênero, número e grau. Estas categorias não funcionam como classes inerentemente nominais no sentido de que (i) são indicadas via morfologia externa ao N e (ii) ocorrem, também, no verbo. Os processos envolvidos para a realização das referidas categorias, contudo, distinguem-se quando relacionados ao N ou ao verbo. Aqui detenho-me especificamente àqueles próprios do N.

#### 3.1.2.1 Gênero

A distinção de gênero em Sanapaná é feita basicamente pela adição dos nomes *apkenao* e *ankeloana* ao sintagma. Tais nomes indicam, respectivamente, um referente ‘macho’ e um referente ‘fêmea’. Constituem-se, portanto, *default* da língua Sanapaná para gênero expresso no SN.

(81)	<i>apkenao</i>	‘macho’
	<i>ankeloana</i>	‘fêmea’

Os dois N acima podem ser segmentados conforme (82). Com essa segmentação, compreende-se o valor de determinante (DET) de /ap-/ (82a) e de /an-/ (82b). Essa compreensão é corroborada com (82c) no qual o emprego de /an-/ *ansetkok* ‘criança’ não refere exclusivamente o gênero MASC, podendo ser utilizado, também para referir FEM.

(82)	<i>ap-kenao</i>	‘macho’
------	-----------------	---------

- b. an-keloana 'fêmea'  
 c. an-setkok 'criança'

Um olhar mais atento, sobretudo aos exemplos (82a-b) me faz observar, também, /ke/ comum a ambos, o que me conduz a uma segunda segmentação que resulta em três morfemas distintos, conforme (83):

- (83) ap-ke-nao 'macho'  
 an-ke-loana 'mulher'

O morfema /ke/ foi tratado por mim (GOMES, 2011) como relacionado a número. Hoje sei, contudo, que sua função está atrelada à indicação de 'MASC' no V (cf. 5.1.1.1). Considerar /ke/ como relacionado a gênero também no SN implicaria a necessidade de pensar sua presença em *an-ke-loana* como negação. Algo do tipo 'não é macho'<sup>46</sup>.

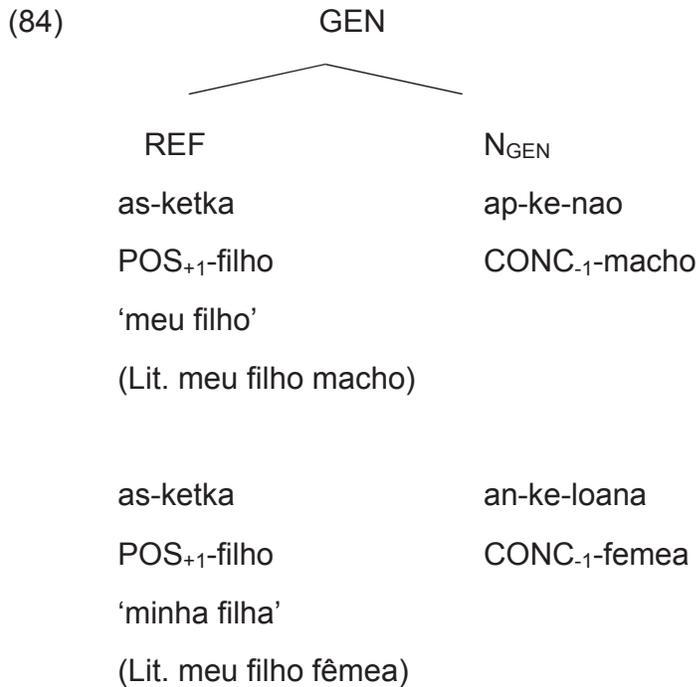
Sintaticamente, *ap-kenao* e *an-keloana* são realizados no contexto de um SN constituído por dois Ns independentes. Isso é comprovável pela presença de afixos próprios em cada um dos Ns, conforme ilustram os paradigmas abaixo:

---

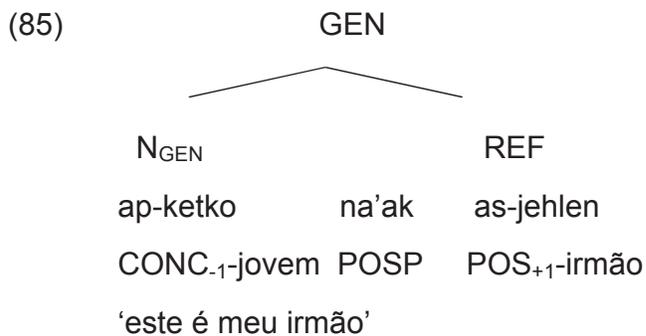
<sup>46</sup> O paradigma abaixo envolvendo a palavra *jahlen* demonstra a presença de /ke-/ em uma construção que parece SN. Com isso pode-se pensar sua não exclusividade ao SV. Após o prefixo, identifica-se, também, o morfema {-l-} relacionado a número. Seguramente a ocorrência destes dois morfemas configura ao sintagma em questão um valor predicativo do tipo '*ser meu irmão*'.

ap-jahlen  
 'irmão (mais novo)'  
 POS.<sub>1</sub>-irmão

ap-ke-l-jahlen  
 'irmãos (mais novo)'  
 POS.<sub>1</sub>-MASC-PL-irmão



A posição que o nome relacionado a gênero (N<sub>GEN</sub>) ocupará no SN em relação a seu referente (REF) parece estar relacionada a um fato tipológico muito comum entre línguas, qual seja, a posição inicial do sintagma para fins de tópico. Entretanto, a posição inicial do SN ocupada pelo N<sub>GEN</sub> não é obrigatória.



ankeloana	na'ak	as-jehlen
fêmea	POSP	POS <sub>+1</sub> -irmão

‘esta é minha irmã’

O emprego de *apkenao* e *ankeloana* nos exemplos acima com referentes [+HUM] não sugere seu emprego restrito a este traço semântico. Na verdade, ambas podem ser aplicadas a N cujo traço predominante é [-HUM], como em (86); o que pressupõe que o escopo das mesmas formas tem abrangência bastante ampla no léxico Sanapaná. Além disso, considerando-se o paradigma (87), em que não há necessidade de emprego de um item lexical para identificar o gênero do referente e conseqüentemente a interpretação deste como [+MACHO], pressuponho que esta seja a forma *default* para a classe N. Devo apenas assumir de antemão que na classe dos verbos, em que também se atestam mecanismos para marcação de gênero, ‘MASC’ é o gênero marcado (cf. 5.1.1.1). Constitui-se, assim, uma diferença morfológica entre as duas classes de palavras.

(86) natat apkenao  
‘pássaro macho’  
natat ankeloana  
‘pássaro fêmea’

(87) tenok          ak-mopea          a-sep-ma  
gato          CONC<sub>.1</sub>branco          CONC<sub>.1</sub>-morto-NOMZ  
‘o gato branco morto’

b. tenok          ankeloana          ak-mopea          a-sep-ma  
gato          fêmea          CONC<sub>.1</sub>-branco          CONC<sub>.1</sub>-morto-NOMZ  
‘a gata branca morta’

Sob um ponto de vista tipológico, não há nada de surpreendente em afirmar que o traço semântico [+MACHO] seja a forma *default* no SN Sanapaná. Inúmeras línguas naturais decodificam esse traço gramatical da mesma forma. Outro aspecto atestado em línguas naturais refere-se à possibilidade de um conjunto de palavras com característica [+N] funcionar na sentença como modificador de outro nome. É o que se observa, por exemplo, em Jarawara e Tariana (ambas faladas no norte do Brasil). No primeiro exemplo, conforme Dixon (2004, p. 22), nomes que identificam um referente material –*jati* ‘pedra’ e *awa* ‘madeira’ – ou gênero – *fana* ‘mulher, fêmea’ e *maki* ‘homem, macho’ – são usados como modificadores de outro nome. No caso do segundo exemplo de língua em que se atesta um item [+N] atuando como modificador de outro item [+N], somente nomes que identificam [+HUM] são licenciados no léxico. No caso das formas *apkenao* e *ankeloana*, o que ocorre é exatamente o mesmo fenômeno atestado com os itens *fana* e *maki* do Jarawara.

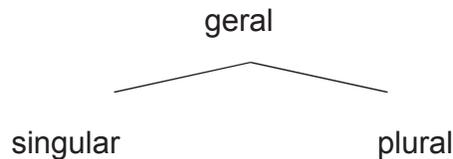
### 3.1.2.2 Número

Não há nenhum recurso morfossintático no N Sanapaná que possa ser relacionado à indicação de número singular (SG) e / ou plural (PL).

Nos contextos em que N tem função de argumento do predicado, plural (PL) é indicado no SV (cf. 5.1.1.1), permanecendo N sem marcação. O comportamento morfológico de N, o caracteriza, como mencionado em (3.1.1), como nu. Esse é o contexto prototípico de marcação de número na sentença Sanapaná. Há, todavia, maneiras de atestar número no N Sanapaná. Contudo, restringem-se aos contextos em que se toma um SN isoladamente. Para esses casos, são atestadas quatro possibilidades distintas, a saber:

- (i) o prolongamento vocálico da última sílaba do N;
- (ii) o emprego de infixo na raiz do N;
- (iii) a realização de um item lexical com valor numérico;
- (iv) utilização de quantificadores.

Considerando-se as restrições apontadas em (i) e (ii), bem como o emprego de numerais (iii) e quantificadores (iv), assumo que a representação seguinte para sistemas linguísticos que separam número (*general number*), conforme apresentada por Corbett (2000, p. 11), representa o que ocorre em Sanapaná.

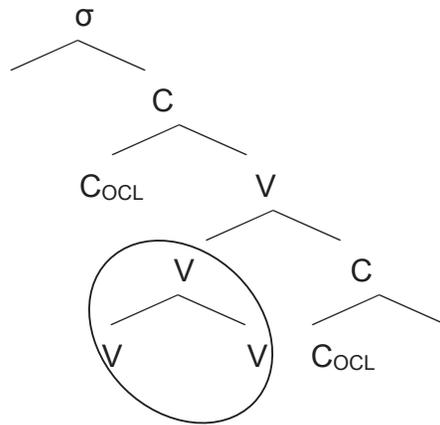


Essa distinção dicotômica, todavia, assim como ocorre com gênero, relaciona-se lexicalmente com a classe N, o que implica considerar que a relação estabelecida entre tais classes e o N é do tipo lexical e não afixal, já que os casos em que ocorrem como afixos são específicos, determinados, mais precisamente em (i) e (ii). Nos casos (iii) e (iv), a relação é mais própria de quantificação do que de PL propriamente. A seguir específico cada uma das quatro possibilidades.

a) Prolongamento vocálico da última sílaba do Nome

Essa forma de marcação de PL, representada como  $\sigma/V:C$  (sílabas compostas por vogal longa mais consoante oclusiva velar desvozeada), contudo, está restrita a ambientes em que C anterior e posterior partilham o traço oclusivo. O fenômeno em questão, desta forma, ocorre conforme a estrutura silábica seguinte, na qual identifica-se o núcleo vocálico constituído por dois fonemas vocálicos.

(88)



Assim, tem-se que a estrutura silábica em (88) representa não apenas um processo de prolongamento vocálico mas, sobretudo, o acréscimo de um morfema (vocálico) idêntico àquele presente na raiz. É o que se observa em (89).

(89) ap-kameljanpok  
CONC.<sub>-1</sub>-amigo  
'amigo'

ap-kameljanpo:k  
CONC.<sub>-1</sub>-amigo  
'amigo(s)'

b. ap-ketkok  
CONC.<sub>-1</sub>-jovem  
'jovem'

ap-ketko:k  
CONC.<sub>-1</sub>-jovem  
'jovens'

Um olhar atento aos exemplos em (90) demonstra  $\sigma/V:C$  restrita à vogal média posterior. O prolongamento de /o/ identificado nos referidos exemplos resulta da infixação de /-o-/ {PL} e desencadeia, conseqüentemente, um processo de harmonia vocálica. O mesmo ocorre em casos atestados desse processo morfofonológico envolvendo o acréscimo de /a/.

(90) as-ketka  
CONC<sub>+1</sub>-filho  
'meu filho'

b. as-ketka:ak  
CONC<sub>+1</sub>-filhos<sub>PL</sub>  
'meus filhos'

O contraste entre (90a), no qual se identifica sílaba final do tipo CV, e (90b) no qual se identifica o prolongamento vocálico demonstra um processo fonológico relacionado não apenas ao prolongamento vocálico, mas, também, à epêntese de uma C em posição final da palavra. É possível que tal epêntese ocorra de modo a evitar sílaba final do tipo  $\sigma/V:$ . Trata-se, portanto, de uma restrição fonológica relacionada à vogal final do N. Aliás, restrições fonológicas que resultam no tipo silábico (88) são determinantes para a realização do PL em questão.

O fato de os exemplos apresentados até agora tratarem de N com traço [+HUM] não implica pensar em alguma restrição semântica favorecida pelo referido traço. Nomes [-HUM] (91a) e / ou [-ANIM] (91b) também podem ter PL marcado por  $-\sigma/V:C$ . Nos exemplos em (91b), nota-se novamente relação do processo morfológico com uma classe específica de nomes (partes do corpo).

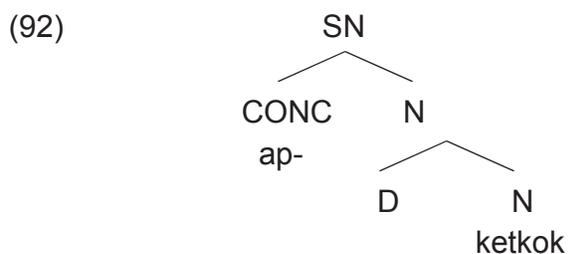
(91) metekten ajko:k  
 pato cria/filho<sub>PL</sub>  
 '(muitos) filhos de pato'

b. ahikapok  
 'osso'

ahikapo:k  
 'ossos'

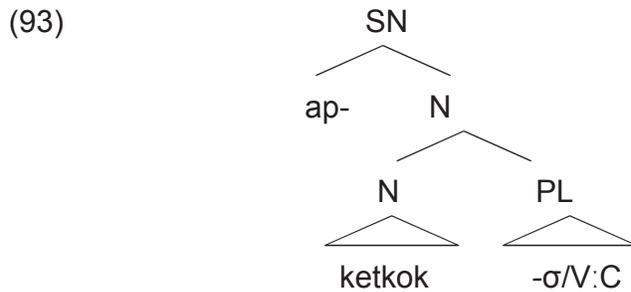
A não restrição semântica mantém na lista de palavras que podem ter PL realizado por prolongamento vocálico um pequeno grupo de Ns, já que a restrição fonológica quanto ao tipo silábico apresentado em (88) permanece. Nesse caso, é possível fazer alusão a Marantz (1997), para quem a inserção de material fonológico em um item lexical não é possível se este item não contém os traços presentes no morfema.

Sob o ponto de vista estritamente sintático, a produtividade restrita de  $-\sigma/V:C$  serve como indício para considerar a marcação de PL em Sanapaná um fenômeno não relacionado estruturalmente ao SN. Nesse sentido, constata-se a ausência de um *slot* específico para número no SN.



Como se trata de uma língua na qual PL é marcado prototipicamente no SV,

pode-se imaginar, inicialmente, o emprego de  $\sigma/V:C$  caso de adjunção ao SN. Esse mecanismo resultaria na estrutura (93), em que o traço [PL] descrito na estrutura (88) não altera a classe do N e se pressupõe a sua não obrigatoriedade na sentença. Disso resulta, também, a baixa produtividade desse processo, já que adjungir é naturalmente um processo sintático menos produtivo.



Com essa análise, considero possível responder tentativamente à seguinte pergunta:

Qual tratamento adequado para SN no que se refere a número?

Em síntese, é possível afirmar que a ocorrência de  $-\sigma/V:C$  como o recurso capaz de indicar PL no SN constitui-se caso de adjunção à raiz nominal.

Sob um ponto de vista morfológico, essa adjunção permite ao sintagma manter sua característica de N. Sob um ponto de vista fonológico, o que se tem é o acréscimo de uma unidade de tempo ligado ao nó de raiz (94).<sup>47</sup>

---

<sup>47</sup> A notação V adotada aqui (referente a um segmento acústico com características físicas de vogal, em oposição à C – consoante) não deve ser confundida com a notação V que utilizo nos capítulos seguintes, em que trato dos sintagmas nominal e verbal. Para esses casos, V deve ser entendido como representação do verbo. Em outros termos, utilizo V no Capítulo II como representativo de vogal e, nos demais capítulos, como representativo de verbo.



b) Número marcado por infixo

Esse processo morfológico, da mesma maneira que atestado para  $\sigma/V:C$ , aplica-se a um conjunto bastante restrito de palavras. Mais precisamente, àquele relacionado a partes do corpo, conforme abaixo:

(95) e-mek<sup>48</sup>  
 POS<sub>+1</sub>-mão<sub>RAIZ</sub>  
 ‘minha mão’

b. e-me-o-k  
 POS<sub>+1</sub>-mão<sub>RAIZ</sub>-INF<sub>PL</sub>-RAIZ  
 ‘minhas mãos’

O SN em (95) mostra PL indicado pela inserção de /o/ à raiz do N (95b), o que me conduz à uma análise que considera PL de N referente à parte do corpo em Sanapaná realizado pelo infixo {-o-}. A ampliação de SNs para além do apresentado em (95), porém, demonstra que não se trata apenas da infixação de /o/ à raiz. Há outros processos envolvidos. Vejamos:

(96) e-menek  
 POS<sub>+1</sub>-pé  
 ‘meu pé’

---

<sup>48</sup> O prefixo /e-/ é tratado como prefixo de posse para esses casos, mas para os demais casos em que ocorre será tratado, pelos motivos especificados em (5.1.1.1), como dêitico (DEIT).

- b. e-manka-o-k  
POS<sub>+1</sub>-pé-PL-RAIZ  
'meus pés'

Em (96) a raiz N sofre pelo menos dois processos morfológicos, sendo um a queda da primeira vogal /e/ para dar lugar a /a/ e outro a inserção de {-o-}. Com isso, desencadeia-se um processo de harmonia vocálica mudando /e/ para /a/, num indício de restrições a encontros vocálicos do tipo /eo/.

A ampliação dos exemplos confirma a existência de múltiplos processos fonológicos interferindo na morfologia Sanapaná de N de parte do corpo. Abaixo, verificam-se os mesmos processos recorrentes em SNs envolvendo referentes com traço [-1].

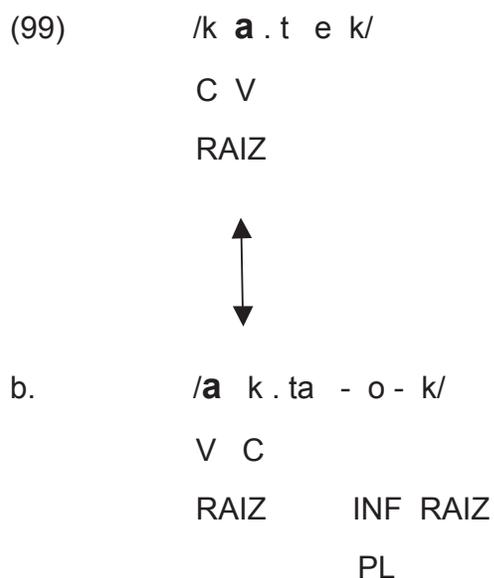
- (97) ap-katek  
POS<sub>-1</sub>-olho  
'olho dele'

- b. ap-akta-o-k  
POS<sub>-1</sub>-olho-PL-RAIZ  
'olhos dele'

- (98) am-nek  
POS<sub>-1/FEM</sub>-pé  
'pé dela'

- b. a-manka-o-k  
POS<sub>-1/FEM</sub>-pé-PL-RAIZ  
'pé dela'

Seja no exemplo (97), seja no exemplo (98) atestam-se os processos de (i) adição de /a/ à raiz e (ii) e {-o-} relacionado a PL. Além disso, quando comparados os exemplos (a) e (b) do paradigma (97), pode-se verificar a ocorrência de outra operação fonológica: inversão de /a/ da raiz de (97a) em relação à consoante (97b). Esse processo altera o tipo silábico CV (99a) para o tipo silábico VC (99b). Tem-se, portanto, um rearranjo silábico.



Considerar os inúmeros processos morfofonológicos recorrentes nos nomes inalienáveis simplesmente como casos de afixos seria econômico do ponto de vista linguístico, mas reducionista do ponto de vista de sua função. Por isso, considero que, na verdade, esses múltiplos processos de inserção vocálica na raiz N resultam de operações fonológicas para atender à própria raiz composta basicamente por consoantes tornando-a, inclusive, descontínua.

A característica descontínua da raiz consonantal de nomes de partes do corpo pode ser associada ao que ocorre com os mecanismos responsáveis pela negação Sanapaná, por exemplo, em que também se atestam múltiplos processos

morfofonológicos que resultam, no caso, em morfemas de negação descontínuos (cf. 6.1.1). No caso dos inalienáveis, o fonema /k/ ao final do nome (99) é compreendido como resquício da raiz nominal constituída por fonemas consonantais.

Sendo a raiz de N que indica partes do corpo em Sanapaná do tipo consonantal, pode representá-la da seguinte maneira:



Esse tipo de raiz composto apenas por C ocorre em algumas línguas, sobretudo semíticas. Stump (2004) cita como casos onde ocorrem infixos as línguas Árabe, Turco e Seri. No caso Sanapaná, as vogais /a/ e /o/ envolvidas seriam epênteses da raiz. O mecanismo principal envolvido para a referida epêntese seria a restrição ao traço articulatorio [+ANT]. Tal restrição explicaria porque PL exclui /e/ do processo.

Importa ressaltar que o emprego da sequência /-ao/ pode ser ampliado para nomes que possuem relação semântica com o corpo. É o caso da palavra correspondente à doença (101) e / ou ao estado de embriaguez (102).

- (101) nesep-ma-taok<sup>50</sup>  
doença-NOMZ-PL  
‘doenças’

---

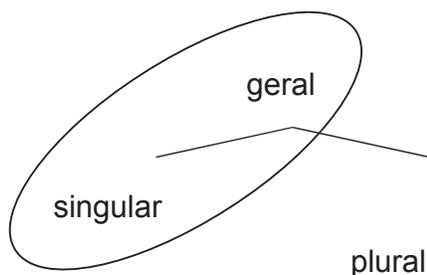
<sup>49</sup> Na verdade, há casos de raízes verbais, como *to, tao, tok* ‘comer’, que parecem apresentar o mesmo comportamento morfofonológico relacionado à C.

<sup>50</sup> A presença de [t] é resultado de processos morfológicos de epêntese já apresentados no Capítulo II.

b. hlamanma neseþ-ma-taok henka'e  
 QUANT doença-NOMZ-PL PROX  
 'Há bastante doença aqui'

(102) an-mena-taok  
 CONC-1/INDEF-embriagado-PL  
 'embriagados'

Ainda relacionado à semântica, é conveniente pensar que o morfema {-o-} – e seus desdobramentos – tratado como infixos, distingue um conjunto específico de N, em detrimento de um conjunto mais amplo, cujo sentido pode ser tomado como geral. Esse fato da língua Sanapaná, torna possível pensar segundo representação apresentada por Corbett (2000, p. 13).



Nesta representação, Corbett (2000) refere-se a línguas que distinguem singular de plural. Nesse caso, singular refere uma informação geral. Relacionada intrinsecamente. É o que ocorre em Sanapaná. O emprego de {-o-}, por outro lado, constitui-se uma exceção a esse padrão da língua, na medida em que especifica o nome para número (PL), particulariza-o.

c) O caso dos numerais

Os casos de N que não se aplicam às restrições apresentadas para  $\sigma/V:C$  e / ou para o emprego de infixo {-o-} têm indicação de número realizada pelo emprego de um numeral<sup>51</sup>. Nesse caso, não se trata de um PL indefinido como se pode pensar, por exemplo, para os casos anteriores, mas de uma quantificação mais definida do N, conforme se pode verificar a seguir.

(103) kanet popiet  
dois veado  
'dois veados'

b. kanet na'ak jetahlen  
dois POSP cavalo  
'dois cavalos'

c. kanet-na-hlema nenhlet  
dois-AD-um pessoa  
'três pessoas'

As formas *popiet*, *jetahlen* e *nenhlet* extraídas dos contextos de (99) têm interpretação SG, fato que nos permite compreender que a interpretação PL gerada pelo emprego do numeral no SN não altera fonologicamente o N. Não há, portanto, interação morfológica entre o numeral e o N. Da mesma forma, o emprego do numeral no SN não altera o processo de alongamento vocálico nos casos em que esse processo fonológico se aplica. É o que os casos a seguir demonstram.

---

<sup>51</sup> Os numerais Sanapaná são apresentados em detalhes no Capítulo IV (Quadro 12).

(104) kanet ansetko:ok  
 dois menino<sub>PL</sub>  
 ‘dois meninos’

b. kanet-na-hlema as-ketka:ak  
 dois-AD-um CONC<sub>+1</sub>-filho<sub>PL</sub>  
 ‘meus três filhos’

Finalmente, interessa-me, ao considerar numeral o modificador (MOD<sub>dor</sub>) e o N o modificado (MOD<sub>ado</sub>), destacar a ordem que se estabelece entre ambos no SN.



d) Número marcado por quantificadores

A quarta possibilidade de indicação de número no SN se dá pelo emprego de quantificadores junto ao N. Quantificadores, portanto, também podem funcionar como no MOD<sub>dor</sub> SN. A ordem que ocupam em relação ao MOD<sub>ado</sub> é a mesma mencionada na seção anterior. Abaixo apresento alguns exemplos em que o quantificador funciona como MOD<sub>dor</sub> do N para indicar PL.

(106) hlananma popiet  
 muito/bastante veado  
 ‘muitos veados’

b.	hlemaktek	paj'a
	pouco	mosquito
	'pouco mosquito'	

O contraste entre os exemplos de número indicado por numerais e de número indicado por quantificadores demonstra uma distinção semântica quanto ao grau de definitude do MOD<sub>ado</sub> no sentido de que os numerais referem mais definido, ao passo que quantificadores referem menos definido.

### 3.1.2.3 Grau

A terceira categoria gramatical presente na morfologia de N refere-se a grau, mais precisamente o diminutivo (DIM). O grau diminutivo em Sanapaná é bastante produtivo com a utilização do morfema {-kok}<sup>52</sup>.

(107)	ankeloana	'mulher'	ankeloanat- <b>kok</b>	'menina'
	apkenao	'homem'	apkenaot- <b>kok</b>	'menino'
	jamet	'árvore'	jamet- <b>kok</b>	'árvore pequena'
	natat	'pássaro'	natat- <b>kok</b>	'pássaro pequeno'
	pehlapen	'avestruz'	pehlapent- <b>kok</b>	'avestruz pequeno'
	wakahak	'caderno'	wakahat- <b>kok</b>	'caderninho'
	angwajkat	'panela'	angwajkat- <b>kok</b>	'panelinha'

Os dados acima mostram, sobretudo, que a utilização de {-kok} não está restrita a uma classe semântica específica de nomes, já que se pode observar através dos mesmos dados pelo menos quatro conjuntos distintos. Nestes, há nomes com traços [+HUM] *ankeloana*, *apkenao*; [-HUM] *jamet*; [+ANIM] *natat*, [-ANIM] *wakahak*, *angwajkat*.

<sup>52</sup> Esse sufixo também é produtivo com os Adjetivos.

Um morfema cujo valor semântico funcione como oposição a {-kok} não foi detectado na morfologia nominal Sanapaná. O mecanismo empregado para indicar noção de aumentativo se realiza pela utilização de *akjawe'a*, sendo /ak-/ um índice de concordância com o referente modificado e *jawe'a* a forma lexical. Essa forma, pela natureza morfológica que apresenta, normalmente desempenha função de adjetivo. Assim, a indicação de aumentativo constitui-se um processo analítico.

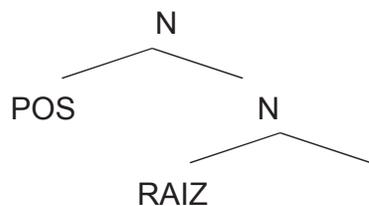
- |       |                  |                         |
|-------|------------------|-------------------------|
| (108) | jamet            | ak-jawe'a               |
|       | árvore           | CONC. <sub>1</sub> -AUM |
|       | 'árvore grande'  |                         |
| b.    | natat            | ak-jawe'a               |
|       | pássaro          | CONC. <sub>1</sub> -AUM |
|       | 'pássaro grande' |                         |

Se comparado ao sufixo {-kok} – considerando-se a liberdade sintática que apresenta no sintagma – pode-se atribuir *status* de palavra à forma *akjawe'a*, em que a função desempenhada é a de modificador (MODIF) do N. Tal liberdade sintática permite que o referido modificador seja linearizado na sentença a partir da ordem MOD + MODIF e vice versa.

#### 3.1.2.4 Posse

Em Sanapaná, os nomes distinguem-se em dois grandes grupos no que se refere à indicação de posse, sendo um grupo composto por nomes obrigatoriamente possuídos (nomes inalienáveis) e um outro grupo composto por nomes não possuíveis. Nos inalienáveis a indicação de posse nominal ocorre predominantemente via morfologia através dos prefixos de concordância / posse /e-/ 'POS<sub>+1</sub>', /as-/ 'POS<sub>+1</sub>' e /ap-/ 'POS<sub>-1</sub>' afixados diretamente na raiz.

(109)



Tais prefixos funcionam como correferentes ao possuidor (POS) e, por isso, são tratados aqui como índices de correferência de um POSSUIDOR no POSSUÍDO. Esse fato sugere, de antemão, que em Sanapaná a ocorrência dos prefixos /e-/ , /as-/ e /ap-/ comuns ao SN e também ao SV tem comportamento semelhante independentemente do sintagma no qual esteja inserido. Por isso, os considero ao longo desta Tese como prefixos de concordância. Especificamente /e-/ , em contexto de posse, tem ocorrência restrita a N que refere partes do corpo e é utilizado para referência à primeira pessoa singular [1SG]. Em contexto de posse em que o possuidor é [1SG], mas o possuído não é parte do corpo utiliza-se o prefixo /as-/. Para os casos em que possuidor é não primeira pessoa, utiliza-se o prefixo /ap-/ ‘CONC<sub>-1</sub>’.

Ao considerar os conjuntos de nomes possuídos que ocorrem com os prefixos /e-/ (partes do corpo), por um lado, e /as-/ e /ap-/ (demais nomes), por outro lado, apresento minha análise para essa seção em duas subseções distintas. Na primeira subseção trato dos nomes que indicam partes do corpo. Na segunda subseção, por sua vez, são tratados os demais nomes.

#### a) Posse em nomes de partes do corpo

Os nomes que indicam partes do corpo em Sanapaná são inalienáveis. Os mesmos apresentam um comportamento singular em relação aos demais nomes. Essa singularidade do ponto de vista morfológico se deve ao fato de que posse referente à primeira pessoa singular [POS<sub>+1</sub>] – seja ‘MASC’, seja ‘FEM’ – é expressa obrigatoriamente pelo prefixo /e-/ e não pelo prefixo /as-/, como ocorre com os demais tipos semânticos de nomes. Além disso, exprime uma hierarquia de

primeira pessoa [+1] sobre não primeira pessoa [-1] na medida em que particulariza [+1]. Essa estratégia morfológica é, seguramente, reflexo semântico para indicar a característica inerente do possuidor em relação ao possuído e vice-versa.

Alguns exemplos de nomes de partes do corpo com POS<sub>+1</sub> são apresentados abaixo<sup>53</sup>:

(110) e-mek  
POS<sub>+1</sub>-mão  
'minha mão'

b. e-menek  
POS<sub>+1</sub>-pé  
'meu pé'

c. e-jatek  
POS<sub>+1</sub>-olho  
'meu olho'

d. e-kton  
POS<sub>+1</sub>-braço  
'meu braço'

---

<sup>53</sup> Uma exceção atestada ao emprego do prefixo /e-/ como correferência de posse restrita a Ns de partes do corpo é o SN abaixo atribuído a um referente 'FEM'. A motivação para esse fato deve ser a compreensão semântica de inalienabilidade.

e-tawa  
CONC-esposo  
'meu esposo'

e. e-jempehek  
POS<sub>+1</sub>-corpo  
'meu corpo'

f. e-wahl-wok  
POS<sub>+1</sub>-partes internas do corpo-ASSOC  
'minhas partes internas do corpo'

Nos casos em que se indica PL na classe de nomes em questão, apesar das mudanças fonológicas – comentadas na seção sobre número – que ocorrem, o índice de concordância /e-/ próprio do possuidor se mantém.

(111) e-meok  
POS<sub>+1</sub>-mão<sub>PL</sub>  
'minhas mãos'

b. e-mankaok  
POS<sub>+1</sub>-pé<sub>PL</sub>  
'meus pés'

c. e-haktaok  
POS<sub>+1</sub>-olho<sub>PL</sub>  
'meus olhos'

d. e-kteaok  
POS<sub>+1</sub>-braço<sub>PL</sub>  
'meus braços'

Tendo a obrigatoriedade do emprego de /e-/ para os casos em que possuidor é [+1], compreende-se a distribuição seguinte para os nomes de partes do corpo.

POSSUIDOR + POSSUÍDO	
e-	Nome
*∅	Nome
*as-	Nome

Assim, a agramaticalidade expressa nos exemplos (112) reflete a obrigatoriedade da indicação do possuidor no possuído.

(112) \*jatek

\*as-jatek

b. \*haktaok

\*as-haktaok

O prefixo /e-/ se mantém quando o possuído estabelece relação com outro nome dentro do SN, como em (113).

(113) maska e-patek

dor POS<sub>+1</sub>-cabeça

‘dor de cabeça’

‘Lit. a dor da minha cabeça’

- b. maska e-nephema  
dor POS+1-coração  
'dor cardíaca'  
'Lit. a dor do meu coração'

Quando o possuidor é [+1] PL 'nossos' acrescenta-se a /e-/ a nasal alveolar /n/. Desse modo, POS no referido contexto é indicada pelo prefixo /en-/.

- (114) en-wahlwok  
POS<sub>+1/PL</sub>-partes internas do corpo  
'nossas partes internas do corpo'

Nos casos em que o possuidor é do tipo [-1], mesmo que se tratem de nomes de partes do corpo, a relação entre POSSUIDOR e POSSUÍDO será indicada pelo prefixo de concordância /ap-/, conforme ilustram os exemplos abaixo:

- (115) ap-mek  
POS<sub>-1</sub>-mão  
'tua mão'

- b. ap-menek  
POS<sub>-1</sub>-pé  
'teu pé'

- c. ap-aktek  
POS<sub>-1</sub>-olho  
'teu olho'

- d. ap-okton  
POS<sub>-1</sub>-braço  
'teu braço'

Nos exemplos em (115) verifica-se que o prefixo /ap-/ expressa um referente com traço semântico 'MASC'. Especificamente em (115d), nota-se a presença da vogal /o/ no início da raiz {okton}. O contraste desta raiz com a raiz {kton} do exemplo (110d) reforça os indícios de restrições fonológicas para a ocorrência de /eo/. Fonologicamente, dada a impossibilidade de apagar a marca de pessoa /e-/, apaga-se a vogal /o/ da raiz de (110d).

A relação de /ap-/ com 'MASC' torna previsível que a relação de posse envolvendo um referente com traço semântico 'FEM' seja expressa por um prefixo distinto de /ap-/. É exatamente isso que a gramática Sanapaná realiza. Nesse caso, a relação de posse é estabelecida pelo prefixo /a-/. Apaga-se, portanto, a consoante /p/ (116). Delimita-se com essa especificidade uma segunda diferença envolvendo a gramática de posse [+1] e [-1]. A primeira, como mencionado anteriormente, é a ausência de um prefixo específico para [-1], utilizando-se para tal dos prefixos /as-/ e /ap-/. A segunda diferença, por sua vez, é a distinção entre 'MASC' e 'FEM' identificada em [-1], algo que não ocorre em [+1]. Os exemplos em (116), contrastados com os exemplos em (115), revelam exatamente a distinção segundo o traço de gênero do possuidor.

- (116) a-mek  
CONC<sub>-1/FEM</sub>-mão  
'mão dela'

- b. a-mnek  
CONC<sub>-1/FEM</sub>-pé'  
'pé dela'

c. ak-tek  
CONC-1/FEM-olho  
'olho dela'

d. ak-ton  
CONC-1/FEM-braço  
'braço dela'

O prefixo 'FEM' /a-/ é recorrente nos casos em que o possuído contém traço PL, o que comprova que os prefixos junto à raiz N são correferentes ao possuidor e não ao possuído.

(117) a-meok  
CONC-1/FEM-mão<sub>PL</sub>  
'mãos dela'

b. a-mankaok  
CONC-1/FEM-pé<sub>PL</sub>  
'pés dela'

c. ak-taok  
CONC-1/FEM-olho<sub>PL</sub>  
'olhos dela'

d. ak-teaok  
CONC-1/FEM-braço<sub>PL</sub>  
'braços dela'

A manutenção do prefixo de concordância / posse na raiz N é produtiva também para SNs em que o possuído é PL e o possuidor contém traços [-1]. Tem-se nesse caso, o prefixo /ap-/ da mesma maneira que nos casos em que o possuído é SG. Assim, a distinção /ap-/ 'MASC' e /a-/ 'FEM' produzida em relação de POS / SG se mantém na relação POS / PL.

(118) ap-meok

CONC<sub>-1</sub>-mão<sub>PL</sub>

'mãos dele'

b. ap-mankaok

CONC<sub>-1</sub>-pé<sub>PL</sub>

'pés dele'

c. ap-aktaok

CONC<sub>-1</sub>-olho<sub>PL</sub>

'olhos dele'

d. ap-okteaok

CONC<sub>-1</sub>-braço<sub>PL</sub>

'braços dele'

O índice de concordância atestado para expressar posse de nomes de partes do corpo com [POS<sub>-1</sub>] é o mesmo utilizado para expressar posse de nomes cujos traços semânticos sejam [-HUM], conforme (119-120). Nos mesmos exemplos, pode-se identificar o emprego de /ap-/ (119a-b) 'MASC' e de /a-/ (120a-d) 'FEM'.

(119)	nepohlen	ap-katek
	anta	POS. <sub>1</sub> -cabeça
	‘cabeça da anta’	
b.	waka	ap-katek
	vaca	POS. <sub>1</sub> -cabeça
	‘cabeça da vaca’	
(120)	nepohlen	a-tapnek
	anta	POS. <sub>1</sub> -perna
	‘perna da anta’	
b.	waka	a-tapnek
	vaca	POS. <sub>1</sub> -perna
	‘perna da vaca’	
c.	nepohlen	a-tek
	anta	POS. <sub>1</sub> -olho
	‘olho da anta’	
d.	waka	a-tek
	vaca	POS. <sub>1</sub> -olho
	‘olho da vaca’	

A não distinção morfológica entre traços [ $\pm$ HUM] quanto ao emprego dos prefixos de posse sugere que esse aspecto da gramática Sanapaná é, antes de tudo, um processo sintático; não definido necessariamente por questões semânticas.

Em termos gerais, com os exemplos apresentados ao longo dessa seção, concluo que a ocorrência de um prefixo específico para identificar posse está restrita à primeira pessoa em nomes que indicam partes do corpo. Posse que não tenha como possuidor um referente [+1] e como possuído parte do corpo será expressa pelos prefixos /ap-/ ‘MASC’ e /a-/ ‘FEM’. Desta forma, a relação de posse pode ser sistematizada como abaixo:

		POSSUIDOR		POSSUÍDO
MASC		SG <sub>MASC/FEM/±HUM</sub>	e-	
FEM	POS <sub>+1</sub>			RAIZ <sub>N</sub>
		PL <sub>MASC/FEM/±HUM</sub>	en-	
MASC	POS <sub>-1</sub>	SG <sub>MASC/±HUM</sub>	ap-	
FEM		SG <sub>FEM/±HUM</sub>	a-	RAIZ <sub>N</sub>
		PL <sub>±HUM</sub>	?	

Semanticamente, alguns dos nomes de partes do corpo (121) tem seu significado estendido a outros domínios, que não o literal (122). Note-se que, mesmo nesses casos, o índice de concordância – referente a traço ‘FEM’ – se mantém<sup>54</sup>. Os mesmos nomes têm, assim, seu significado metafórico estendido.

(121) a-ton

CONC<sub>-1/FEM</sub>

‘boca’

b. a-kton

CONC<sub>-1/FEM</sub>

‘braço’

<sup>54</sup> Exemplos como *a-kton*, *a-jwok* nos quais se constata silabas do tipo CC refletem resquícios de raízes compostas basicamente por consoantes. São exceções, portanto, aos tipos silábicos propostos nesta Tese para a língua Sanapaná.

c. a-jwok  
CONC-1/FEM  
'perna'

d. nenpehek  
'pele'

(122) aton  
porta

b. akton  
'galho pequeno da árvore'

c. ajwok  
perna (de mesa)

d. makwa                      aj-pehek  
amendoim                      CONC-1-casca  
'casca de amendoim'

b) Posse em nomes em geral

A expressão de posse nos nomes em geral, à diferença do que apresentado na seção anterior para os nomes que referem partes do corpo [+1SG] através do prefixo /e-/, é realizada via concordância pelos prefixos /as-/ e /ap-/, que indicam POSSUIDOR [+1] e [-1], respectivamente. Mesmo os nomes que referem termos de parentesco (123a-d), por exemplo, tem a relação de posse estabelecida (obrigatoriamente) por /as-/ POS [+1] e por /ap-/ POS [-1].

(123) as-japon  
POS<sub>+1</sub>-pai  
'meu pai'

b. as-ketka  
POS<sub>+1</sub>-filho  
'meu filho'

c. ap-japon  
POS<sub>-1</sub>-pai  
'teu pai'

d. ap-ketka  
POS<sub>-1</sub>-filho  
'teu filho'

Essas raízes de N, assim como aquelas que referem partes do corpo, são obrigatoriamente prefixadas de modo a identificar seu possuidor. Tal obrigação justifica a agramaticalidade das raízes abaixo e indica, sobretudo, a necessidade da marcação no núcleo (possuído) do possuidor, o que ocorre via prefixo.

(124) \*∅-japon  
\*∅-ketka

Em (125-126), apresento dois outros SNs nos quais a ideia de posse é expressa através dos prefixos /as-/ e /ap-/. Nos referidos exemplos, nota-se que os traços semânticos comuns aos exemplos em (123) não são os mesmos presentes



(127) as-tahlne-ma  
POS<sub>+1</sub>-roupa-NOMZ  
'minha roupa'

b. ko'o as-ken  
PRON<sub>+1</sub> POS<sub>+1</sub>-mãe  
'Minha mãe'

c. as-ket-ka:ak  
POS<sub>+1</sub>-filho<sub>PL</sub>  
'meus filhos'

Nos casos em que o possuidor é [-1] 'FEM' não há, no entanto, um único prefixo responsável por sua indicação. Abaixo, verifica-se, por exemplo, o uso dos prefixos /ak-/ (128a), /an-/ (128b) e /aj-/ (128c). O uso de /ak-/ gera uma interpretação semântica de indefinição. O prefixo /an-/ de (128b), por sua vez, é genuinamente [-1FEM]. Finalmente, devo assumir que a motivação para o emprego de /aj-/ precisa ser melhor compreendida.

(128) **ak**-tahlne-ma  
POS<sub>-1</sub>-roupa-NOMZ  
'roupa dela'

b. hleja **an**-ken  
PRON<sub>+1</sub> POS<sub>+1</sub>-mãe  
'mãe dela / sua mãe'

c. **aj**-ka:ak  
CONC<sub>-1</sub>-filho<sub>PL</sub>  
'filhos dela'

### c) Posse em nomes de seres naturais

Há nomes no léxico Sanapaná que não apresentam um índice de concordância para marcar-lhes o possuidor. Esses nomes – considerados aqui como não possuíveis – são aqueles que referem não apenas os seres da fauna e da flora, mas da natureza em geral.

#### N SPN SEM POS

N SPN	Tradução PB
pehlten	lua
aknem	sol
etenk	fumaça
pa'at	grama
ja'pa	mosca
posek	periquito
tenok	gato
poma'ap	porco do mato
tewes	árvore (tipo)
pehlten	noite
hlepop	chão
sepop	joão de barro

### 3.1.3 Derivação nominal

O processo ao qual denomino ‘derivação nominal’ é o de nominalização, no qual uma raiz com valor [+V] assume valor [+N]. Em Sanapaná, esse processo se dá pelo acréscimo à raiz do sufixo /-ma/. Com isso, todo item lexical que apresente o referido sufixo desempenhará função morfológica de N.

(129) ansetkok	ap-tejan-ma
menino	CONC. <sub>1</sub> -dorme-NOMZ
‘o dormir do menino’	

- b.     nsep-ma  
doente-NOMZ  
‘doença’  
‘estado doentio’

É bastante comum identificar estruturas SN nominalizadas em que o índice de concordância com o referente é realizado pelo prefixo /ak-/, conforme os exemplos em (130). Nesses casos, a informação de /ak-/ acerca de seus correferentes em (128a-c) é: são femininos e / ou indefinidos contextualmente. Nesse contexto morfológico, é possível assumir que os nomes apresentam gênero inerente. Eis, portanto, a função principal de /ak-/ da perspectiva semântica. Da perspectiva morfológica, atribui-se a tal prefixo função de identificar os adjetivos Sanapaná (cf. 3.2)

(130)	ankeloana	ak-tejan-ma
	mulher	CONC. <sub>1</sub> -dormir-NOMZ
	‘o dormir da mulher	

b.	anetkok	ak-to-ma
	menino	CONC. <sub>1</sub> -comer-NOMZ
	‘o comer da criança’	

c.	ankeloana	ak-to-ma
	mulher	CONC. <sub>1</sub> -comer-NOMZ
	‘o comer da mulher’	

Um paradigma favorável à análise de /ak-/ como também relacionado à gênero inerente / indefinidade de seu referente quanto a sexo pode ser

estabelecido com o sintagma (129), repetido abaixo, no qual a alteração do prefixo /ap-/ para /ak-/ é possível, o que resulta na alteração quanto ao grau de definitude de *ansetkok*. Assim, *ansetkok* de (129) tem seu gênero MASC definido por /ap-/, ao passo que *ansetkok* de (130) não o é por /ak-/.

(129) / (131) ansetkok                      ap-tejan-ma  
criança                                      CONC-1-dorme-NOMZ  
'o dormir da criança (MASC)'

(132) ansetkok                                  ak-tejan-ma  
criança                                      CONC-1-dorme-NOMZ  
'o dormir da criança (INDEF)'

Cabe ressaltar, finalmente, que o processo envolvido na determinação de PL em contexto de nominalização é distinto dos processos definidos para o sintagma nominal na medida em que se utiliza para a nominalização prefixos PL comuns ao sintagma verbal, conforme ilustro em (133-134); bem como a identificação de gênero, possível de ser realizado pelo emprego do prefixo /ke-/ referente ao traço 'MASC' (135). Assim, constata-se resquícios de sintagma verbal no sintagma nominalizado.

(133) e-lj-ea-ma  
DEIT-SUJ-empurrar-NOMZ  
'a empurrada deles sobre mim'

b. e-hl-to-ma  
POS-SUJ-comer-NOMZ  
'nossa comida'

(134) e-len-mote-ma

POS-OBJ-sentar-NOMZ

‘nós sentados’

b. e-le-tnema-ma

POS-OBJ-levantar-NOMZ

‘nosso levantar’

(135) ap-ke-le-hleja-ma

CONC.<sub>1</sub>-MASC-OBJ-caminhar-NOMZ

‘nossa caminhada (MASC)’

b. a-le-hleja-ma

CONC.<sub>1</sub>-OBJ-caminhar-NOMZ

‘nossa caminhada (FEM)’

### 3.1.4 O nome na Sintaxe

Sintaticamente, a função principal de uma raiz nominal é atuar como núcleo de um sintagma. Como tal, constitui-se relevante no SN, especialmente pelo fato de exprimir a informação semântica do mesmo SN. O sintagma, por sua vez, realiza-se, basicamente, para atender às necessidades argumentais do predicado, seja ele verbal ou nominal. Trato agora do envolvimento do SN com a estrutura argumental requerida por diferentes tipos de predicados. Para isso, apresento as seguintes subseções nas quais discuto o nome como núcleo do SN (3.1.4.1); a ordem do N no SN (3.1.4.2); a ordem do N no SP e no SAdv (3.1.4.3); a ordem do N em outros contextos sintagmáticos (3.1.4.4) e o N e as partículas NEG (3.1.4.5).

### 3.1.4.1 O nome como núcleo do sintagma nominal

O N assume a função prototípica de núcleo do SN, de modo que todos os outros elementos a ele relacionados funcionam como seus modificadores. Em (136), por exemplo, tem-se o numeral desempenhando a função de modificador (MODIF<sub>dor</sub>). Em (136b), por sua vez, é o nominalizado que modifica o núcleo do sintagma.

(136)	kanet	ansetko:k
	dois	meninos <sub>PL</sub>
	‘dois	meninos’

b.	jap-ma	aton
	fechar-NOMZ	porta
	‘fechamento da porta’	

Os exemplos apresentados em (136a-b) representam dois diferentes nomes cuja função principal é atuar como núcleo de um SN. A comparação entre os referidos exemplos ilustra o N realizado após seu modificador. O mesmo ocorre nos exemplos abaixo em que os núcleos são respectivamente *ahlemok* e *nemana*.

(137)	samamehen	ak-mopaj’a	ahlemok
	melancia	CONC <sub>-1</sub> -branco	flor
	‘flor branca da melancia’		

b.	atehe	nemana
	quente	dia
	‘dia quente’	

O *status* de núcleo de N se mantém quando o mesmo encontra-se na função de argumento de um predicado, independentemente do tipo do predicado quanto à transitividade. Nesse caso, pode ser empregado como argumento de verbo intransitivo (138) e verbo transitivo (138b), bem como de predicativo (138c). A ordem do N em relação a seu modificador não é fixa. Em (138a) o N *apjama* ocupa posição anterior a seu modificado *aknemahlta*. Em (138b) o N *sese* ocupa posição posterior a seu modificador.

(138) an-wate-hlta                          SN[ap-jama                          aknema-hlta]  
CONC.-1/FEM-chegar-TOP                  CONC.-1-avó                          dia-TOP  
'Foi ontem que sua avó que chegou'

b. Juan    ap-teja-'e                                  SN [hlananma                  **sese]**  
NPr    CONC.-1-comprar-TAM                  muito                          pão  
'João comprou muito pão'

c. ofisina    na'ak                  an-pasa-sa-we                          SN [**nenhlet]**  
oficina    POSP                  CONC.-1/FEM-cheio-REDU?-ASSOC                  Sanapaná  
'A oficina está cheia de Sanapaná'

A realização fonológica do elemento que desempenha função gramatical de sujeito através de um N não anula a necessidade de um prefixo correferente ao mesmo N no sintagma verbal.

(139) Civito                                  ap-ka'mas-kama  
NPr                                  CONC.-1-cantar-CAUS  
'Civito canta'  
'Lit. Civito fez cantar'

b. ap-ka'mas-kama  
'Lit. Ele fez cantar'

(140) Hilberto ap-jatemen-ke kejwa a-sep-ma  
NPr CONC-1-cortar-COMPL cobra  
CONC-1-morta-NOMZ  
'Hilberto cortou uma cobra (morta)'

b. ap-jatemen-ke kejwa a-sep-ma  
'Ele (já) cortou uma cobra (morta)'

Nas sentenças (139-140) o prefixo /ap-/ [-1], bem como todos os outros próprios da língua Sanapaná, é considerado sintaticamente como concordância de pessoa, o que licencia a ausência de um N correspondente fora do referido SV, exatamente como ilustram os exemplos (139b-140b). Com isso, pressuponho que para a sintaxe Sanapaná o que importa em relação ao nome é que ele esteja identificado no SV via concordância.

A possibilidade de apagamento de NPr e pronomes plenos – com função argumental – licenciado pela concordância realizada no SV permite que uma vez identificado o argumento que desempenha função sintática de sujeito da sentença, a concordância no SV passe a identificar o papel temático (papel- $\phi$ ) do mesmo. Esse mecanismo sintático apresentado é comumente analisado como sendo característica prototípica de línguas *pro-drop*. Nesse caso, pode-se pensar a língua Sanapaná como um exemplo de língua *pro-drop*, e que a concordância realizada no SV permite o apagamento do argumento que desempenha papel de sujeito da sentença. A língua Sanapaná, todavia, apresenta um comportamento sintático distinto de línguas usualmente tomadas como exemplos clássicos de línguas *pro-drop* – como o Italiano e Português Brasileiro, por exemplo – no que confere a ordem de constituintes. Nestas línguas, a ordem de constituintes é essencial para

a delimitação do papel- $\phi$  de cada um dos argumentos projetados na sentença, ao passo que em Sanapaná, uma vez estabelecida a concordância no SV se pode, sem prejuízo à sentença, mover os constituintes com uma certa liberdade.

### 3.1.4.2 A ordem do nome no sintagma nominal

Em contexto de SN constituído por mais de um item lexical com valor [+N] tem-se que aquele com função nuclear será realizado em posição anterior àquele com função de modificador. Nesse caso, pressuponho uma ordem do tipo [<sub>SN</sub>[N + MODIF<sub>dor</sub>]]. Diferentemente da ordem apresentada na seção anterior em que os dados linearizam-se como [<sub>SN</sub>[MODIF<sub>dor</sub> +N]].

- (141) a<sub>netneje</sub> as-toskama<sup>55</sup> [as-emhem ak-lo-ma]  
 ter CONC<sub>+1</sub>-cachorro POS<sub>+1</sub>-cachorro CONC<sub>-1</sub>-bravo-NOMZ  
 N MODIF<sub>dor</sub>

‘Eu tenho um cachorro bravo’

(Lit. Eu tenho um cachorro, meu cachorro bravo)

- b. as-jaspon-koma [a<sub>naloa</sub> nahlma]  
 CONC<sub>+1</sub>-gostar-CONT tatu monte  
 N MODIF<sub>dor</sub>

‘Eu gosto de tatu do monte’

A ordem em questão mantém-se também em sintagmas com outros itens lexicais além de N e de MODIF, como abaixo em que se constata SNs compostos pela ordem <sub>SN</sub>[N + POSP + MODIF<sub>dor</sub>].

<sup>55</sup> Cachorro particular de uma pessoa. A forma *asemhem* é utilizada para referir-se a cachorro em geral.

(142) ap-nemakha                      na'ak    apak  
 POS<sub>-1</sub>-casa                      POSP    velho  
 'casa velha (dele)'

b.    as-nemakha      ma'a      ankop-moho                      apak  
 POS<sub>+1</sub>-casa      PROSP    CONC<sub>-1/FEM</sub>-construção                      CONC<sub>-1</sub>velho  
 'minha casa (construída) velha'

Nos casos em que ocorre coordenação de dois Ns em um mesmo SN emprega-se a conjunção (CONJ) *kanhan* 'também, e' separando-os. Nesse contexto não há uma hierarquia entre os referidos Ns. Consequentemente, instaura-se uma certa liberdade de linearização envolvendo-os, conforme ilustram os SNs em (143).

(143) ahanema-hlka    an-g-waj-ka                      a-tejala'a    mision      na'ak  
 espaço-TOP      CONC<sub>-1/FEM</sub>-cozinhar-TAM    CONC<sub>-1</sub>-DAT    comunidade    POSP

nenhlet    jaokoho    kanhan    ap-ke-loanea-ma  
 pessoa    todo      CONJ      CONC<sub>-1</sub>-MASC-parentes-NOMZ

kanhan    ap-ketko:ok      kanhan    ansetko:ok  
 CONJ      CONC<sub>-1</sub>-filho<sub>PL</sub>    CONJ      menino<sub>PL</sub>

'Na cozinha da comunidade nós fazemos comida para toda a gente e para nossos avós e para nossos filhos e para os meninos'

<sub>SN</sub>[ansetko:ok kanhan ap-ketko:ok]

<sub>SN</sub>[apkeloaneama kanhan nenhlet jaokoho]

### 3.1.4.3 A ordem do nome no sintagma preposicional e no sintagma adverbial

O quadro de Chomsky (1970 *apud* Baker, 2003) relacionado às matrizes de traços de núcleos lexicais e de núcleos funcionais considera adposições como núcleos lexicais capazes de selecionar complementos. As adposições Sanapaná selecionam um N como complemento e, com ele, formam um sintagma.

(144)	maestro	ap-kapas-kama	libro	[escuela	na'ak]
	Professor	CONC. <sub>-1</sub> -deixar-CAUS	livro	escola	LOC
				N	POSP

'O professor deixou o livro na escola'

b.	Niko	ma'a	e-pa'ame-tek	[radio	pai-pucu	na'ak]
	NP	PROSP	DEIT-falar-FUT	rádio	NP	LOC
				N	POSP	

'Niko vai falar na rádio Pai Pucu'

c.	a-hlen-ke		[nahлма	na'ak]
	CONC. <sub>+1</sub> -caminhar-COMPL		mato	LOC
				N
				POSP

'Eu caminhei no mato'

d.	hlenkap	me-hl-kalan-to	[jamet	neten]
	PRON. <sub>-1/PL</sub>	NEG-PL-subir-PAS	árvore	LOC
			N	ADV

'Eles não subiram em cima da árvore'

A ordem N + POSP é, provavelmente, a ordem mais rígida na sintaxe Sanapaná, de modo que a alteração da mesma implica agramaticalidade, conforme ilustrado abaixo, e não na possibilidade de considerar *na'ak* um caso de preposição.

**N + LOC**

**\*LOC + N**

- (145) *topa'o na'ak*  
 igreja POSP  
 'na igreja'  
 \**na'ak topa'o*

Quanto aos advérbios (4.3), embora não tenham o mesmo comportamento sintático que as adposições quanto à capacidade de selecionar argumentos, são apresentados juntamente com estas por também estabelecerem relação sintagmática com o N. Nesse caso, cria-se um sintagma adverbial (SAdv). Da mesma forma que atestado com o SP, os ADV também ocupam posição posterior ao N.

- |       |                    |                     |             |                   |                |
|-------|--------------------|---------------------|-------------|-------------------|----------------|
| (146) | <i>ko'o</i>        | <i>mo'o</i>         | <i>naha</i> | <i>[ajawahlma</i> | <i>sosoha]</i> |
|       | PRON <sub>+1</sub> | PROSP <sub>+1</sub> | ir          | cidade            | amanhã         |
|       |                    |                     |             | N                 | ADV            |

'Eu quero ir à cidade amanhã'

- |    |                 |               |                |
|----|-----------------|---------------|----------------|
| b. | <i>anhlanet</i> | <i>['tema</i> | <i>naha'e]</i> |
|    | INTENS          | casa          | lá             |
|    |                 | N             | ADV            |

'Há muita casa lá'

Os exemplos em (146) demonstram uma ordem do tipo [N + ADV]. Sobre esse fato, duas informações devem ser dadas:

- pode haver outros itens lexicais entre N e ADV (147);
- a ordem do ADV pode ser alterada, de modo que N ocorra em posição posterior. Nesse caso, desempenha função de foco (148).

(147)	apetneje	ap-tahlne-ma	hlejap	henka'e
	ter	CONC <sub>-1</sub> -roupa-NOMZ	PRON <sub>-1</sub> /MASC	LOC
		N	PRON	ADV
	'Você tem alguma roupa aqui'			

(148)	kone	as-tejan-ma	as-nemakha	na'ak
	LOC	CONC <sub>+1</sub> -dormir-NOMZ	POS <sub>+1</sub> -casa	POSP
	ADV		N	
	'Foi dentro da casa que eu dormi'			

#### 3.1.4.4 A ordem do Nome em outros contextos sintagmáticos

Parece haver, pelos exemplos apresentados, com exceção do SP, uma preferência na gramática Sanapaná por linearizar o N em posição inicial do sintagma e, somente após, os demais itens que o compõem. Há casos, como já salientado, em que N ocorre em posição posterior, conforme se verifica nos exemplos abaixo envolvendo numerais (149) e associativo (150).

(149)	as-uetaje-hlta	[hlema apaloa	kanhan	a-kanet	popiet]
	CONC <sub>+1</sub> -encontrar-TOP	um	tatu	CONJ	POS-dois
		NUM	N	NUM	N
	'(Foi) Eu encontrei um tatu e dois veados'				

(150)	Juan	ap-mame-kama	[hlemoje	as-japon]
	NPr	CONC. <sub>-1</sub> -trabalhar-CAUS	ASSOC	POS <sub>+1</sub> -pai
			ASSOC	N

‘Juan trabalha com meu pai’

A distribuição quanto à posição que os traços lexicais ocuparão, em relação ao N no sintagma, permite-me considerar a preferência por ordenamento dos mesmos itens em relação ao N conforme abaixo, onde se atesta um grupo de itens com ocorrência preferencialmente anterior e outro grupo de itens de ocorrência preferencialmente posterior.

[N] → [N, ADJ, ADV, NUM, POSP, ASSOC]

A posição de N em relação às outras classes gramaticais demonstra um comportamento sintático deste do tipo núcleo inicial. Seja no SN, no SADV ou no SP o N ocupará a posição nuclear. Tal concepção permite-me duas questões, quais sejam:

1. Os prefixos de concordância /as-/ e /ap-/ não alterariam o *status* de núcleo inicial desta língua, já que também teriam valor de argumento?

2. Os referidos prefixos podem ser utilizados como evidência para considerar a língua Sanapaná um exemplo de língua *head-marking*?

A resposta à primeira pergunta é inquestionavelmente negativa por uma questão bastante simples: (i) para ter seu valor validado, os referidos prefixos precisam da ocorrência de um núcleo [+N]. Dessa forma, a concordância

estabelecida pelos referidos prefixos, embora ocorra em posição anterior ao núcleo (como prefixo), não altera a ordem núcleo inicial.

No que confere à segunda pergunta acima, é possível afirmar que a ocorrência dos prefixos em SN (também em SV), pode ser tomada como evidência de que Sanapaná é uma língua com marcação de núcleo do tipo *head-marking* e não *dependent-marking*. Tal marcação em Sanapaná atua no sentido de explicitar pessoa no SN. No caso do SV, com a indicação de pessoa e número, indicam-se, também, as relações gramaticais estabelecidas na sentença.

#### 3.1.4.5 O Nome e as partículas NEG

A língua Sanapaná tem duas partículas prototípicas de negação (NEG) (cf. GOMES, 2013). *Hawe* é a partícula NEG relacionada à ‘não existência’ (151) e *metko* é a partícula NEG relacionada à ‘não posse de um referente’ (152) (cf. 6.1.2).

(151) hawe nehla maestro  
NEG INT professor  
‘Ele não é professor?’

b. antonio hawe nenhlet  
NPr NEG Sanapaná  
‘Antônio não é Sanapaná’

(152) Juan metko ak-maskae-pehek  
NPr NEG CONC-1-dor-corpo  
‘Juan não (ter) problema (doença)’  
‘Lit. Juan não tem dor no corpo’

- b. metko nehla nenhlet  
 NEG INT Sanapaná  
 ‘Não há Sanapaná?’

Essas partículas estabelecem uma configuração sintática particular com N na medida em que não expressam morfologicamente nenhuma informação a ele relacionada. Em outros termos, não informam a pessoa do discurso sobre o qual recai seu escopo. Pelos exemplos apresentados, observa-se a realização das partículas em posição anterior ao referente e / ou característica negada, podendo haver outros itens lexicais entre ambos, como em (151a) e (152a).

### 3.1.5 O SN complexo

Considero SN complexo em Sanapaná o constituinte formado por um ou mais núcleos N acompanhados de outras classes lexicais e/ou funcionais sem a presença expressa de um predicado verbal ou com função de cópula.

- (153) <sub>SN</sub>[enenko’o na’ak e-len-mo-temakha ak-jawe’a]  
 PRON<sub>+1/PL</sub> POSP DEIT-PL<sub>OBJ</sub>-?-comunidade CONC<sub>-1</sub>-grande  
 ‘Nossa comunidade grande’

No primeiro SN complexo apresentado (153), o núcleo N *elenmotemakha* tem como modificadores um pronome *enenko’o*, uma posposição *na’ak* e um adjetivo *akjawe’a*. Especialmente o pronome (onde consta a informação de pessoa) desencadeia a presença de afixos junto ao N, o que me conduz à conclusão inicial de que no SN complexo N pode ser influenciado sintaticamente pelo traço de pessoa e número do pronome. É o que se observa no núcleo N de (153), onde se constata valor predicativo. Vejamos outro exemplo de SN complexo:



- b. [awanhe                                      ap-menek                                      hlejap]  
       grande                                      CONC-1-pé                                      PRON-1/MASC  
       ‘Ele tem o pé grande’ (*Lit.: grande pé dele*)

O comportamento distinto atestado entre os dois grupos de exemplos acima pode evidenciar sob o ponto de vista morfossintático dois tipos de SNs complexos, sendo um (153-154) com valor mais predicativo e outro com valor mais nominal (155), já que identificam-se processos morfossintáticos mais próprios do N. No caso dos SNs complexos com valor mais predicativo notam-se processos morfossintáticos mais próximos prototipicamente encontrados no sintagma verbal.

### 3.2 A classe dos adjetivos Sanapaná

Tipologicamente, por muito tempo discutiu-se sobre a existência (ou não) de uma classe própria de adjetivos nas línguas naturais ao redor do mundo. Segundo Dixon (2009, p. 9), todavia, todas as línguas têm uma classe de adjetivos. O questionamento acerca da (in)existência dos adjetivos como uma classe comum às línguas pode estar relacionado ao fato de que, segundo Dixon, op. cit., “os adjetivos diferem da classe dos nomes e dos verbos em diversas maneiras nas diversas línguas, o que dificulta seu reconhecimento como tal”<sup>56</sup>.

A concepção de que o conjunto de palavras que constitui a classe de adjetivos “denota qualidade ou atributo”, “modifica nomes” ou “funciona como predicado” (cf. SCHACHTER; SHOPEN, 2007, p. 13) permanece. Para iniciar a discussão acerca da existência (ou não) dessa classe de palavras em Sanapaná apresento as duas listas seguintes.

---

<sup>56</sup> Tradução livre para “the adjective class differs from noun and verb classes in varying ways in different languages, which can make it a more difficult class to recognize...”.

---

**ADJETIVOS SPN**  
LISTA I – ATRIBUTIVOS

---

<b>ADJ SPN</b>	<b>Tradução PB</b>
Aktamanma	bonito
akwana'tema	alto
akjawa'tema	baixo
akja'jema	redondo
akjana'tema	forte
akmahat	quente
aklepanke	novo
akwaneam	velho
akjawe' a	grande
akmaska	amargo

---

---

**ADJETIVOS SPN**  
LISTA II – PREDICATIVOS

---

<b>ADJ SPN</b>	<b>Tradução PB</b>
ejamelajkama	lento
ejaeheaok	rápido (PL)
emelaj'a	gordo
ejemhomkoma	magro, fraco

---

A comparação da Lista I com a Lista II demonstra uma distinção entre o conjunto de palavras apresentado nas mesmas quanto ao prefixo que as acompanha. Na Lista I verifica-se o prefixo /ak-/ comum a todas as palavras. Na Lista II, por sua vez, verifica-se o prefixo /e-/ seguido por uma consoante nasal, o que gera uma estrutura em contexto de adjetivos do tipo e + *Nasal*. No exemplo com a aproximante, trata-se apenas de uma variação da nasal palatal.

Analogamente à distinção entre os dois tipos de prefixos, a tradução das palavras para PB sugere a existência de diferenças semânticas envolvidas, no sentido de que se pode pensar para o conjunto da Lista I traços semânticos mais inerentes, estáveis ao modificado, ao passo que para o conjunto da Lista II pode-se pensar traços semânticos menos inerentes, estáveis ao modificado. A comparação entre as duas listas demonstra, ainda, semelhanças no que se refere à presença de morfologia sufixal. Para a Lista I destaca-se, por exemplo, a presença de /-tema/ (156a) ~ /-ma/ (156b). Para a Lista II destacam-se os sufixos /-kama/ e /-koma/ (157).

(156) ak-wana'-tema

ak-jawa'-tema

ak-jana'-tema

b. ak-taman-ma

ak-ja'je-ma

(157) e-jamejaj-kama

e-nemhom-koma

Em todos os casos apresentados, /-ma/ parece incluir-se em um contexto gramatical distinto daquele relacionado à nominalização. Outras questões parecem estar envolvidas aqui, especialmente quando se considera que o sufixo de raízes adjetivais é reservado à informações semânticas (cf. 3.2.4). Embora eu não trate aqui em maiores detalhes as motivações morfossintático-semânticas para os sufixos em questão, assumo, de antemão, que as palavras que funcionam como adjetivos em Sanapaná resultam de processos morfológicos responsáveis por distinguir dois tipos. O primeiro tipo trato como atributivo e o segundo tipo trato como predicativo.

### 3.2.1 Atributivos

Os adjetivos atributivos, aos quais denomino ADJ<sub>1</sub> por sua maior recorrência no léxico Sanapaná, são marcados pelo prefixo /ak-/. Essa característica é adotada como critério para os ADJ<sub>1</sub>, embora também possa ser realizada com a classe N para indicar indefinição do referente quanto a gênero. Nesse sentido, ADJ<sub>1</sub> não pode ser particularizado em detrimento de N apenas por este critério. Quando se observa o comportamento de ADJ<sub>1</sub> na sintaxe do SN, todavia, fica evidente a distinção entre N e ADJ<sub>1</sub>, uma vez que N comporta-se como o argumento do predicado, ao passo que ADJ não apresenta o mesmo comportamento.

No exemplo abaixo com NEG, a presença do pronome demonstra exatamente essa realidade sintática da língua Sanapaná: a inabilidade de ADJ em funcionar como argumento. Sendo assim, um dos critérios utilizados para distinguir a classe N da classe ADJ é o critério sintático.

(158) hawe hleja ak-taman-ma  
NEG PRON<sub>-1/FEM</sub> CONC<sub>-1</sub>-belo-NOMZ  
'Ela não (ser) bonita'

Ao se referir aos adjetivos em geral, Dixon (2004, p. 3-4), embasado em questões semânticas, dentre outras, apresenta quatro características / tipos semânticos mais prototípicos da classe dos ADJs:

1. Dimensão – 'grande', 'pequeno', etc;
2. Idade – 'novo', 'jovem', 'velho', etc;
3. Valor – 'bom', 'ruim', 'amável, etc;
4. Cor – 'preto', 'branco', 'vermelho', etc.

Além dessas quatro, o autor apresenta outros três tipos semânticos relacionados ao ADJ, aos quais denomina periféricos, a saber:

5. Propriedades físicas;
6. Propriedades humanas;
7. Velocidade.

Um segundo olhar à Lista I permite-me considerar que os ADJs que a constituem apresentam as características prototípicas propostas por Dixon (2004). Inclusive relacionadas à cor, conforme ilustro na Lista III.

---

<b>ADJETIVOS SPN (cores)</b>	
LISTA III	
<b>ADJ SPN</b>	<b>Tradução PB</b>
akweswasema	vermelho
akpajseam	preto
akmopaj'a	branco
akhanatema	azul

---

Os ADJs apresentados na Lista II, por seu turno, são melhores caracterizados tomando-se como ponto de referência os tipos periféricos (5-7). A seguir os trato como adjetivos predicativos. Antes, porém, é necessário indicar que ADJ<sub>1</sub> se dá em uma estrutura morfológica em que junto à raiz podem ocorrer prefixos e sufixos, como abaixo. Para o prefixo, considera-se informação gramatical, ao passo que para o sufixo considera-se informação semântica, conforme (3.2.4). Como portador de função gramatical, considero o prefixo em questão como índice de concordância, que corresponderia à pessoa e/ou coisa/objeto sobre o qual recai seu escopo. Sendo assim, na segmentação (159),

além da informação lexical, depreendem-se informações de pessoa (via prefixo) e de animacidade (via sufixo)..

(159)	ADJ[ak	[wane	[ap]]]
	PREF	raiz	SUF
	'(ele) velho (humano)'		

### 3.2.2 Predicativos

Os adjetivos predicativos (ADJ<sub>2</sub>) também não podem funcionar como argumento de um predicado. Na verdade, constituem-se o próprio predicado em um contexto nominal.

Em sua forma de base, conforme apresentado na Lista II, os referidos ADJs possuem o prefixo /e-/ 'SG', o que não ocorre com os ADJs da lista I. Tem-se na morfologia, portanto, a distinção entre atributivos e predicativos, uma vez que estes têm comportamento mais próximo de verbo, inclusive pela possibilidade de receber sufixos recorrentes na morfologia verbal, conforme se verifica em (160b).

(160)	hawe	ko'o	as-melaja
	NEG	PRON <sub>+1</sub>	CONC <sub>+1</sub> -lento
	'Eu não sou lento'		

b.	hawe	ap-ka-melaj-kama	hlejap
	NEG	CONC <sub>-1</sub> -MASC-lento-CONT	PRON <sub>-1</sub> /MASC
	'Ele não é lento'		

Verifica-se em (160) que o prefixo da forma de base do predicativo é substituído pelos prefixos de pessoa [+1], [-1], respectivamente. Além disso, identifica-se em (160b) o prefixo /ka-/ relacionado ao traço 'MASC' do referente modificado por NEG e o sufixo /-kama/ relacionado a aspecto contínuo.

As características apresentadas para os adjetivos predicativos permitem-me considerar que são diferentes dos nomes uma vez que podem funcionar como o predicado de um SN e não como um simples modificador de um N. A seguir apresento algumas outras características próprias dos atributivos e dos predicativos.

### 3.2.3 Aspectos da morfologia dos adjetivos

Adjetivos, assim como Ns, podem indicar DIM através do sufixo /-kok/ afixado à raiz.

(161)	a-lepanke	zapato	hangok
	CONC <sub>+1</sub> -novo	sapato	PRON <sub>POS+1/SG</sub>
	'Meu sapato novo'		

b.	a-lepanket-kok	zapato	hangok
	POS <sub>+1</sub> -novo-DIM	sapato	PRON <sub>POS+1/SG</sub>
	'Meu sapato pouco novo'		

(162)	nenhlet	ak-waneam
	Sanapaná	CONC <sub>-1</sub> -velho
	'Sanapaná velho'	

b.	nenhlet	ak-waneamat <sup>57</sup> -kok
	Sanapaná	CONC <sub>-1</sub> -velho-DIM
	'Sanapaná pouco velho'	

---

<sup>57</sup> /at/ constitui-se epêntese para evitar encontro consonantal.

Os exemplos acima demonstram a relação sintática que ADJ estabelece, via prefixos, com N através dos índices de concordância. Tais índices expressam, sobretudo, a relação, seja de predicação, seja de modificação do ADJ com seu referente.

Além do sufixo /-kok/, parece ser produtivo entre ADJs o emprego do sufixo nominalizador /-ma/ – identificado entre Ns como responsável por nominalização (cf.3.1.3) – e do prefixo referente a PL, processo atribuído à classe V. O paradigma apresentado abaixo, por sua função semântica, aproxima-se do ADJ<sub>2</sub>, por isso ocorre com NOMZ e PL.

- |       |   |   |
|-------|---|---|
| (163) | anset-kok<br>homem-DIM<br>'a beleza do menino'                        | a-taman-ma<br>CONC. <sub>1</sub> -bonito-NOMZ       |
| b.    | anset-ko:k<br>homem-DIM <sub>PL</sub><br>'a beleza dos meninos'       | a-hl-taman-ma<br>CONC. <sub>1</sub> -PL-bonito-NOMZ |
| c.    | ankeloanat-kok<br>mulher-DIM<br>'a beleza da menina'                  | a-taman-ma<br>CONC. <sub>1</sub> -bonito-NOMZ       |
| d.    | ankeloanat-ko:k<br>mulher-DIM <sub>PL</sub><br>'a beleza das meninas' | a-hl-taman-ma<br>CONC. <sub>1</sub> -PL-bonito-NOMZ |

### 3.2.4 Adjetivos e traços semânticos

Ao fazer referência a traços semânticos, considero características tais como MASCULINO, FEMININO, HUMANO, ANIMADO, representadas pelo sinal [+] quando característica predominante e pelo sinal [-] quando característica não predominante. Para os casos apresentados a seguir, considero que os traços [±HUM], [±ANIM], interagem com o léxico Sanapaná, de modo que, conforme o traço semântico predominante, haverá distintas entradas lexicais.

- |       |                             |                                 |
|-------|-----------------------------|---------------------------------|
| (164) | a-semhem                    | ak-wane-ap                      |
|       | POS <sub>+1</sub> -cachorro | CONC <sub>-1</sub> -velho-+ANIM |
|       | ‘cachorro velho’            |                                 |
| b.    | natat-kok                   | ak-wane-ap                      |
|       | pássaro-DIM                 | CONC <sub>-1</sub> -velho-+ANIM |
|       | ‘passarinho velho’          |                                 |
| c.    | antahak                     | ak-wane-ap                      |
|       | animal                      | CONC <sub>-1</sub> -velho-+ANIM |
|       | ‘animal velho’              |                                 |
| (165) | wakahak                     | apak                            |
|       | caderno                     | velho                           |
|       | ‘caderno velho’             |                                 |
| b.    | as-tet-memenek              | apak                            |
|       | POS <sub>+1</sub> -uso?-pé  | velho                           |
|       | ‘calçado velho’             |                                 |

- c.      apantemak                      apak  
           mesa                              velha  
           ‘mesa velha’
- (166) nenhlet                        ak-wane-am  
           Sanapaná                    CONC<sub>-1</sub>-velho-+HUM  
           ‘Sanapaná velho’
- b.      ankeloana                        ak-wane-am  
           mulher                        CONC<sub>-1</sub>-velha-+HUM  
           ‘mulher velha’

Três formas distintas para ADJ são atestadas entre (164-166). Tais formas são: *akwaneap*, *apak*, *akwaneam*, distribuídas conforme os traços de humanidade e animacidade. A utilização da forma específica para [-HUM], por exemplo, em sintagma cujo referente apresente traços [+HUM] causa estranhamento ao falante nativo. A distinção principal do ponto de vista semântico não é desencadeada no léxico Sanapaná, entretanto, apenas pelo traço [±HUM], já que a raiz {*wane*} se mantém, seja nos exemplos [-HUM] (164), seja nos exemplos [+HUM] (166), mas também pelo traço [±ANIM]. Quando [-HUM], a raiz própria de [+HUM] é substituída. Interessante notar que a oposição via prefixo no ADJ se perde. Ainda baseado nos dados (165-166), sistematizo os sufixos identificados conforme segue.

	HUM	ANIM
/-am/	+	+
/-ap/	-	+
/-ak/	-	-

A identificação de /-ak/ sufixal considera a possibilidade de segmentação /ap-ak/ (165), sendo o morfema responsável pela informação semântica [-HUM] e [-ANIM]. Outra possibilidade considerada é a de que o mesmo morfema pode revelar uma inversão dos segmentos. O morfema /-am/ funciona como indicador dos traços [+HUM] e [+ANIM]. O oposto é realizado por /-ak/.

A substituição da raiz de ADJ em virtude do traço semântico do nome a que faz referência também é atestada quando se trata de uma característica física. Nesse caso, tem-se uma forma ADJ específica para um referente [+HUM] (167) e uma forma ADJ específica para um referente [-HUM] (168).

(167)	nenhlet	ak-wanate-ma
	Sanapaná	CONC. <sub>-1</sub> -alto-NOMZ
	‘Sanapaná alto’	

b.	ankeloana	a-wanate-ma
	mulher	CONC. <sub>-1</sub> -alto-NOMZ
	‘mulher alta’	

(168)	netnoje	jamet
	alta	árvore
	‘árvore alta’	

b.	netnoje	te’ma
	alta	casa
	‘casa alta’	

No paradigma oposto a {wana}, ocorre a mesma distinção semântica a partir do traço [±HUM]. Em (169) o referente do ADJ apresenta traços semânticos

[-HUM]. A raiz lexical empregada é *{hlepoje}*. Em (170), por sua vez, o referente do ADJ apresenta traços semânticos [+HUM]. Consequentemente, a raiz lexical empregada é *{jawa}*.

- |       |                  |                                     |
|-------|------------------|-------------------------------------|
| (169) | hlepoje          | jamet                               |
|       | baixa            | árvore                              |
|       | 'árvore baixa'   |                                     |
| b.    | hlepoje          | te'ma                               |
|       | baixa            | casa                                |
|       | 'casa baixa'     |                                     |
| (170) | nenhlet          | ap-jawa'te-ma                       |
|       | Sanapaná         | CONC <sub>-1/MASC</sub> -baixo-NOMZ |
|       | 'Sanapaná baixo' |                                     |
| b.    | ankeloana        | a-jawa'te-ma                        |
|       | mulher           | CONC <sub>-1/FEM</sub> -baixo-NOMZ  |
|       | 'mulher baixa'   |                                     |

### 3.2.5 Adjetivos em contextos comparativos

Contextos de comparação entre duas qualidades, características distintas de um referente não são indicados na morfologia dos ADJs envolvidos através de prefixos. Estes mantêm-se apenas com o prefixo /ak-/ seja em contexto de igualdade (171), de inferioridade (172) ou superioridade (173).

(171) tajtot mision ak-jawe'a ak-naja-wo tajtot enemana  
 trator comunidade CONC-1-grande CONC-1-como-COMP trator vizinho  
 'O trator da comunidade é tão grande quanto o do vizinho'

b. jamahlenhak hlemoje sesamo amo pangoje apetkasa-we  
 cesto ASSOC gergelim pesado INTENS igual(mente)-COMP

jamahlen hangok sepo  
 cesto PRON<sub>POS+1</sub> mandioca

'O cesto de gergelim é tão pesado como o (meu) cesto de mandioca'

(172) tajtot apangok na'ak a-wanhe  
 trator PRON<sub>POS-1</sub> POSP CONC-1-maior

tepo misiona tajtot angok jama  
 CONJ comunidade trator PRON<sub>POS+1</sub> menor

'O trator dele é maior e o nosso trator da comunidade é menor'

b. jamahlenhak antapa jama ak-momahap tejo  
 cesto lenha menor CONC-1-cheio CONJ

sepo jamahlenhak ak-mope  
 mandioca cesto pesado

'cesto de lenha cheio e cesto da mandioca pesado'

(173) jama tajtot apangok na'ak hlejap awanhe  
 menor trator PRON<sub>POS-1</sub> POSP PRON-1MASC grande

misiona                    hangok  
comunidade                PRON<sub>+1</sub>

‘O trator dele é menor que o trator da comunidade’

b.    jamahlenhak    awahlo:k    antapa    amope    tejo  
cesto                dentro    lenha    pesado    CONJ

jamahlenhak    sepo                jama  
cesto                mandioca    menor

‘A lenha dentro do cesto é mais pesada e a mandioca do cesto é menor’

Nos exemplos (171-173) fica evidente que comparação em Sanapaná pode ser realizada apenas pela coordenação de sintagmas adjetivais, sendo o ADJ o responsável por identificar o tipo de comparação, se de igualdade, de inferioridade ou de superioridade. Sobre a coordenação dos referidos sintagmas destaco a presença da conjunção aditiva *tejo* ‘e, também’ como responsável pelo processo. Algumas questões, contudo, precisam ser melhor conhecidas acerca desse tipo de sentença Sanapaná, dentre elas destaco o papel dos sufixos /-wo/ (171a) e /-we/ (171b) que parecem estar relacionadas ao contexto comparativo. Nesse sentido, devo considerar a possibilidade de que comparação seja indicada na morfologia do ADJ através de sufixo. Processo semelhante de sufixação com função semântica foi mostrado anteriormente.

### 3.2.6 Os adjetivos frente às outras classes abertas

Os ADJ apresentam algumas características das classes abertas Nome e Verbo. Tipologicamente é possível fazer referência ao que é apresentado em Dixon (2004, p.1) segundo o qual em algumas línguas a classe ADJ se comporta gramaticalmente como nomes, em outras como verbos, como nomes e verbos, ou

como nenhuma das duas classes<sup>58</sup>. Essas semelhanças e / ou diferenças me permitiram distinguir dois tipos de ADJ: ADJ<sub>1</sub> e ADJ<sub>2</sub> sendo o primeiro tipo aqueles que funcionam como modificadores (174) e o segundo como predicativos (175).

(174)	SN[atehe	nemana]
	MODIFICADOR	MODIFICADO
	'Manhã quente'	

(175)	as-jepma	ap-jenhon-koma
	CONC <sub>+1</sub> -irmão	CONC <sub>-1</sub> -magro-TAM
	'Meu irmão é magro'	

Duas perguntas são necessárias aqui relacionadas à distinção entre dois conjuntos de ADJ: (i) como distinguir ADJ<sub>1</sub> da classe de N e (ii) como distinguir ADJ<sub>2</sub> da classe de V? Trato de responder aqui apenas à questão concernente a (i). As respostas possíveis para (ii) são as mesmas que as apresentadas para (i), respeitando-se apenas as características morfossintático-semânticas relativas à classe de V.

A ordem que N e ADJ assumem na sentença não é uma prerrogativa para distinguir ADJ de N, tampouco de V, já que se identifica uma certa liberdade de linearização entre N e ADJ.

Critérios morfológicos a princípio parecem frágeis para a mesma distinção, se pensarmos o uso de prefixos /as-/ e /ap-/. Todavia, podem-se vislumbrar classes específicas de N, dentre as quais se destacam a indicação para número via prolongamento vocálico da última sílaba; a possibilidade de coocorrência com outras classes gramaticais e lexicais, como número, advérbios. Além disso, critérios semânticos que identificam N como a classe que partilha características

---

<sup>58</sup> 'In some languages, adjectives have similar grammatical properties to nouns, in some to verbs, in some to both noun and verbs, and in some to neither'.

+*estáveis*, por exemplo, (Givón, 2001) e ADJ como classe que partilha características -*estáveis*, são bastante adequados para distinguir as referidas classes em Sanapaná. Com isso, se pode contrastar a classe de ADJ com as classes N e V Sanapaná conforme as características seguintes:

### **Morfológico**

1. N indica número com prolongamento da vogal e outros mecanismos, ao passo que ADJ não o faz.

2. N pode co-ocorrer com outras classes lexicais subjacentes, tais como: numerais, quantificadores, etc. ADJs só ocorrem subjacentemente a N.

3. ADJ<sub>1</sub> são os verdadeiros adjetivos Sanapaná identificáveis pela presença de /ak-/. Os ADJ<sub>2</sub> são resquícios de verbos, já que partilham morfologia daquela classe. Sendo assim, a presença do prefixo /ak-/ é um critério que utilizo para individualizar ADJ das demais classes. Baseio-me com isso na concepção de que “o reconhecimento de uma classe de palavras em uma língua deve ocorrer baseada em critérios gramaticais da própria língua” (cf. DIXON, 2009, p. 2).

### **Sintático**

1. Funciona como MODIFICADOR de N (ADJ<sub>1</sub>) e como núcleo de um predicativo (ADJ<sub>2</sub>), entendendo-se predicativo como um contexto adjetival no qual a informação do ADJ não é menos estável.

2. Os ADJ<sub>2</sub>, embora funcionem como predicados, não podem ser confundidos com V, por não aceitarem flexão morfológica comum àquela classe, tais como TAM (cf. 5.1.1.2).

3. ADJs não funcionam como argumento de um predicado.

### **Semântico**

1. Inclui conjunto de palavras que indicam estado, qualidade, propriedade física.

## CAPÍTULO IV

### O SINTAGMA NOMINAL

#### Classes Fechadas

Classes fechadas, segundo Robins (1964, p. 230, *apud* SCHACHTER; SHOPEN, 2007, p. 3), “contêm um número fixo e, normalmente, pequeno de membros que são [essencialmente] os mesmos para todos os falantes da língua ou dialeto”<sup>59</sup>. Por isso pode-se identificar nestas classes diferenças menos acentuadas quanto a seu comportamento morfossintático do que nas classes abertas. Pode-se identificar, também, um padrão mais conservador em relação a mudanças, se comparadas ao N ou ao V que “constantemente são adotadas nas línguas por seus falantes na medida em que precisam exprimir novas ideias” (cf. PAYNE, 2011, p. 118).

Como membros das classes fechadas, Schachter e Shopen (2007, p. 24) incluem os pronomes, os adjuntos do nome e os adjuntos do verbo, as conjunções. Em seção intitulada “Outras classes fechadas”, Schachter e Shopen, *op. cit.*, p. 52, tratam de clíticos, cópulas e predicados, marcas de ênfase e marcas de existencial, interjeições, marcas de modo, negação e marca de polidez. Neste capítulo adoto o critério de quantidade e conservadorismo usado pelos autores mencionados para delimitar as classes fechadas em diversas línguas. No entanto, não adoto todos os tipos por eles estabelecidos. Em seu lugar, trato dos seguintes tipos: pronomes (4.1); numerais (4.2); advérbios (4.3); quantificadores (4.4); adposições (4.5). Para tal, considero baseado em Schachter e Shopen (2007, p. 24), pronome a palavra usada como substituta de um nome ou um sintagma nominal. E baseado em Payne (2011, p. 119), como formas livres que cumprem a função mencionada em Schachter e Shopen, *op. cit.*

---

<sup>59</sup> Tradução livre para “... closed classes... ‘contain a fixed and usually small number of member word, which are [essentially] the same for all the speakers of the language, or the dialect”.

Para os numerais considero questões sintático-semânticas inerentes a esta classe como critério para identificá-lo como uma classe fechada. No caso dos advérbios, tomo como critério para agrupá-los sua função relacionada à informação de lugar, de tempo e de modo. Essa classe, segundo Payne (2011, p. 117), assim como os adjetivos não tem critérios precisos capazes de identificá-la. Para o autor, “qualquer palavra lexical que não é claramente um nome, um verbo ou um adjetivo é inserido na classe do advérbio”<sup>60</sup>.

Os quantificadores são apresentados por Schachter e Shopen (2007, p. 24) como adjuntos do nome, que o modificam para indicar “quantidade ou escopo”. Os quantificadores Sanapaná são delimitados por questões semânticas, assim como “um número de línguas em que quantificadores, ou pelo menos certos quantificadores, variam na forma de acordo com as propriedades semânticas do nome que modificam” (SCHACHTER; SHOPEN, op. cit., p. 17).

Finalmente, para o caso das adposições, o critério sintático da posição em que ocorrem em relação a seu complemento é adotado; o que me permite apresentar tanto preposições, quanto posposição. Esta, conforme mostrarei, tem função locativa, assim como identificado em alguns advérbios. Embora definidas sintaticamente, as adposições Sanapaná, assim como em outras línguas apontadas por Payne (2011, p. 124), não funcionam como núcleos do sintagma, mas como “núcleos semânticos”.

#### **4.1 A classe dos pronomes**

Pronomes são tratados tipologicamente como (i) proformas (cf. SCHACHTER; SHOPEN, 2007, p. 24), já que substituem um nome (DIXON, 2010b, p. 190) ou um sintagma e (ii) como uma classe fechada, uma vez que tem um número limitado de itens. Em Sanapaná essa classe de proformas pode ser classificada em pronomes pessoais (4.1.1), possessivos (4.1.2), demonstrativos (4.1.3), indefinidos (4.1.4), reflexivos (4.1.5) e interrogativos (4.1.6).

---

<sup>60</sup> Tradução livre para “Any full lexical Word that isn’t clearly a noun, a verb, or an adjective is often put into the class of **ADVERB**”.

### 4.1.1 Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais são formas dêiticas que identificam os participantes do discurso. A delimitação dessa classe de palavras pressupõe a existência de três pessoas distintas como o conjunto mais amplamente detectado em línguas naturais. Assim, em uma delimitação dos pronomes como a apresentada em Schachter e Shopen (2007, p. 24), tem-se que “os pronomes pessoais são palavras usadas para referir o falante (eu, me), a pessoa que fala com (você), e outras pessoas e coisas cujos referentes presumivelmente são dados contextualmente (ele, ela)”, etc.

Em Sanapaná, o paradigma de pessoa distingue apenas duas pessoas, sendo o enunciatário a primeira e o ouvinte (ou outrem) a outra pessoa. Assim, analiso o sistema pronominal de pessoa Sanapaná como [+1] ‘eu’ em oposição à [-1] ‘não eu’. Por [-1] considero um referente que pode ser 2 e / ou 3. Sendo assim, apresento o paradigma de pronomes pessoais Sanapaná conforme (176). Nesta, destaca-se uma mesma forma pronominal referente a [+1], independentemente do gênero do referente. Para referente [-1], ocorre o oposto. Ou seja, masculino é indicado pelo uso de um pronome MASC e feminino pelo uso de um pronome FEM.

<b>(176)</b>	<b>1</b>	SG	MASC / FEM
	<b>2 / 3</b>	SG	MASC FEM
	<b>1</b>	PL	MASC / FEM
	<b>2 / 3</b>	PL	MASC FEM

a) Pronomes pessoais em função de A / S

Em função de A / S tem-se a ocorrência de pronomes para indicar [+1] e [-1], conforme ilustram os dados adiante. Com isso, considero um sistema que distingue discursivamente apenas o enunciatário do não enunciatário, concepção adotada ao longo desta Tese. Como resultado, tem-se um sistema que identifica, como mencionado, o *eu* [+1] e o *não eu* [-1], sendo que este pode referir-se a você e/ou a outrem. Logo, [-1] = 2 / 3 pessoas<sup>61</sup>.

Outra possibilidade de interpretação do referido sistema poderia ser aquela que considera a primeira e a segunda pessoa, em detrimento de uma terceira, possivelmente visível para os actantes do discurso. Em ambas as possibilidades de análise fica evidente, todavia, a ausência de uma distinção do tipo [+1], [-1] interactante, ouvinte e [-1] não interactante, não ouvinte. Sendo assim, apresento a seguir a série de pronomes pessoais Sanapaná.

**[+1SG]** é realizado pelo pronome ko'ó.

(177) ko'ó            as-ketka            ma'e-wene-k  
PRON<sub>+1</sub>        POS<sub>+1</sub>-filho        PROSP<sub>MASC</sub>-chorar-FUT  
'Meu filho vai chorar'

b.    ko'ó            as-mota-'e            aṅalóa  
PRON<sub>+1</sub>        CONC<sub>+1</sub>-atirar-TAM        tatu  
'Eu atirei no tatu'

c.    ko'ó            as-eponges-kama            tahla            aṅepa            na'ak  
PRON<sub>+1</sub>        CONC<sub>+1</sub>-apagar-CAUS        fogo            plantação            POSP  
'Eu apaguei o fogo da plantação'

---

<sup>61</sup> Nas traduções dos dados Sanapaná para o PB adotei como *default* a terceira pessoa como referente para 2 /3.

O pronome *ko'o* é uma forma utilizada independentemente do gênero do referente. Sendo assim, as sentenças em (178) podem ser interpretadas como proferidas por um referente 'MASC' ou por um referente 'FEM'. Além desse fato, destaque, ainda, o emprego de *ko'o* de maneira irrestrita, seja em sentenças cujo A / S é mais agente (178), seja em sentenças nas quais esses argumentos são mais pacientes (179).

(178) as-tawa-kheje                      ko'o  
       CONC<sub>+1</sub>-comer-HIP                PRON<sub>+1</sub>  
       'Eu estou comendo'

b.    as-ante-ke                              ko'o        antapa    ak-tejala'a    tahla  
       CONC<sub>+1</sub>-trazer-COMPL    PRON<sub>+1</sub>    lenha        CONC<sub>-1</sub>-DAT    fogo  
       'Eu trouxe lenha para o fogo'

(179) ko'o                      as-tejajam        neten    na'ak        jamet  
       PRON<sub>+1</sub>                      CONC<sub>+1</sub>-caír    LOC        POSP        árvore  
       'Eu caí (de cima) da árvore'

b.    Ko'o        nesep-ma                              e-jakhak  
       PRON<sub>+1</sub>    estar doente-NOMZ        POS<sub>+1</sub>-corpo  
       'Eu estou doente'  
       'Lit. Eu estar doente meu corpo'

A posição inicial da sentença ocupada pelo pronome nos exemplos em (179) é a mesma ocupada pelo N em um SN, mas não é a mesma dos exemplos em (178), o que revela simultaneamente a relação morfossintática estreita entre estas duas classes de palavras e as particularidades inerentes a cada uma.

**[+1PL]** é realizado pelo pronome *enenko'o*. Uma comparação deste pronome com o pronome [+1SG] permite segmentá-lo. Tal segmentação gera uma leitura literal como “*eles e eu*”. Ao primeiro morfema segmentado é atribuída função dêitica. Ao segundo, função [+1] PL<sup>62</sup>. Finalmente, o terceiro morfema refere-se à forma pronominal [+1] SG.

e-nen-ko'o

DEIT-PL-PRON<sub>+1</sub>

Assim como ocorre com o PRON<sub>+1SG</sub> – no qual não se distinguem formas específicas para ‘MASC’ ou para ‘FEM’ – o PRON<sub>+1PL</sub> também é a forma utilizada para ambas as informações de gênero. Desta forma, pode perfeitamente indicar algo como ‘*eu, ele e ela*’. Alguns exemplos de sentenças com o pronome [+1PL] são apresentados abaixo. Note-se apenas que para efeito de glosa ao longo da Tese adoto para o referido pronome a informação total de pessoa e número. Por isso, o mesmo é apresentado como PRON<sub>+1/PL</sub>.

(180) enenko'o            e-kanet            e-seponges-kama  
          PRON<sub>+1/PL</sub>        CONC<sub>PL</sub>-dois    CONC<sub>PL</sub>-apagar-CAUS

Tahla        aṇepa            na'ak  
 fogo        plantação        POSP

‘Nós apagamos o fogo da plantação’

---

<sup>62</sup> A primeira consoante nasal /n/ resulta de um processo de epêntese consonantal gerada a fim de evitar encontro vocálico entre /e/ do primeiro afixo e /e/ do segundo afixo. Estruturas do tipo VC são bastante comuns para casos de concordância / posse via prefixo.

b. e-hl-mame-kama                      enenko'o  
 DEIT-PL<sub>SUJ</sub>-trabalho-CAUS      PRON<sub>+1PL</sub>  
 'Nós estamos trabalhando'

c. enenko'o                                  e-hl-teana-we                                  hlejap  
 PRON<sub>+1/PL</sub>                                  DEIT-SUJ-ver-TAM                                  PRON<sub>-1/MASC</sub>  
 'Nós vimos ele'

Note-se com os referidos exemplos a ausência de distinção morfossintática para referir-se à característica inclusiva e / ou exclusiva do referente [-1] envolvido no discurso.

Em Sanapaná, *enenko'o* é o pronome único de [+1PL], independentemente das informações semânticas envolvidas. Nesse sentido, se há a necessidade de especificar um segundo referente distinto dos representados em *enenko'o* uma possibilidade é utilizar o distal *ha'e* (181a). Para o caso em que se pretende intensificar o plural expresso em *enenko'o*, emprega-se o quantificador *hlamanma* (181b).

(181) enenko'o                                  hlemoje                      ha'e  
 PRON<sub>+1/PL</sub>                                  ASSOC                      DIST  
 'nós com ele'

b. enenko'o                      en-hlamanma                      e-seponges-kama  
 PRON<sub>+1/PL</sub>                      DEIT<sub>+1PL</sub>-INTENS                      DEIT-apagar-CAUS

tahla                      aŋepa                      na'ak  
 fogo                      plantação                      POSP  
 'Nós apagamos o fogo da plantação'





(189)	Civito	ap-ke-le-kamok	patakon	hlenkap
	NP	CONC. <sub>-1</sub> -MASC-OBJ-dar	dinheiro	PRON. <sub>-1</sub> /PL/MASC
	'Civito dá dinheiro para eles'			

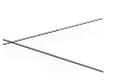
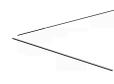
A constatação de que os pronomes Sanapaná são homógrafos independentemente da função sintática que exerçam, poderia sugerir a possibilidade de os prefixos de concordância também apresentarem a mesma característica, ou seja, poderem ser aplicados para ambos os argumentos, o que é completamente impropriedade. A não ocorrência de /as-/ e /ap-/ com referência a O, contudo, não significa que em Sanapaná não haja um sistema de concordância relacionado a tal argumento. É o que mostram as sentenças (186-189).

Em termos gerais, se pode compreender os pronomes pessoais e sua distribuição na sentença conforme o quadro a seguir.

<b>PRONOMES PESSOAIS EM POSIÇÃO A/S</b>		
PRON <sub>+1</sub>	PRON <sub>+1</sub> /PL	PRON <sub>-1</sub>
ko'ó MASC/FEM	<b>Eu + você</b> enenko'ó	<b>Singular</b> hlejap / MASC hleja / FEM
	<b>Eu+você+outro(s)</b> enenko'ó	<b>Plural</b> hlenkap / MASC hlenka / FEM
<b>PRONOMES PESSOAIS EM POSIÇÃO O</b>		
PRON <sub>+1</sub>	PRON <sub>+1</sub> /PL	PRON <sub>-1</sub>
ko'ó MASC/FEM	<b>Eu + você</b> enenko'ó	<b>Singular</b> hlejap / MASC hleja / FEM
	<b>Eu+você+outro(s)</b> enenko'ó	<b>Plural</b> hlenkap / MASC hlenka / FEM

Quadro 10: Pronomes pessoais

Esse quadro mostra que os pronomes assumem a mesma forma, seja em função de A / S, seja em função de O. A distinção de gênero recorrente para [-1] permite identificar cada informação gramatical apresentada em (176) conforme a representação em (190). Nesta, nota-se, assim como já identificado, por exemplo, entre adjetivos, o papel gramatical de sufixos. Aqui, estritamente relacionados a gênero, sendo a presença (de /p/) responsável por MASC e, conseqüentemente, sua ausência, responsável por FEM.

<b>(190)</b>	<b>1</b>	SG	MASC / FEM	ko'o
	<b>2 / 3</b>	SG	 MASC FEM	hleja- <b>p</b> hleja- <b>Ø</b>
	<b>1</b>	PL	MASC / FEM	enenko'o
	<b>2 / 3</b>	PL	 MASC FEM	hlenka- <b>p</b> hlenka- <b>Ø</b>

Note-se ainda em (190) que, do ponto de vista tipológico, a não distinção para gênero relacionada a [+1] é comum. Bhat (2007, p. 109) afirma, por exemplo, que “a distinção para gênero é geralmente ausente em pronomes de primeira e de segunda pessoa. A maioria das línguas que manifestam gênero .... restringem sua ocorrência a pronomes de terceira pessoa e a proformas como demonstrativos”<sup>64</sup>. Sendo o sistema Sanapaná do tipo [+1] / [-1] (2>3), a distinção ocorrerá, portanto, neste último.

<sup>64</sup> Tradução livre para “Gender distinction is generally absent in first and second person pronouns. Most of the languages that manifest gender or noun class distinction among their pronouns restrict their occurrence to third person pronouns and to proform like demonstratives”.

Da mesma maneira, sistemas em que a forma pronominal é igual em ambas as funções são identificados em outras línguas naturais. Cito como exemplo o Chinês. Nesta língua, as formas pronominais tem a mesma forma quando em posição de A / S /O.

Wo changchang jian ta (Tallerman, 2005, p. 116)

Eu sempre ver ele

'Eu sempre o vejo'

Ta changchang jian wo

Ele sempre ver eu

'Ele sempre me vê'

Sob um ponto de vista estritamente sintático, quando observada com seus pronomes, considero a língua Sanapaná um sistema de marcação de caso neutro, já que  $A = S = O$ . Entretanto, ao observar os prefixos de concordância relacionados a O, identifico um sistema de alinhamento NOM-ACUS, uma vez que  $A=S \neq O$ .

Em termos de ordem, pode-se verificar ao longo dos exemplos que os pronomes pessoais ocupam a mesma posição na sentença que um sintagma nominal, de modo que haja PRON + V + PRON.

Nos casos apresentados até aqui, em que o objeto desencadeia concordância no verbo, como em *e-le-kamok*, cujo prefixo /le-/ corresponde ao objeto, tem-se um processo bastante semelhante com o que ocorre com o Francês, por exemplo, *Jean le leur donnera* e *Jean donnera le pain aux enfant* em que O pronominal e O nominal ocupam posições diferentes.

#### 4.1.2 Pronomes possessivos

No Capítulo III mostrei que nomes indicam obrigatoriamente, via índice de concordância / posse, possuidor (3.1.2.4). Outras formas de indicar posse também são possíveis em Sanapaná. Aqui, mostro três formas pronominais específicas para tal, delineadas conforme os traços gramaticais da pessoa detentora do *status* [+POSSUIDOR]. Assim, se [+POSSUIDOR] é [+1SG] tem-se a forma *hankok*; se [+POSSUIDOR], por outro lado, é [-1SG] tem-se a forma *pankok*. Finalmente, se [+POSSUIDOR] é [PL] tem-se a forma *jankaok* para [+1] e *pankaok* para [-1].

Em termos de linearização, tais pronomes ocorrem em posição posterior ao elemento possuído.

POSSUÍDO + POSSUIDOR (PRONOMINAL)

A seguir, apresento alguns exemplos a fim de ilustrar cada um dos referidos pronomes.

a) Pronome Possessivo [+1SG]: realizado por *hankok*<sup>65</sup>.

(191) zapato    hankok  
      sapato    PRON<sub>POS+1/SG</sub>  
      ‘meu sapato’

---

<sup>65</sup> Para os pronomes possessivos, assumo aqui a possibilidade de alofonia entre /k/ e [g] como resultado do processo de lenição. Nos casos em que determinado falante produza algo como [*pangok*], perfeitamente possível e produtivo, a forma subjacente é /pankok/.

b.	a-lepanke	zapato	hankok
	CONC <sub>-1</sub> -novo	sapato	PRON <sub>POS+1/SG</sub>
	'meu sapato novo'		

b) Pronome Possessivo [-1SG]: realizado por *pankok*.

(192)	zapato	pankok	hlejap
	Sapato	PRON <sub>POS-1/SG</sub>	PRON <sub>-1/MASC</sub>
	'sapato dele'		

b.	nahlma	pankok
	campo	PRON <sub>POS-1/SG</sub>
	'campo dele'	

A distinção entre os pronomes possessivos [+1] e [-1] singular mostra que a realização fonológica dos pronomes possessivos no domínio de um SN tem as seguintes implicações:

- (i) os prefixos de concordância / posse atestados em N e ADJ não ocorrem no SN cujo escopo do pronome recai (possuído);
- (ii) a ocorrência dos pronomes não tem restrição de traço semântico quanto ao possuidor.

(193)	ko'o	∅-kason	ah-ankok
	PRON <sub>+1</sub>	∅-calça	CONC <sub>+1</sub> -PRON <sub>POS/SG</sub>
	'minha calça'		
	*as-kason	h-ankok	

b.	hlep	∅-kason	ap-ankok
	PRON <sub>-1</sub>	∅-calça	CONC <sub>-1</sub> -PRON <sub>POS/SG</sub>
	‘tua calça’		
	*ap-kason	ap-ankok	

A implicação de (i) é ilustrada nos exemplos (193) envolvendo [+1] (193a) e [-1] (193b). Nos referidos exemplos, verifica-se a ausência de um prefixo marcador de posse no N possuído, o que seria previsível em outros contextos sintáticos. Esse fato revela, na prática, um processo de economia linguística Sanapaná, uma vez que a indicação de posse é feita no próprio pronome através do prefixo de concordância / posse /ah-/ [+1] e /ap-/ [-1]. Sendo assim, indicar o possuidor no possuído, nesses contextos, o torna agramatical.

A implicação (ii) resulta na possibilidade de os pronomes ocorrerem com itens lexicais de diferentes grupos semânticos, conforme (194). Não ocorrem, todavia, em contextos envolvendo partes do corpo (195). Nestes, mantém-se preferencialmente, o prefixo /e-/ como referência ao possuidor.

(194)	hlepop	ah-ankok
	terra	CONC <sub>+1</sub> -PRON <sub>POS/SG</sub>
	‘minha terra’	

b.	wason	ah-ankok
	rio	CONC <sub>+1</sub> -PRON <sub>POS/SG</sub>
	‘meu rio’	

c.	piaw’a	ah-ankok
	estrela	CONC <sub>+1</sub> -PRON <sub>POS/SG</sub>
	‘minha estrela’	

(195)	as-kehen	ankoje	akjenakha	e-menek <sup>7</sup>
	CONC <sub>+1</sub> -doer	INTENS	direito	POS <sub>+1</sub> -pé

‘Meu pé direito dói muito’

Os pronomes independentes */ah-angok/* e */ap-angok/* também devem ser entendidos como os responsáveis por atribuir valor genitivo ao SN, como ilustrado em (196).

(196)	jamet	peskesk-angok <sup>66</sup>
	árvore	sombra-PRON <sub>POS-1/SG</sub>

‘sombra da árvore’

b.	Juan	moto	ap-angok
	NPr	moto	CONC <sub>-1</sub> -PRON <sub>POS/SG</sub>

‘a moto de Juan’

c.	nenhlet	hlepop	ap-angaok
	Sanapaná	chão	CONC <sub>-1</sub> -PRON <sub>POS/PL</sub>

‘os Sanapaná da comunidade’  
‘os Sanapaná do chão, terra<sup>67</sup>’

Em uma estrutura sintática que vai além do SN, a relação de posse é realizada também pelo verbo *añetneje* (ter).

---

<sup>66</sup> A ausência de /a/ com informação [CONC<sub>+1</sub>] juntamente ao pronome resulta de um processo de apagamento causado pela semelhança com a vogal anterior.

<sup>67</sup> O termo *comunidade* reflete apenas uma tradução feita aleatoriamente por mim. Outra forma encontrada ao longo da Tese, com tradução semelhante, é *eleomakha*, que contém a raiz {*makha*} ‘casa’.

(197) ko'o      ajetneje      waka      hankok<sup>68</sup>      apak  
 PRON<sub>+1</sub> ter                      caderno PRON<sub>POS+1/SG</sub>      velho  
 'Eu tenho um caderno velho'

c) Pronome Possessivo [+1PL]: realizado por *jankaok*.

(198) jemen      jankaok  
 Água      PRON<sub>POS+1/PL</sub>  
 'nossa água'

b.      nenhlet                              jankaok  
 Sanapaná                              PRON<sub>POS+1/PL</sub>  
 'nosso povo (Sanapaná)'

d) Pronome possessivo [-1PL]: é realizado por *apankaok*.

(199) ap-motas-kama                      ap-katek                      ap-ankaok  
 CONC<sub>-1</sub>-atirar-CAUS                      POS<sub>-1</sub>-cabeça                      CONC<sub>-1</sub>-PRON<sub>POS-1/PL</sub>  
 'Ele atirou na cabeça deles'

b.      ap-kanhes-kama                      patakon                      ap-ankaok  
 CONC-pedir-CAUS                      dinheiro                      CONC<sub>-1</sub>-PRON<sub>POS-1/PL</sub>  
 'Ele pediu dinheiro deles'

Os pronomes */apangaok/* e */jangaok/* referentes ao traço PL nos permitem observar o processo de epêntese de /a/ já tratado na seção sobre PL dos nomes

<sup>68</sup> O que se observa nesse SN é um processo morfofonológico de assimilação que altera a estrutura da última  $\sigma$  do nome e da primeira  $\sigma$  do pronome. Com isso, cai o prefixo de concordância /ap-/. Sem o referido processo, o que se tem é *{peskeska}* 'sombra' e *{apangok}*.

de parte do corpo, bem como a presença do morfema de PL {-o-}. Uma terceira implicação acerca dos pronomes possessivos pode ser feita: indicam plural pelo mesmo mecanismo morfofonológico que os nomes de partes do corpo.

O contraste com */hangok/*, */jangok/* e */jangaok/*, */apangaok/* permite segmentação para além daquela relacionada à identificação do possuidor. Trata-se do prefixo */an-/*, conforme demonstro a seguir.

	Pessoa	Indefinitude	RAIZ	Número
[+1SG]	ah-	an-	kok	∅
[-1SG]	ap-	an-	kok	∅
[+1PL]	j-	an-	kok	/-a-/
[-1PL]	ap-	an-	kok	/-a-/

Com essa segmentação é possível compreender que a informação de posse é dada a partir de uma raiz possessiva acrescida de um prefixo de pessoa – */ah-/* [+1] e */ap-/* [-1] – e de indefinitude */an-/*, o que gera um tema possessivo. A este é acrescentada informação de número, sendo SG a forma de base da raiz e PL resultado de infixação de {-o-}. Note-se que o prefixo indefinido */an-/* pode ser o mesmo atestado para referir FEM ou indefinido, por exemplo.

#### 4.1.3 Pronomes demonstrativos

A função principal dos pronomes demonstrativos em determinada língua é a de indicar a distância relativa entre o referente e uma referência, que normalmente coincide com a posição do falante (cf. RIJKHOFF, 2004, p. 178). Aqui, apresento dois itens lexicais com valor demonstrativo. Tais itens distinguem-se morfologicamente conforme a informação espacial que contêm.

Nos contextos em que se trata de uma informação na qual a relação espacial é tomada como próxima entre os participantes do evento utiliza-se o item proximal (PROX) */henka'e/* (200). Por outro lado, se a relação espacial entre os

participantes do evento é tida como mais distante, utiliza-se o item distal (DIST) */naha'e/* (201).

(200)	henka'e	ap-nonan-ka'e
	PROX	CONC. <sub>-1</sub> -sentado-PROX
	'este sentado'	

b.	henka'e	an-keioanat-kok
	PROX	CONC. <sub>-1/FEM</sub> -mulher-DIM
	'esta menina'	

(201)	ankeloanat-kok	ak-nemo	naha'e
	menina-DIM	CONC. <sub>-1</sub> -em pé	DIST
	'aquela menina em pé'		

b.	anset-kok	naha'e
	homem-DIM	DIST
	'aquele menino'	

*Henka'e* pode ser associado a um pronome pessoal e, nesse caso, tem sua função lexical estendida a locativo, já que passa a indicar ponto de referência proximal (PROX), conforme o exemplo abaixo:

(202)	as-ten-ke	ko'o	henka'e
	CONC. <sub>+1</sub> -dormir-COMPL	PRON. <sub>+1</sub>	PROX
	'Eu dormi aqui'		

A forma *naha'e* tem sofrido um processo de redução que resulta na forma *ha'e* (203). Há nesse caso, portanto, um processo em curso de metaplasmo envolvendo a primeira sílaba.

(203) ta'asehlma    me-takha    ha'e  
PRON<sub>INT</sub>    NEG-ir    DIST  
'Quando aquele não vai?'

b.    anhlape    tema    ha'e  
INTENS    casa    DIST  
'Há muita casa lá'

Para mais de um referente próximo utiliza-se o pronome plural */hlenkap/*. A posição inicial do sintagma ocupada pelo demonstrativo */hlenkap/* (204) – em oposição aos exemplos em o demonstrativo ocupa posição final do sintagma – demonstra a liberdade de linearização no sintagma e / ou na sentença que os referidos pronomes possuem.

(204) hlenkap    as-jepma  
PROX<sub>PL</sub>    CONC<sub>.1</sub>-irmão  
'estes meus irmãos'

Assim como ocorre com os pronomes possessivos, os pronomes demonstrativos também podem ser segmentados para identificar pessoa e número. Vejamos:

		Pessoa	Número	RAIZ	Pessoa
PROX	[-1SG]	h-	en	ka	-’e
DISTAL	[-1SG]	∅	na	ha	-’e
PROX	[-1PL]	hl	en	ka	-ap

A segmentação dos demonstrativos ilustra uma estrutura morfológica distinta daquela proposta para os possessivos na medida em que se identifica nos demonstrativos duas posições relacionadas à indicação de pessoa. Na primeira posição, distinguem-se /h/ [+1] de /hl/ [-1] e na segunda /’e/ [+1] de /-ap/ [-1]. Para os possessivos, identifica-se apenas a primeira posição. Interessante notar que a posição referente a número – no caso dos demonstrativos preenchida por /en/ – por ocorrer seja em [-1SG], seja em [-1PL], parece não desempenhar sua função.

#### 4.1.4 Pronomes indefinidos

O pronome indefinido *po’ok* é empregado nos casos em que estão envolvidas duas não primeiras pessoas e estas não são identificadas nominalmente. Sua função é, portanto, evitar ambiguidade na sentença.

(205) *ap<sub>i</sub>-motas-kama*      *ap-katek*      *anmoama*      *po’ok<sub>j</sub>*  
 CONC-atirar-CAUS      POS.<sub>1</sub>-cabeça      arma      PRON.<sub>-1/INDEF/MASC</sub>  
 ‘Ele atirou na cabeça dele com arma de outro’

b. *ap<sub>i</sub>-ke-hl-pawe-am*      *hlemoje*      *po’ok<sub>j</sub>*  
 CONC.<sub>-1</sub>-MASC-SUJ-caçar-TAM      ASSOC      PRON.<sub>-1/INDEF/MASC</sub>  
 ‘Eles caçaram com ele’

- c.      *ap<sub>i</sub>-kanhes-kama*                  *patakon*                  *po'ok<sub>j</sub>*  
           CONC-pedir-CAUS                  dinheiro                  outro-1/INDEF/MASC  
           ‘Ele pediu dinheiro de outro’

O pronome *po'ok* como opção utilizada para desambiguar contexto em que os argumentos verbais são não primeira pessoa [-1] tem ocorrência restrita à posição de O (205). Em posição de A / S será realizado obrigatoriamente (i) um SN ou (ii) um pronome pessoal. Quando da ausência de (i) ou (ii), haverá concordância no SV capaz de licenciar o argumento em questão.

A não produtividade desse argumento em posição de A / S não tem nenhuma relação com a ordem dos argumentos, mas com a impossibilidade gramatical deste em relação a aspectos semânticos.

Importante ressaltar que o pronome indefinido também é utilizado em contextos cujo referente apresenta traços semânticos [-HUM] (206) ou FEM (207). Nesse caso, contudo, a consoante inicial /p/ passa à nasal /m/.

- (206) *ma'e*                  *ɲakha*      *mo'ok*                  *akjawakahlma*  
           PROSP-1/MASC      ir                  PRON<sub>INDEF/FEM</sub>                  cidade  
           ‘Você vai à (outra) cidade?’

- b.      *hlejap*                  *ap-tenana-'e*                  *jemen mo'ok*  
           PRON-1/MASC                  CONC-1-comprar-TAM                  água      PRON<sub>INDEF/FEM</sub>  
  
           *na'ak*                  *e-le-omakha*  
           POSP                  DEIT-OBJ-casa  
           ‘Ele vai comprar água na outra comunidade’

c. waka ak-jea-ma mo'ok  
vaca CONC-1-empurrar-NOMZ PRON<sub>INDEF/FEM</sub>  
'O empurrão da vaca (a outra vaca)'

(207) mo'ok ankeloana  
PRON<sub>INDEF/FEM</sub> menina  
'outra menina'

Finalmente, cabe salientar que o pronome indefinido pode receber um prefixo de concordância para indicar um referente cujo gênero 'MASC / FEM' não é indicado gramaticalmente. Para esses casos, trata-se de concordância direta entre o predicado e o pronome. O resultado é a indefinição expressa pelo dêitico /e-/.

(208) anhlaje e-mame-kama aɲep  
QUANT DEIT-trabalho-CAUS fazenda

apangok na'ak e-mo'ok  
PRON<sub>POS-1/SG</sub> POSP DEIT-vizinho  
'Há muito trabalho na terra do vizinho'

#### 4.1.5 Pronomes reflexivos

Tomando-se como referência para os reflexivos o fato de que “pronomes reflexivos só o devem ser considerados como tal quando refletem em si mesmos o controlador da sentença<sup>69</sup>”, então se tem em Sanapaná um legítimo caso de pronome reflexivo. Trata-se de *angoje*, como ilustrado nos exemplos a seguir.

(209) as-jepma                      ap-tejane-ma  
      CONC<sub>+1</sub>-irmão              CONC<sub>-1</sub>-admirar-NOMZ

pe-kakhao                      p-angoje  
CONC<sub>-1/MASC</sub>-REFL              CONC<sub>-1/MASC</sub>-mesmo

‘Meu irmão admira a si mesmo’

‘Lit. A admiração do meu irmão por ele mesmo’

b. as-ken              kanhan              as-japon              a-hl-tejane-ma  
   POS<sub>+1</sub>-mãe    CONJ              POS<sub>+1</sub>-pai              CONC<sub>-1</sub>-PL-admirar-NOMZ

ke-kakhao                      p-angoje  
CONC-REFL                      CONC<sub>-1/MASC</sub>-mesmo

‘Minha mãe e meu pai admiram-se a si mesmos’

c. as-japon              kanhan              as-ken              a-hl-tejane-ma  
   POS<sub>+1</sub>-pai              CONJ              POS<sub>+1</sub>-mãe              CONC<sub>-1</sub>-PL-admirar-NOMZ

---

<sup>69</sup> Adaptado de “Markers of reflexive constructions sometimes – but not always – reflect the person of the controlling argument (the subject); when they do, the term ‘reflexive pronoun’ is appropriate” (Dixon, 2010b, p. 189).

ke-kakhao                      angoje  
 CONC-REFL                      mesma  
 ‘Meu pai e minha mãe admiram-se a si mesmos’

d.      as-jehlo                      a-tejane-ma                      ke-kakhao                      angoje  
           CONC<sub>+1</sub>-irmã      CONC<sub>-1</sub>-admirar-NOMZ      CONC-REFL      mesma  
 ‘Minha irmã admira a si mesma’

A indicação de gênero no reflexivo *angoje* se dá através do emprego do morfema /p/ em posição prefixal para indicar o traço gramatical ‘MASC’. Consequentemente, sua ausência marca o traço gramatical ‘FEM’, exatamente como ocorre nos pronomes pessoais [-1]. O contraste entre os dois tipos de pronomes, no entanto, ressalta diferenças em relação à posição em que tal distinção ocorre. No caso dos pronomes pessoais, como mostrei em (4.1.1), a relação /p/ ‘MASC vs Ø ‘FEM’ é realizada posteriormente à raiz. Nos reflexivos ocorre o inverso.

Interessante notar, também, que a presença de um referente ‘MASC’ não é a única condição para o emprego de /p/. Na verdade, há uma condição de proximidade entre o referente ‘MASC’ e o reflexivo. O não cumprimento desta condição resulta na ausência do referido morfema. É o que ocorre em (209c) onde há o referente ‘MASC’ *japon* e o referente ‘FEM’ *ken*, sendo que este se encontra mais próximo do reflexivo e não desencadeia, portanto, o emprego de /p/. Esse processo é o argumento que utilizo para considerar os itens lexicais em questão como casos de reflexivos, à semelhança do que propõe Dixon (2010) para esse tipo de classe gramatical.

Junto ao reflexivo, observa-se o emprego de /ke-kakhao/. Estes co-ocorrem no sintagma / sentença. É possível afirmar, portanto, que reflexividade é realizada em Sanapaná por um sintagma reflexivo constituído pelo núcleo reflexivo *angoje* mais seu modificador *kekakhao*. A alternância /pe-/ (209a), /ke-/ (209b-d) ainda

carece de análise. O mesmo acontece com o final /e/ do predicado, que parece ser desencadeado pelo reflexivo. Exemplos adicionais são apresentados a seguir.

(210) ko’o            as-tahlne            kakhao    angoje  
          PRON<sub>+1</sub>    CONC<sub>+1</sub>-vestir    REFL       mesmo  
          ‘Eu vesti a mim mesmo’

b.        maria            ak-tahlne            kakhao    angoje  
          NPr            CONC<sub>-1</sub>-vestir    REFL       mesma  
          ‘Maria vestiu a si mesma’

(211) enenko’o    e-je-ses-kama            ke-kakhao    pangoje  
          PRON<sub>+1/PL</sub>    DEIT-OBJ-cortar-CAUS    ?-REFL       mesmo  
          ‘Nós nos cortamos’

#### 4.1.6 Pronomes interrogativos

Em Sanapaná o valor interrogativo é expresso por um conjunto de pronomes delineados a partir da informação semântica presente no referente cujo escopo recai. Com essa característica básica, pode-se tratá-los, embora utilize ao longo dessa Tese a nomenclatura *pronomes interrogativos*, como casos de *interrogativos do constituinte* à semelhança do que é apresentado em König e Siemund (2007, p. 290) para casos do inglês; segundo os quais esse tipo de interrogativo solicita respostas que atendem ao tipo de informação especificado pela palavra interrogativa.

A utilização de pronomes interrogativos não é, todavia, a única forma possível de estabelecer um contexto interrogativo em Sanapaná. Outra forma

possível refere-se ao fator prosódico entonação ascendente<sup>70</sup>, que ocorre juntamente com o pronome *nehla* nos contextos de sentenças interrogativas do tipo Sim / Não. Essa dicotomia entre contexto interrogativo gerado pelo emprego de pronomes interrogativos e pelo emprego de entonação ascendente junto a *nehla* permite-me estabelecer uma distinção entre contextos interrogativos de palavras e / ou de conteúdo (4.1.6.1) e contextos interrogativos polares do tipo SIM / NÃO (4.1.6.2).

#### 4.1.6.1 Pronomes interrogativos de palavra ou conteúdo

Interessa-me ressaltar para esse conjunto de pronomes interrogativos dois aspectos, sendo o primeiro a relação do sufixo verbal com o pronome interrogativo. Nota-se nessa posição morfossintática a presença expressiva da vogal /o/ associada a uma consoante /m/, /j/, /ʎ/, /p/, /ɲ/, /t/<sup>71</sup>. O segundo aspecto refere-se à recorrência de /ta'-/ em praticamente todos os pronomes, o que pode ser evidência de um morfema interrogativo, que seria acrescido do conteúdo semântico / escopo da interrogação através de outros morfemas.

##### a) Causal

É realizado pelo pronome *taehlnatemo*. O emprego desse pronome implica uma pergunta cujo escopo é uma causa. Sintaticamente, ocorre na posição inicial da sentença. Essa posição sintática é ocupada por todos os tipos de pronomes interrogativos.

---

<sup>70</sup> Esse mecanismo linguístico não será tratado em detalhes nesta Tese por entender a necessidade de aliar ao mesmo, para um entendimento mais preciso, estudos acústicos relacionados à prosódia Sanapaná.

<sup>71</sup> Importa ressaltar aqui que esse tipo de morfema é encontrado, também, nas sentenças negativas (cf. 6.1.1). Em ambos os casos, é provável que a alternância consonantal do referido morfema seja condicionado (i) por restrições fonológicas ou (ii) por questões de TAM.

- (212) taehlnatemo            hlengap            ap-ke-len-tep-ma  
 PRON<sub>INT</sub>                    PRON<sub>-1/PL</sub>        CONC<sub>-1</sub>-MASC-OBJ-sair-NOMZ  
 ‘Por que eles saíram?’  
 ‘Lit. por que a saída deles’

No contexto de *taehlnatemo*, a estrutura de nominalização presente no exemplo acima é incomum. O comum é a ocorrência de predicados constituídos por sufixo terminado com morfema envolvendo uma consoante e a vogal /-o/, conforme se observa nos exemplos apresentados.

- (213) taehlnatemo                                    ap-ke-la-temo-mo  
 PRON<sub>INT</sub>    CONC<sub>-1</sub>-MASC-PL-sorrir-INT  
 ‘Por que eles sorriem?’

- b.        taehlnatemo ap-ke-lje-teap-mo                                    na’ak equipo pangok  
 PRON<sub>INT</sub>        CONC<sub>-1</sub>-MASC-SUJ<sub>PL</sub>-perder-INT    POSP equipe PRON<sub>POS-1/SG</sub>  
 ‘Por que sua equipe perdeu?’

- c.        taehlnatemo    ap-ke-len-mote-mo                                    na’ak    hlengap  
 PRON<sub>INT</sub>            CONC<sub>-1</sub>-MASC-SUJ<sub>PL</sub>-sentar-INT    POSP    PRON<sub>-1/PL</sub>  
 ‘Por que vocês estão sentados?’

A produtividade de /-mo/ no final do predicado parece estar relacionada à /-mo/ presente ao final do pronome interrogativo, o que não seria improvável se considerar o que ocorre com a negação, onde NEG controla o sufixo do verbo (cf. 6.1.1). O exemplo a seguir demonstra, no entanto, que o sufixo de interrogação não é necessariamente /-mo/, mas a vogal /-o/, já que o mesmo exemplo (214)

apresenta o sufixo /-jo/, e que a consoante que a acompanha também deve estar relacionada a alguma informação linguística.

(214) *taehlnatemo*    *ap-teja-jo*                    *na'ak hlema moto pangok*  
 PRON<sub>INT</sub>            CONC-1-comprar-INT    POSP    uma    moto    PRON<sub>POS-1/SG</sub>  
 'Por que você comprou uma moto?'

O interrogativo *taehlnatemo* tem como resposta prototípica *anemaj'a*, indicador da causa questionada. Assim, a pergunta (212) repetida abaixo pode ser respondida conforme (215).

(215) / (212) *taehlnatemo*    *hlengap*            *ap-ke-le-ntep-ma*  
 PRON<sub>INT</sub>            PRON-1/PL    CONC-1-MASC-OBJ-sair-NOMZ  
 'Por que eles saíram?'

(216) *anemaj'a*    *mo'o*                    *hlta*            *kha*  
 PRON<sub>INT</sub>    PROSP            TOP            ir  
 'Porque (tinham de) ir'

Esse padrão de resposta, todavia, não exclui outras possibilidades. Abaixo, por exemplo, se constata como resposta válida à (215) o emprego do verbo *anetneje* (ter).

(217) *anetneje*            *en-mame-kama*            *tema*  
 Ter                    DEIT-1/PL-CAUS            casa  
 '(Porque) eles têm trabalho em casa'

b) Informacional

É realizado pelo pronome *ta'temaha*. Esse pronome também apresenta o sufixo /-o/ no verbo.

(218) ta'temaha      ak-wet-'o      hlejap  
PRON<sub>INF</sub>      CONC<sub>-1</sub>-encontrar-INT      PRON<sub>-1</sub>  
'O que ele encontrou?'

b. ta'temaha      ap-tejo-'o      hlejap  
PRON<sub>INF</sub>      CONC<sub>-1</sub>-comprar-INT      PRON<sub>-1</sub>  
'O que ele comprou?'

c. ta'temaha      ap-teanea-'o      nemata  
PRON<sub>INF</sub>      CONC<sub>-1</sub>-olhar-INT      ontem  
'O que ele viu ontem?'

Diferentemente do pronome *taehlnatemo*, para o qual a informação solicitada requer uma justificativa, o pronome *ta'temaha* requer uma informação cuja resposta depende de uma experiência do referente a quem se dirige a pergunta. Tal resposta pode ser dada utilizando-se do próprio verbo presente na pergunta (219) ou um verbo distinto, como ilustrado em (220) com o verbo *metko*, cuja interpretação corresponde a 'nada'.

(219) / (218a) ta'temaha      ak-wet-'o      hlejap  
PRON<sub>INF</sub>      CONC<sub>-1</sub>-encontrar-INT      PRON<sub>-1</sub>  
'O que ele encontrou?'

R= ap-wet-aje                      patakon      ak-tejaj-am  
 CONC.<sub>1</sub>-encontrar-HIP      dinheiro      CONC.<sub>1</sub>-cair-TAM  
 ‘Ele encontrou dinheiro caído’

(220) / (218b) ta'temaha              ap-teŋo-'o                      hlejap  
                          PRON<sub>INF</sub>              CONC.<sub>1</sub>-comprar-INT              PRON.<sub>1</sub>  
 ‘O que ele comprou?’

R= Metko

c) Opcional

É realizado pelo pronome *ta'asek*.

(221) ta'asek      akjehlŋa              ap-ta-o                      hlejap  
                          PRON<sub>OPC</sub>      fruta              CONC.<sub>1</sub>-comer-INT              PRON.<sub>1/SG</sub>  
 ‘Você comeu qual fruta?’

b.      ta'asek      kelasma              ap-ta-o                      hlejap  
                          PRON<sub>OPC</sub>      peixe              CONC.<sub>1</sub>-comer-INT              PRON.<sub>1/SG</sub>  
 ‘Qual peixe você comeu’

c.      ta'asek      ap-mahe'-ao  
                          PRON<sub>OPC</sub>      CONC.<sub>1</sub>-querer-INT  
 ‘Qual você quer’

Nos exemplos acima, o sufixo /-o/ se mantém assim como atestado nos demais tipos de pronomes interrogativos apresentados até aqui. Esse sufixo, todavia, não se mantém em contexto prospectivo, conforme abaixo:

(222) ta'asek ak-temaka ak-jehlna ma'e to-k hlejap  
 PRON<sub>OPC</sub> CONC<sub>.1</sub>-cor fruta PROSP<sub>-1/MASC</sub> comer-PROSP PRON<sub>-1/MASC/SG</sub>  
 'Qual destas frutas ele vai comer?'  
 'Lit. Qual fruta de que cor ele vai comer?'

Repostas a perguntas com o pronome interrogativo opcional podem ser dadas utilizando-se o próprio SV da pergunta ou, simplesmente, um SN.

(223) / (221) ta'asek ak-jehlna ap-ta-o hlejap  
 PRON<sub>OPC</sub> fruta CONC<sub>.1</sub>-comer-INT PRON<sub>-1/SG</sub>  
 'Ele comeu qual fruta?'

R= ap-tao-ke pakwa  
 CONC<sub>.1</sub>-comer-COMPL banana  
 'Ele comeu banana'

R= makwa 'amendoim'

#### d) Quantificador

É realizado pelo pronome *ta'ehlma*. Seu escopo incide sobre quantidade e sua função é distinta dos quantificadores tratados em (4.4). Com exceção do primeiro exemplo (224) constituído por um SN, os demais se comportam como os anteriores em relação ao sufixo /-o/ (225).

(224) ta'ehlma      anset-kok                      hlejap  
 PRON<sub>QUANT</sub>    homem-DIM                      PRON<sub>-1/SG/MASC</sub>  
 'Quantas crianças (você tem)?'

(225) ta'ehlma      ap-ke-na-po                      kelasma      nemana  
 PRON<sub>QUANT</sub>    CONC<sub>-1-MASC-pescar-INT</sub>      peixe      hoje  
 'Quantos peixes você pegou hoje?'

b.      ta'ehlma      ap-te-jo                      sese      nemata  
 PRON<sub>QUANT</sub>    CONC<sub>-1-comprar-INT</sub>      pão      manhã  
 'Quantos pães você comprou essa manhã?'

Respostas a perguntas com pronomes quantificadores são realizadas basicamente pelo emprego de uma quantificação, ou seja, pela indicação da quantidade solicitada na pergunta. Os numerais, sobretudo até 3 *kanetnahlema*, são, desta forma, bastante utilizados, como na resposta abaixo à pergunta (224).

Respostas negativas à quantificação são dadas basicamente pela partícula negativa *metko*. Sendo assim, empregá-la como resposta, ainda a (224), resultaria em uma interpretação do tipo 'não ter'.

#### e) Temporal

É realizado pelo pronome *ta'asehlma*.

(226) ta'asehlma      ak-wa-to                      an-ken  
 PRON<sub>TEMP</sub>      CONC<sub>-1-chegar-INT</sub>      POS<sub>-1-mãe</sub>  
 'Quando sua mãe chegou?'

b.	ta'asehlma	ma'a	e-wa-ta
	PRON <sub>TEMP</sub>	PROSP <sub>-1/FEM</sub>	DEIT-chegar-PROSP

'Quando (ela) chegará?'

c.	ta'asehlma	ap-mea-khe	hlema	ajawakahlma
	PRON <sub>TEMP</sub>	CONC <sub>-1</sub> -ir-TAM	DEF	cidade

'Quando você vai à cidade?'

Novamente verifica-se o emprego do PROSP (226b-c) como barreira para a realização do sufixo interrogativo. As respostas às perguntas realizadas com o pronome interrogativo temporal podem ser dadas utilizando-se de advérbios de tempo. Um conjunto de respostas possíveis à pergunta (227) é apresentado em (228):

(227)	ta'asehlma	ak-wa-to	an-ken
	PRON <sub>TEMP</sub>	CONC <sub>-1</sub> -chegar-INT	POS <sub>-1</sub> -mãe

'Quando sua mãe chegou?'

(228)	aknemahlta	'ontem'
	kehlwojehlke	'recentemente'
	antahak	'agora'
	sosokojehlke	'pela manhã'
	tahlnamoho	'à tarde'
	pesasep	'à noite'

f) Locativo

É realizado pelo pronome *hen'kakha*.

- (229) *hen'kakha*                      *ap-ne-makha*  
PRON<sub>LOC</sub>                              CONC-1-DEIT-LOC  
'Onde é sua casa?'
- b.     *hen'kakha*                      *ap-tahlne-makha*  
PRON<sub>LOC</sub>                              CONC-1-nascer-LOC  
'Onde você nasceu?'
- c.     *hen'kakha*     *na'ak*     *ap-ke-nap-makha*                      *waka*  
PRON<sub>LOC</sub>            POSP     CONC-1-MASC-matar-LOC                      vaca  
'Onde ele matou a vaca?'

O pronome apresentado nos exemplos acima não mais apresenta casos de sentenças interrogativas envolvendo o sufixo verbal /-o/. Em seu lugar, encontra-se {-*makha*} que, pela tradução recebida ao longo desta Tese, está relacionada à casa, moradia. É provável que no contexto de sentenças interrogativas essa relação se estenda e / ou refira diretamente à localização. Sendo assim, a estrutura dos interrogativos é mantida na medida em que se preservam duas posições para INT, sendo uma posição aquela ocupada pelo pronome e a outra por seu índice de concordância sufixado ao verbo. Finalmente, é possível prever a estrutura linearizada da sentença interrogativa gerada pela presença de um pronome interrogativo, conforme abaixo. Ressalto apenas que pode haver classes entre essas duas posições. Veja-se, por exemplo, a presença da posposição em (229c) entre esses dois elementos e a presença de um SN em posição posterior ao verbo da mesma sentença.

(230) PRON<sub>INT</sub>

V-Sufixo<sub>INT</sub> {-o, makha}

Respostas a perguntas desse tipo estabelecem dois critérios na sentença Sanapaná, quais sejam (i) a necessidade do emprego da posposição *na'ak* e (ii) a utilização de palavras com valor adverbial. Em (231) apresento alguns exemplos de respostas possíveis à pergunta em (229b):

(231) anekha      na'ak      armazen  
lado      POSP      armazen  
'ao lado do armazém'

b.      henka'e      La Esperanza      na'ak  
LOC      NPr      POSP  
'Aqui'

#### 4.1.6.2 Contexto de pergunta polar SIM / NÃO

É realizado pelo emprego do pronome *nehla*. Perguntas polares (SIM / NÃO), no entanto, apresentam um comportamento sintático distinto das perguntas de palavra e / ou conteúdo, uma vez que a estrutura constituída pelo PRON em posição inicial daquelas sentenças não se mantém aqui.

##### a) Pergunta polar com verbo *agnetneje* (Ter)

O pronome interrogativo *nehla* é realizado após *agnetneje*. Este, por sua vez, ocupa posição inicial da sentença. Por se tratar de um verbo específico, torna-se previsível morfossintaticamente que os prefixos próprios de sentenças interrogativas de palavra e / ou de conteúdo não se mantêm nos exemplos aqui apresentados.

(232) ajetneje    nehla    ap-tawa  
ter            PRON-INT    POS<sub>-1</sub>/MASC-esposa  
'Você tem esposa?'

b.    ajetneje    nehla    a-tawa  
ter            PRON-INT    POS<sub>-1</sub>/FEM-esposo  
'Você tem esposo?'

c.    ajetneje    nehla    ak-maská    ap-jenpehek  
ter            PRON-INT    CONC<sub>-1</sub>-dor    CONC<sub>-1</sub>-corpo  
'Você tem dor no corpo?'

d.    ajetneje    nehla    ap-ketka  
ter            PRON-INT    POS<sub>-1</sub>/MASC-filho  
'Você tem filho?'

As respostas prototípicas para esse tipo de pergunta envolvem apenas a palavra correspondente a uma afirmação (233) e / ou a uma negação (234), embora seja possível produzir para tal fim um SN (235) ou uma sentença (236).

(233) ehen    'SIM'

(234) metko    'NÃO'

(235) metko    as-tawa  
PART<sub>NEG</sub>    POS<sub>+1</sub>-esposa  
'Eu não (ter) esposa'

(236) ehen        aṇetneje        ko’o        as-tawa  
 AFIR        ter        PRON<sub>+1</sub>    POS<sub>+1</sub>-esposa  
 ‘Eu tenho esposa’

Esse conjunto de possibilidades se aplica igualmente a sentenças interrogativas cujo escopo da interrogação recai sobre o próprio predicado, como abaixo:

(237) ma’e        nehla        teṇa        tape’e  
 PROSP INT        comprar    galinha  
 ‘Você vai comprar galinha?’

R= ehen ‘Sim’

R= metko ‘Não’

b) Pergunta polar em contexto nominal

Também é realizada pelo emprego do pronome *nehla*.

(238) hlejap        nehla        profesor  
 PRON<sub>-1/MASC</sub> INT        professor  
 ‘Ele é professor?’

c.        ap-tawa        nehla        Maria  
 POS<sub>-1/MASC</sub>-esposa        INT        NPr  
 ‘Maria é sua esposa?’

As possibilidades de respostas aos contextos interrogativos de perguntas polares são mantidas nos contextos nominais. O contraste entre os dois contextos

demonstra um fato acerca do pronome *nehla*: ocupa a segunda posição da sentença, diferentemente do que ocorre com os pronomes interrogativos de palavra e / ou de conteúdo, que ocupam a primeira posição da sentença. A primeira posição da sentença, no caso de pergunta polar, é reservado à indicação de pessoa, mesmo nos casos em que ocorre *añetneje*.

Tem-se, assim, uma diferença sintática entre os dois grupos de pronomes interrogativos ilustrada abaixo, onde se constata a posição sintática ocupada por cada um dos tipos:

(239)            **Interrogação de palavra e / ou conteúdo**  
 PRON<sub>INT</sub>                      V-Sufixo<sub>INT</sub> {-o, makha}

**Interrogação polar**  
 PES                              PRON<sub>INT</sub>

A posição inicial e / ou na segunda posição da sentença atestada em Sanapaná permite-me fazer referência ao movimento de palavras QU- tratado em estudos Gerativos a partir dos anos de 1980. Especialmente após a estruturação do modelo de Princípios e Parâmetros, desenvolvido nos anos de 1980, movimento de palavras interrogativas (QU) é entendido como uma operação bastante comum em línguas naturais. Conforme essa abordagem, podem-se encontrar dois tipos de línguas no que concerne à posição em que formas interrogativas podem ser realizadas; sendo que um tipo se caracteriza pela realização dessas formas, via movimento, em posição inicial da sentença, possibilitado pela ocorrência de movimentos cíclicos no interior da sentença. É tratado como bom exemplo desse tipo de língua o Inglês. O segundo tipo de línguas se caracteriza justamente pela não ocorrência de movimentos cíclicos do elemento interrogativo até a posição inicial da sentença, de modo que este permaneça *in situ* (posição mais baixa na sentença). Nesse caso, o exemplo mais

clássico é o Japonês. O Sanapaná, pelo que se verifica em (239) pode ser considerado um caso de língua com movimento QU-.

#### 4.1.7 Quadro de pronomes

O quadro de possessivos, demonstrativos, reflexivos e interrogativos constitui-se conforme a seguir.

PRONOMES	FORMA	
POSSESSIVOS	[+1SG]	hankok
	[-1SG]	pankok
	[+1PL]	jankaok
	[-1PL]	pankaok
DEMONSTRATIVOS	Proximal	henka'e
	Distal	naha'e
INDEFINIDOS	[-1] MASC	po'ok
	[-1] FEM	mo'ok
REFLEXIVO	[+1], [-1]	Kakha
INTERROGATIVOS	Causal	tahlnatemo
	Informacional	ta'temaha
	Opcional	ta'asek
	Quantificador	ta'ehlma
	Temporal	ta'asehlma
	<b>Locativo</b>	<b>hen'kakha</b>

Quadro 11: Pronomes Sanapaná

#### 4.2 A classe dos numerais

O sistema numérico de que os Sanapaná dispõem conta através de formas livres basicamente quantidades até dez (Quadro 12). Contudo, os mais utilizados cotidianamente no discurso são os três primeiros. Após uma dezena, utilizam a terminologia disponível em Espanhol, por exemplo.

NUMERAIS EM SANAPANÁ		
NUMERAIS	SEGMENTAÇÃO MORFOLÓGICA	PALAVRA
1	_____	hlema
2	_____	kanet
3	kanet-na-hlema dois-AD-um	kanet-na-hlema
4	ak-naea'o mo'ok CONC. <sub>1</sub> -?-outro	aknaea'o mo'ok
5	hlema-'emek um-mão	hlema'emek
6	hlema-'emek-hlema um-mão-um	hlema'emekhlema
7	hlema-'emek-kanet um-mão-dois	hlema-'emek-kanet
8	hlema-'emek kanete-na-hlema um-mão dois-AD-um	hlema'emek kanete na hlema
9	hlema-'emek ak-naea'o-mo'ok 1-mão CONC. <sub>1</sub> -?-outro	hlema'emekaknaea'o mo'ok
10	kanet-'emek dois-mão	kanet'emek

Quadro 12: Numerais Sanapaná

A segmentação dos numerais realizada no quadro (12) indica a proximidade dessa classe lexical com características de línguas analíticas, na medida em que utiliza palavras distintas e não morfemas quando da necessidade de acrescentar informações ao sintagma.

A adição de palavras para gerar informação numérica, tomada como caso de uma classe analítica da língua Sanapaná, indica também a motivação semântica para os numerais a partir das próprias mãos. Sendo assim, a mão (provavelmente do enunciatário) torna-se o ponto de referência. Esse fato fica muito evidente através da existência de formas próprias apenas para indicar os numerais um (01) e dois (02), considerados átomos no sistema numérico Sanapaná.

Os demais numerais, por sua vez, realizam-se tão somente pela relação destes dois com a mão. Isolados deste contexto, parecem estar os numerais quatro (04) e nove (09) que, segundo a segmentação apresentada, envolvem uma relação sintática entre o pronome indefinido *mo'ok* (outro) e a forma *ak-naea'o*, cuja função e / ou significado ainda desconheço.

A utilização da (própria) mão como referente no sistema numérico Sanapaná é o reflexo de uma característica partilhada por diversas línguas ameríndias. É o que aponta Rijkhoff (2004, p. 157) para quem “mesmo nas línguas que apresentam numerais, o papel das partes do corpo é algumas vezes reconhecido”. O autor faz referência, por exemplo, à língua Cuna onde o numeral “20 é expresso como ‘um homem’ (tulakwena) referindo ao número total de dedos das pessoas” (cf. RIJKHOFF, op. cit.).

Para Sanapaná, analiso a presença de *{mek}* – presente nos numerais 5 a 10 – como um caso de classificador. Para isso, retorno a Rijkhoff (2004) que considera numerais classificadores como recurso utilizado nos casos em que “o numeral não ocorre em uma construção direta com o nome” e, para isso, conta com o auxílio do numeral. *Mek*, portanto, realiza essa função. Interessante notar nesse caso a não ocorrência dos mecanismos próprios da indicação de número comuns aos nomes deste tipo quando em função de N.

Línguas que apresentam esse tipo de classificador, segundo Rijkhoff (2004): Mandarim, Koreano, Vietnamita. A posição sintática que os classificadores ocupam em relação ao numeral varia conforme a língua. Rijkhoff (2004, p. 161)

indica casos, como as línguas Galela e Cuna em que o classificador precede o numeral e casos, como Nivkh em que o classificador ocorre em posição posterior ao numeral.

Da perspectiva sintática, deve-se observar que no contexto das sentenças simples Sanapaná, os numerais ocorrem preferencialmente em posição imediatamente anterior ao referente quantificado, conforme ilustro abaixo com alguns exemplos. Nos mesmos exemplos, os aspectos semânticos relacionados ao referente quantificado não interferem no numeral, de modo que seja [ $\pm$ HUM], seja [ $\pm$ ANIM] a forma do numeral será a mesma.

(240) aṇetneje hlema as-jehlen  
 ter um CONC<sub>+1</sub>-irmão  
 ‘Eu tenho um irmão’

b. aṇetneje hlema as-ketka  
 ter um CONC<sub>+1</sub>-filho  
 ‘Eu tenho um filho’

c. aṇetneje kanet natat-kok jamet na’ak  
 ter dois pássaro-DIM árvore POSP  
 ‘Há dois passarinho na árvore’

d. aṇetneje as-nemakha a-kanet peletaw kanhan a-kanet aphak  
 ter POS<sub>+1</sub>-casa POS-dois faca CONJ POS-dois prato  
 ‘Eu tenho em minha casa duas facas e dois pratos’

(241) aknema-hlta as-ke-nap-ke-hlta a-kanet aḡaloa  
 dia-TOP CONC<sub>+1</sub>-MASC-matar-TAM-TOP POS-dois tatu  
 ‘Ontem eu matei dois tatus’

b. ko’o as-ken an-kaemahl-keje kanetnahlema gwarani  
 PRON<sub>+1</sub> POS<sub>+1</sub>-mãe CONC<sub>-1</sub>-precisar-HIP dois-AD-um guarani  
 ‘Minha mãe precisa de 3 guaranis’

Da perspectiva morfológica, os exemplos em (240d) e (241a) demonstram a ocorrência de um morfema /a/ junto ao numeral, o que indica que junto ao numeral Sanapaná pode ser realizada concordância deste com o referente sobre o qual recai seu escopo. A motivação para esse processo ainda é desconhecida para mim.

Para indicar quantidade indefinida, a língua Sanapaná dispõe das formas *hlananma* (muito) (242), *hlemaktek* (pouco) (243). Essas formas, analisadas como quantificadores, têm escopo seja sobre referentes contáveis, seja sobre referentes não contáveis.

(242) as-japon ap-teḡa-’e makwa hlananma aktek  
 POS<sub>+1</sub>-pai CONC<sub>-1</sub>-comprar-TAM amendoim muito semente  
 ‘Meu pai comprou muita semente de amendoim’

(243) hlemaktek akjehlḡa samamhe  
 pouca fruta melancia  
 ‘Há pouca melancia’  
 (Lit.: pouca fruta de melancia)

A forma *hlanma* pode co-ocorrer com o a forma *ankoje* (demais, abundante).

(244) jamet-awa      ak-paleam      hlanma    ankoje  
árvore-folha    CONC.<sub>-1</sub>-cair    bastante    INTENS  
'Há bastante folhas (de árvore) caídas'

A forma *maje* parece referir-se ao numeral ordinal, conforme ilustra o SN a seguir.

(245) heŋga'e      ap-maje              as-ketka  
DEM      CONC.<sub>-1</sub>-primeiro    CONC.<sub>+1</sub>-filho  
'Esse é meu primeiro filho'

Finalmente, assumo o emprego de numerais como recurso utilizado para indicar quantidade, que se distingue dos processos de marcação de número no N. Ambos os casos permitem-me considerar SG como padrão não marcado, sendo os mesmos os mecanismos referentes à indicação PL e quantificado, respectivamente.

#### 4.3 A classe dos advérbios

Às palavras associadas à classe de advérbios é atribuída a função de modificador de um verbo, um adjetivo, outro advérbio, ou de uma sentença, mas não de um nome (CINQUE, 1999). O autor salienta três aspectos relacionados a essa classe de palavras, sendo (1) o fato de que em línguas em que se distinguem advérbios e adjetivos parece haver uma distribuição complementar envolvendo-os; (2) semântica e funcionalmente, advérbios e adjetivos estão muito próximos um do outro; (3) em muitas línguas, (alguns) advérbios são idênticos morfológicamente

aos adjetivos. Especialmente (2) e (3) são bastante adequados ao caso Sanapaná, conforme mostro em (4.3.1) para o caso dos locativos e em (4.3.2) para o caso dos temporais.

#### 4.3.1 Os advérbios locativos

##### a) *nanka'e*

É utilizado para referir o local em que ocorre a informação como ponto de referência. Trata-se de um evento próximo (PROX). Por isso, o traduzo como 'aqui'.

(246) metko        nesep-ma        nanka'e  
PART<sub>NEG</sub>    doença-NOMZ    PROX  
'não há doença aqui'

b.    nanka'e    hlemaktek        nesep-ma  
PROX    QUANT        doença-NOMZ  
'aqui há poucos doentes'

c.    nanka'e    ak-ma'maje  
PROX    CONC.<sub>1</sub>-chuva  
'choveu aqui'

d.    nanka'e    metko        nenhlet  
PROX    PART<sub>NEG</sub>        Sanapaná  
'Aqui não tem Sanapaná'

Com os exemplos acima é possível identificar a primeira característica da classe que exprime informações prototípicas de advérbios em Sanapaná: a

inexistência de uma posição fixa na sentença. Em (246a), por exemplo, o locativo é realizado em posição final. Nos demais exemplos em (246), contudo, os locativos ocupam posição inicial.

b) *naha'e*

É utilizado para informar que o local onde a informação se constitui na interação não é o ponto de referência. O traduzo, portanto, como 'lá'. Caracterizo-o como distal (DIST).

(247) anhlanet 'tema naha'e  
 INTENS casa DIST  
 'Há muita casa lá'

b. naha'e ap-meje-kaka-hlta ap-kawa-ka  
 DIST CONC<sub>-1</sub>-ir-REFL-TOP CONC<sub>-1</sub>-lugar-?  
 'Lá, ele (que) viajou para seu país'

c. naha'e ap-ke-sekan-ta jemen tepala'a entoma  
 DIST CONC<sub>-1</sub>-MASC-trazer-INCOMPL água DAT comida  
 'Lá, ele (que) vai trazer água para (fazer) comida'

c) *ketoje*

Informa proximidade do local em relação ao referente, por isso o traduzo como 'próximo'.

(248) aŋetneje nehla metajmom ketoje na'ak  
 ter INT montanha PROX POSP  
 'Tem montanhas próximas daqui?'

b. ketojet-kok aɲet na'ak tajama  
 PROX-DIM ter POSP tajama  
 'Tem próximo daqui um tajamar'

d) *mokhoje*

Informa distância do local em relação ao referente, por isso o traduzo como 'distante'.

(249) Loma Plata mokhoje henka'e  
 NPr DIST PROX  
 'Loma Plata está longe daqui'

b. siudad mokhoje henka'e e-le-jomakha na'ak  
 cidade DIST PROX DEIT-PL-casa POSP  
 'A cidade é muito distante daqui da nossa casa'

Os exemplos em (249) mostram que os advérbios podem co-ocorrer com outros advérbios. Sintaticamente, observa-se que o escopo do advérbio recai sobre o referente a ele anteposto.

e) *jawakahlma*

Informa que algo não está dentro de algo, por isso o traduzo como 'fora'.

(250) as-weta'e maria jawakahlma  
 CONC<sub>+1</sub>-encontrar NPr LOC  
 'Encontrei Maria fora'

- b.     *jawakahlma*   *anhlaje*     *jamet*  
           LOC            INTENS     árvore  
           ‘fora (tem) bastante árvores’

f) *kone*

Opõe-se a *jawakahlma* na medida em que informa que algo está dentro de algo, por isso o traduzo como ‘interior’.

- (251) *apetneje*   *te'ma*   *astoma*   *kone*     *na'ak*  
           ter            casa     comida   interior   POSP  
           ‘Tem comida (no) interior da casa’

- b.     *kone*   *as-tejan-ma*                    *as-nemaka*   *na'ak*  
           interior   POS<sub>+1</sub>-dormir-NOMZ   POS<sub>+1</sub>-casa   POSP  
           ‘Eu dormi (no) interior da minha casa’  
           ‘Lit. meu dormir (no) interior da casa’

Pelo paradigma de sentenças em (251), pode-se observar a não restrição semântica para o uso do advérbio, já que na sentença (a) o escopo do LOC é um referente [-HUM] e [-ANIM] e na sentença (b) o escopo é um referente com os traços [+HUM] e [+ANIM].

Com o mesmo paradigma pode-se observar, também, a presença da posposição *na'ak*. Sua função é indicar locativo genérico, o que implica interpretá-la como detentora de informação lexical do tipo ‘em, no, na’. Embora *na'ak* não possa ser considerada um advérbio como os demais, por sua característica de posposição, apresento abaixo algumas sentenças que a contém, a fim de ilustrar outros contextos nos quais a mesma é realizada. Destaco nas referidas sentenças,

sobretudo, a autonomia da posposição em relação aos locativos, uma vez que passível de ocorrer sem a presença destes.

(252) radio pa'i-pucu na'ak  
radio NPr POSP  
'na rádio pa'i pucu

b. atehe nemana na'ak  
quente hoje POSP  
'(no) dia quente'

c. anhlape nenhlet e-le-jomakha na'ak  
INTENS Sanapaná DEIT-SUJ-comunidade POSP  
'Há muitos Sanapaná na nossa comunidade'

4.3.2 Os advérbios temporais: podem ser divididos em dois grupos, sendo o primeiro relacionado a uma perspectiva anterior ou posterior ao dia em curso e o segundo relacionado aos distintos momentos do dia em curso.

a) Temporal anterior ou posterior

Refere-se a *nemana* 'hoje' (253), *sosoha* 'amanhã' (254) e *hlemeja* 'há muito tempo' (255).

(253) anset-kok ap-ke-ne-ma nemana  
homem-DIM CONC.1-MASC-correr-NOMZ hoje  
'A corrida do menino hoje'

b. nemana ak-mamaje jaokoho aknem  
 hoje CONC-1-chuva QUANT dia  
 ‘Hoje choverá o dia todo’

(254) hlejap e-wa-ta sosoha  
 PRON-1/MASC DEIT-voltar-TAM ADV  
 ‘Ele voltará amanhã’

(255) ko’o e-jakhe-ma-ta neseppma hlemeja  
 PRON+1 DEIT-corpo-NOMZ-TAM doença-NOMZ há tempo  
 ‘Eu tenho uma doença há muito tempo’

Além dos quatro advérbios temporais expressos acima, o léxico Sanapaná utiliza como referência genérica *aknem* ‘dia’ (256). Para referir-se a mês, utiliza-se o nome *pehlten* ‘lua’ (257)<sup>72</sup>. Nos dois casos, porém, não se trata de um advérbio, mas de um nome.

(256) ak-mamaje aknem  
 CONC-1-chuva sol  
 ‘dia chuvoso’  
 ‘Lit. sol com chuva’

(257) hlejap ej:hama-ta kanete pehlten  
 PRON-1/MASC CONC-1-ficar-FUT dois lua  
 ‘Ele ficará aqui durante dois meses’  
 ‘Lit. Ele ficará aqui durante duas luas’

<sup>72</sup> Esse fato parece ser comum, igualmente, a línguas indígenas brasileiras. Segundo Cristina Fargetti (c.p), assim como outros povos, os juruna contam os meses baseados na lua.

b) Momentos do dia

São expressos pelos advérbios *tahlnamoho* “tarde”, *pesasep* “noite”, *kehloje* “agora”, *ahlaje* “depois”. A dicotomia expressa por *kehloje* / *ahlaje* exprime, respectivamente, “agora” *versus* “depois”. Fora dessa dicotomia, para identificar temporalmente o momento anterior, pode-se utilizar o pronome indefinido *mo’ok* (258).

(258) mo’ok	aknem
PRON <sub>INDEF/FEM</sub>	dia
‘outro dia’	

Junto aos advérbios temporais, é bastante produtivo o emprego do sufixo /-*hlta*/ que, nesse contexto, desempenha função de tópico.

(259) mo’ok	aknem-a-hlta
PRON <sub>INDEF/FEM</sub>	dia-EPENT-TOP
‘o que foi outro dia’	

b.	sosokojehlta	‘(que foi) ontem’
	tahlnamohohlta	‘(que foi) à tarde’
	pehltenahlta	‘(que foi) mês passado’

A metade de um dia ou de uma noite é expressa pela raiz {*hlet*} prefixada por um índice de concordância relacionado ao seu referente para indicar ‘provavelmente’ gênero.

(260) nep-hlet    pesasep

metade    noite

‘metade da noite’

‘Lit. meia noite’

b.    na-hlet    aknem

metade    dia

‘metade do dia’

‘Lit. meio dia’

#### **4.4 A classe dos quantificadores**

Sob um ponto de vista tipológico, “quantificadores constituem-se modificadores de nomes para indicar, sobretudo, quantidade e escopo, como por exemplo, numerais e outras palavras significando ‘muito’, ‘pouco’, ‘todo’ etc”<sup>73</sup>.

Em algumas línguas, conforme Schachter e Shopen (2007, p. 37), a ocorrência de um quantificador está condicionada à indicação explícita de plural. Por outro lado, há línguas em que quantificadores variam na forma de acordo com a propriedade semântica dos nomes que modificam. São apresentados por Schachter, op. cit., como exemplos desse segundo grupo as línguas Akuapem (dialeto da língua Akan) e Japonês. A língua Sanapaná, como mostrarei, comporta-se de maneira semelhante a esse segundo grupo de línguas:

##### **4.4.1 Os quantificadores Sanapaná**

Em Sanapaná há seis palavras que desempenham função de quantificador (QUANT). Tais palavras pertencem ao domínio do SN e ocorrem em posição imediatamente anterior ao referente quantificado. Pelas características que

---

<sup>73</sup> Tradução livre de ‘... quantifiers, consists of modifiers of nouns that indicate quantity or scope: for example numerals, and words meaning ‘many’, ‘much’, ‘few’, ‘all’, ‘some’, ‘each’, etc. (cf. SCHACHTER, SHOPEN, 2007, p. 35). Os quantificadores são tratados por esses autores, juntamente com papéis temáticos, classificadores e artigos, como adjuntos nominais.

apresentam, podem ser caracterizadas como quantificadores fortes, à semelhança do que apresentado em Milsark (1977 *apud* ACKEMA et al., 2006, p. 283). A distinção básica entre os dois grupos de quantificadores assenta-se no fato de que “os quantificadores fortes constituem-se os membros de algum conjunto pressuposto ao passo que os quantificadores fracos assinalam informação numérica”<sup>74</sup>.

Para os casos das línguas Lummi e Navajo, Ackema et al., (2006, p. 284) indicam como características o fato de os quantificadores fortes terem uma sintaxe especial não compartilhada com os advérbios. Para o caso Sanapaná, assumo que a distinção entre essa classe encontra-se no nível morfológico, na medida em que quantificadores e advérbios não compartilham a mesma morfologia, conforme mostrarei a seguir.

a) *anhlaje*

Refere a quantidade grande.

(261) *anhlaje*      *nenhlet*      *a-ja-jemon-ma-hlka*<sup>75</sup>  
 QUANT      Sanapaná      CONC-1/FEM-SUJ-necessitar-NOMZ-TOP

*a-hl-to-ma*      *ap-ketka:ak*  
 CONC-1/FEM-SUJ-comer-NOMZ      CONC-1-filho<sub>PL</sub>

‘Muitos Sanapaná precisam de comida para seus filhos’

---

<sup>74</sup> Tradução livre para “Strong quantifiers range over the members of some presupposed set. Weak quantifiers (including cardinality expressions) assign number or numerical size (few, many) to the members of a set” (ACKEMA, et. al., 2006, p. 283).

<sup>75</sup> As diferenças gramaticais que motivam /-hlka/ em detrimento de /-hlta/ serão objeto de estudos futuros.

b. anhlape e-mame-kama aɲep  
 QUANT DEIT-trabalho-CAUS fazenda

apangok na'ak e-mo'ok  
 PRON<sub>POS-1/SG</sub> POSP DEIT-vizinho

'Há muito trabalho na terra do vizinho'

b) *hlananma*

Refere a quantidade grande, assim como *anhlape*. Contudo, distingue-se deste semanticamente por indicar maior ênfase. O emprego de *hlananma* indica muito, bastante. Possui, portanto, maior intensidade, se comparado ao primeiro QUANT.

(262) enenko'o en-hlananma e-seponges-kama  
 PRON<sub>+1/PL</sub> DEIT<sub>+1/PL</sub>-QUANT DEIT-apagar-CAUS

tahla aɲepa na'ak  
 fogo plantação POSP

'Nós apagamos o fogo (grande) da plantação'

b. ko'o aɲetneje hlananma tape'e apok  
 PRON<sub>+1/MASC</sub> ter QUANT galinha ovo

'Eu tenho muito ovo de galinha'

c. maria an-teɲa-'e hlananma a-to-ma  
 NPr CONC<sub>.1</sub>-comprar-TAM QUANT CONC<sub>.1</sub>-comer-NOMZ

'Maria comprou muita comida'

O exemplo (262a), em contraste com os demais, demonstra uma característica sintática do quantificador Sanapaná, qual seja, a prefixação a este de concordância no contexto em que o mesmo quantificador refere [+HUM]. Essa função é desempenhada por /en-/. No caso em questão, seu escopo incide sobre o pronome *enenko'o* [+1PL]. Note-se nos demais exemplos a ausência do prefixo de concordância causada pelas características semânticas do referente sobre o qual recai o escopo do quantificador.

c) *hlemaktek*

Refere a quantidade pequena. Essa forma funciona como antônimo de *hlananma*. Seu emprego permite o apagamento de *anetneje* como em (264).

(263) ko'o                    anetneje    hlemaktek    tape'e    apok  
 PRON<sub>+1/MASC</sub>    ter            QUANT        galinha    ovo  
 'Eu tenho pouco ovo de galinha'

b.    anetneje    hlemaktek    anset-kok    akjawakahlma    na'ak  
 ter            QUANT        homem-DIM    comunidade        POSP  
 'Tem pouca criança na comunidade'

(264) hlemaktek    tape'e        ahangok    ko'o  
 QUANT        galinha        PRON<sub>+1/POS</sub>    PRON<sub>+1</sub>  
 'Eu tenho pouca galinha'  
 'Lit. pouca galinha minha'

- b. hlemaktek ko'o jetahlen  
 QUANT PRON<sub>+1</sub> cavalo  
 'Eu tenho poucos cavalos'  
 'Meus poucos cavalos'

Com os exemplos (264) é possível observar a propriedade dos quantificadores em apagar os processos relacionados à PL no N quantificado. Seja em (264a), seja em (264b), não há nenhuma marca de PL relacionada.

d) *kesoje*

Também refere a quantidade pequena. A quantificação que expressa, todavia, é atenuada, menos definida.

- (265) ko'o ajetneje kesoje harina  
 PRON<sub>+1/MASC</sub> ter QUANT farinha  
 'Eu tenho pouca farinha'

- b. as-pahlkas-kama kesoje sepo as-to-ma  
 CONC+1-por-CAUS QUANT mandioca POS<sub>+1</sub>-comer-NOMZ  
 'Eu ponho pouca mandioca na comida'

- c. ankeloana a-ja-ma kesoje waka-ne-mankok  
 mulher CONC<sub>-1/FEM</sub>-beber-NOMZ QUANT vaca-AD-leite  
 'A mulher bebeu pouco leite de vaca'

e) *mo'ohlema*

Tem escopo sobre referente indefinido para indicar um conjunto específico, não genérico. Essa forma pode ser segmentada considerando-se o pronome

indefinido *mo'o* e o numeral *hlema*, o que resulta em uma interpretação do tipo 'um outro'. Gera, portanto, um contexto de negação em que o referente quantificado o é em oposição a não é.

(266) mo'ohlema ap-ketkok me-lj-aspon-koma koleke  
 QUANT CONC.<sub>1</sub>-menino NEG-PL-comer-TAM feijão  
 'Alguns jovens não gostam de comer feijão'

b. mo'ohlema ankeloanat-kok an-moana kolapmasek  
 QUANT mulher-DIM CONC.<sub>1FEM</sub>-poder cantar  
 'Algumas meninas podem cantar'

c. mo'ohlema e-mame-kama tejala'a nenhlet ajep  
 QUANT DEIT-trabalho-CAUS DAT Sanapaná fazenda

mo'ohlema lenko  
 QUANT menonita  
 'Há algum trabalho (para nós) em fazenda de algum menonita'

f) *jaokoho*

Refere totalidade. Pode receber um prefixo de concordância conforme o gênero e / ou definitude de seu quantificado. Em (267), por exemplo, os referentes quantificados apresentam traço de gênero 'MASC', logo a forma do quantificador não apresenta prefixo.

(267) jaokoho anset-kok ap-ke-n-meje-kakha escuela na'ak  
 QUANT homem-DIM CONC.<sub>1</sub>-MASC-PL-caminhar-REFL escola POSP  
 'Todos os meninos vão à escola'

b. hlejab            ap-ke-sesoje            ap-jemho-waja-o  
 PRON-1/MASC    CONC-1-MASC-pequeno    CONC-1-corpo-fraco-COMP

jaokoho ap-hla-maka            na'ak  
 QUANT CONC-1-PL-irmão    POSP  
 'Ele é menor que todos os seus irmãos'

Em (268) os referentes quantificados contêm traços de gênero 'FEM' (268a) ou [-HUM] (268b). Conseqüentemente, o quantificador recebe o prefixo /ak-/. Tal possibilidade assemelha-se ao que discutido para o prefixo /en-/ presente no quantificador *hlamanma*, também sensível ao traço semântico de seu referente. Seja no caso de *hlamanma*, seja no caso de *jaokoho*, não parece haver uma sistematicidade de recorrência<sup>76</sup>.

(268) ak-jaokoho            ankeloana an-meje-kakha            escuela na'ak  
 CONC-1-QUANT    mulher            CONC-1/FEM-caminhar-REFL    escola POSP  
 'Todas as meninas vão à escola'

b. maria anke-ljas-kes-ke            ak-jaokoho            pawa  
 NPr    CONC-1/FEM-lavar-COMPL    CONC-1-QUANT            roupa  
 'Maria lavou toda a roupa'

A manutenção da mesma forma lexical para casos em que o escopo do quantificador recai sobre referentes com função de sujeito (268a) ou com função de objeto (268b) demonstra a não sensibilidade dos quantificadores Sanapaná para a função sintática dos sintagmas em que ocorrem. Por outro lado, como

---

<sup>76</sup> Hipóteses para justificar tal fato são possíveis. Dentre elas, a possibilidade de inovações linguísticas no sentido de apagar os prefixos em questão.

mencionei, observa-se uma sensibilidade destes em relação ao traço gramatical de gênero e ao traço semântico de animacidade. Nesse sentido, considero Sanapaná um caso de língua semelhante às aquelas apresentadas em Schachter e Shopen (2007, p. 37) cujos quantificadores variam na forma de acordo com a propriedade semântica dos nomes que modificam<sup>77</sup>.

Tipologicamente, os quantificadores Sanapaná poderiam ser associados, sob uma perspectiva semântica, aos tipos comumente relacionados, em algumas línguas, ao adjetivo conforme apresentado em Dixon (2010, V. II, p. 73). Contudo, quando se observa o comportamento gramatical dos quantificadores, depreende-se que se trata de uma classe distinta dos adjetivos, mais precisamente por dois aspectos:

I os quantificadores ocorrem preferencialmente em posição anterior ao referente quantificado, ao passo que os adjetivos ocorrem preferencialmente em posição posterior ao nome e,

II não apresentam, com exceção de *jaokoho*, as mudanças gramaticais comuns aos adjetivos.

---

<sup>77</sup> Se os exemplos abaixo apresentam características contável / não contável, respectivamente, então a não distinção quanto à forma do quantificador *kesoje* aponta exatamente para a não distinção desse traço semântico em Sanapaná. Esse é um tema que merece estudos futuros. Se, de fato, procedente, Sanapaná teria um comportamento distinto do Inglês, por exemplo, onde a distinção apontada é sensível à língua.

kesoje sepo  
pouco mandioca  
'pouca mandioca'

kesoje jemn  
pouco água  
'pouca água'

Exceção à assertiva I é encontrada exatamente no exemplo envolvendo *hlamanma*, repetido a seguir, em que o quantificador ocorre posteriormente a seu escopo.

(269) enenko'o    en-hlamanma    e-seponges-kama  
PRON<sub>+1/PL</sub>    DEIT<sub>+1/PL</sub>-QUANT    DEIT-apagar-CAUS

tahla    aŋepa    na'ak  
fogo    plantação    POSP

'Nós (muitos) apagamos o fogo da plantação'

Sintaticamente, compreendo, finalmente, que os quantificadores Sanapaná possuem uma posição sintática relacionada à concordância e que o preenchimento desta é condicionado ao traço sintático-semântico de seu escopo.

#### 4.5 A classe das adposições

Adposições, segundo Payne (2011, 1997), constituem-se núcleos sintáticos de um sintagma, por isso tomam um complemento capaz de expressar um conteúdo comunicacional<sup>78</sup>. Em Sanapaná são encontradas adposições que funcionam, por sua posição sintática, como preposições ou como posposição.

##### 4.5.1 As preposições

Apresento aqui duas preposições distintas: *teŋala'a* e *hlemoje*.

###### a) *teŋala'a*

Uma tradução 'aproximada' desta preposição para o PB nos leva à preposição 'para'. Em Sanapaná, seus contextos de uso podem desempenhar

---

<sup>78</sup> Adpositions, like auxiliaries, are another class of words that are syntactic heads of the phrases they are part of, but are not normally the semantic heads. For this reason, adpositions must take a complement in order to express communicational content (PAYNE, 2011, p. 124).

funções semânticas de dativo e de alativo. É o que se verifica nos exemplos apresentados em (270), nos quais *tejala'a* atribui a seu complemento N informação semântica dativo. No exemplo seguinte, por outro lado, a mesma preposição atribui valor direcional *alativo* (271)<sup>79</sup>.

(270) hlejap          ap-nane-'a          jamato'ok tejala'a ap-tean-ma  
 PRON-1/MASC    CONC-1-fazer-TAM rede          DAT          CONC-1-dormir-NOMZ  
 'Ele fez rede para dormir'

b.    nenhlet          ap-ke-kamok          peletao tejala'a anset-ko:k  
 Sanapaná    CONC-1-MASC-dar faca          DAT          homem-DIM<sub>PL</sub>  
 'O Sanapaná deu uma faca para os meninos'

(271) pango    ap-san-te          asemhem tejala'a ap-nemakha  
 NPr          CONC-1-trazer-TAM cachorro    ALAT          POS-1-casa  
 'Pango trouxe o cachorro para casa'

O fato de *tejala'a* atribuir caso dativo (270) e / ou alativo (271) não é incomum translinguisticamente. Blake (1997, 145), por exemplo, ao afirmar que dativo "...emerge como o principal caso não nuclear usado para marcar complementos"<sup>80</sup>, atribui-lhe um conjunto de funções, dentre elas destino / direção (*destination*). Assim, Blake, op. cit., sugere que a função central do caso dativo é "decodificar entidades alvos de uma atividade ou emoção".

#### b) *hlemoje*

Atribui a seu complemento N valor de associativo. Com isso, tem-se informação do tipo: *X com Y*.

<sup>79</sup> Por suas diferentes funções semânticas, atribuo-lhes glosas apenas com a informação quanto à categoria a que pertencem.

<sup>80</sup> Tradução livre de '... emerges as the main non-core case used to mark complements'.

(272) nemahlta      ap-kakha-'e      aṅaloa hlemoje    ap-tawa  
 ontem-TOP      CONC.<sub>-1</sub>-matar-TAM    tatu      PREP      POS.<sub>-1</sub>-esposa

nahlma    na'ak    hengae    ketoje    na'ak  
 mato      POSP    LOC      PROX    POSP

'(Foi) Ontem que ele matou o tatu com a mulher em um monte aqui perto'

b.    as-jahe-kama                      hlemoje    as-japon  
 CONC.<sub>+1</sub>-viver-CONT            PREP      POS.<sub>+1</sub>-pai  
 'Eu vivo com meu pai'

#### 4.5.2 A posposição

A língua Sanapaná possui a posposição *na'ak*. A função mais prototípica da referida posposição é a de atribuir no sintagma preposicional valor locativo (LOC). *Na'ak* distingue-se da preposição alativa não apenas pelas posições sintáticas diferentes que ambas ocupam no sintagma mas, sobretudo, pela função semântica que desempenham, uma vez que em *na'ak* há apenas informação locativa, ao passo que em *teṅala'a* encontram-se informações dativo / alativo. Contextos semelhantes em que a informação de lugar pode ser indicada por diferentes casos são apresentados por Blake (1997, p. 153). O caso Sanapaná assemelha-se ao que ocorre em Turco. Nesta língua, segundo Blake, op. cit., há um caso locativo e um caso alativo; sendo destino expresso via dativo.

Casos envolvendo *na'ak* são apresentados a seguir.

(273) nenhlet      ap-jaha-ma                      ha'e    aṅepa                      na'ak  
 Sanapaná    CONC.<sub>-1</sub>-COP-NOMZ    LOC    chácara                      POSP

'O homem (Sanapaná) está (aqui) na chácara'

- b. metko as-uetaj'a jamahlenahak na'ak  
 NEG CONC<sub>+1</sub>-encontrar-PAS<sub>REC</sub> bolsa POSP  
 'Eu não encontrei nada na bolsa'

Interessante notar sobre a função de LOC atribuída à posposição sua não restrição quanto à definição do lugar. A sentença (273b) é um bom exemplo para ilustrar tal característica, já que se compreende implícita a informação de lugar sem, contudo, exprimi-la fonologicamente. Quando do emprego da posposição referente a LOC definido, compreende-se dois escopos distintos, sendo um relacionado à localização geográfica propriamente dita (273a) e outro a lugar de um referente em relação a outro referente (273c).

A função LOC da posposição pode ser estendida a outros domínios, tais como: (i) a função de uma cópula cujo valor pode ser compreendido como pertencente à existência de um referente (274a), ou (ii) a função de demonstrativo, na qual incide interpretação do tipo proximal (274b).

- (274) jemen apangok na'ak  
 água PRON-1 POSP  
 'Há água (dele)?'

- b. akjehlna na'ak ak-maská  
 fruta POSP CONC-azedo  
 'Essa fruta azeda'

Os diferentes empregos de *na'ak* ilustrados em (i) e (ii) podem ser considerados uma evidência histórica da relação das adposições Sanapaná com contextos verbais (existenciais). Segundo Payne (1997, p. 87), "adposições derivam historicamente de nomes ou verbos". Essa relação histórica encontra mais argumentos favoráveis com as sentenças a seguir, na qual se verifica a

coocorrência de posposições e preposições (bem como pronomes) envolvidas na construção de um contexto existencial.

(275) henka'e kelasma na'ak anhlape tejala'a entoma  
 DEM peixe POSP QUANT PREP comida  
 'Esse peixe (aqui) é suficiente para a refeição'

Além da co-ocorrência com preposições atestada em (275), verifica-se a co-ocorrência de *na'ak* com *neten* 'acima'. Assim, forma-se um constituinte locativo.

(276) ko'o as-tejan-ma LOC[neten na'ak meza]  
 PRON<sub>+1</sub> CONC<sub>+1</sub>-dormir-NOMZ sobre POSP mesa  
 'meu dormir acima da mesa'

b. LOC[neten na'ak] jamet  
 sobre POSP árvore  
 'acima da árvore'

c. pehlten LOC[neten na'ak ] a-jepophaja  
 lua sobre POSP CONC<sub>-1</sub>-nuvens  
 'A lua está sobre as nuvens'

O constituinte locativo [*neten na'ak*] utilizado para indicar a posição de um referente em relação a um espaço geofísico distingue-se sintaticamente, por exemplo, do emprego de *sekama*, já que, conforme os exemplos a seguir, pode haver entre *sekama* e a posposição outros itens lexicais.

(277) [en-sekama jamahlenhak meza na'ak]  
 DEIT<sub>-1/DEF</sub>-acima bolsa mesa POSP  
 'A bolsa está sobre a mesa'

(278) akjakoho [ne-sekama meza na'ak]  
 todo DEIT<sub>-1/INDEF</sub>-acima mesa POSP  
 'Tudo está sobre a mesa'

A relação da posposição com outros locativos é apresentada a seguir.  
 Note-se nos exemplos, novamente, a relação de constituência que se estabelece.

(279) LOC[as-kapok na'ak] ko'o  
 CONC<sub>+1</sub>-atrás POSP PRON<sub>+1</sub>  
 '(está) atrás de mim'

(280) as-kehe LOC[e-kapon na'ak] ko'o  
 POS<sub>+1</sub>-dor POS-costa POSP PRON<sub>+1</sub>  
 'minha dor nas costas'

(281) ko'o as-ketnen-ke LOC[a-maje na'ak moto]  
 PRON<sub>+1</sub> CONC<sub>+1</sub>-parar-COMPL CONC<sub>-1</sub>-frente POSP moto  
 'Eu parei na frente da moto'

(282) LOC[a-nekha na'ak] ahmazen ajetneje te'ma  
 CONC<sub>-1</sub>-lado POSP armazém ter casa  
 'Tem casa ao lado do armazém'

Tendo feito considerações sobre as classes fechadas que se relacionam com o SN e com o SV, apresento no capítulo seguinte informações mais amplas sobre o SV. Mostrarei que, sobretudo no que se refere à posição prefixal, este sintagma partilha algumas características com o SN; restando aos sufixos a função distintiva de V em relação às demais classes tratadas nesta Tese. Antes, porém, apresento a tabela seguinte, no qual sistematizo as posposições Sanapaná e suas propriedades semânticas.

<b>POSPOSIÇÕES SANAPANÁ</b>					
	DAT	ALAT	ASSOC	LOC	POS
tejala'a	X	X			
hlemoje			X		
na'ak				X	X

## CAPÍTULO V

### O SINTAGMA VERBAL

Após tratar do SN enquanto sintagma constituído por classes abertas e por classes fechadas – Capítulos III e IV, respectivamente – apresento aqui o sintagma verbal (SV) inserido no contexto da sentença simples. Portanto, diferentemente do que tratado nos capítulos anteriores, em que o objeto principal era o N em seu contexto sintagmático, tem-se aqui como centro de análise o verbo (V) em relação a si mesmo e em relação a seus argumentos.

Tomada em seu contexto semântico, a classe de verbos tem sido considerada como aquela em que ocorre a maioria das palavras que “expressam ações, processo e relacionados”<sup>81</sup> (SCHACHTER; SHOPEN, 2007, p. 8). Segundo Payne (2011, p. 104) “verbos prototípicos são palavras que descrevem eventos visíveis que produzem mudanças na palavra”. Esta característica da classe V, segundo Payne, op. cit., a colocaria em lado oposta à classe N. Sendo assim, na classe N constam itens lexicais não referentes a processos dinâmicos mas, ao contrário, a referentes estáveis<sup>82</sup>.

Do ponto de vista sintático, embora se atestem casos de línguas naturais em que V desempenha função de argumento, a função sintática mais prototípica atribuída a esta classe é a de predicado (cf. SCHACHTER; SHOPEN, 2007, p. 9). Como tal, constituem-se dois tipos básicos de V delimitados a partir de sua

---

<sup>81</sup> “*Verb* is the name given to the parts-of-speech class in which occur most of the words that express actions, processes, and the like.

<sup>82</sup> Características distintivas entre N e V são observadas desde a antiguidade. Nesse sentido, Baker (2003, p. 1) destaca, por exemplo, Dionísio de Trácia (±100 a. C) que, ao observar que algumas palavras flexionavam-se para caso, enquanto outras se flexionavam para tempo e pessoa, propôs uma distinção entre nomes e verbos. Segundo Baker, op. cit., a observação de aspectos morfológicos distintivos em relação às duas classes permitiu a Dionísio postular que “nomes significavam entidades concretas ou abstratas e os verbos significavam uma atividade ou processo realizado ou a se realizar”. Essa distinção, contudo, não é completamente aceita. O próprio Baker (2003, p. 264), sob uma perspectiva primordialmente sintática, ao tratar da relação que se estabelece entre classes lexicais e a natureza da gramática, questiona se classes “são fundamentalmente raízes categorizadas como nomes, verbos e adjetivos, ou são raízes, ou palavras flexionadas, ou traços mínimos de uma estrutura sintática, ou projeções  $X^0$ , ou mesmo frases maiores”.

transitividade em intransitivo e transitivo. Além dos aspectos semânticos e sintáticos, a classe V distingue-se da classe N (e outras), também, por outras características. Payne (2011, p. 104) descreve as seguintes categorias como inerentes a V:

- 1. Concordância / Concord**
- 2. Valência**
- 3. TAM**
4. Evidenciais / validacionais
5. Local e direção
6. Marcas relacionadas ao discurso
7. Negação
8. Subordinação / nominalização
9. Switch-reference

Ao longo deste capítulo, três destas categorias serão abordadas, mais especificamente (1), (2) e (3). No capítulo seguinte será abordada a categoria (7). As três categorias deste Capítulo serão observadas na perspectiva morfológica, o que me permite descrever dois tipos distintos de morfemas. Os prefixos (5.1.1.1) serão apresentados como portadores de informações relacionadas a gênero, número e pessoa, ao passo que os sufixos (5.1.1.2) serão apresentados como portadores de informações relacionadas a TAM. O critério morfológico, portanto, é bastante útil na análise aqui proposta para identificar V, em detrimento das demais classes tratadas nesta Tese.

O capítulo não se resume, no entanto, aos critérios morfológicos. Em (5.1.2) trato dos aspectos referentes à sintaxe do V, com foco principal sobre os mecanismos inerentes à transitividade. Sendo assim, o capítulo divide-se em duas grandes seções. A primeira tem como escopo os aspectos da morfologia verbal, em que trato dos prefixos e dos sufixos. A segunda, por sua vez, tem como escopo

os aspectos da sintaxe verbal. Nesse caso, apresento informações referentes à Estrutura Argumental do Verbo (5.1.2.1) e à transitividade verbal (5.1.2.3).

### 5.1 A classe dos verbos Sanapaná

Ao tratar da classe dos verbos (V) em Sanapaná utilizo, sobretudo, a interface morfologia-sintaxe inerente a tal classe. Com isso retrato os ‘Aspectos da morfologia verbal’ (5.1.1), bem como seu impacto na sintaxe (5.1.2).

O verbo Sanapaná tem um comportamento morfológico distinto de outras classes lexicais. No início desta seção, destaco como inserido nesse contexto o prefixo /e-/ recorrente quando se pensa o verbo isoladamente. Para tal, apresento a seguir três grupos distintos de palavras que serão tratadas como verbos ao longo deste Capítulo. O primeiro grupo (G<sub>1</sub>) destaca-se por apresentar palavras com prefixo /en-/. O segundo grupo (G<sub>2</sub>), por sua vez, apresenta o prefixo /eɲ-/. Finalmente, o terceiro grupo constitui-se por palavras com o prefixo /ej-/.

Nos três grupos é conveniente observar, também, os sufixos comuns, a saber: /-kama/, /-ta/, /-ja/, /-ma/, /-’o/. Esses sufixos são apresentados em (5.1.1.2) em maior detalhe.

- G<sub>1</sub>    **entahleskama** – pintar  
      **entoma** – comer  
      **engwanmeskama** – sonhar  
      **engwajata** – chegar  
      **engwetaja** – ver  
      **engwene-ma** – chorar  
      **engwehlwetma** – banhar  
      **enhahlnea’o** – ouvir  
      **enhlatekea** – despertar  
      **enhlejama** – caminhar

**enhlemoskama** – explicar, ensinar

**enhlekmoskama** – ensinar

**enmamekama** – trabalhar

**enpasmama** – ajudar

**enpameasma** – falar

**ensaekanta** – trazer

**ensaekaka** – levar

**entejanea'o** – olhar

**entejanma** – dormir

**entejaj'a** – comprar, buscar

**entepowama** – bater

**enteskeskama** – causar

G<sub>2</sub> **ejnanenma** – cair

**ejnaspomkoma** – gostar (de algo)

**ejnasekamok** – entender

**ejnama** – beber

**ejnaskeskama** – lavar

**ejnahapma** – pegar

**ejnejama** – empurrar

**ejnema** – ficar, sentar

**ejnenoma** – vender

**ejnatemanma** – cortar

**ejnanaja** – fazer

- G<sub>3</sub>    **ejahema** – matar  
         **ejapaskama** – mandar  
         **ejahlema** – esperar  
         **ejamaskama** – cantar  
         **ejanhlema** – pedir  
         **ejalantema** – subir  
         **ejeɲaskeskama** – dirigir  
         **ejeɲeɲema** – correr  
         **ejeskaskama** – escrever  
         **ejesepma** – morrer  
         **ejesewaskama** – festejar

Do ponto de vista da Fonologia, os prefixos /en-/ do G<sub>1</sub> e /eɲ-/ do G<sub>2</sub> são apenas um. A distinção entre ambos se dá em virtude de questões fonéticas, mais precisamente relacionadas ao ambiente em que os dois grupos se constituem. A consoante /n/ no prefixo do G<sub>1</sub> encontra-se em posição anterior a outras consoantes. Estas consoantes não interferem na qualidade da consoante do prefixo. No caso da consoante /ɲ/ presente no prefixo do G<sub>2</sub>, observa-se que precede uma vogal. Pode-se compreender com isso um processo fonético de palatalização da consoante favorecido pela vogal da raiz verbal. Encontra-se nesses prefixos, portanto, uma estrutura fonológica do tipo /e-Ç/. A segunda estrutura fonológica do prefixo é aquela do G<sub>3</sub>, que se constitui como /e-C<sub>APROX</sub>/ e reflete, sobretudo, um possível processo de variação de /e-ɲ/.

Os sufixos destacadas nos três grupos me permitem assumir, de antemão, a inexistência de uma raiz lexical intrinsecamente verbal, sendo necessário para isso, operações morfológicas de afixação, de modo a informar pessoa, TAM, etc. Tais operações resultam, no entanto, em um predicado verbal e não, como dito, em uma raiz verbal. De posse dessa compreensão, apresento em (5.1.1) os aspectos da morfologia verbal responsáveis pela constituição do predicado verbal

Sanapaná. Na seção seguinte (5.1.2), apresento algumas operações relacionadas à sintaxe da língua em questão.

### 5.1.1 Aspectos da morfologia verbal

O verbo Sanapaná, como indiquei, sofre algumas alterações morfológicas quando na predicação da sentença. Tais alterações permitem-lhe indicar (i) via prefixo: pessoa, gênero, número (5.1.1.1); (ii) via sufixo, TAM, causativização (5.1.1.2).

#### 5.1.1.1 A morfologia prefixal do verbo

Os mecanismos morfológicos desencadeados no verbo via prefixos são considerados aqui como casos de concordância relacionados primordialmente ao argumento A / S. Para tal, assumo concordância como ‘o fenômeno linguístico em que traços particulares de um elemento da sentença (o controlador) determinam a forma morfológica de outro elemento (o alvo)’ (ACKEMA et al., 2006, p. 1). É o que ocorre em Sanapaná ao apresentar um sistema de concordância no verbo relacionado ao sujeito (A / S) e ao objeto (O)<sup>83</sup>. Tais argumentos, portanto, determinam a morfologia do verbo, tomado aqui como predicado por esse motivo. Em termos mais preciso, tem-se que a concordância no predicado Sanapaná indica, respectivamente, traços gramaticais de pessoa, de gênero e de número.

PESSOA	GÊNERO	NÚMERO
[+1] / [-1]	[MASC] / [FEM]	[SG] / [PL]

---

<sup>83</sup> O escopo principal desta Tese acerca de concordância dos argumentos no verbo recai – embora faça referência a casos de concordância do objeto – sobretudo, sobre aqueles cuja função gramatical é a de sujeito (A / S).

Essas informações da gramática são apontadas por Blake (1997, p. 197) exatamente como marcas de concordância, o que implica sua relação – no verbo – com um argumento particular.

Blake (1997, p. 13), ao referir-se à língua Swahili (língua Bantu), aponta para o fato de que esta língua representa, no verbo, o sujeito, o objeto direto ou outros complementos e a contrasta com o que ocorre em línguas germânicas e no Francês, onde a concordância existente entre argumentos e predicado não permite o apagamento do argumento, comportamento distinto do que ocorre em Swahili, onde os SNs correspondentes às relações representadas no verbo podem ser omitidos. Segundo Blake (1997, p. 14), “em Swahili pode-se dizer *onampenda*, o que significa ‘Ele/a ama ele/a’”. Nesse caso, tem-se no verbo as informações gramaticais necessárias. Para o autor, casos como o que atestado em Swahili são considerados concordância *cross-referencing* e se opõem, portanto, aos mecanismos de concordância apontadas para línguas germânicas e para o Francês. Os diversos aspectos morfossintáticos que apresento nesse capítulo são utilizados para considerar os prefixos do predicado Sanapaná casos de *cross-referencing*, à semelhança do que ocorre em Swahili. Ao referir-me, portanto, a concordância, o faço baseado nesses princípios.

Línguas – como Sanapaná – que apresentam um sistema de concordância no verbo são inúmeras e distinguem-se de línguas em que os participantes dos discurso são indicados principalmente por pronomes pessoais independentes. Nesses casos, segundo Bhat (2007, p. 16), as marcas de concordância que ocorrem no verbo têm apenas a função de repetir informações. Logo, podem facilmente ser perdidas. Para os casos como Sanapaná, as marcas de concordância são mais proeminentes e obrigatórias. Ao referir-se a esse tipo de língua, Bhat (2007, p. 17) menciona autores que sugerem uma cisão entre as marcas de concordância ou pronomes pessoais (JELINEK 1984; JELINEK; DEMERS, 1994; BRESNAN; MCHOMBO, 1987; BAKER, 1996). Desse conjunto de autores, destaco aqui Bresnan e Mchombo (1987, *apud* BHAT, op. cit.), que

distinguem concordância verbal em: “concordância gramatical” e “concordância anafórica”. A distinção entre esses dois tipos se dá da seguinte maneira:

Na concordância gramatical, há geralmente um sintagma nominal que estabelece a relação com o verbo, e a marca de concordância (afixo verbal) tem apenas a função de representar, redundantemente, a pessoa, o número e o gênero do sintagma nominal. Na concordância anafórica, por outro lado, o afixo verbal funciona como um argumento pronominal incorporado ao verbo e o sintagma nominal coreferente tem apenas função não argumental – seja de adjunto, tópico ou foco da sentença ou estrutura<sup>84</sup>.

Tomando-se o fato de que (i) o sintagma nominal coreferente ao sistema de concordância empregado no predicado pode ser apagado fonologicamente sem prejuízo à sentença e (ii) que o emprego de */-hɪta/* ‘TOP’ é pouco produtivo, considero o sistema de *cross-referencing* (concordância) em Sanapaná um caso de concordância anafórica. A seguir, apresento o referido sistema.

#### a) Prefixos de concordância A / S singular

Os prefixos de concordância A / S singular desencadeados no predicado são os apresentados na tabela a seguir. Cabe observar na mesma que a distinção para gênero de primeira pessoa é anulada na medida em que */as-/* aplica-se tanto ao argumento A / S masculino quanto ao argumento A / S feminino. Para os casos em que o argumento não é primeira pessoa [-1], tem-se, então, uma forma específica para identificar o gênero masculino e outra para identificar o gênero feminino.

---

<sup>84</sup> Tradução livre para “In grammatical agreement, there is generally a noun phrase that bears the argument relation with the verb and the agreement marker (verbal affix) has only the function of representing, redundantly, the person, number and gender of that noun phrase. In anaphoric agreement, on the other hand, the verbal affix functions as an incorporated pronominal argument of the verb and the coreferential noun phrase has only a non-argument function – either as an adjunct or as a topic or focus of the clause or discourse structure.

PREFIXOS DE CONCORDÂNCIA SINGULAR		
/as-/	/ap-/	/an-/
[+1]	[-1]	[-1]
[MASC] / [FEM]	[MASC]	[FEM]

Na verdade, o que denomino prefixo de concordância singular é a representação de uma estrutura gramatical formada por um DÊITICO e por um amálgama com informações de Pessoa e Gênero, sendo que a primeira informação é *default*, logo apresenta uma única forma fonológica: /a-/. A segunda informação depende estritamente da natureza gramatical do controlador, o que permite as formas /s-/, /p-/ e /n-/. Assim, os prefixos de concordância apresentados acima podem ser segmentados conforme segue:

STATUS GRAMATICAL	DÊITICO	GÊNERO
	/a-	s/ [+1] [MASC] / [FEM]
FORMA		p/ [-1] [MASC]
		n/ [-1] [FEM]

Tendo ilustrado a segmentação dos prefixos em questão, interessa-me a ocorrência de cada um deles em contexto de sentenças simples. Interessa-me, também, assumir aqui a não necessidade de segmentação dos referidos prefixos ao longo desta Tese. Diante de tal concepção, /as-/, /ap-/ e /an-/ são apresentados sem suas respectivas segmentações. Os mesmos são recorrentes seja em contexto de sentenças transitivas (283a), seja em contexto de sentenças intransitivas (283b).

(283) ko'ò                    as-teŋa-'e                    pawa    teŋala'a                    as-ken  
 PRON<sub>+1</sub>                    CONC<sub>+1</sub>-comprar-TAM    roupa    DAT                    POS<sub>+1</sub>-mãe  
 'Eu comprei roupa para minha mãe'

b.    as-mea-khe                    anaconda    hlemaoje  
 CONC<sub>+1</sub>-ir-COMPL    NPr                    ASSOC<sub>-1/PL</sub>  
 'Eu fui à Anaconda com eles'

A linearização dos prefixos de concordância /ap-/ e /an-/ ocorre da mesma maneira que a do prefixo correspondente à primeira pessoa, ou seja, prefixado à raiz V.

(284) anset-kok                    ap-tao-ke  
 homem-DIM    CONC<sub>-1/MASC</sub>-comer-COMPL  
 'O menino comeu'

b.    ankeloana    an-tao-ke  
 mulher    CONC<sub>-1/FEM</sub>-comer-COMPL  
 'A menina comeu'

Os prefixos /ap-/, /an-/ constituem-se índices de concordância que se referem tanto à segunda pessoa, quanto à terceira pessoa, fato que me permite considerá-los índices de não primeira pessoa [-1], em contraste ao prefixo /as-/, que identifica um referente primeira pessoa [+1]. Essa série de dois prefixos distintos tem escopo, contudo, apenas sobre não primeira pessoa em posição A / S. Esse fato sugere a pergunta seguinte:

Como identificar os argumentos A / S / O de um predicado em que todos são não primeira pessoa sem incorrer em ambiguidades do tipo quem agiu sobre / com quem?

Para esse tipo de sentença, utilizam-se os pronomes indefinidos *po'ok* 'MASC' e *mo'ok* 'FEM'.

b) Prefixos de concordância A / S SG e prospectivo

Ao considerar a posição prefixal do conjunto de informações gramaticais relacionadas a A / S presentes no verbo, é possível prever uma estrutura do tipo **SV[CONC-<sub>PES/GEN/NUM</sub> + V]**. Por outro lado, ao considerar as formas */mo'o/* [+1<sub>MASC/FEM</sub>], */ma'e/* [-1<sub>MASC</sub>] e */ma'a/* [-1<sub>FEM</sub>] como formas cuja função gramatical é indicar prospectivo, e que tais formas ocorrem como item lexical anterior a V, questiono-me se:

Os prefixos de concordância singular apresentados anteriormente são os mesmos empregados no contexto de sentenças prospectivas?

A observação das sentenças apresentadas a seguir me permite responder à pergunta de diferentes maneiras, sendo uma delas negativa, como (285). Nestas, o verbo principal da sentença não apresenta nenhuma informação gramatical relacionada a A. Tal informação é dada no auxiliar prospectivo. Sentenças com esta característica opõem-se a contextos não prospectivos, uma vez que nestes espera-se um predicado com prefixos capazes de indicar A / S.

(285) *sv*[*mo'o*        *to-k*        *sn*[*hlema*    *pakwa*]]  
      PROSP<sub>+1</sub>    comer-PROSP    um        banana  
      'Eu vou comer uma banana'

- b.    SN[as-japon        SV[ma'e        to-k        SN[waka-petek]]  
          POS<sub>+1</sub>-pai        PROSP<sub>-1</sub>    comer-PROSP        vaca-carne  
          'Meu pai vai comer carne de vaca'

Sendo assim, compreendo que o mecanismo de concordância empregado em sentenças com característica [+PROSP] diferencia-se do mecanismo próprio de sentenças [-PROSP] singular, já que nestas a ausência de prefixos de concordância as tornaria agramaticais.

Há casos que permitem responder à pergunta sugerida de maneira positiva. Nas sentenças (286), por exemplo, o argumento S apresenta traços semânticos FEM (286a) e [-HUM] (286b). O predicado destas sentenças é prefixado por /-*anko*/.

- (286) SV[ma'a                    an-ko-sepo-k                    SN[ankeloanat-kok]]  
          PROSP<sub>-1/FEM</sub>        CONC<sub>-1</sub>-FEM-morrer-PROSP        mulher-DIM  
          'A menina vai morrer'

- b.    SN[nepohlen        SV[ma'a        an-ko-sepo-k]]  
          anta                PROSP<sub>-1/FEM</sub>    CONC<sub>-1</sub>-FEM-morrer-PROSP  
          'A anta vai morrer'

O contraste entre as sentenças (285) envolvendo argumento A 'MASC' e (286) envolvendo argumento S 'FEM' pode sugerir critérios sintáticos referentes à transitividade do predicado para distingui-los quanto à marcação do argumento no predicado. Essa predição não se mantém, todavia, ao observarmos as sentenças em (287), onde se constata o emprego do prefixo /e-/ seja em contexto com O [+1] (287a), seja em contexto com [-1] (287b). Em todo caso, fica evidente uma



- c.      hlengap    ap-ken-mes-kama                      ap-mek  
           PRON-1    CONC-1-MASC-apertar-CAUS    CONC-1-mão  
           ‘Eles apertam a mão’
- d.      nenhlet    ap-ke-kamok              peletaw    a-teŋala’a      anset-ko:k  
           Sanapaná    CONC-1-MASC-dar    faca      CONC-1-DAT    homem-DIM<sub>PL</sub>  
           ‘O Sanapaná deu uma faca para os meninos’

As sentenças (288) mostram que a indicação de gênero realizada pelo prefixo /ap-/, bem como pelo pronome na posição gramatical de sujeito não implica não realização do prefixo de /ke-/. Embora as referidas sentenças tenham o argumento A com PL, atesta-se o emprego de /ke-/ também em sentenças SG, como em (289a).

- (289) taehlma    ap-ke-nap-o                      kelasma                      nemana  
           QU            CONC-1-MASC-matar-INT    peixe                      ADV  
           ‘Quantos peixes ele pescou hoje?’

- b.      taehlma    a-nap-anko                      kelasma                      nemana  
           QU            CONC-1-matar-PRON<sub>POS-1</sub>    peixe                      hoje  
           ‘Quantos peixes ela pescou hoje?’

O contraste de (289b) com (289a) ilustra exatamente a função do prefixo /ke-/ já que se nota sua ausência para sentenças cujo argumento sujeito é ‘FEM’. Neste mesmo exemplo, o que parece sufixo verbal é apenas o pronome possessivo *angok*.

Outros paradigmas para ilustrar a função de /ke-/ relacionado ao ARG<sub>SUJ/MASC</sub> são apresentados em (290) com sintagmas nominalizados.

- (290) ap-ke-laspo-ma  
CONC-1-MASC-fumar-NOMZ  
'Ele fuma'  
'Lit. o fumo dele'
- b. a-laspo-ma  
CONC-1-MASC-fumar-NOMZ  
'Elas fumam'  
'Lit. o fumo dela'
- c. ap-ke-le-hleja-ma  
CONC-1-PL-COL-andar-NOMZ  
'Eles estão andando'  
'Lit. o andar deles'
- d. a-le-hleja-ma  
CONC-1-COL-andar-NOMZ  
'Eles estão andando'  
'Lit. o andar delas'
- e. ap-ke-le-ɲe-ma  
CONC-1-PL<sub>MASC</sub>-COL-correr-NOMZ  
'Eles estão correndo'  
'Lit. o correr deles'

- f. a-le-ŋe-ma  
 CONC-1-COL-correr-NOMZ  
 ‘Elas estão correndo’  
 ‘Lit. o correr delas’
- g. ap-ke-lueja-ta  
 CONC-1-MASC-chegar-TAM  
 ‘Ele chegou’
- h. a-lueja-ta  
 CONC-1-chegar-TAM  
 ‘Ela chegou’

d) Prefixos de concordância A / S plural

Os exemplos apresentados em (5.1.1.1) mostram que o emprego dos prefixos de concordância /as-/ , /ap-/ , /an-/ tem escopo sobre argumentos A / S SG. Desse fato decorre que nos casos em que se tem A / S não SG haverá o emprego de outro conjunto de prefixos de concordância. Tais prefixos ocorrem antecidos por /e-/ – relacionado aos argumentos A / S com traço PL – cuja função atribuída é dêitico. Sendo /e-/ um dêitico – recorrente, também, em contextos de SN (cf. 3.1.2.4) – pode-se contrastá-lo ao dêitico /a-/ (cf. 5.1.1.1). A distinção entre ambos se dá pelo fato de que /a-/ constitui-se em contexto mais definido para gênero, ao passo que /e-/ constitui-se em contexto menos definido para gênero. Somando-se a /a-/ e /e-/ o morfema /o/ relacionado ao traço PL, pode-se compreender a função gramatical dos três fonemas vocálicos Sanapaná (cf. 2.1.2), sendo {a-} e {e-} relacionados a pessoa do discurso e {-o-} relacionado a número<sup>85</sup>. Constatase,

---

<sup>85</sup> O leitor observará que ao longo da Tese apresento os prefixos com notação fonológica, o que justifica minha intenção de tratá-los como prefixos do SN e do SV. Somente quando o objetivo é delimitá-los como morfemas utilizo a notação específica para tal.

portanto, uma distribuição simétrica envolvendo as vogais e funções morfológicas distintas. Após essa discussão, retorno aos exemplos envolvendo /e-/.

Nos primeiros exemplos apresentados a seguir, somam-se a /e-/ os prefixos /hl-/ (291), /lj-/ (292), responsáveis pela informação de número. No quadro a seguir, a partir de sentenças ilustrativas, pode-se verificar os referidos prefixos e sua função gramatical. Assim, tem-se que a informação de número referente ao argumento sujeito PL ocorre na posição após o prefixo /e-/.

STATUS GRAMATICAL	DÊITICO	NÚMERO
FORMA	/e-	hl/, l-/

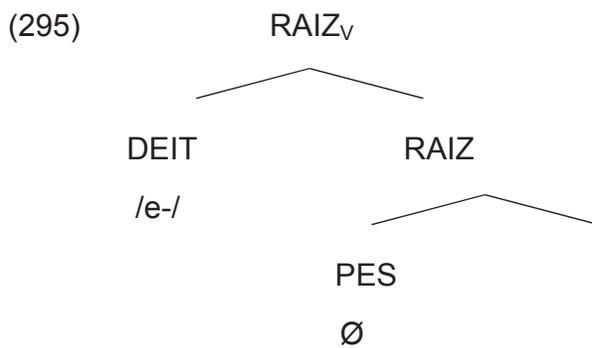
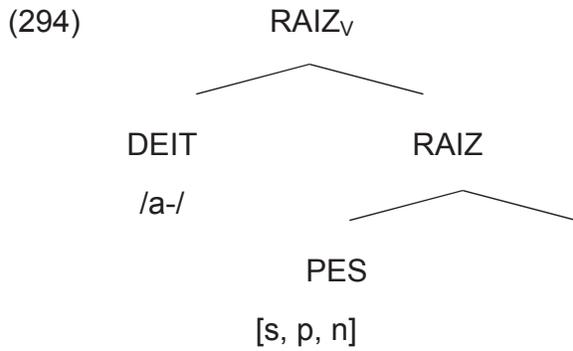
(291) e-lh-mame-kama                      enenko'o  
 DEIT-SUJ-trabalho-CAUS    PRON<sub>+1/PL</sub>  
 'Nós estamos trabalhando'

b.        enenko'o                                      e-hl-teana-we                                      hlejap  
 PRON<sub>+1/PL</sub>                                      DEIT-SUJ-ver-REC                                      PRON<sub>-1/MASC</sub>  
 'Nós vimos ele'

(292) maria    kanhan    Juan    e-l-ja-ma                                      ka'ak  
 NPr        CONJ        NPr    DEIT-SUJ-beber-NOMZ                                      terere  
 'Maria e João beberam terere'

b.        ko'o        kanhan                                      hlejap    e-l-ja-ma                                      ka'ak  
 PRON<sub>+1</sub>    CONJ                                      PRON<sub>-1</sub>    DEIT-SUJ-beber-NOMZ                                      terere  
 'Eu e ele bebemos terere'





A não especificação quanto aos traços gramaticais próprios do verbo, é constatada novamente com os exemplos a seguir. Nestes, emprega-se /e-/ seja em sentenças cujo argumento em função de sujeito é SG (296), seja em sentenças cujo argumento em função de sujeito é PL (297).

Especialmente nos casos em (297), deve-se observar que o emprego dos prefixos /hl-/ e /l-/ não são as únicas maneiras possíveis de indicar PL no predicado. Em (297a) a interpretação PL é feita tão somente pelo pronome, ao passo que em (297b) a interpretação PL é feita pelo emprego do numeral.

(296) anhlape      e-mame-kama      anep  
 QUANT      DEIT-trabalho-CAUS      fazenda

apangok      na'ak      e-mo'ok  
 PRON<sub>POS-1/SG</sub>    POSP      DEIT-vizinho  
 'Há muito trabalho na terra do vizinho'

b.    e-je-kamok                      patakon    ko'o  
       DEIT-OBJ-dar                dinheiro    PRON<sub>+1</sub>  
 'Ele deu dinheiro (para) mim'

(297) hlengap    e-lan<sup>86</sup>-ke                      pawa      ko'o  
       PRON<sub>-1</sub>    DEIT-dar-COMPL    roupa      PRON<sub>+1</sub>  
 'Eles me deram a roupa'

b.    enenko'o en-kanet              e-seponges-kama      tahla    aṇepa      na'ak  
       PRON<sub>+1/PL</sub> DEIT<sub>+1/PL</sub>-dois    DEIT-apagar-CAUS    fogo    plantação    POSP  
 'Nós (dois) apagamos o fogo da plantação'

No que se refere à relação do prefixo /e-/ com contextos prospectivos, destacam-se casos em que, à semelhança dos prefixos relacionados a SG, é apagado do predicado, já que identifica-se a pessoa através da partícula prospectiva (298). Em outros, todavia, é empregado, como nas sentenças em (299). Para ambos os casos, compreende-se, também, a não especificação para traços *phi*.

(298) mo'o                      l-jaske-sek                      e-meak                      enenko'o  
       PROSP<sub>-1/+1</sub>    CONC-lavar-PROSP    POS<sub>+1</sub>-mão<sub>PL</sub>    PRON<sub>+1/PL</sub>  
 'Nós vamos lavar as mãos'

<sup>86</sup> Essa raiz reflete um processo morfofonológico de lenição da consoante /k/.

(299) mo'o e-te-k  
PROSP<sub>+1</sub> DEIT-dormir-PROSP  
'Eu vou dormir'

b. hawehta ma'e e-hlemo-k  
HIP PROSP<sub>-1/MASC</sub> DEIT-vir-FUT  
'Talvez ele virá'

O prefixo /e-/ relaciona-se com segmento nasal para exprimir PL, conforme segue.

(300) enenko'o en-mes-kama ap-mek  
PRON<sub>+1PL</sub> DEIT<sub>+1/PL</sub>-apertar-CAUS POS<sub>-1</sub>-mão  
'Nós nos apertamos a mão (dele)'

b. en-jaskes-kama en-tahlnema  
DEIT<sub>+1/PL</sub>-lavar-CAUS DEIT<sub>+1/PL</sub>-roupa  
'Nós lavamos nossa roupa'

Em outras partes da Tese, o prefixo /e-/ também figura como morfema importante. Veja-se, por exemplo, seu uso para indicar posse [+1] nos nomes de parte do corpo (cf. 3.1.2.4) ou para indicar imperativo (cf. 6.2).

A não especificação de traços gramaticais explicaria seu emprego para o Imperativo, tipologicamente relacionado a não primeira pessoa. Para os nomes de partes do corpo, a interpretação referente a possuidor [+1] resultaria de dois processos, sendo (i) a não especificação e, conseqüentemente, (ii) a interpretação relacionada a [+1]. Sendo assim, para IMP haveria apenas o processo (i). A relação de /e-/ com distintos fenômenos morfossintáticos é uma evidência para

caracterizá-lo como pertencente ao grupo de prefixos de concordância, também relacionados a diferentes funções morfossintáticas na língua.

Nos exemplos a seguir, o emprego de /e-/ informa uma hierarquia de pessoa do tipo [+1] > [-1].

(301) naha'e ak-wete-'a na'ak jose  
 DEM CONC.<sub>-1</sub>-encontrar-TAM POSP NPr  
 'Ele encontrou José'

b. naha'e ap-ke-loete-'a na'ak  
 DEM CONC.<sub>-1</sub>-MASC-encontrar-TAM POSP  
 'Ele encontrou (alguém)'

c. naha'e e-wete-'a na'ak  
 DEM DEIT-encontrar-TAM POSP  
 'Ele me encontrou'

O contraste entre os exemplos em (301) demonstra a correferência de /e-/ com o objeto [+1] em (301c). Nos demais exemplos, são empregados os prefixos /ak-/ e /ap-/ referentes ao argumento em posição de sujeito. O mesmo ocorre abaixo em contextos de nominalização.

(302) kejwa ak-tahle-ma anset-kok  
 cobra CONC.<sub>-1</sub>-picar-NOMZ homem-DIM  
 'a picada da cobra no menino'

b. kejwa ap-tahle-ma nenhlet  
 cobra CONC-1-picar-NOMZ Sanapaná  
 ‘a picada da cobra no Sanapaná’

c. kejwa e-tahle-ma ko’o  
 cobra DEIT-picar-NOMZ PRON<sub>+1</sub>  
 ‘a picada da cobra em mim’

A hierarquia de pessoa do tipo [+1] > [-1] assumida anteriormente, contudo, não é a única quando se trata do emprego de /e-/. Há casos de sentenças nas quais se atesta sua ocorrência, como em (303), sem que se ateste igualmente o traço gramatical [+1]. Para esses casos, deve-se compreender novamente a não especificação de traços *phi*, o que resulta em uma interpretação genérica do argumento sobre o qual recai seu escopo.

(303) anset-kok ma’a e-ne-ne-hek asosokha  
 homem-DIM PROSP DEIT-RED?-correr-TAM ADV  
 ‘O menino vai correr amanhã’

b. anhlape e-mame-kama anep  
 QUANT DEIT-trabalho-CAUS fazenda

apangok na’ak e-mo’ok  
 PRON<sub>POS-1/SG</sub> POSP DEIT-vizinho  
 ‘Há muito trabalho na terra do vizinho’

e) Prefixo de concordância O

Além da concordância relacionada aos argumentos em função de A / S, em Sanapaná há também um sistema de concordância desencadeado no verbo pelo argumento que desempenha função de O. Línguas com comportamento semelhante são encontradas em diferentes grupos genéticos. Blake (1997, p.140) menciona, por exemplo, Chukchi, inúmeras línguas australianas e Turkana. No caso Sanapaná, uma restrição relacionada a gênero se aplica, contudo, a esse sistema, pois apenas argumentos O com traço semântico 'MASC' são representados no predicado, conforme o quadro seguinte:

STATUS GRAMATICAL	DÊITICO	PESSOA	
FORMA	/e-	SG	je/
	MASC	PL	le/
	/-a	SG	∅
	FEM	PL	∅

A seguir, alguns exemplos para ilustrar a marcação morfológica de O 'MASC' SG (304) e PL (305), em oposição à não marcação para O 'FEM' (306).

(304) Civito e-je-kamok patakon ko'o  
 NPr DEIT-OBJ-dar dinheiro PRON<sub>+1</sub>  
 'Civito dá dinheiro para mim'

b. ankeloana a-je-kamok ap-toma a-tawa  
 mulher CONC<sub>-1</sub>-OBJ-dar POS<sub>-1</sub>-comida esposo  
 'A mulher dá (sua) comida para seu esposo'

(305) Civito e-le-kamok patakon enenko'o  
 NPr DEIT-OBJ-dar dinheiro PRON<sub>+1/PL</sub>  
 'Civito dá dinheiro para nós'

b. Civito ap-ke-le-kamok patakon hlengap  
 NPr CONC<sub>-1</sub>-MASC-OBJ-dar dinheiro PRON<sub>-1/PL</sub>  
 'Civito dá dinheiro para eles'

(306) nenhlet ap-kamok a-toma ap-tawa  
 Sanapaná CONC<sub>-1</sub>-dar POS<sub>-1</sub>-comida POS<sub>-1</sub>-esposa  
 'O Sanapaná dá (sua) comida para sua esposa'

b. Juan ap-kanha-'e patakon tejala'a maria  
 NPr CONC<sub>-1</sub>-pedir-TAM dinheiro DAT NPr  
 'Juan pediu dinheiro para Maria'

c. anset-kok ap-kamok sepo an-ken  
 homem-DIM CONC<sub>-1</sub>-dar mandioca POS<sub>-1</sub>-mãe  
 'O menino dá mandioca para sua mãe'

c. ko'o as-teane-ao kanet ankeloanaok  
 PRON<sub>+1</sub> CONC<sub>+1</sub>-ver-TAM dois menina<sub>PL</sub>  
 'Eu vi duas meninas'

Para além da distinção de gênero MASC/FEM, ao segmentar /e-/ e /a-/ – relacionados ao argumento A com traço gramatical [-1] – distingue-se no predicado um sistema de hierarquia de pessoa onde /e-/ mantém sua função dêitica (subespecificada) para o traço gramatical de pessoa. Consequentemente, marca-

se o argumento O no predicado. Como tal, esse sistema reflete marcação inversa Sanapaná que se configura da seguinte maneira:

### 1>2/3

É o que se verifica no contraste entre os exemplos (304) e (305), nos quais o argumento O que carrega traço [+1] é marcado no predicado em detrimento do argumento A [-1]. Assim, para a gramática Sanapaná, se O for [+1] será ele o argumento que desencadeará concordância no predicado. A posição de A no predicado, no entanto, será mantida. Nesse caso, via subespecificação. A esta, preenche-se a posição de O. A posição prefixal de ambas reflete a posição sintática determinada na gramática Sanapaná para os traços *phi*.

O sistema inverso relacionado à hierarquia de pessoa é restrito a verbos bitransitivos e identifica, sobretudo, o argumento beneficiado, aplicativo. Esses casos configuram-se exemplos de incorporação verbal. Payne (2011, p. 256) define esse tipo de incorporação como construção em que um argumento de uma sentença transitiva é incorporado no verbo. Segundo o autor, a incorporação do objeto é o tipo mais comum identificado nas línguas do mundo, com destaque dentre outras para as línguas ameríndias. No Brasil, por exemplo, pode-se mencionar o caso da língua Mekéns como possuidora de incorporação do objeto (cf. GALUCIO, 2001).

O objeto incorporado Sanapaná carrega consigo os traços referentes a número. Esse fato, sob uma perspectiva tipológica, é relativamente comum em línguas naturais. Em Corbett (2000), encontra-se como exemplo para esse padrão de marcação, dentre outras, a língua Amele (falada na Papua Nova Guiné). Há casos específicos no entanto em que essa classe é expressa no próprio argumento (não incorporado). É o que acontece no exemplo abaixo:

(307) nenhlet      ap-ke-kamok      peletao      a-teɲala'a      anset-ko:k  
 Sanapaná      CONC.-1-MASC-dar      faca      CONC.-1-DAT      homem-DIM<sub>PL</sub>  
 'O homem (Sanapaná) deu uma faca para os meninos'

Aqui, conforme se pode observar, não há co-ocorrência de prefixo correferente a O no verbo com o alongamento da vogal  $\sigma/V:C$ . Esse fato pode ser explicado a partir do que é conhecido na literatura como *elsewhere condition*. Segundo Ackema e Neeleman (2003, p. 48), “essa condição prevê que uma regra geral é bloqueada quando uma regra mais específica é aplicada”<sup>87</sup>. Com isso, pode-se pensar um caso de competição entre morfofonologia e sintaxe. Tal competição é exatamente o que, conforme Ackema e Neeleman (2003, p. 48), é previsto por autores como Di Sciullo e Williams (1987), Andrews (1990), Poser (1992), Sells (1998), entre outros. Segundo esses autores (*apud*, ACKEMA e NEELEMAN, op. cit.), há casos de línguas em que a forma específica é morfológica, enquanto que a forma geral é sintática. Nesse caso, a morfologia bloqueia a sintaxe. Há por outro lado, línguas em que o processo é oposto. Logo, sintaxe bloqueia a morfologia. Os dados discutidos aqui permitem-me considerar a língua Sanapaná com comportamento semelhante ao primeiro conjunto de línguas.

#### f) Quadro de prefixos verbais

Baseado nos dados apresentados ao longo desta seção, considero que a série de prefixos que ocorrem em V desempenha função de concordância, de modo a identificar A / S / O. Tais prefixos são ilustrados no quadro adiante e, considerando-se a possibilidade de substituir o SN co-referente, constituem-se uma evidência da natureza sintética da língua Sanapaná.

---

<sup>87</sup> This condition states that a general rule is blocked where a more specific rule can apply (p. 48).

A / S SG				A / S PL		O SG	O PL
as-	ap-	an-	e-	hl-	lj	je	le
+1	-1	-1	+1 / -1	+1	-1	-1	+1/-1
MASC / FEM	MASC	FEM	MASC / FEM	MASC / FEM	MASC / FEM	MASC	MASC

Quadro 13: Prefixos de Concordância A / S / O

Nesse quadro, observa-se que os prefixos A / S SG apresentados como recorrentes no verbo para indicar concordância são os mesmos que ocorrem com N para expressar uma relação de posse (cf. 3.1.2.4). Sendo assim, concluo que N e V compartilham alguns processos morfossintáticos semelhantes. Em um cenário tipológico, não é incomum que nomes e verbos compartilhem aspectos morfossintáticos. Nas línguas Abaza, Salish, Wakashan, por exemplo, tempo e concordância ocorrem seja com nomes e adjetivos, seja com verbos (BAKER, 2003, p. 51).

Em Mohawk ocorre algo semelhante à língua Sanapaná na medida que naquela língua, segundo Baker (2003, p. 8), “os prefixos pronominal / concordância que ocorrem com os nomes apresentam pouca diferença em relação àqueles que ocorrem com (adjetivos e) verbos”<sup>88</sup>. Para o caso Sanapaná, como já mencionei, a relação é de igualdade. Nesse caso, faço referência, ainda, a Schachter e Shopen (2007, p. 4), segundo os quais, nem sempre é possível distinguir quando duas classes de palavras de uma língua devam ser identificadas como diferentes. Assim, a ocorrência dos prefixos em questão sugere uma pergunta imediata, qual seja: como distinguir V de N, já que esse conjunto de prefixos é comum a ambas as classes?

De imediato, considero que o comportamento morfológico dos referidos prefixos não pode ser adotado como critério para distinguir N de V Sanapaná, já

<sup>88</sup> Tradução livre para “...the pronominal/agreement prefixes that attach to nouns are slightly different from the ones that attach to (adjectives and) verbs”.

que tais índices não apresentam restrição ao tipo lexical com os quais ocorrem. Esse comportamento é bastante similar ao que é apresentado em Baker (2003) para a categoria tempo (T), segundo o qual a ocorrência de T em classes lexicais distintas de V implica no fato de que "...tempo e elementos relacionados ocorrem com nomes e adjetivos em uma dada língua apenas se estes também ocorrem com verbos"<sup>89</sup>.

A inexistência de restrições quanto ao tipo lexical capaz de receber os índices de concordância pode gerar ainda as seguintes perguntas:

I. A classe V apresenta os mesmos mecanismos morfológicos que a classe N, de modo a confundir-se com tal esta?

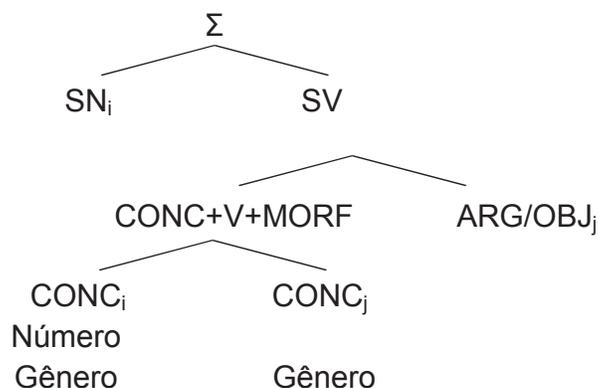
II. Em caso de resposta positiva à (I), se pode afirmar que não existem Vs em Sanapaná? Em caso de resposta negativa, como identificá-los?

Como mostrarei na seção seguinte (5.1.1.2), a classe V Sanapaná apresenta peculiaridades morfossintáticas que a distingue das demais classes lexicais, mais especificamente pelo conjunto de sufixos próprio de V. Com isso, se pode afirmar, em resposta a (I), que a classe V não apresenta os mesmos mecanismos morfológicos que a classe N, por exemplo. Antes de tratar dos sufixos, porém, parece-me viável considerar a hierarquia de traços presentes entre os prefixos de concordância, mais especificamente entre aqueles que se referem a A / S e a O, conforme ilustrado a seguir.

---

<sup>89</sup> ...tenses and related elements attach to nouns and adjectives in a given language only if they also attach to verbs (Baker, 2003, p. 52).

(308)



Essa hierarquia mostra que em Sanapaná a posição A / S – em que CONC<sub>i</sub> refere-se a SN<sub>i</sub> – se encontra mais alta na estrutura. O fato de se tratar de uma posição com menor grau de relacionamento com SV propicia um constante apagamento de SNs com tal função. Por outro lado, o menor grau de produtividade de prefixos de concordância O reflete o fato de que este quase nunca é apagado.

#### 5.1.1.2 A morfologia sufixal do verbo

O conjunto de sufixos que ocorre no verbo distingue esta classe de palavras das demais classes Sanapaná, já que é exclusivo. Muito dos sufixos identificados no referido conjunto – e apresentados ao longo desta Tese – ainda não são suficientemente conhecidos por mim, fato que me motiva a utilizar a glosa genérica TAM. Apesar disso, utilizo o referido conjunto como critério para distinguir N de V.

A junção das categorias gramaticais tempo, aspecto e modo sob o rótulo TAM foi amplamente difundido nos trabalhos de Givón empreendidos ao longo dos anos de 1980 e tratavam, sobretudo, da relação das mesmas categorias com o verbo. Especialmente estas categorias seriam as responsáveis por atribuir e / ou distinguir a classe verbo em detrimento de outras.

A concepção de que ‘talvez a diferença mais óbvia entre V e outras classes lexicais seja o fato de que em muitas línguas apenas V pode receber informações gramaticais para tempo e noções relacionadas, tais como aspecto e modo’, bem como a defendida por funcionalistas como Givón (1984), para quem ‘a classe V

denota eventos transitórios, menos estáveis' é questionada por Baker (2003, p. 46-52). Conforme este autor, considerar tais aspectos como fundamentais para distinguir V de outras classes remonta à antiguidade dos estudos de línguas naturais. Além disso, ressalta Baker (2003, p. 47) 'em algumas línguas, tempo pode ocorrer com nomes ou com adjetivos (Turkish e Abaza); em outras línguas, nem mesmo verbos são flexionados para tempo (Yoruba, Nupe)<sup>90</sup>.

Para dar conta desse fenômeno, sob uma perspectiva sintática, Baker (2003), a partir de exemplos do Árabe (extraídos de BENMANMOUN, 2000, p. 8), considera a existência de predicativo nulo (*null PredP*) nos casos em que tempo é expresso lexicalmente por um nome ou por um adjetivo. Nos casos em que se tem uma projeção [+V] ocorre a inserção deste diretamente no núcleo T (tempo).

Independentemente de discussões teóricas, todavia, em Sanapaná é possível identificar os mecanismos relacionados a tempo, aspecto e modo afixados à própria raiz verbal, com exceção do prospectivo que é realizado como auxiliar imediatamente anterior ao V. Pela estreita relação que estabelecem entre si, tratarei tempo e aspecto como imbricados (5.1.1.2.1). Em seguida, tratarei dos sufixos de modo (5.1.1.2.2). Além destes, apresentarei o sufixo causativo (5.1.1.2.3).

#### 5.1.1.2.1 Tempo / Aspecto

Para além da identificação de tempo expressa pelos advérbios, parece não haver no verbo uma distinção clara para tempo em Sanapaná quando se pensa em uma divisão tripartida presente-passado-futuro, o que não implica pensar na inexistência de sufixos relacionados a tempo. Na verdade, pelo menos três sufixos são identificados com esta função, sendo um /-ke/ (309), outro /-ta/ (310) e /-k/ (311). Tais sufixos, contudo, não se restringem a tempo. Na verdade, estão associados a aspecto, uma vez que indicam, respectivamente, um evento já completado, um evento não completado e um evento a ser realizado.

---

<sup>90</sup> In some languages, tense can attach even to nouns and adjectives (e.g. Turkish and Abaza, see Bellow); in other languages, not even verbs are inflected for tense (e.g. Yoruba, Nupe).

(309) ko'ó      as-tao-ke                      hlema      pakwa  
 PRON<sub>+1</sub>    CONC<sub>+1</sub>-comer-COMPL    uma      banana  
 'Eu comi uma banana'

b.    hlejap              ap-seponges-ke                      tahla  
 PRON<sub>-1/MASC</sub>    CONC<sub>-1</sub>-apagar-COMPL      fogo  
 'Ele apagou o fogo'

(310) hlejap              e-hama-ta                      kanete      pehlten  
 PRON<sub>-1/MASC</sub>    DEIT-EXIST-INCOMP    dois      mês  
 'Ele está aqui dois meses'

d.    hlengap      me-lanke-ta              pawa      ko'ó  
 PRON<sub>-1</sub>    NEG-dar-INCOMP    roupa    PRON<sub>+1</sub>  
 'Eles não me deram roupas'

(311) mo'ó              to-k                      hlema      pakwa  
 PROSP<sub>+1</sub>    comer-PROSP    um      banana  
 'Eu vou comer uma banana'

b.    mo'ó              jaske-sek      as-tahlnema  
 PROSP<sub>+1</sub>    lavar-PROSP    POS<sub>+1</sub>-roupa  
 'Eu vou lavar a minha roupa'

O aspecto incompleto permite interpretação do tipo passado e / ou presente, o que gera uma distinção formal entre PROSP e não prospectivo. Com isso, assumo que o sistema tempo / aspecto é dicotômico do tipo prospectivo / não prospectivo e que especificidades de tempo são realizadas com o emprego de advérbios.

A seguir, apresento alguns exemplos. Interessante notar, no caso de (312b), que a realização do sufixo de tempo / aspecto não anula a realização do advérbio.

(312) anset-kok            ap-ke-ŋe-je                            nemata  
 homem-DIM    CONC<sub>-1</sub>-MASC-correr-HIP    ontem  
 ‘O menino correu ontem’

b.    anset-kok        ma’a            e-ŋe-ŋe-hek                            a-sosokha  
 homem-DIM    PROSP<sub>-1</sub>    DEIT-correr-RED?-TAM    CONC<sub>-1</sub>-amanhã  
 ‘O menino vai correr amanhã’

No caso específico da categoria futuro (FUT), utilizo a nomenclatura prospectivo (PROSP). A justificativa para tal uso é o fato de que se trata da indicação de uma projeção, daí seu caráter indefinido. Nesse caso, além do sufixo /-k/ é também utilizado o AUX prospectivo, tema da seção seguinte. Antes, porém, de iniciá-la, gostaria de dizer que mudanças como as realizadas pelos sufixos /-k/ e /-ke/ são identificadas de maneira semelhante em outras línguas. Em Maori (língua falada na Polinésia), por exemplo, /kua/ e /ka/ estão relacionados a perfectivo e a perfeito (cf. TIMBERLAKE, 2007, p. 306).

#### a) Prospectivo

O prospectivo Sanapaná é realizado pelos auxiliares /mo’o/ [+1MASC / FEM], /ma’e/ [-1MASC] e /ma’a/ [-1FEM]. O contraste entre as duas últimas formas verbais auxiliares indica que, além de expressarem aspecto, concordam com A / S no que refere a gênero. Logo, considero que os auxiliares /mo’o/, /ma’e/ e /ma’a/ indicam simultaneamente – à semelhança do que atestado nos prefixos verbais – pessoa / gênero e aspecto, o que implica considerar que são inseridos na sentença por razões morfológicas. Estes não devem ser entendidos como cópulas. O

princípio geral para considerá-los gramaticalmente auxiliares é o fato de apenas c-selecionarem seus complementos. No caso em questão, o próprio predicado.

#### Prospectivo [+1/MASC]

A indicação de PROSP<sub>+1</sub> se dá pela utilização do auxiliar *mo'o*. Assim como os demais auxiliares prospectivos, é realizado em posição imediatamente anterior ao verbo principal. Uma característica comum do auxiliar prospectivo em relação a outros aspectos da morfossintaxe Sanapaná é sua utilização, nos casos envolvendo [+1], seja para [MASC], seja para [FEM], como ocorre, igualmente, com os prefixos de negação ou posse.

(313) mo'o            teŋa            kason    ahangok  
PROSP<sub>+1</sub>    comprar    calça    POS<sub>+1</sub>  
'Eu vou comprar calça'

b.    mo'o            to-k                    sese  
PROSP<sub>+1</sub>    comer-PROSP    pão  
'Eu vou comer pão'

#### Prospectivo [-1/MASC]

A utilização dos auxiliares [-1], ao contrário do auxiliar [+1], obedece à restrição de gênero, no sentido de que se identifica uma forma referente ao traço 'MASC' e outra forma referente ao traço 'FEM'. Para PROSP<sub>-1/MASC</sub> emprega-se *ma'e*.

(314) anset-kok            ma'e            tje-nek  
homem-DIM    PROSP<sub>-1</sub>    dormir-PROSP-TAM  
'O menino vai dormir'

- b. ma'e na-kha mo'ok akjawakahlma  
 PROSP ir-TAM outra cidade  
 'Você vai à (outra) cidade?'

Prospectivo [-1/FEM]

Em um evento prospectivo 'FEM' [-1] empregar-se-á *ma'a*.

- (315) ma'a anko-se-pok ankeloanat-kok  
 PROSP<sub>-1</sub> CONC<sub>-1/FEM</sub>-morrer-TAM mulher-DIM  
 'A menina vai morrer'

- b. ankeloana ma'a anko-tje-nek  
 menina PROSP CONC<sub>-1/FEM</sub>-dormir-TAM  
 'A menina vai dormir'

Eventos prospectivos com argumentos A / S SG são obrigatoriamente identificados com o auxiliar correspondente. Para os contextos em que tais argumentos contêm traço PL, o mais comum é que os auxiliares também sejam empregados. Nesse caso, conterão a informação correspondente ao referido traço. É o que se atesta nas sentenças a seguir com os auxiliares *ma'en* (316) e *anko-mejan-kha* (317), em cujos /n-/ cumpre função PL. Desta forma, compreende-se que os auxiliares Sanapaná são sensíveis ao traço PL de A / S.

- (316) Pedro hlemoje Juan ma'en mea-kha sosokha  
 NPr ASSOC NPr PROSP<sub>-1PL</sub> MOV-ir-TAM ADV

ap-ke-hl-pa-woman kamok

CONC-1-MASC-SUJ-caçar-REF algo

‘Paulo e João vão caçar (algo) amanhã’

(317) ankeloanaok ma’a anko-mejan-kha  
mulher<sub>PL</sub> PROSP-1/FEM CONC-1/FEM-MOV<sub>PL</sub>-TAM

a-ljas-kese-kamok

CONC-1/FEM-SUJ<sub>FEM</sub>-lavar-TAM

‘As mulheres vão lavar’

Em termos de posição na sentença, os auxiliares prospectivos configuraram obrigatoriamente a ordem AUX<sub>PROSP</sub> + V e não V + AUX<sub>PROSP</sub>. Esse padrão é muito semelhante ao que ocorre com os auxiliares *be* do inglês ou *ser* do PB que também ocorrem preferencialmente em posição imediatamente anterior ao verbo principal. Saliento para o caso Sanapaná que entre AUX e V é possível o exortativo, por exemplo (318).

(318) ma’a nehla e-na-kha akjawakahlma  
PROSP EXORT DEIT-ir-TAM cidade  
‘Vá à cidade’

b. ma’a nehla e-le-k aipehe sepo  
PROSP EXORT DEIT-descascar-PROSP casca mandioca

awahlo:k na’ak nesoma  
dentro POSP recipiente

‘Ele precisa descascar a mandioca (que está) no recipiente’

Há casos de contextos prospectivos, todavia, em que não se atesta o emprego de auxiliares prospectivos, como ilustrado nas sentenças a seguir, em que o aspecto prospectivo é marcado no auxiliar que indica movimento (MOV). Para os referidos casos, constata-se um comportamento distinto dos auxiliares prospectivos no sentido de que podem ocorrer em posição posterior ao verbo principal (319b).

(319) Maria hlemoje Joana an-mejan-kakha  
 NPr ASSOC NPr CONC-1FEM-MOV-REFL

a-ljas-kese-kamok  
 CONC-1/FEM-SUJ<sub>FEM</sub>-lavar-TAM  
 ‘Maria com Joana vão lavar algo’

b. Juan hlemoje ko’o hl-pa-wo<sup>91</sup> man-ko-ta sosokha  
 NPr ASSOC PRON<sub>+1</sub> PL<sub>SUJ</sub>-caçar-MOD MOV-junto-INCOMP ADV  
 ‘João e eu vamos caçar amanhã’

Finalmente, deve-se observar que os auxiliares prospectivos causam impacto nos prefixos de concordância comuns ao V. Nas sentenças em que A / S é ‘MASC’, por exemplo, o V não apresenta os prefixos /as-/ e /ap-/. A ausência de concordância é possível em virtude dos traços presentes no auxiliar, capazes de identificar, como já mencionado anteriormente, gênero do referido argumento.

---

<sup>91</sup>A morfemas semelhantes na seção referente a adjetivos em contextos comparativos atribuí função comparativa.

### 5.1.1.2.2 Modo

A definição mais clássica para modo considera basicamente duas formas o *realis* e o *irrealis* (COMRIE, 1981) e, assim como ocorre com aspecto, é expresso, na maioria dos casos via morfologia.

Em Sanapaná, até a produção desta Tese não tenho conhecimento satisfatório dos mecanismos morfológicos que possam ser relacionados diretamente a modo. Tenho conhecimento, entretanto, de um item lexical que indica hipótese, possibilidade /*hawehla*/ e outro que indica exortação /*nehla*/ a partir da perspectiva do enunciatário. Ambos são consideradas aqui como modalizadores que se referem a evento que deve acontecer, mas não se atesta a veracidade do mesmo. Na sequência, em virtude do “desconhecimento” mencionado, apresento um conjunto de sufixos glosados como TAM.

#### Hipotético

É realizado por *hawehla*.

(320) *hawehla ma'a e-ɲa-kha ha'e*  
HIP PROSP DEIT-ir-TAM ADV  
'Talvez ele deva ir lá'

b. *hawehla ma'a e-jet-nek hlejap*  
HIP PROSP DEIT-dormir-TAM PRON<sub>-1/MASC</sub>

*pesasep na'ak hen'gae*  
noite POSP ADV  
'Talvez ele vá dormir aqui hoje'

## Exortativo

É indicado por *nehla* (que também desempenha função de pronome interrogativo).

(321) ma'a    nehla    e-ŋa-kha    akjawakahlma  
PROSP   EXORT   DEIT-ir-TAM   cidade  
'Vá à cidade'

b.    ma'a    nehla    e-le-k    aipehe    sepo  
PROSP   EXORT   DEIT-descascar-PROSP   casca   mandioca

awahlo:k    na'ak    nesoma  
dentro    POSP    recipiente  
'Ele precisa descascar a mandioca (que está) no recipiente'

O sufixo */-kha/* de (321a), atestado também em exemplos como em (320a) provavelmente está relacionado a modo *irrealis*, uma vez que produtivo em contexto prospectivo. O contraste destes exemplos com os exemplos (320b) e (321b) sugere, assim, uma distinção de modo causada pela presença do sufixo */-kha/*. Sua ausência nos exemplos (b) evidenciaria a possibilidade de *irrealis* ser realizado no predicado e / ou independentemente.

A relação de modo *irrealis* com contextos de futuro – como identificado nos casos mencionados – é identificada, por exemplo, em Ute (Uto-Azteca). Givón (1982, p. 36) destaca no paradigma a seguir da referida língua o sufixo */-vaa/* como relacionado ao referido modo.

SG: wũyuka-vaa-ni-n  
work-IRR-MAIN-I  
'I will work'  
"Eu trabalharei"

PL wũyuka-qa-paa-ni-nũm  
work-PL-IRR-MAIN-we  
'We will work'  
"Nós trabalharemos"

Segundo Givón (1982, p. 36), "os reflexos do sufixo -vaa- aparecem em complementos verbais de verbos modais ('querer'), manipulativos ('dizer', 'ordenar') e também em sentenças hortativas, predicativas, inceptivas, necessitativas, duvidosas"<sup>92</sup>.

c) Outros sufixos: são apresentados de maneira genérica (TAM) em virtude de eu ainda não ter compreendido completamente suas funções morfossintáticas. A apresentação dos mesmos é dividida em dois grupos. No primeiro, constam exemplos de sufixos para os quais não tenho nenhuma hipótese quanto à função morfossintática (322).

(322) henka'e    anset-kok    a-hahlne-**ao**    ak-najoma  
ADV    homem-DIM    CONC-1-ouvir-TAM    CONC-1-ruído  
'Aquele menino ouviu o barulho'

---

<sup>92</sup> Tradução livre de "Reflexes of the -vaa- suffix appear in verbal complements of modality verbs ('want') and manipulative verbs ('tell', 'order'), as well as in hortative, predictive, inceptive, necessitative and uncertain clauses".

- b. Ko'o as-teane-**ao** ap-nema na'ak neteng  
 PRON<sub>+1</sub> CONC<sub>+1</sub>-ver-TAM CONC<sub>-1</sub>-sentar-NOMZ POSP LOC  
 'Eu o vi sentado (em cima)'
- c. ko'o as-ke-nane-'**a** mehlema hlemoje as-ken  
 PRON<sub>+1</sub> CONC<sub>+1</sub>-MASC-fazer-TAM carvão ASOC POS<sub>+1</sub>-mãe  
 'Eu faço carvão com minha mãe'
- d. ko'o as-teja-'**e** pawa tejala'a as-ken  
 PRON<sub>+1</sub> CONC<sub>+1</sub>-comprar-TAM roupa DAT POS<sub>+1</sub>-mãe  
 'Eu comprei roupa para minha mãe'
- e. ko'o as-jehlen me-jahan-**ka** hengae  
 PRON<sub>+1</sub> POS<sub>+1</sub>-irmão CONC<sub>-1</sub>-EXIST-TAM DEM  
 'Meu irmão não está aqui'
- f. anset-kok ma'e-ta-soa-**ka** ap-nemakha  
 homem-DIM PROSP-comer-TAM POS-1-casa  
 'O menino vai comer em sua (própria) casa'
- g. jamato'ok an-teja-**me**  
 rede CONC<sub>-1</sub>-cair-TAM  
 'A rede caiu'
- h. anset-kok ap-kap-**na**  
 homem-DIM CONC<sub>-1</sub>-tossir-TAM

‘O menino tossiu’

No segundo grupo de sufixos constam exemplos que, pelos paradigmas em que se encontram, permitem-me pensar algumas hipóteses. Em (323), por exemplo, podem-se imaginar informações relacionadas a tempo / aspecto sendo uma expressa por */-khaje/* e */-kheje/* (evento incompleto), outra por */-khaja/* (rotineiro) e uma terceira por */-kha/* iminente.

(323) as-ueta-**kheje**                      as-toskama                      amajhl                      na’ak  
CONC<sub>+1</sub>-encontrar-HIP    POS<sub>+1</sub>-cachorro    caminho                      POSP  
‘Eu encontrei meu cachorro no caminho’

b.      ko’o                      a-hlate-**khaje**                      sosokoje  
PRON<sub>+1</sub>                      CONC<sub>+1</sub>-despertar-HIP                      ADV  
‘Eu acordei cedo’

c.      sosokoje                      a-hlate-**khaja**                      meta’a  
ADV                      CONC<sub>+1</sub>-despertar-TAM                      sempre  
‘Eu sempre acordo cedo’

d.      mo’o                      hlate-**kha**                      sosokoje  
PROSP<sub>+1</sub>                      despertar                      cedo  
‘Eu vou acordar cedo’

A presença do sufixo */-kha/* em contexto prospectivo (323d) permite-me retornar à análise apresentada anteriormente para o exortativo e para o hipotético, quando considerei o referido sufixo como relacionado a modo *irrealis*. Tal análise justifica a segmentação dos morfemas em (319a-c) da seguinte maneira:

kha      {  
                  je  
                  ja

Logo, a dicotomia tempo aspecto estaria marcada nos morfemas /-je/ e /-ja/, ao passo que /-kha/ corresponderia à informação de modo. Com isso, compreenda-se a segmentação acima como possível aos sufixos em questão apresentados nesta Tese e glosados como TAM.

Além destes sufixos, são listados aqui /-wame/ e /-wama/. Para esses, pode-se pressupor, igualmente, relação com modo; mais precisamente aquele relacionado a associativo. A hipótese para esse sufixo – e suas variações – é a de que sua função é indicar a realização conjunta de um evento por distintos agentes.

(324) as-ke-hl-pa-**kwame**                      hlemoje    as-japon  
           CONC<sub>+1</sub>-MASC-PL<sub>SUJ</sub>-caçar-TAM    ASS        POS<sub>+1</sub>-pai  
           ‘Eu fui caçar com meu pai’

b.    hlenkap    ap-ke-hl-tepo-**wama**                      a-semhem    na’ak  
           PRON<sub>-1/PL</sub>    CONC<sub>-1</sub>-MASC-PL<sub>SUJ</sub>-bater-TAM    POS<sub>-1</sub>-cachorro    POSP  
           ‘Eles bateram o cachorro (deles)’

5.1.1.2.3 Causativo: é realizado morfologicamente pelo sufixo /-kama/. Este sufixo também é o responsável por indicar aspecto contínuo. Pode-se compreendê-lo, portanto, como sufixo icônico contendo traços de continuidade e de causatividade<sup>93</sup>.

<sup>93</sup> O mesmo fenômeno de iconicidade já fora apresentado, por exemplo, para o sufixo /-ke/ ‘COMPL’ que, em posição prefixal, indica o traço ‘MASC’; para o exortativo /nehla/ que também funciona como pronome interrogativo.

- (325) ha'e ap-je-ses-kama<sup>94</sup> ap-jepon akwa  
 DEM CONC.<sub>1</sub>-OBJ-cortar-CAUS POS.<sub>1</sub>-pai cabelo  
 'Este cortou o cabelo do seu pai'
- b. ankeloana-tkok ak-maes-kama aton  
 mulher-DIM CONC.<sub>1</sub>-abrir-CAUS porta  
 'A menina abriu a porta'
- c. maestro ap-ka-pas-kama libro escuela na'ak  
 professor CONC.<sub>1</sub>-MASC-dizer-CAUS livro escola POSP  
 'O professor enviou o livro para a escola'
- d. natat-kok ap-ka'mas-kama  
 pássaro-DIM CONC.<sub>1</sub>-cantar-CAUS  
 'O passarinho está cantando'
- e. maria a-ljas-kes-kama pawa  
 NPr CONC.<sub>1</sub>-SUJ<sub>FEM</sub>-lavar-CAUS roupa  
 'Maria está lavando roupa'

O exemplo (325a) mostra que sentenças causativas apresentam comportamento morfossintático semelhante às sentenças com dois argumentos em função de O, uma vez que têm preenchidas em seu predicado a posição de O beneficiado pela ação do argumento A / S. Assim como identificado naquelas sentenças, aqui não há marcação do objeto em sentenças com apenas um

<sup>94</sup> Notar diferença semântica entre *jatemenke* 'cortar' árvores e *jeses* usado somente para 'cortar pelos em geral'. Questões semânticas da língua Sanapaná serão melhor estudadas em pesquisas futuras. De antemão, importa ressaltar a relevância desse fato, também identificado, por exemplo, entre os adjetivos.

argumento em função de O (325b) ou nenhum dos dois argumentos O com traço [+HUM]. Para os casos em que o argumento O beneficiado pela ação de A / S é ‘FEM’ é possível que o prefixo /ja-/ desempenhe a função de identificá-lo no predicado, como em (326). Sobre o prefixo /ka-/ de (325c), pode se tratar de /ke/ ‘MASC’ modificado por processo de harmonização vocálica.

(326) as-ken            a-ja-pas-kama            an-ket  
 POS<sub>+1</sub>-mãe    CONC<sub>-1</sub>-OBJ<sub>FEM</sub>-dizer-CAUS    POS<sub>-1</sub>-mãe

anka-ha-nek            hlematek    sepo  
 CONC<sub>-1/FEM</sub>-cozinhar-TAM    QUANT    mandioca  
 ‘Minha mãe fez sua mãe cozinhar um pouco de mandioca’

### 5.1.2 Aspectos da sintaxe verbal

Não é possível pensar o SV Sanapaná sem considerar os aspectos sintáticos relacionados. Isto porque é na sintaxe que os mecanismos morfológicos incidirão. Todos os aspectos morfológicos expressos por meio dos prefixos no verbo, por exemplo, refletem processos sintáticos da língua. Sendo assim, apresento nesta seção informações sobre a Estrutura Argumental do Verbo (5.1.2.1), o apagamento do argumento A / S (5.1.2.2) e a transitividade verbal (5.1.2.3).

#### 5.1.2.1 Estrutura Argumental do Verbo

Em (5.1.1.1) demonstrei a recorrência de prefixos no predicado para referir-se, sobretudo, ao argumento A / S. Tais prefixos são empregados indiscriminadamente, seja em sentenças transitivas (327) e / ou bitransitivas (328), seja em sentenças intransitivas (329).

(327) ko'ó            as-mota-'e                    aḡaloa  
 PRON<sub>+1</sub>    CONC<sub>+1</sub>-atirar-TAM    tatu  
 'Eu atirei no tatu'

b.    Juan    ap-tahlna-kheje            ap-tahlnema  
 NPr    CONC<sub>-1</sub>-vestir-HIP    POS<sub>-1</sub>-roupa-NOMZ  
 'João vestiu sua (própria) roupa'

(328) as-nea-je                            natat-kok            a-hl-pajo-ma  
 CONC<sub>+1</sub>-escutar-HIP            pássaro-DIM    CONC<sub>-1</sub>-falar-NOMZ  
 'Eu escuto o canto do passarinho'

b.    Juan    ap-kanha-'e                    patakón    tejala'a                    maria  
 NPr    CONC<sub>-1</sub>-pedir-TAM    dinheiro    POSP                            NPr  
 'Juan pediu dinheiro para Maria'

(329) as-jaskes-kama                    as-tahlnema            ko'ó  
 CONC<sub>+1</sub>-lavar-CAUS            POS<sub>+1</sub>-roupa            PRON<sub>+1/MASC</sub>  
 'Eu estou lavando minha roupa'

b.    anset-kok                            ap-ten-ke  
 homem-DIM                            CONC<sub>-1</sub>-dormir-COMPL  
 'O menino dormiu'

No caso das sentenças intransitivas a distinção entre  $S_a$  e  $S_o$  também não interfere no emprego dos prefixos de concordância, de modo que estes serão empregados em ambos os casos.

**[ $S_a$ ]**

(330) ko'o            as-tao-ke  
PRON<sub>+1</sub>    CONC<sub>+1</sub>-comer-COMPL  
'Eu comi'

b.    anset-kok          ma'a          e-ŋe-ŋe-hek                            sosokha  
homem-DIM    PROSP<sub>-1</sub>    DEIT-RED?-correr-TAM                    ADV  
'O menino vai correr amanhã'

**[ $S_o$ ]**

(331) mo'o            e-te-k                            ko'o  
PROSP<sub>+1</sub>    DEIT-dormir-TAM    PRON<sub>+1</sub>  
'Eu vou dormir'

b.    anset-kok          ap-kap-na  
homem-DIM    CONC<sub>-1</sub>-tossir-TAM  
'O menino tossiu'

Os exemplos (332-333) mostram os dois tipos de classes de palavras mais comuns de ocorrerem em um sintagma com função de A / S: (i) N e (ii) PRON. No caso do N, o mais comum é que ocorra em posição pré-verbal (332). No caso do PRON, também pode ser realizado na mesma posição (333). Todavia, sobretudo

no caso dos pronomes pessoais, há muitos casos em que se realiza em posição pós-verbal (334).

(332) ankeloanaok a-nanaj-'a entoma  
mulher<sub>PL</sub> CONC<sub>-1/FEM</sub>-fazer-TAM comida  
'As mulheres fizeram comida'

b. keywa na'ak a-ja-khema nenhlet  
cobra POSP CONC<sub>-1/FEM</sub>-OBJ-matar Sanapaná  
'cobra morta pelos Sanapaná'

(333) jaokoho hlenkap e-la-e-kamok as-to-ma  
QUANT PRON<sub>-1/PL</sub> DEIT-PL-DEIT-dar POS<sub>+1</sub>-comer-NOMZ  
'Todos eles me deram comida'

b. naha'e e-wete-'a as-nemakha na'ak  
PROX DEIT-encontrar-TAM POS<sub>+1</sub>-casa POSP  
'Este me encontrou na minha casa'

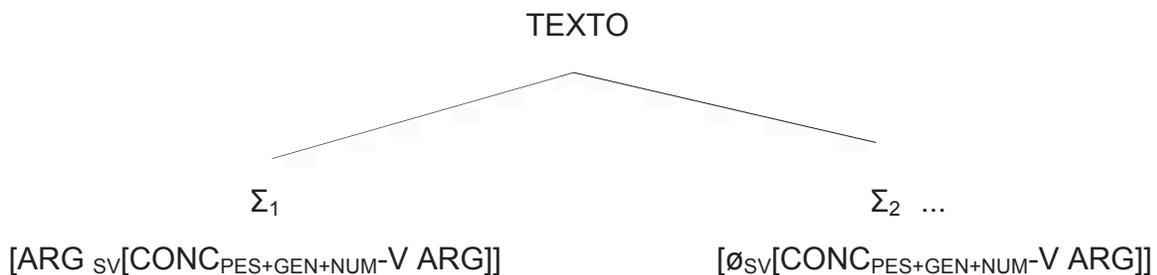
(334) as-tao-ke ko'o  
POS<sub>+1</sub>-comer-COMPL PRON<sub>+1</sub>  
  
ap-kam-ke ko'o hlejap harina  
CONC<sub>-1</sub>-dar-COMPL PRON<sub>+1</sub> PRON<sub>-1/MASC</sub> farinha  
'Ele deu farinha para eu comer'

Uma segunda relação dos prefixos de concordância com a estrutura argumental do verbo refere-se ao fato de que seu emprego implica na possibilidade de apagamento do argumento, conforme mostro a seguir.

#### 5.1.2.2 Apagamento do argumento A / S

À semelhança do que ocorre com diversas línguas naturais, em Sanapaná a indicação de pessoa – gênero – número presente no SV permite ao argumento que desempenha função de sujeito da sentença não ser realizado fonologicamente. Instaura-se, com isso, um sistema de recursividade no qual, uma vez realizado fonologicamente, é permitida à posição do argumento sujeito permanecer vazia, conforme ilustrado a seguir.

(335)



Essa possibilidade é o argumento utilizado por seguidores da Teoria Gerativa para tratar de línguas *pro-drop*. Assim, tem-se que Sanapaná constitui-se caso de língua *pro-drop*. Percebe-se, também na referida língua, conforme mostrei anteriormente, uma relativa liberdade de linearização de argumentos nas sentenças simples, que pode ser entendida como evidência de que se tem um padrão sintático de não configuracionalidade. Tal concepção torna-se bastante aceitável a partir do fato de que no verbo podem ocorrer, além da concordância relativa a A / S, a concordância relativa a O. Assim, a relação que se estabelece entre os prefixos de concordância e a possibilidade de apagamento de um

argumento revelam duas características sintáticas da língua Sanapaná: *pro-drop* e não configuracionalidade.

No caso do parâmetro *pro-drop* ocorre seja em contextos em que A / S é [+1], seja em contextos em que é [-1]. Esse fato é amplamente possível porque os prefixos de concordância indicam o argumento A / S<sup>95</sup>. A seguir, refiro-me a esse sistema de concordância a partir da transitividade do verbo.

### 5.1.2.3 Transitividade

Na seção anterior em que tratei da EAV a partir dos argumentos A / S referi-me ao fato de que os prefixos de concordância são empregados indiscriminadamente em contextos de sentenças transitivas, bitransitivas e intransitivas.

Considerando-se que “praticamente todas as línguas tem algum mecanismo gramatical para marcar os argumentos principais e os argumentos periféricos da sentença, de modo que estes possam ser reconhecidos – e o discurso compreendido – pelo ouvinte”<sup>96</sup>, entende-se imediatamente que o sistema de concordância Sanapaná cumpre exatamente essa função. Na sentença simples, constitui-se conforme representação seguinte.

(336)	A / S	V	(O)
	N	CONC+V+TAM	N
	PRON		PRON
	∅		*∅

<sup>95</sup> Nos casos atestados até agora de concordância de O, não se verifica a possibilidade de apagamento deste, sobretudo para os casos em que se expressa ‘MASC’. Logo, a possibilidade do apagamento de argumento requerido por V restringe àquele que desempenha função de sujeito da sentença.

<sup>96</sup> Tradução livre de ‘Almost every language has some surface grammatical mechanism(s) form marking core and peripheral arguments so that they may be recognized – and the discourse understood – by listeners (Dixon, 2010b, p. 118).

Tal representação ilustra especificamente os argumentos sujeito (A / S) e objeto (O) em sua relação com o predicado da sentença. Considerar a existência de argumentos conforme o predicado é uma atitude tomada como universal. O que varia nesse caso, como se sabe, é a forma como determinada língua especifica cada argumento.

No caso Sanapaná, para além da concordância desencadeada no predicado, não há outros recursos morfológicos para indicar os argumentos sujeito e objeto. Critério sintático da ordem dos argumentos, sobretudo a ilustrada na representação acima, também não deve ser adotado de modo irrestrito, já que se trata de uma língua na qual diversas ordens de constituintes são possíveis sem prejuízo à sentença. Nesse sentido, o sistema de transitividade Sanapaná ocorre conforme ilustrado nas seções seguintes.

#### 5.1.2.3.1 O verbo em contexto de sentença transitiva

Sob uma perspectiva estritamente sintática, um verbo transitivo caracteriza-se pela realização de dois argumentos básicos: (i) o sujeito da sentença transitiva (A) e o objeto (O). Para Dixon (2010b, p. 116), o argumento A seria aquele cujo referente estaria mais propenso ao sucesso da atividade, ao passo que o argumento O estaria relacionado ao referente afetado pela atividade.

Em Sanapaná, A / O são linearizados na sentença preferencialmente na ordem A / V / O. Independentemente da ordem que ambos os argumentos ocupam, todavia, A / S serão marcados obrigatoriamente no predicado via prefixo de pessoa-gênero-número. Sendo assim, em (337a) no prefixo /as-/ encontra-se concomitantemente informação de pessoa e gênero, assim como nos exemplos com /ap-/ e /an-/ (337b-c).

(337)	ko'o	as-wan-hleje	jeman
	PRON <sub>+1</sub>	CONC <sub>+1/MASC/FEM</sub> -queimar-HIP	roçado
	'Eu queimei o roçado'		

b. niko ap-nane-'ae as-toma  
 NPr CONC-1/MASC-fazer-TAM POS-1-comida  
 'Niko faz a comida'

c. kejwa na'ak an-ta-hleje a-semhem  
 cobra POSP CONC-1/FEM-picar-HIP POS+1-cachorro  
 'A cobra picou meu cachorro'

#### 5.1.2.3.2 O verbo em contexto de sentença bitransitiva

O contexto de sentença bitransitiva Sanapaná é formado primordialmente pelo verbo *kamok* 'dar, entregar', que se caracteriza pela ocorrência de dois itens lexicais com traço [+N] e / ou [+PRON] em função sintática de O. Os exemplos abaixo demonstram, todavia, que o verbo em questão pode desencadear dois sistemas sintáticos que se distinguem pela ausência (338) / ou pela presença (339) de identificação do O [MASC] no verbo através do prefixo /je-/.

##### a) Contexto bitransitivo com *kamok*

(338) ko'o as-kam-ke harina valeriano  
 PRON+1 CONC+1-dar-COMPL farinha NPr  
 'Eu dei farinha para Valeriano'

b. ko'o as-kam-ke patakon ahangok hlejap  
 PRON+1 CONC+1-dar-COMPL dinheiro PRONPOS+1 PRON-1/MASC  
 'Eu dei meu dinheiro para ele'

c. nenhlet ap-kamok ap-toma ap-ketka  
 Sanapaná CONC-1-dar CONC-1-comida POS-1-filho  
 'O homem (Sanapaná) dá (sua) comida para seu filho'

(339) ankeloana a-je-kamok ap-toma a-tawa  
mulher CONC.-1/FEM-Obj-dar CONC.-1-comida POS.-1/FEM-esposo  
‘A mulher dá (sua) comida para seu esposo’

b. ankeloana a-je-kamok sepo an-japon  
mulher CONC.-1/FEM-Obj-dar mandioca POS.-1/FEM-pai  
‘A menina dá mandioca para seu pai’

Os exemplos em questão demonstram uma hierarquia sintática na qual o traço gramatical ‘MASC’ é marcado quando inserido em contextos envolvendo também o traço ‘FEM’. Com isso, compreendo que ‘MASC’ é mais marcado gramaticalmente que ‘FEM’: ‘MASC’ > ‘FEM’. Tal hierarquia é identificada através da presença do prefixo /je-/ nos exemplos em (339a-b). Nestes mesmos exemplos, identifica-se, também, o traço gramatical ‘FEM’ no argumento em função de A e ‘MASC’ no argumento em função de O. Compreendo, portanto, que o emprego de /je-/ refere-se ao O com traço gramatical ‘MASC’.

Evidência adicional para a análise de /je-/ como identificação do objeto com traço gramatical ‘MASC’ no verbo pode ser encontrada nas sentenças (340), em que O é ‘FEM’ e, portanto, não se constata o prefixo O no verbo.

(340) anset-kok ap-kamok sepo an-ken  
homem-DIM CONC.-1-dar mandioca POS.-1-mãe  
‘O menino dá mandioca para sua mãe’

b. ankeloana an-kamok an-tahlnema an-ken  
mulher CONC.-1/FEM-dar POS.-1/FEM-roupa POS.-1-mãe  
‘A menina dá (sua) roupa para (sua mãe)’

Para sentenças em que O MASC apresenta traço de PL, utiliza-se o prefixo /le-/ (341). A alternância /je-/ versus /le-/ refere-se, portanto, ao traço gramatical número de O.

(341) Civito ap-ke-le-kamok patakon hlengap  
 NP CONC-1-MASC-OBJ-dar dinheiro PRON-1/PL  
 ‘Civito dá dinheiro para eles’

Ocorre nessa sentença, também, o prefixo /ke-/ referente a A ‘MASC’. Tem-se, com isso, a possibilidade de indicar no verbo simultaneamente A e O. Esse traço ‘MASC’ /ke-/ no verbo pode igualmente ocorrer sem a presença de /le-/, conforme (342). Seu emprego na sentença em questão justifica-se pela indefinição quanto a gênero do N *nenhlet* ‘pessoa (Sanapaná)’.

(342) nenhlet ap-ke-kamok peletau a-tejala’a anset-ko:k  
 Sanapaná CONC-1-MASC-dar faca CONC-1-DAT homem-DIM<sub>PL</sub>  
 ‘Ele deu uma faca para os meninos’

Com os exemplos apresentados, demonstro a ocorrência de prefixos no verbo correferentes a O para o caso de sentenças bitransitivas com verbo *kamok*. A condição para esse processo é basicamente a necessidade de definir o traço ‘MASC’ entre o argumento. Como previsível, tal mecanismo sintático aplica-se a casos em que o referido argumento apresenta traço [+HUM].

b) Contexto bitransitivo distinto de *kamok*

Outros casos semelhantes de sentenças bitransitivas são aqui apresentados mas, diferentemente do que ocorre com *kamok*, distinguem-se deste por introduzir na sentença o segundo O através das preposições *tejala’a* ‘DAT’ (343) e *hlemoje* ‘ASSOC’ (344).



As preposições apresentadas em (343) e (344) têm uso restrito a um SP cujo N é [+HUM]. Nos casos em que o complemento do SN é [-HUM] tem-se tão somente a sequência de Ns, sem preposição, assim como ocorre nos contextos com *kamok*. Por esse motivo, considero que os SPs constituem-se também casos de argumentos do predicado e não necessariamente de adjuntos da sentença<sup>97</sup>.

#### 5.1.2.3.3 O verbo em contexto de sentença intransitiva

Segundo Dixon (2010b, p. 159), cada língua tem tipos de sentenças transitivas e de sentenças intransitivas. Segundo Andrews (2007, p. 139), em contexto de sentença intransitiva, o verbo, ao contrário dos transitivos que apresentam A e P em sua estrutura sintática, caracteriza-se por conter apenas um desses argumentos. Dessa forma, considera-se P o único argumento requerido por um verbo intransitivo.

No que se refere à estrutura argumental envolvida na transitividade de raízes verbais, há línguas em que se constatam alternância fonológica entre raízes em contexto transitivo e em contexto intransitivo. Em Hindi, por exemplo, tem-se *khul* ‘abrir’ (intransitivo) e *khol* ‘abrir’ (transitivo) (MOHANAN, 1994, p. 9). Sanapaná é uma língua na qual não se constata esse tipo de alternância. Assim, um verbo intransitivo em contexto transitivo não tem sua raiz alterada. A mudança na transitividade se dá apenas pelo acréscimo de um argumento que assumirá função de O, como em (345b) em que o N *pakwa* assume função de O.

(345) as-tao-ke

CONC<sub>+1</sub>-comer-COMPL

‘Eu comi’

---

<sup>97</sup> Como ‘argumentos periféricos’ os adjuntos inserem na sentença especificações espaciais, temporais, descrição de beneficiado, associação e, normalmente, são conhecidos tipologicamente por seu caráter opcional. Distinguir, contudo, adjuntos de argumentos em uma sentença nem sempre é uma tarefa simples (cf. DIXON, 2010a; ANDREWS, 2007, dentre outros).

- b. as-tao-ke                      pakwa  
 CONC<sub>+1</sub>-comer-COMPL      banana  
 ‘Eu comi banana’

A presença do sufixo verbal /-ke/ nos exemplos acima permite-me distinguir dois grupos que podem ser inseridos em contextos de sentença intransitiva. Por um lado, têm-se raízes que recebem morfologia própria de raízes verbais, tais como TAM. Por outro lado, há raízes que recebem o sufixo /-ma/ e, portanto, comportam-se como casos de nominalizações, bem como raízes que apresentam comportamento de cópula. Tais grupos são apresentados a seguir sob a nomenclatura Intransitivos Tipo 1 e Intransitivos Tipo 2.

a) Intransitivos Tipo 1

Nesse conjunto de intransitivos (S<sub>1</sub>) são agrupadas as raízes que recebem sufixos de TAM.

Intransitivo completivo: recebe o sufixo /-ke/.

- (346) as-tao-ke  
 CONC<sub>+1</sub>-comer-COMPL  
 ‘Eu (já) comi’

- b. ap-tep-ke                      netnoje    aknem  
 CONC<sub>-1</sub>-sair-COMPL      cedo      hoje  
 ‘Ele saiu cedo hoje’



(349) ko'ó      as-ketka      ma'e      we-nek  
 PRON<sub>+1</sub> POS<sub>+1</sub>-filho      PROSP<sub>-1/MASC</sub> chorar-TAM  
 'Meu filho vai chorar'

b.      ansetkok      ma'e      tje-nek  
 menino      PROSP<sub>-1/MASC</sub>      dormir-TAM  
 'O menino vai dormir'

Intransitivo negativo: ocorre com os afixos de NEG.

(350) hlengap      me-hl-karan-to      jamet      neten  
 PRON<sub>+1/-1</sub>      NEG-SUJ-subir-TAM<sub>NEG</sub>      árvore      sobre  
 'Eles não subiram (em cima) na árvore'

b.      aņep      manko-hl-te-te-po  
 plantação      NEG<sub>FEM</sub>-SUJ-crescer-RED?-TAM<sub>NEG</sub>  
 'As plantações ainda não cresceram'

#### b) Intransitivos Tipo 2

Esse conjunto de intransitivos (S<sub>2</sub>) constitui-se a partir de três tipos distintos de raízes. No primeiro, encontram-se as nominalizadas, no segundo as existenciais e, no terceiro tipo, a cópula. Em comum, os S<sub>2</sub> compartilham a ausência de um verbo predicativo, substituído pelo sufixo /-ma/. Logo, constituem-se como predicados nominais capazes de expressar existenciais, locativos, possessivos.

Intransitivos nominalizados: muitos contextos intransitivos em Sanapaná são realizados através de nominalização. No referido processo, mantém-se o sistema

de concordância pessoa-gênero-número via prefixo no sintagma que desempenha função de predicado. Os distintos paradigmas abaixo demonstram a produtividade do sufixo /-ma/. Demonstram, ainda, o emprego dos prefixos de concordância no predicado nominalizado; o que gera uma relação predicativa de posse, de pertencimento, de inerente ao N modificado, conforme as traduções literais apresentadas em cada um dos exemplos.

(351) ansetkok    ap-tejan-ma  
menino    CONC.<sub>1</sub>-dormir-NOMZ  
'O menino dorme'  
'Lit. o dormir do menino'

b.    ankeloana                      ak-tejan-ma  
mulher                      CONC.<sub>1</sub>-dormir-NOMZ  
'A menina dorme'  
'Lit. o dormir da mulher'

(352) nenhlet                      a-pajo-ma  
Sanapaná                      CONC.<sub>1</sub>-falar-NOMZ  
'O Sanapaná fala'  
'Lit. a fala do Sanapaná'

b.    ankeloana                      ak-pajo-ma  
menina                      CONC.<sub>1</sub>-falar-NOMZ  
'A menina fala'  
'Lit. a fala da mulher'

- (353) ansetkok                                ak-to-ma  
 menino                                        CONC-1-comer-NOMZ  
 ‘O menino come’  
 ‘Lit. a comida do menino’
- b.    maestro    ap-ame’as-ma                                kehloje    na’ak  
 professor    CONC-1-falar-NOMZ                        ADV        POSP  
 ‘a fala do professor agora’
- c.    ankeloana                                    a-sep-ma  
 menina                                        CONC-1-morto-NOMZ  
 ‘a menina morta’

Merece atenção nos exemplos o emprego do prefixo /ak-/ – assumido no Capítulo III como próprio de adjetivos – para os casos em que o referente apresenta traços gramaticais ‘FEM’ (351b-352b) ou ‘INDEF’ (353a). Esse fato revela, sobretudo, que o predicado nas construções intransitivas nominalizadas Sanapaná, ao assumir valor nominal (adjetival), funciona como núcleo do predicado cuja função é modificar um N.

Uma vez nominalizados, os S<sub>2</sub> Sanapaná não partilharão a morfologia própria da classe V no que confere a TAM. Tal comportamento assemelha-se ao que ocorre com uma variedade de línguas Salish, em que “categorias relacionadas a TAM associadas ao verbo normalmente não são produtivas para nomes em posição de núcleo de predicado (cf. DIXON, 2010b, p. 53)”.

No conjunto S<sub>2</sub> a relação que se estabelece entre um argumento e um predicado nominalizado não é intermediada por uma cópula. Assim, a definição de um estado (de posse, pertencimento, estado inerente) é realizada tão somente pela ordem S<sub>PRED</sub>[N CONC-N]. Essa ordem, vale ressaltar, é bastante semelhante

ao que ocorre na relação N + ADJ Sanapaná. Dessa semelhança decorre a seguinte pergunta: contextos intransitivos nominalizados resultam em adjetivos?

A resposta a esta pergunta é inevitavelmente positiva não no sentido de que geram adjetivos na língua, mas no sentido de que se trata de um mesmo processo morfossintático que gera aos mesmos contextos interpretação do tipo mais adjetival ou mais intransitiva. Para o primeiro caso, tem-se simplesmente a interpretação do modificador. Para o segundo caso, tem-se a interpretação do estado. Em Timbira (língua Jê falada no estado do Maranhão / Brasil) ocorre algo semelhante, por exemplo, com o sintagma *kukakro*<sup>98</sup> em que sua interpretação pode ser do tipo ‘a água esquentou’ ou ‘a água está quente’. Para o caso Sanapaná, é possível afirmar, portanto, que embora possam ser agrupados junto à categoria dos nominais (Capítulo III), os adjetivos são empregados com função de predicados não verbais gerando, assim, contextos intransitivos.

Exemplos adicionais da não distinção morfossintática entre adjetivos e intransitivos nominalizados são apresentados a seguir.

- (354) ko’o        as-ketka        ak-taman-ma  
PRON<sub>+1</sub>    POS<sub>+1</sub>-filha        CONC<sub>-1</sub>-bonito-NOMZ  
‘minha filha bonita’  
‘Minha é / está filha bonita’
- b.     ajetneje    wakaha    hangok        ak-anate-ma  
ter        caderno    PRON<sub>POS+1/SG</sub>    CONC-azul-NOMZ  
‘Eu tenho um caderno azul’  
‘Eu tenho um caderno (que) é azul’

---

<sup>98</sup> Rosane de Sá Amado (2011, c.p.).

c.      nenhlet      ap-wana'te-ma  
 Sanapaná      CONC.<sub>1</sub>-alto-NOMZ  
 'Sanapaná alto'  
 'O Sanapaná é alto'

d.      ankeloana                      ak-wanate-ma  
 mulher                              CONC.<sub>1</sub>-alto-NOMZ  
 'mulher alta'  
 'A mulher é alta'

Finalmente, com os exemplos abaixo, mostro que contextos intransitivos relacionados à indicação de postura do referente também se comportam como nominalizados. Como indício de sua morfologia verbal, vê-se a utilização do prefixo /ke-/ para referir o traço gramatical 'MASC' (356).

(355) ankeloanat-kok    at-nema-ma                      neten  
 mulher-DIM      CONC.<sub>1</sub>-postura-NOMZ    alto  
 'o (estar) em pé da menina '  
 'A menina está em pé'

b.      hlejap      ap-ne-ma                      hlepe  
 PRON.<sub>1</sub>      CONC-1-postura-NOMZ      chão  
 'o sentar dele'  
 'Ele está sentado'

(356) ansetkok      ap-ket-nema-ma                      neten  
 menino      CONC.<sub>1</sub>-MASC-postura-NOMZ      alto  
 'o (estar) em pé do menino'  
 'O menino está em pé'

- b. ap-ke-ljeset-ma                      na'ak      hlejap  
 CONC.<sub>-1</sub>-MASC-deitar-NOMZ      POSP      PRON.<sub>-1</sub>  
 'o deitar dele'  
 'Ele está deitado'

Intransitivo com existencial: é realizado por /*jaha*/. Seu emprego pode ser compreendido como “o existir de” em algum lugar e / ou situação.

- (357) ko'o              as-jehlen              ap-jaha-ma                      henka'e  
 PRON.<sub>+1</sub>      POS.<sub>+1</sub>-irmão      CONC.<sub>-1</sub>-EXIST-NOMZ              DEM  
 'Meu irmão está aqui'

- b. Juan ap-jaha-ma                      ajawakahlma  
 NPr      CONC.<sub>-1</sub>-EXIST-NOMZ      cidade  
 'João está na cidade'

- c. ap-jaha-ma                      a'janakehla      na'ak      akwiske  
 CONC.<sub>-1</sub>-EXIST-NOMZ      encontro      POSP      cacique  
 'Está na reunião o cacique'

À semelhança do que menciona Matthews (1997, *apud* DIXON, 2010b, p. 160) sobre a existência de marcas especiais para identificar existenciais em determinadas línguas, considero /*jaha*/ um caso de existencial distinto de cópula em Sanapaná, pois esta é realizada em contextos envolvendo informação de lugar (cf. seção seguinte). Os exemplos seguintes ilustram o emprego do existencial /*jakha*/, que pode ser simplesmente uma variante do existencial /*jaha*/. Nos



- b. ahmazen a-jetne-ma a-nekha na'ak ofisina  
 armazen POS<sub>.1</sub>-COP-NOMZ CONC-lado POSP oficina  
 'O armazém está do lado da oficina'  
 'Lit. O estar do armazém atrás da oficina'
- c. waka a-jetne-ma hlepe  
 vaca POS<sub>.1</sub>-COP-NOMZ chão  
 'A vaca está no chão'  
 'Lit. O sentar da vaca no chão'

As seguintes observações devem ser feitas acerca do emprego da cópula: (i) recebe os prefixos de posse comuns aos nomes e (ii) ocorre com sufixo /-kama/ cuja função gramatical nesse contexto é a de contínuo. Os dois processos são identificados no exemplo abaixo. O mesmo exemplo, contrastado com (359c), permite identificar alternância do prefixo de posse /a-/ , /as-/ , bem como os sufixos /-ma/ e /-kama/. A alternância prefixal resulta na (in)definição do referente sobre o qual recai o escopo do intransitivo, ao passo que a alternância sufixal resulta em aspectos referentes a TAM.

- (360) ko'o as-jetne-kama hlepe  
 PRON+1 CONC+1-COP-CONT chão  
 'Eu estou sentado no chão'  
 'Lit. o meu sentar no chão'

Com esse caso, compreende-se valor verbal ao predicado que, por conta do processo de nominalização, assume características de nominal. Tem-se, portanto, mais um caso de predicado nominal. Esse fato, permite-me considerar que o sintagma verbal Sanapaná assemelha-se ao sintagma nominal no que

confere à indicação de traços *phi* via prefixo, mas distingue-se do mesmo quando se consideram os sufixos, regulamente presentes para indicar TAM. Quando da ausência dos mesmos sufixos, tem-se contextos predicativos – como os ilustrados para os  $S_2$  – nominalizados, que podem ser delimitados como  $N_1 + N_2$ . Em  $N_2$  constata-se a informação predicativa via existencial ou cópula.

No capítulo seguinte, mostrarei que a sentença negativa, à semelhança do que ocorre nos sintagmas nominais e verbais, também indica seus traços *phi* via prefixo e TAM via sufixo. Utiliza-se para tal, contudo, de um conjunto distinto de afixos, apresentado em detalhes a seguir.



## CAPÍTULO VI

### SENTENÇAS NEGATIVAS E IMPERATIVAS

O objeto deste Capítulo é a negação e o imperativo. O objetivo do mesmo é mostrar a relação que esses aspectos da gramática estabelecem com a Morfologia e com a Sintaxe Sanapaná. A negação (NEG), segundo Miestamo (2007), é uma operação que altera o valor de verdade de uma proposição. Desta forma, conforme o autor, “quando  $p$  é verdadeiro, não  $p$  é falso e vice versa” (Miestamo, 2007, p. 552). O imperativo (IMP), por sua vez, refere-se às estratégias expressas na sentença para indicar ordens e pedidos, convites, sugestões, advertências, desejos, instruções (DAVIES, 1986, p. 30, *apud* KONIG, SIEMUND, 2007, p. 303).

Sob a perspectiva da Morfologia, destaco três maneiras distintas de fazer negação em Sanapaná. A primeira constitui-se a partir de afixos verbais. A segunda maneira realiza-se a partir de partículas independentes. A terceira maneira de negação realiza-se pelo emprego de quantificador. O emprego de afixos se dá em contextos de NEG cujo escopo recai sobre o próprio predicado. A negação, portanto, é do predicado e não do(s) argumento(s) do predicado. As partículas, por sua vez, são empregadas quando o escopo de NEG é o sintagma. Nesse caso, não se trata de um contexto verbal, mas nominal em que o núcleo pode ser considerado [+N]. Desse ponto de vista, compreende-se que (i) partículas de NEG são usadas em contexto de (SN) ou (ii) como partículas genéricas cujo escopo recai sobre toda a sentença. Particularmente relacionado a (ii), deve-se dizer que seu emprego limita-se a contextos de respostas a sentenças interrogativas. A partir dessa perspectiva, entende-se uma distinção regular para o emprego de NEG em contextos [+V] e [+N]. No caso da negação realizada com quantificador tem-se um mecanismo de antítese no qual NEG constitui-se pela ausência material. Ao considerar a concepção básica de NEG apresentada por Miestamo (2007), é possível entender para esse contexto de NEG algo como não é

*p* porque é *b*.

No caso das sentenças imperativas (IMP), destaco a presença do prefixo /e-/ junto ao predicado. No caso das sentenças imperativas negativas, destaco a possibilidade do acréscimo de prefixos e / ou da coocorrência com partículas negativas. Ao final dessa seção do capítulo, argumento em favor da concepção básica de sentenças imperativas como inerentes à relação que se estabelece entre alguém que ordena, adverte, instrui etc. a alguém que recebe a ordem, a advertência ou a instrução.

As questões relacionadas à NEG e a IMP Sanapaná serão abordadas neste capítulo da Tese. Por isso, o mesmo se divide em duas seções distintas, sendo uma relacionada à Sentença Negativa (6.1) e a outra relacionada à sentença Imperativa (6.2). Na seção relacionada à NEG, faço referência à “Negação com afixos” (6.1.1) produzida /mo-/ , /me-/ e /ma-/. Nesta mesma seção do capítulo analiso NEG em contexto de sentenças interrogativas.

A “NEG com partículas” (6.1.2), por sua vez, é realizada por *hawe* ‘não ser’, *metko* ‘não ter’ e *e’ma* ‘não’. No caso da “Negação com quantificador”, tem-se o emprego de *kesoje* (pouco), o que gera uma interpretação do tipo ‘ter / ser pouco’ (6.1.3). Além de NEG realizada por um quantificador, apresento ainda uma seção intitulada “A dupla negação”, caracterizada pela presença simultânea de um prefixo e de uma partícula NEG.

Na sequência da seção, intitulada “A interação de negação com a morfossintaxe Sanapaná” (6.1.5), discuto algumas questões relativas a NEG e sua relação com a morfossintaxe, mais especificamente o apagamento do argumento que desencadeia o evento negado e o apagamento do sistema de concordância próprio de sentenças afirmativas. Nessa seção, não me refiro mais aos aspectos puramente morfológicos de NEG em Sanapaná, mas à sua relação com a morfossintaxe. Por isso, trato ainda do impacto de NEG na transitividade do verbo.

No que se refere à sentença imperativa (6.2.1), destaco os mecanismos básicos relacionados tais como o emprego do prefixo /e-/ e a co-ocorrência com prefixos e partículas de NEG.

## 6.1 A sentença negativa

### 6.1.1 A negação com afixos

A utilização de prefixos no predicado para realizar negação em Sanapaná constitui-se o padrão da língua pela abrangência de seu escopo. Tais prefixos revelam não apenas o escopo da NEG sobre o próprio predicado, mas também a identidade do argumento que o desencadeia. Outra característica desse tipo de NEG é o final /-o/ do predicado, fato por mim utilizado para sustentar a hipótese de que esse aspecto gramatical da língua Sanapaná é realizado por afixos descontínuos gerados simultaneamente pelo prefixo e pelo sufixo verbal<sup>99</sup> (cf. GOMES, 2013).

#### a) A Negação com o prefixo /mo-/

O prefixo /mo-/, é empregado no predicado de sentenças em que o argumento que desencadeia a ação apresenta traço gramatical [+1], independentemente do gênero MASC / FEM envolvido. Do ponto de vista sintático, o emprego de /mo-/ permite observar que o mesmo prefixo é empregado simultaneamente nas posições anterior e posterior à raiz verbal.

(361) ko'o      mo-tja'-mo                      neteng      jamet      na'ak  
PRON<sub>+1</sub>   NEG<sub>+1</sub>-cair-NEG<sub>TAM</sub>      LOC      árvore      POSP  
'Eu não caí da árvore'

b.      ko'o      mo-jepehl-ke-mo                      po'ok      na'ak      hlejap  
PRON<sub>+1</sub>   NEG-conhecer-COMPL-NEG<sub>TAM</sub>      outro      POSP      PRON<sub>-1/MASC</sub>  
'Eu não o conhecia (a outro)'

---

<sup>99</sup> Sendo assim, delimito dois morfemas {o} distintos, sendo um aquele relacionado ao traço gramatical PL realizado como infixo {-o-} em nomes, sobretudo de partes do corpo, e outro relacionado à negação, que ocorre como sufixo do predicado {-o} associado a uma consoante para gerar informação de TAM e / ou ausência.

Nestes exemplos, o predicado com NEG é marcado majoritariamente com o traço gramatical SG. Todavia, o prefixo /mo-/ também é utilizado em contextos em que o argumento que desencadeia a ação apresenta traços +PL (362).

(362) enenko'o      mo-len-te-po      aknem-alhta  
 PRON<sub>+1/PL</sub>    NEG-PL<sub>SUJ</sub>-sair- NEG-TAM    dia-TOP  
 'Foi ontem que nós não saímos'

No exemplo apresentado, a interação entre PL e NEG implica na ocorrência das duas informações no SV. A segmentação da raiz verbal {/le/} com o sufixo /-po/ revela o contraste deste prefixo com /mo-/ dos exemplos anteriores. Fica evidente, com o contraste, que a consoante dos referidos afixos possui alguma função gramatical em Sanapaná (o mesmo ocorre com outros exemplos). Tal função seguramente está relacionada à TAM.

Sobre a posição sufixal dos afixos, pela recorrência, parece mais clara a relação de /-o/ com NEG. Esse fato fica evidente, por exemplo, a partir do contraste entre o exemplo (361) e sua contraparte afirmativa (363). Com isso, sustento que NEG com escopo sobre o predicado Sanapaná é realizada por um afixo descontínuo que indica ainda a pessoa que controla a ação negada no prefixo, bem como informações de TAM no sufixo.

(363) ko'o      as-teja-me      neteng    jamet    na'ak  
 PRON<sub>+1</sub>    CONC<sub>+1</sub>-cair-TAM    LOC    árvore    POSP  
 'Eu cai da árvore'

#### b) A negação com o prefixo /me-/

O prefixo verbal /me-/ é utilizado em contextos em que o argumento que desencadeia a ação é [-1]. À diferença do que atestado no prefixo /mo-/, que não realiza distinção de uso conforme o gênero do argumento responsável pela ação negada do predicado, /me-/ é empregado apenas em sentenças cujo argumento apresenta traços de gênero [MASC]. Vejamos os exemplos abaixo:

(364) Juan me-san-to a-semhem ap-angok  
 NPr NEG-trazer-TAM-NEG CONC.1-cachorro CONC.1-POS  
 ‘Juan não trouxe (seu) cachorro’

b. hlejap me-ja-kho kemhawa  
 PRON-1/MASC NEG-matar-TAM-NEG onça  
 ‘Ele não matou a onça’

Embora os exemplos em (364) apresentem uma relação de argumentos do tipo A (agentivo) O (paciente), é possível identificar o emprego do prefixo NEG, também, em contextos cuja EAV é do tipo mais estativa. No exemplo abaixo, /me-/ é empregado em uma sentença deste tipo.

(365) ko’o as-jehlen me-jahan-ka hengae  
 PRON+1 POS+1-irmão NEG.1/MASC-EXIST-NEG DEM  
 ‘Meu irmão não está aqui’<sup>100</sup>

Ao contrastar a raiz verbal de (364b) com sua contraparte afirmativa (366) verifica-se que NEG de sentenças simples em alguns casos não é realizada apenas pelo acréscimo de um afixo ou de uma palavra negativa mas, também, pela alteração fonológica da raiz que recebe o afixo de NEG.

(366) nap-ke  
 matar-COMPL  
 ‘matar’

---

<sup>100</sup> Outros exemplos contendo existenciais precisam ser investigados, sobretudo, a fim de verificar o sufixo do predicado. Que, no exemplo em questão, não apresenta /o/.

O(s) princípio(s) que rege(m) a alteração fonológica será(ão) investigado(s) futuramente. Contudo, se de fato resulta(m) produtivo(s), é possível pensar Sanapaná um caso de língua em que se atesta NEG assimétrica. Miestamo (2007), baseado em trabalhos (próprios) publicados (2000, 2003, 2005a) considera esse tipo de NEG como construções nas quais se produzem mudanças para além da simples adição de afixos negativos. Miestamo (2006, p. 350-351) apresenta como exemplos de línguas com negação assimétrica o Finlandês e o Maung.

Finlandês (Uralic: Finnic; personal knowledge)

a. *Fred täyttä-ä*                      *60 vuot-ta*  
Fred fill-PRES.3SG    60 ano-PART  
'Fred is turning 60.'  
"Fred está completando 60 anos"

b. *Fred ei*                      *täytä*    *59 vuotta*  
Fred NEG.3SG    fill.CNG    59 ano-PART  
'Fred is not turning 59.'  
"Fred não está completando 59 años"

Maung (Australian: Iwaidjan; CAPELL, HINCH 1970: 67)

a. *õi-udba*  
1SG.3-por  
'I put.'  
"Eu ponho"

b. *ni-udba-ji*  
1SG.3-por-IRR.NPST  
'I can put.'  
"Eu posso por"

c. *marig ni-udba-ji*

NEG 1SG.3-por-IRR.NPST

'I do/shall not put.'

"Eu não ponho / porei"

No exemplo do Finlandês, segundo Miestamo (2006), a assimetria da NEG se produz porque a indicação de pessoa ocorre na marca negativa /ei/ e não no verbo lexical. Este, por sua vez, aparece na forma não finita. No exemplo da língua Maung, a diferença atestada encontra-se no fato de que as sentenças afirmativas realizam uma distinção entre os modos reais e irrealis, ao passo que em sentenças negativas é obrigatório o uso da forma irrealis do verbo.

c) A negação com o prefixo /ma-/

O prefixo /ma-/ é utilizado em dois contextos específicos: (i) quando o argumento da ação negada apresenta traços semânticos [-1] [FEM] (367) ou (ii) [-HUM] (368). Tal prefixo co-ocorre com o prefixo /nko-/ [FEM / -HUM]. É possível pensar, portanto, que NEG nos referidos contextos seja realizada por /m/, ao passo que /anko/<sup>101</sup> refira a indicação semântica de gênero FEM e de humanidade.

(367) maria ma-nko-ljaske-so ak-tahlnema  
NPr NEG-FEM-lavar-TAM-NEG CONC-1/FEM-roupa  
'Maria não lavou roupa'

b. hleja ma-nko-mhan-ko nahlma  
PRON-1/FEM NEG-FEM-ir-TAM-NEG selva  
'Ela não foi para a mata'

---

<sup>101</sup> Subjacentemente ocorre a elipse do segmento /a/ em virtude da natureza articulatória idêntica que se encontra em /ma/ e /anko/.

(368) nepohlen      ma-nko-je-ko      henka'e  
 anta      NEG-FEM-vir-TAM-NEG      LOC  
 'A anta não veio aqui'

b.    aɲep      ma-nko-hl-tete-po  
 plantação      NEG-FEM-PL-germinar-TAM-NEG  
 'A plantação não germinou'

d) A negação em contexto de sentenças interrogativas

O processo de negação em contexto de sentenças simples interrogativas é realizado com mecanismo sintático diferente daquele identificado em (4.1.6). Sentenças como (369) em que o argumento que controla a ação é [+1] implicam a utilização do mesmo prefixo das sentenças não interrogativas, ou seja, /mo-/ para referir a um argumento 'MASC' ou 'FEM'.

(369) mo-ta'a      we-ta      nehla      kelasma?  
 NEG-PROSP    comer- INCOMPL    INTER    peixe  
 'Não vou comer peixe?'

b.    mo-ta'a      kheje-ta      nehla      asosokha  
 NEG-PROSP      parecer-INCOMPL    INTER      amanhã  
 'Me parece que não irei amanhã?'

Como se pode observar nesses exemplos, o escopo semântico do processo recai sobre o auxiliar *ta'a*, o que justifica a presença de /mo-/ afixado ao mesmo e não afixado ao verbo principal, como ocorre nos demais tipos de NEG com escopo no predicado. Esse fato pode ser um indício da estreita relação de NEG com tempo, uma vez que é no AUX que se encontra tempo. Em línguas dravidianas como Kannada e Malayalam, por exemplo, a marca negativa *illa* indica tempo finito (cf. AMRITAVALLI, JAYASEELAN, 2008, p. 181). Nesse caso, as marcas presentes no verbo do paradigma abaixo funcionam como aspecto.

## Kannada

a. Avanu bar-uvud(u) illa.  
he come-gerund neg  
'He does not come'  
"Ele não chega"

b. Avanu bar-al(u) illa.  
he come-inf. neg  
'He did not come'  
"Ele não chegou"

## Malayalam

a. Avan var-unn(u) illa.  
he come presente neg  
'He does not come'  
"Ele não chega"

b. Avan van-n(u) illa.  
he come-past neg  
'He did not come'  
"Ele não chegou"

Nos contextos em que o argumento que controla a ação é [-1] emprega-se /ko-/ [-1MASC / FEM] afixado, da mesma maneira que os exemplos anteriores, ao auxiliar (370).

(370) ko-ma'a nehla hlejap e-pahanoaha kelasma  
NEG-PROSP INTER PRON<sub>-1/MASC</sub> DEIT-cozinhar peixe  
'Ele não vai cozinhar peixe?'

- b. ko-ma'a            nehla            ej-hama            a'maj  
 NEG-PROSP    INTER    CONC-1-caminar    caminho  
 '(Ele) não vai caminhar?'

Do ponto de vista sintático, observa-se nos exemplos acima uma ordem em que primeiro encontra-se o auxiliar NEG *koma'a* seguido imediatamente pela palavra interrogativa *nehla*. Essa ordem linear preferencial nos exemplos (370) é diferente daquela observada nos exemplos referentes à [+1] (369), onde se constata o predicado entre o auxiliar NEG e a palavra interrogativa.

A distinção entre AUX + PRED + INTER e AUX + INTER + PRED pode estar relacionada à indicação de pessoa. Recurso gramatical, portanto, para indicar foco na primeira pessoa. Exemplos adicionais a esse fato são encontrados em contextos que envolvem partículas (apresentadas na seção seguinte). Nesses, a ordem identificada é semelhante à ordem de (370), conforme ilustram os exemplos (371).

- (371) hawe    nehla    maestro  
 NEG    INTER    professor  
 'Você não é professor?'

- b. metko nehla    nenhlet  
 NEG    INTER    Sanapaná  
 'Não tem Sanapaná?'

O contraste entre os prefixos que ocorrem com as sentenças interrogativas prospectivas /mo-/ e /ko-/ e os prefixos /mo-/, /me-/ e /-ma/ das sentenças não interrogativas demonstra que a indicação de pessoa do discurso feita por /o/, /e/, /a/ é neutralizada, uma vez que nos casos com interrogativas, seja [+1], seja [-1], é a vogal /o/ que constitui o núcleo do prefixo. Nesse caso, é possível pensar na possibilidade de um segmento /o/ com valor morfológico distinto daquele que constitui NEG [+1].

A estratégia da língua para evitar ambiguidades relacionadas à indicação de pessoa do discurso é a mudança de C presente no prefixo negativo. Nesse caso, mantendo /m/ para [+1], como nos contextos de sentenças interrogativas, e empregando /k/ para [-1]. Com isso, tem-se que NEG em sentenças negativas em contexto interrogativo se produz na consoante do prefixo e não através de afixos descontínuos como atestado nos demais exemplos em que o escopo de NEG recai sobre o próprio predicado.

### 6.1.2 A negação com partículas

Em Sanapaná as seguintes partículas são usadas para indicar NEG: *hawe*, *metko* e *e'ma*. As duas primeiras tem escopo sobre SNs. *E'ma*, por sua vez, é utilizada em contexto de respostas a perguntas do tipo Sim / Não. Em geral, as três partículas ocorrem em sentenças não verbais e existenciais e funcionam como copulas. Como tal, não compartilham características flexionais atribuídas ao V, tampouco ao N Sanapaná.

#### a) A negação existencial

*Hawe* nega a característica e / ou o estado de um nominal. Da mesma forma que atestado nos prefixos, ocorre em posição anterior ao sintagma cujo escopo recairá. Portanto, considerando seu emprego em contexto de SNs, tem-se que tal partícula ocupará posição sintática imediatamente anterior aos mesmos sintagmas. É o que demonstram os exemplos a seguir.

(372) ko'o                    hawe      maestro  
        PRON<sub>+1/-SG</sub>        NEG      professor  
        'Eu não sou professor'

b.       hleja                    hawe      as-tawa  
        PRON<sub>-1/FEM</sub>        NEG      POS<sub>+1</sub>-esposa  
        'Ela não é minha esposa'

A indicação da pessoa que controla o evento negado comum aos prefixos não é produtiva em contexto de *hawe* uma vez que esta não marca distinção de pessoa. Em (372a) ocorre em um SN do tipo [+1] ao passo que em (372b) em um SN do tipo [-1]. Trata-se, portanto, de uma partícula sem qualquer tipo de flexão<sup>102</sup>.

Nos mesmos exemplos, *hawe* é empregado em contextos cujo referente apresenta traços semânticos [+HUM] que se relacionam com os prefixos de pessoa. Essa partícula, todavia, não se limita a contextos cujos referentes apresentem os referidos traços. Pode ter, igualmente, escopo sobre referentes /-HUM/ prefixados por /ak-/.

(373) mahlek    hawe    ak-matonen  
           poço        NEG        CONC<sub>-1</sub>-fundo  
           ‘O poço não é fundo’

b.    a-semhen                    hawe    ak-tameleo        nahlma  
           CONC<sub>-1</sub>-cachorro    NEG    CONC<sub>-1</sub>-bom        mato  
           ‘O cachorro não é bom no mato’

c.    hawe        nakoje  
           NEG        correto  
           ‘(Isto) não está / é correto’

Além dos traços semânticos de animacidade e / ou humanidade, as partículas também são indiferentes a TAM. No exemplo (374) observa-se, por exemplo, o uso de *hawe* em contextos prospectivos. Seu âmbito de aplicação é o predicativo *mo’o jhama* “não viver” (374) e *mo’o tok* “não comer” (375). Embora o

<sup>102</sup> Uma exceção a essa regra é identificada no exemplo a seguir fornecida por um jovem Sanapaná. Seguramente o mesmo exemplo precisa ser testado com outros falantes da língua, bem como, se confirmado, ampliado, de modo a permitir uma melhor compreensão das partículas de NEG.

nane-ahlta    metke-mo                    ap-ke-le-pe-ma                    mokhoje                    na’ak  
 ADV-TOP    NEG<sub>PART</sub>-NEG<sub>AFIX</sub>    CONC<sub>-1</sub>-MASC-PL-ficar-NOMZ    estrangeiro                    POSP  
 “Não existir antes estrangeiros (aqui)”

contexto em (375) contenha traços semânticos mais verbais, o escopo de *hawe* implica em um contexto mais nominal, no sentido de que NEG recai sobre o não evento.

(374) *hawe mo'o hama akjawakahlma na'ak henka'e*  
NEG PROSP<sub>+1</sub> estar (viver) comunidade POSP LOC  
'Não vou a estar aqui/viver aqui'

(375) *hawe mo'o to-k waka petek*  
NEG PROSP comer-PROSP vaca carne  
'Não vou comer carne de vaca'

Considerando-se a indicação de pessoa realizada na partícula prospectiva [+1] *mo'o*, o predicado permanece sem os prefixos de pessoa recorrentes na língua. Sem os prefixos, entende-se porque também não há a parte sufixal identificada em contextos de NEG com escopo no predicado. Sua ausência fica bastante evidente em (375) onde se constata o sufixo /-k/ próprio de sentenças afirmativas. Concluo, assim, que o processo de NEG com *hawe* não extrapola suas barreiras morfológicas.

#### b) A negação possessiva

*Metko* é a partícula utilizada para negar a existência de um objeto (376a), um evento (376b), um lugar (376c), um estado (376d). Portanto, tem escopo bastante amplo se considerarmos o *status* semântico dos referentes negados.

(376) *metko peletao as-ke-kamo la'a*  
NEG faca CONC<sub>.1</sub>-MASC-dar DAT  
'Não tenho faca para dar'

- b. metko ap-ke-l-ueta-ma-pekha asosokha  
 NEG CONC<sub>-1</sub>-MASC-PL-encontrar-NOMZ-REFL amanhã  
 ‘Ele não vai encontrar (ao outro) amanhã’  
 (Lit. Não haver encontro deles amanhã)
- c. asemhem metko henka’e  
 cachorro NEG LOC  
 ‘Não tem cachorro aqui’
- d. ko’o metko nese-p-ma ah-angok  
 PRON+1 NEG doente-NOMZ CONC<sub>+1</sub>-POS  
 ‘Não estou doente’  
 (Lit. Eu não ter doença)

A existência dos prefixos /me-/ “NEG<sub>-1</sub>” e /ko/ “NEG<sub>-1</sub>/PROSP” permite uma interpretação para *metko* como “não vai ser” e coincide com o sintagma negado e não apenas com o argumento sobre o qual recai seu escopo. Com esta interpretação, *metko* corresponde à soma dos prefixos /me-/ e /ko-/. O fonema /t/ refletiria nesse caso o processo fonológico de metaplasmo que favorece sílabas do tipo CVC em Sanapaná.

Morfologicamente, o comportamento de *metko* é o mesmo de *hawe* na medida em que não extrapola seu próprio domínio. O mesmo comportamento é identificado no âmbito sintático, uma vez que são linearizados preferencialmente em posição anterior ao SN sobre o qual recairá seu escopo.

### c) A Negação genérica

*E’ma* é a marca *default* para respostas negativas a perguntas do tipo Sim / Não. Seu uso, todavia, está restrito a contextos de NEG com escopo sobre o SV.

(377) hlejap            ap-tao-ke                    nehla            petek  
 PRON-1/MASC    CONC-1-comer-COMPL    INTER            carne  
 ‘Ele comeu carne?’  
 E’ma!

b.    hleja            an-kakhae                    nehla            nesep-ma  
 PRON-1/FEM    CONC-1/FEM-manter    INTER            doente-NOMZ  
 ‘Ela está doente?’ (Lit. Ela mantém a doença?)  
 E’ma!

Os predicados *ap-tao-ke* (377a) – tipicamente verbal – e *an-kakhae* (377b) – tipicamente nominal – demonstram que o emprego da partícula *e’ma* não está restringido a um predicado do tipo SN ou SV mas, ao contrário, aplica-se a ambos. A função básica da referida partícula é contradizer uma asserção ou uma negação relacionada a um evento ou a uma entidade. Da mesma forma que atestado com os dois outros tipos de partículas, *e’ma* não sofre processos flexionais. Distinguindo-se, portanto, das classes abertas de palavras Sanapaná nas quais se atestam diversos tipos de flexão gramatical.

O uso de *e’ma* não se aplica aos contextos predicativos com *metko* e *hawe*. Nesses, as respostas devem apresentar o mesmo tipo de partícula da pergunta. Assim, *metko* e *hawe* são utilizadas como respostas às perguntas que os contêm, como em (378) e (379), respectivamente.

(378) metko nehla hlejap sikleta pankok?  
 ‘Ele não tem bicicleta?’  
 R. Metko  
 \*E’ma

(379) hawe nehla lape pankok?

‘Este lapis não é dele?’

R. Hawe

\*E'ma

### 6.1.3 A Negação com quantificador

Um terceiro processo identificado na construção de NEG em Sanapaná refere-se ao uso do quantificador *kesoje* ‘pouco’. A característica básica desse processo é a negação por oposição (Antítese). Os exemplos abaixo demonstram a ocorrência desse tipo de NEG em contextos de SN.

(380) ap-nemakha naha'e kesoje

POS<sub>-1</sub>-casa DIST QUANT

‘Aquela casa não é longe (daqui)’

(Lit. aquela casa pouco distante)

b. kesoje jemen

QUANT água

‘Não há (muita) água’

(Lit. pouca água)

c. kesoje entoma

QUANT comida

‘Não há (muita) comida’

(Lit. pouca comida)

d. enenko'o ajetneje kesoje e-le-hl-han-ma sesamo

PRON<sub>+1/PL</sub> ter QUANT DEIT-OBJ-SUJ-plantar-NOMZ gergelim

‘Nós não temos plantação de gergelim’

(Lit. eu e eles ter pouca plantação de sésamo)

O quantificador *kesoje*, se comparado à partícula *hawe*, parece apontar para uma distribuição complementar entre ambos motivada pela característica morfológica do referente sobre o qual recai o escopo dos mesmos. No caso do quantificador, o referente pertence a classes diversas, mas não àquela que ocorre com /ak-/. No caso da partícula, o referente apresenta características da classe de palavras que ocorrem com o prefixo /ak-/.

Do ponto de vista sintático, o contraste entre os exemplos acima permite-nos observar certa liberdade de linearização do quantificador *kesoje*, já que no primeiro exemplo ocorre em posição final da sentença e nos demais em posição imediatamente anterior ao referente quantificado. Aliás, essa liberdade de linearização de constituintes é uma característica da língua Sanapaná. Contudo, é possível pensarmos em algum motivo pragmático que justifique as diferentes linearizações de QUANT.

#### 6.1.4 A dupla negação

O que denomino dupla negação aqui é simplesmente a co-ocorrência em uma mesma sentença (simples e / ou complexa) de mais de um elemento morfológico identificado como responsável por NEG Sanapaná. Nos dois exemplos a seguir, co-ocorrem com a partícula *hawe* os prefixos /mo-/ (381) e /me-/ (382), respectivamente. Assim, tem-se NEG realizada pela partícula *hawe* somada a outro elemento NEG.

(381) *hawe mo-tje-nek*  
 NEG NEG-dormir-TAM<sub>PROSP</sub>  
 ‘Não vou dormir’  
 (Lit. Não haver não dormir)

(382) *hlejap hawe me-najwe-sek*  
 PRON-1 NEG NEG-brincar-TAM<sub>PROSP</sub>  
 ‘Você não vai brincar’  
 (Lit. Ele não há não brincar)

A operação sintática envolvida na dupla NEG implica na reestruturação do SV, à medida que subtrai deste a parte sufixal do afixo negativo realizado por /-o/. Conforme se observa nos exemplos em questão, o sufixo (verbal) de TAM, normalmente constituído por /-o/ nas demais sentenças, ocorre com o sufixo /-k/, identificado no Capítulo V como pertencente à categoria dos morfemas de aspecto prospectivo<sup>103</sup>. Sendo assim, chego a uma primeira conclusão para a constituição de dupla NEG em Sanapaná: alteram a estrutura morfossintática das sentenças NEG simples.

A ocorrência de dupla negação não se restringe aos contextos em que estão envolvidos uma partícula e um afixo; é possível, também, em contextos envolvendo apenas prefixos. É o que ilustra a sentença a seguir.

(383) popiet-ahlta ma'-anko-tje-po na'ak  
veado-TOP PROSP-NEG-FEM-cair-TAM<sub>NEG</sub> POSP

anke-je-mak mo-ja-kho na'ak  
CONC<sub>FEM</sub>-aparecer-TAM<sub>NEG</sub> NEG-matar-TAM<sub>NEG</sub> POSP

'O veado (que) não vai cair (morrer) porque eu não vou matar'

Na sentença acima fica evidente a recursividade de NEG afixado aos predicados. Fica evidente, também, a existência de diferentes tipos de afixos em posição sufixal. No primeiro predicado, ocorre /-po/. No segundo ocorre /-mak/ e no terceiro /-kho/. O primeiro e o último conduzem ao final /-o/ de predicados com NEG, ao passo que o final /-mak/ do segundo predicado conduzem aos exemplos (381-382) aos quais se atribui final com a consoante oclusiva não explodida como evidência morfológica de uma dupla negação. Sendo assim, prevê-se que sentenças com dupla negação em Sanapaná são sinalizadas por sufixos NEG distintos dos sufixos NEG de sentenças em que há apenas uma negação.

<sup>103</sup> É provável que a alternância /-nek/, /-sek/ reflita apenas um processo fonológico Sanapaná e que do ponto de vista morfológico tratar-se-ia de dois sufixos com a mesma função.

Do ponto de vista morfossintático, pode-se afirmar que a indicação de que se trata de sentenças com dupla NEG se dá na posição sufixal, já que a posição prefixal mantém-se com os prefixos já apresentados /mo-/ , /ma-/ próprios de NEG em sentenças simples. Desta forma, explica-se o sufixo /-mak/ presente no segundo predicado *anke-ne-mak* (383), bem como os sufixos com núcleo /-o/ nos demais predicados.

Em um terceiro caso de dupla negação em sentenças Sanapaná identifica-se o emprego da partícula *metko* (384). Diferentemente do que atestado nas sentenças com *hawe* em que se manteve, além do prefixo, o sufixo no predicado, aqui o predicado apresenta apenas a posição prefixal /me-/ ocupada por NEG. Esse fato pode encontrar justificativa na própria natureza do sintagma que recebe o prefixo. Nos exemplos em questão, os referidos sintagmas podem ser interpretados como pertencentes a um SN.

(384) henka'e    la esperanza    me-mame-kama    na'ak  
           LOC        NPr                    NEG-trabalhar-CAUS    POSP

metko    patakon            apangaok  
 NEG    dinheiro            PRON<sub>-1/PL</sub>

'Aqui em La Esperança, quem não trabalha não tem o próprio dinheiro'

b.    ansetko:ok        me-ljapa:ok        ankoje  
       criança<sub>MASC/PL</sub>    NEG-cansado-PL    INTENS

metko    as-jampaja        ko'o  
 NEG    CONC<sub>+1</sub>-corpo    PRON<sub>+1</sub>

'As crianças não têm cansaço no corpo'

Essas duas sentenças permitem-se fazer uma generalização relacionada à relação de escopo que NEG estabelece com seu referente, qual seja: NEG ocorre

em posição anterior ao referente cujo escopo recairá. Tal relação é perceptível, portanto, no nível sintático da língua. Logo, é previsível a presença de NEG prefixada ao SV e de NEG como partícula linearizada em posição anterior ao N no caso de um SN. Seja o escopo de NEG relacionado ao SV, seja relacionado ao SN, em ambos os casos, ocorrerão em posição anterior a seu referente. Esse fato restringe, por exemplo, a possibilidade de que NEG seja realizada em posições sintáticas distintas.

### 6.1.5 A interação de negação com a morfossintaxe Sanapaná

A estrutura sintática dos prefixos pré-verbais de NEG (Quadro 14) é idêntica à estrutura sintática dos prefixos de pessoa (Quadro 15) uma vez que, em ambos os casos, em primeiro lugar se identifica a função gramatical dos referidos prefixos e, posteriormente, a pessoa do discurso. Outra semelhança identificada entre os traços gramaticais de NEG e de PES refere-se à não distinção em ambos para o traço gramatical GEN para [+1]. Conforme se observa nos quadros abaixo, /mo-/ refere um argumento seja MASC, seja FEM, da mesma forma que /as-/. Contextos [-1] fazem esse tipo de distinção em NEG e em PES.

#### PREFIXOS DE NEGAÇÃO

PREFIXO NEGAÇÃO	PESSOA	VALOR GRAMATICAL
m	o-	NEG +1SG <sub>MASC/FEM</sub>
m	e-	NEG -1SG <sub>MASC</sub>
m	a-	NEG -1SG <sub>FEM-HUM</sub>
m	o-	NEG <sub>INTER</sub> +1SG
k	o-	NEG <sub>INTER</sub> -1SG

Quadro 14: Prefixos de Negação

## PREFIXOS DE PESSOA

PREFIXO DEITICO	PESSOA	VALOR GRAMATICAL
a	s-	+1 <sup>a</sup> pessoa <sub>MASC/FEM</sub>
a	p-	-1 <sup>a</sup> pessoa <sub>MASC</sub>
a	n-	-1 <sup>a</sup> pessoa <sub>FEM</sub>
a	k-	-1 <sup>a</sup> pessoa INDET

Quadro 15: Prefixos de pessoa do discurso

A semelhança destes sistemas se limita, contudo, ao aspecto morfosintático, já que fonologicamente se trata de segmentos distintos para a negação (Quadro 14) e para a indicação de pessoa do discurso (Quadro 15), uma vez que a estrutura fonológica de NEG é do tipo CV e de PES é do tipo VC.

Por ter escopo sobre o SV, os prefixos se constituem como o processo mais produtivo para a realização de NEG em Sanapaná, se comparado ao uso de partículas. Tal processo envolvendo prefixos interage com (pelo menos) dois processos morfosintáticos, a saber: (i) apagamento do argumento que desencadeia o evento negado e supressão do sistema de concordância próprio de sentenças afirmativas.

### a) O apagamento do argumento que desencadeia o evento negado

Os exemplos de sentenças negativas apresentados desde o início deste capítulo contêm os argumentos que desencadeiam o evento negado realizados fonologicamente na sentença. Os mecanismos sintáticos da língua Sanapaná, contudo, permitem que os mesmos argumentos não se realizem, o que não implica na agramaticalidade da sentença, da mesma maneira que ocorre com as sentenças afirmativas. Essa possibilidade é produtiva na língua em virtude da indicação de pessoa do discurso através do prefixo NEG. É o que se vislumbra em

(385). No referido exemplo, a posição de sujeito não é preenchida por um argumento devido à indicação de pessoa correspondente no prefixo do SV /me-/.

(385)  $\emptyset$  me-na-po hlematkok a $\eta$ aloa  
 SUJ NEG-matar-NEG-TAM QUANT tatu  
 ‘Eles não mataram nenhum tatu’

b) O apagamento do sistema de concordância próprio das sentenças afirmativas

Os prefixos de concordância / pessoa próprios das sentenças afirmativas (Quadro 15) não ocorrem em sentenças negativas. São substituídos por um sistema próprio (Quadro 14), no qual também se identifica o argumento que desencadeia o evento negado. Dessa forma, a estrutura  $sv[CONC + V]$  própria das sentenças afirmativas é substituída pela estrutura  $sv[NEG + V + NEG]$ . *Metko* e *hawe*, por outro lado, não indicam o argumento que desencadeia o evento negado, já que não sofrem os processos flexionais. Isso permite que os prefixos de pessoa e os pronomes possessivos comuns à sentenças afirmativas, por exemplo, sejam realizados no SN com partículas de NEG. No exemplo (386) identifica-se o prefixo /as-/ e o pronome *apangok* em (387).

(386) metko as-nemakha hengae  
 NEG CONC<sub>+1</sub>-casa DEM  
 ‘Não tenho casa aqui’

(387) hlejap metko patakon ap-angok  
 PRON<sub>-1/MASC</sub> NEG dinheiro CONC<sub>-1</sub>-POS  
 ‘Ele não tem dinheiro’

### 6.1.6 A negação e a transitividade verbal

A estrutura argumental do verbo não tem impacto sobre os mecanismos de NEG no sentido de que os prefixos serão empregados seja sobre sentenças transitivas (388), seja sobre sentenças intransitivas (389). Nos dois tipos de sentenças o afixo é realizado indiscriminadamente de maneira descontínua.

(388) hlejap            me-ŋa-kho            popiet  
PRON<sub>-1/MASC</sub>    NEG-matar-TAM<sub>NEG</sub>    veado  
'Ele não matou veado'

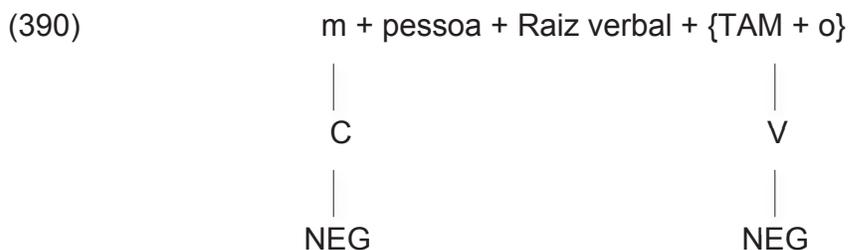
b. Juan    me-ŋan-ko            nehla    gaseosa            ap-ketka  
NPr    NEG-dar-TAM<sub>NEG</sub>    INTER    refrigerante    POS<sub>-1-filha</sub>  
'Juan não deu refrigerante para sua filha'

(389) popiet            man-ko-se-po  
veado            NEG-FEM-morrer-TAM<sub>NEG</sub>  
'O veado não morre'

b. ko'o            mo-tja-mo            jamet            na'ak  
PRON<sub>+1</sub>    NEG<sub>+1</sub>-cair-TAM<sub>NEG</sub>    árvore            POSP  
'Eu não cai da árvore'

### 6.1.7 A negação Sanapaná frente a outras línguas

Ao longo deste Capítulo, argumentei em favor de que o escopo de NEG determina sua forma na Morfologia. Considerei que os afixos de NEG são realizados como descontínuos em uma estrutura em que a consoante ocorre em posição pré-verbal e a vogal ocorre em uma posição pós-verbal. Desta forma, chega-se à representação seguinte:



Essa representação de NEG como um afixo descontínuo (cf. GOMES, 2013), pode trazer consigo um processo histórico da língua Sanapaná semelhante ao que ocorreu com a forma *ne ... pas* do Francês. Nesta língua, segundo Schwegler, (1988); Hopper e Trougott (1993:58-59 *apud* HEINE, KUTEVA, 2007, p. 77), “o nome *pas* foi introduzido como um pseudo-objeto opcional reforçando a herança pré-verbal da partícula negativa *ne*”<sup>104</sup>.

No caso Sanapaná, pela presença da indicação de pessoa no afixo pré-verbal, é possível que seja de fato o mecanismo principal de NEG. O afixo pós-verbal relacionado a NEG pode ter sido tomado por empréstimo dos processos envolvidos em TAM. Outra possibilidade de análise para /-o/ pode ser vislumbrada ao considerar o que ocorre com o sufixo verbal (y)e/- da língua Maká. Este sufixo, segundo Gerzenstein (2002, p. 43, *apud* Messineo 2011, p. 66-67), se afixa ao núcleo do sintagma nominal negativo para indicar ausência, conforme abaixo:

<b>ham</b>	<b>ha?</b>		<b>sehets-e?</b> <sup>105</sup>
<b>NEG</b>	EX	DEM	M
‘No hay pescado’			
“Não há peixe”			

<sup>104</sup> Tradução literal para “The development of negation in French, where the noun *pas* ‘step’ (as well as a set of other nouns) was introduced as an optional pseudo-object reinforcing the inherited pre-verbal negative particle *ne*, later turning into the primary means of expressing verbal negation (SCHWEGLER 1988; HOPPER; TRAUGOTT 1993: 58–9)”.

<sup>105</sup> Destaque da autora.

<b>ham-its</b>	<b>he?</b>	<b>naxha-kwi-e?</b>
<b>NEG EX-PL</b>	<b>DEM F</b>	<b>árbol-PL-CAR</b>
‘No hay árboles’		
“Não há árvores”		

Se a parte sufixal de NEG em Sanapaná tem função semelhante, presume-se, então, que /-o/ indicaria ausência (do evento, ação) no predicado verbal. Como tal, permite-nos imaginar uma característica areal às línguas chaquenhas.

Independentemente do processo diacrônico envolvido na formação de NEG via afixo descontínuo, todavia, o que ocorre sincronicamente em SANAPANÁ parece ser recorrente em outras línguas Maskoy. Susnik (1987), por exemplo, propõe que a negação em Lengua (conhecida atualmente como Enlhet) se realiza por *m-...-k* e por *m-...-e*. Embora não as assumo como formas descontínuas, a maneira como são apresentadas nos permite concebê-las como tal. Essa evidência de Lengua, mais a análise que proponho aqui para Sanapaná, são utilizadas por mim para considerar a possibilidade de que a existência de afixos descontínuos seja uma característica recorrente nas línguas Maskoy para NEG. O contraste entre as duas línguas aqui apresentado revela, todavia, uma diferença em relação à NEG Sanapaná: a ausência de uma consoante final, para dar lugar à /-o/. Sendo assim, as diferenças de NEG entre as línguas Maskoy podem estar relacionadas ao tipo fonológico dos segmentos que ocorrerão anterior ou posteriormente à raiz verbal e não necessariamente à característica morfológica da mesma. O fato de o afixo descontínuo ter escopo sobre o predicado verbal e de este ser mais produtivo na língua indica seu *status* padrão (*standard*) para a sentença simples Sanapaná.

Do ponto de vista tipológico, a realização de NEG através de afixos descontínuos em línguas naturais é pouco comum, se comparado a outros processos morfológicos. Miestamo (2007, p. 555) menciona, por exemplo, Cuypere (2007) que em um conjunto de 1.011 línguas identifica construções negativas expressas por pelo menos duas marcas verbais em apenas 66 línguas.

Ainda sob a perspectiva tipológica, é necessário referir-me à imbricação considerada aqui de NEG com TAM via /-o/. Segundo Aikhenvald and Dixon (1998), Miestamo (2003) (*apud* EPPS, 2005, p. 883), é comum tipologicamente para a negação interagir com outros sistemas gramaticais de uma língua, tais como tempo e aspecto<sup>106</sup>.

Os mecanismos sintáticos responsáveis pelas sentenças negativas Sanapaná apresentam semelhanças com os mesmos mecanismos presentes em outras línguas chaquenhas. Veja-se, por exemplo, as línguas Toba (família guaycurú) – falada por indígenas na Argentina, Paraguai, Bolívia e Maká (família mataco-mataguayo) – falada por indígenas que vivem no Paraguai. Nestas línguas, assim como ocorre em Sanapaná, pode-se utilizar seja prefixos verbais, seja partículas (igualmente) antepostas ao verbo. O prefixo empregado na negação padrão em Toba, Segundo Messineo (2011, p. 57) é *sa(q)-*. Em Maká, segundo a autora, utiliza-se a partícula preverbal *nite?*.

### Toba

<b>sa-sa-lawat</b>	so	qoyo
<b>NEG-1A-matar</b>	DEM.dist	pájaro
‘No mate al pájaro’		
“Não matei o pássaro”		

b.	<b>saq-anak</b>	na	Juan
	<b>NEG-S3-venir</b>	DEM.prox	Juan
‘No viene Juan’			
“Juan não vem”			

---

<sup>106</sup> Tradução livre para “It is cross-linguistically common for negation to interact with other grammatical systems within a language, such as tense and aspect (cf. AIKHENVALD; DIXON 1998; MIESTAMO 2003, p. 18)”.

## Maká

<b>nite?</b>	hi-lan	n-a?	tiptip
<b>NEG</b>	1-matar	DEM-M	caballo

‘Yo no mate al caballo’

“Eu não matei o cavalo”

b. 

<b>nite?</b>	t?-otoy	n-e?	efu
<b>NEG</b>	S3-bailar	DEM-F	mujer

‘La mujer no baila’

“A mulher não dança”

A semelhança quanto à existência de prefixos e de partículas de negação em Toba e Maká em relação ao Sanapaná revela, também, algumas diferenças importantes, quais sejam:

(i) A não distinção morfológica segundo a pessoa do discurso. Veja-se nos exemplos em questão que seja para um referente [+1], seja para um referente [-1] emprega-se o mesmo prefixo (Toba) ou partícula (Maká).

(ii) Partículas são empregadas em Sanapaná apenas para os casos em que o escopo da negação é um existencial ou possessivo. Em Maká, o uso de partículas é recorrente, também, em sentenças padrão.

(iii) As partículas *qayka* (Toba) e *ham* (Maká) são empregadas seja em contexto existencial, seja em contexto possessivo. Em Sanapaná, emprega-se para os mesmos contextos *hawe* e *metko*, respectivamente. Distinguem-se semanticamente, portanto, os mesmos contextos.

## 6.2 A sentença Imperativa

Sentenças imperativas (IMP) em Sanapaná têm como característica a presença do prefixo /e-/ para os casos em que o referente apresenta traços gramaticais SG (391). Para os casos em que o referente apresenta traços gramaticais PL, ocorre flexão de /e-/ com o acréscimo do fonema nasal /n/, o que gera um prefixo do tipo /en-/ ‘PL’ (391c).

(391) e-tjep      kehloje      na’ak  
IMP-sair    agora      POSP  
‘Saia agora (daqui)’

b.    e-tjen      ansetkok  
IMP-dormir    menino  
‘Durma menino’

c.    ma’a      en-jakha      siudad  
PROSP<sub>-1</sub>    IMP<sub>PL</sub>-ir      cidade  
‘Vão à cidade’

Outros exemplos que ilustram a distinção morfológica do IMP quanto a número são apresentados a seguir.

(392) e-jamok      ko’o  
IMP-entregar    PRON<sub>+1</sub>  
‘Entregue para mim’

b.    en-jamok      ko’o  
IMP<sub>PL</sub>-entregar    PRON<sub>+1</sub>  
‘Entreguem para mim’

{*Jamok*} é uma raiz verbal transitiva, em oposição às raízes dos exemplos em (392), que podem ser consideradas intransitivas. Com isso, pode-se compreender que a marcação de IMP pelo prefixo verbal /e-/ é recorrente seja em contextos de sentenças intransitivas, seja em contexto de sentenças transitivas.

### 6.2.1 As sentenças imperativas negativas

Sentenças imperativas negativas podem ser construídas pelos mecanismos sintáticos identificados como comuns às sentenças negativas, ou seja, o acréscimo de afixos ou de partículas.

a) Sentenças imperativas negativas com afixos.

(393) me-tjen          ansetkok  
      NEG-dormir    menino  
      ‘Não durma menino’

b.    me-ta-o                    entoma    na’ak  
      NEG-comer-TAM<sub>NEG</sub>    comida    POSP  
      ‘Não coma (comida)’

A possibilidade de construir IMP através de afixos demonstra dois processos sintáticos envolvidos. No caso de (393a) apenas o emprego do prefixo, o que não ocorreria se se tratasse de uma sentença negativa simples, obrigatoriamente marcada por um sufixo /-o/. Esse tipo de marcação é exatamente o que ocorre com (393b), no qual se constata o prefixo de NEG e a raiz verbal seguidos pelo sufixo /-o/. O primeiro processo parece ser, pelos dados que tenho disponíveis para esse tipo de sentença, mais produtivo. Nos mesmos dados, o segundo processo é pouco recorrente. A seguir, outros exemplos de sentenças imperativas negativas sem /-o/ na posição de sufixo do verbo.

(394) me-pamet kehloje  
NEG-fala ADV  
'Não fale agora'

b. me-uha namok<sup>107</sup> ha'e  
NEG-fazer namok PROX  
'Não faça namok (próximo)'

Esse fato gera uma certa assimetria entre as sentenças imperativas negativas e as sentenças negativas no sentido de que o sufixo de NEG obrigatório entre as negativas não é empregado obrigatoriamente entre as imperativas. Sem dúvida, esse é um fato bastante comum nas línguas naturais. Miestamo (2007, p. 561), por exemplo, o considera uma tendência entre as línguas.

#### b) Sentenças imperativas negativas com partículas

Sentenças imperativas negativas podem ser realizadas por partículas de NEG. É possível que nesses casos o escopo de NEG IMP recaia sobre o evento em si.

(395) hawe e-tjep  
NEG IMP-ir  
'Não vá'

b. hawe e-ɲeɲe-hek  
NEG IMP-correr-TAM<sub>NEG</sub>  
'Não corra'

---

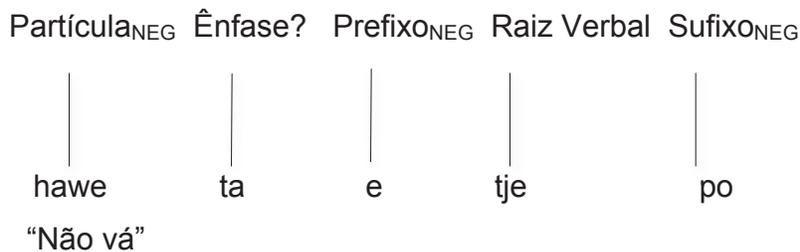
<sup>107</sup> Nome de uma festa tradicional do povo Sanapaná normalmente realizada no dia 19 de abril em comemoração ao dia do índio.

A ocorrência de uma mesma forma relacionada a NEG e a imperativo é possível em línguas como Tagalog (Austronesian; CROFT 1991: 15, *apud* HEINE, KUTEVA), por exemplo. Nesta, o item *huwag* expressa tanto um desejo negativo em sentenças declarativas quanto o imperativo negativo.

Huwag [nga- ng] wala-ng pera si Ben.  
 NEG.want POL- LINK not.have- LINK money PNT Ben  
 ‘I don’t want Ben to be without money.’  
 ‘Eu não quero que Ben esteja sem dinheiro’

Huwag kayo- ng magsayaw ng pandanggo.  
 NEG.IMP 2.PL- LINK dance NT fandango  
 ‘Don’t dance a fandango’  
 ‘Não dance fandango’

Nas sentenças Sanapaná IMP com partículas ocorre o mesmo que nas sentenças IMP com afixos, já que com a partícula ocorre apenas o prefixo /e-/ (ou o referido prefixo mais a raiz verbal seguidos por um prefixo de NEG.



Assim, pode-se afirmar que o IMP negativo em Sanapaná é realizado pelo emprego do prefixo /e-/ à raiz verbal somado aos processos de NEG possíveis na língua, ou seja, afixação à raiz verbal, ou o uso de partículas. Embora se sobreponham um ao outro, esses processos de NEG não constituem-se

excludentes. O prefixo /e-/ , como se nota nos exemplos apresentados, ocupa a mesma posição sintática dos prefixos de pessoa. A manutenção da partícula NEG – comum a sentenças negativas existenciais e possessivas – em contextos de sentenças imperativas revela-se distinto se comparado ao que ocorre em Toba e Maká, já que estas línguas “em enunciados proibitivos ... empregam formas de negação específicas diferentes das utilizadas para negar predicados declarativos” (MESSINEO, 2011, p. 61).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentar essa última seção da Tese, reitero primeiramente o caráter introdutório da mesma já assumido em distintas partes e seu escopo pretendido relacionado à sentença simples. Muitas questões apresentadas seguramente serão postas em evidência em trabalhos futuros com maior complexidade sobre o texto, a gramática (da sentença simples novamente, da sentença complexa), o discurso, a relação destes com a Educação Escolar Indígena Sanapaná, etc.

Ao postergar tais questões para estudos futuros considero, principalmente, a possibilidade de assim fazê-lo por ser Sanapaná uma língua – ao menos na comunidade de La Esperanza – em pleno estado de vitalidade, já que é veículo de comunicação primeiro entre os cidadãos Sanapaná. Leia-se, com isso, seu uso irrestrito independentemente da faixa etária, sexo, escolaridade, e outros fatores determinantes para a vitalidade de uma língua minoritária. Essa situação não é partilhada por todas as línguas indígenas paraguaias. No quadro (01) é possível compreendermos que inúmeras delas já foram substituídas pelo Espanhol e / ou pelo Guaraní. Sendo assim, a língua Sanapaná no contexto paraguaio de La Esperanza encontra-se no conjunto de línguas que, apesar da forte pressão patrocinada pelo contato com as sociedades externas, se mantém viva; fato que me motivou a escrever o Capítulo I da Tese ainda no ano de 2009, quando de minha primeira viagem àquela comunidade.

Meu primeiro contato com esse povo e sua língua foi marcado pela busca de compreensão acerca de sua relação social, econômica, cultural. Chamou-me a atenção a forma como (i) convivem com a água (ou ausência dela) proveniente da chuva; (ii) com o fato de terem suas terras rodeadas por fazendas; (iii) sorrirem para a vida como se fossem os próprios donos da felicidade, sobretudo nos finais de semana quando se reúnem regularmente para praticar esportes – normalmente futebol para os homens e voleibol para as mulheres. Ainda nesta perspectiva, pude observar e participar do envolvimento do referido povo com os credos

cristãos que lhes chegam através de instituições religiosas ocidentais, da música que agrada aos jovens e aos adolescentes.

Um pouco de minhas observações são mostradas, como mencionei, no primeiro capítulo. Por sua vez, exprime meu interesse de compreender não apenas a língua Sanapaná, mas também um pouco da vida Sanapaná constituída em seus aspectos sociais e econômicos, culturais e religiosos<sup>108</sup>.

No que se refere aos demais capítulos (II a VI), em que descrevo alguns aspectos da gramática Sanapaná, confesso que a falta de parâmetros com os quais eu pudesse desenvolvê-los tornou o trabalho em sua totalidade bastante desafiador, o que, para mim, serviu como impulso para seguir adiante. Somando-se a isso, houve inicialmente o desafio referente ao uso do Espanhol, não dominado por mim e segunda língua para os Sanapaná. Os resultados apresentados na Tese constituem-se, portanto, o reflexo da superação a todos os desafios postos.

No Capítulo II mostro processos fonético-fonológicos comuns às línguas naturais tais como alofonias, metaplasmos, interações morfofonológicas de toda sorte. Destaquem-se, por exemplo, processos de harmonização vocálica e de epêntese. Os resultados apresentados no referido capítulo demonstram, ainda que timidamente, características Sanapaná partilhadas com outras línguas da região do Chaco: segmentos aspirados, comuns em línguas como Mocovi (Argentina) ou com outras línguas da família Maskoy como o tipo silábico CV(C) identificado como padrão também em Enlhet.

No capítulo em questão, lanço dúvidas sobre a produtividade de segmentos vocálicos longos, que parecem ser recorrentes nas línguas da família. Com isso pressuponho processos de mudanças em curso no caso Sanapaná. Outras características e processos são mostrados. A existência de segmentos consonantais complexos; a ausência de C vozeadas; a natureza não explodida das consoantes nasais bilabial e alveolar quando em posição de *coda*, o que

---

<sup>108</sup> Apresentei à comunidade científica, sob o título “Interpersonal relationships among the Sanapaná society”, informações preliminares deste tipo na VII Reunião da *Society for the Anthropology of Lowland South America* realizada no mês de junho de 2011 nas dependências do Museu Paraense Emilio Goeldi – Belém Pará.

impede o espriamento de nasalidade, tão comum nas línguas indígenas brasileiras, por exemplo; lenição de C favorecida por Ć.

Os três segmentos vocálicos Sanapaná também sofrem processos morfofonológicos. Como resultado, atesta-se, além de alofonia, epêntese e harmonização já mencionados, processos de assimilação. Em relação à sílaba, assumo CV(C) como o padrão. Mostro que metaplasmos são produtivos, e hipotetizo a possibilidade de haver casos de reduplicação envolvendo sílabas. Estas, ao que parece, têm uma relação muito próxima com a raiz V, o que me permite tratá-las como caso de iconicidade.

Os dois capítulos seguintes (III e IV) dedicaram-se ao SN em sua relação nuclear (N) e sintática (seus modificadores). Por isso mostrei desde sua composição enquanto raiz até sua relação sintática estabelecida no SN complexo. No que se refere à descrição inicial do N a partir da raiz, são identificados quatro tipos distintos. Como categorias do N mostrei os mecanismos de gênero, de número, de grau, que também ocorrem no domínio do V, mas utilizando-se de mecanismos outros.

Para o estabelecimento de uma relação do tipo POSSUIDOR / POSSUÍDO (Posse), mostrei que os nomes referentes a partes do corpo apresentam um comportamento morfológico que os particulariza em detrimento dos demais nomes; especialmente por conta do prefixo /e-/ , tão recorrente entre distintas classes de palavras Sanapaná. Para todos os casos, identifica-se como função deste prefixo sua não especificação para o traço de pessoa. Outro aspecto morfológico que particulariza esse conjunto de nomes é a forma como indicam PL. Na seção referente à morfologia do N, mostrei ainda que raízes verbais podem sofrer processos de nominalização através do sufixo /-ma/.

O estabelecimento das características morfológicas do N permitiu-me observá-lo também sob a perspectiva da sintaxe, mais precisamente na relação com seus modificadores, incluindo-se adjetivos, adposições, negação. Com isso, evidenciei a posição preferencial do N do tipo inicial. Sendo N o núcleo, postulei a ordem núcleo inicial para o SN Sanapaná.

A compreensão morfológica do N foi ampliada para a compreensão morfológica das demais classes abertas (para o caso dos adjetivos) e fechadas. Desta forma, descrevi os pronomes; os numerais; os advérbios; os quantificadores e as adposições. O estudo dos pronomes permitiu-me compreender, por exemplo, a distinção para pessoa do discurso baseada em traços [+1] e [-1]. Em outros termos, compreendi que em Sanapaná identificam-se gramaticalmente apenas duas pessoas discursivas: o 'eu' [+1] e o 'não eu' [-1]. Esse padrão se mantém em toda a gramática da língua com impacto, inclusive, na sintaxe uma vez que se mantém independentemente da função sintática que desempenha na sentença. Essa é uma evidência para classificar Sanapaná como uma língua com padrão neutro de marcação de caso.

Os pronomes possessivos chamam a atenção na análise por partilharem características do N em seus prefixos e na forma como se distinguem para o traço PL. Os indefinidos, por sua vez, se caracterizam como um recurso gramatical que evita ambiguidades quanto ao referente [-1] quando este se encontra em um contexto em que o outro referente é também [-1]. No caso dos interrogativos demonstrei que, conforme a informação requerida, distintos pronomes serão empregados. O mesmo ocorre com os advérbios. Como descritivo, apresento cada um dos pronomes interrogativos e advérbios.

A relação da classe N com outras classes é visível também no numeral. Para esta, o N 'empresta' a palavra /meok/ 'mão' que atua de maneira bastante produtiva no sistema numérico Sanapaná. Por isso a considero, no contexto do numeral como um classificador. Há, portanto, uma relação semântica implícita nos numerais. O mesmo ocorre com os quantificadores, distribuídos conforme aspectos semânticos relacionados ao referente sobre o qual recairá seu escopo.

O Capítulo V – cujo objeto principal foi o SV – não se deteve, assim como os demais, às discussões teóricas possíveis quando da descrição de uma língua ou, mesmo, assumiu conceitos caros adotados atualmente na Linguística, tais como caso, cisão de intransitivos, interface sintaxe / semântica etc. Não apresentei o referido capítulo desta forma não por considerar discussões teóricas

desnecessárias, mas por ter determinado como escopo principal para esta Tese um panorama amplo acerca do SN e do SV, por si só suficientes para serem desenvolvidos ao longo de quatro anos. Sendo assim, optei por dividir o capítulo em questão em duas partes, estando a primeira relacionada à morfologia e a segunda à sintaxe do V.

O argumento principal do capítulo refere-se à identificação de uma classe V por meio de um conjunto de sufixos TAM, ainda não conhecido totalmente. Apesar disso, compreende-se um sistema dicotômico em relação a tempo / aspecto que se baseia na indicação de completude ou incompletude do evento.

A posição prefixal, conforme se observou, partilha inúmeras semelhanças com o N no que se refere aos traços *phi*. Distinguem-se, todavia, na forma morfológica como esses traços se apresentam. Para o traço de pessoa merece destaque o caso dos auxiliares prospectivos, que interferem na sintaxe Sanapaná na medida em que se tornam os hospedeiros do mesmo. Outro impacto na sintaxe observável a partir dos traços *phi* é a possibilidade de apagamento do argumento A / S uma vez identificado no predicado; o mesmo se aplica a O para os casos em que se dá em um contexto bitransitivo. Com isso, fica implícita na Tese a interface Morfologia / Sintaxe, já que mostro a inter-relação entre estes dois módulos da gramática Sanapaná.

Finalmente, no Capítulo VI, dedicado à sentença negativa e à sentença imperativa apresentei como relacionado à NEG um processo bastante complexo envolvendo afixo descontínuo por um lado e, por outro, o emprego de partículas. A distribuição entre afixos e partículas NEG foi detalhada, de modo a compreendermos a negação do próprio predicado quando do emprego dos afixos, e dos contextos nominais quando do emprego das partículas. No primeiro caso, mostrei que os distintos afixos são motivados por questões gramaticais, mais precisamente os traços *phi*. Para os contextos nominais, as partículas são motivadas pela própria informação do predicado. Sendo assim, opta-se por uma forma quando o escopo de NEG for existencial e por outra forma quando o escopo de NEG for posse.

Pela natureza de NEG sobre o próprio predicado, compreende-se que o uso dos afixos seja o mais produtivo na gramática Sanapaná; que apresentam o mesmo comportamento dos pronomes pessoais no que confere à indicação de [+1], a saber: não distinção para ‘MASC’ e ‘FEM’; bem como de [-1] para a qual se atesta um afixo específico para ‘MASC’ e outro específico para ‘FEM’. O que ainda não tem um entendimento satisfatório, contudo, é a motivação para as diferentes consoantes que ocorrem com a parte sufixal de NEG expressa por /-o/. Por se tratar de um processo recorrente no verbo, pressuponho e assumo que, juntamente com /-o/, também estão relacionados à TAM.

O imperativo, como última seção do capítulo, serve, sobretudo, para indicar a presença do prefixo /e-/ e sua não especificação para o traço de pessoa, conforme se atesta em praticamente todas as línguas naturais.

Por fim, devo assumir que as informações postas nestas Tese resultam na realização de meu sonho – alimentado desde 2005, quando fiz minha primeira viagem a uma comunidade indígena, ainda no estado do Pará-Amazônia-Brasil, orientado pela professora Carmen Lucia Rodrigues – em desenvolver trabalho de descrição linguística. Jamais imaginei àquela época que precisaria sair do Brasil para realizar tal sonho e, da mesma maneira, jamais imaginaria que seria tão gratificante fazê-lo. Obrigado, mais uma vez, aos Sanapaná de La Esperanza por terem se tornado amigos meus de grande estima, por me terem acolhido em suas casas, famílias como um membro das mesmas.

## REFERÊNCIAS

ACKEMA, P. *et. al.* **Arguments and Agreement**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

ACKEMA, P; NEELEMAN, A. **Context-Sensitive Spell-out**. *Natural Language and Linguistic Theory*, vol. 21, 2003, p. 681-735.

ADELAAR, W.F.H; MUYSKEN, P. C. **The languages of the Andes**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

AIKHENVALD, A. Y; DIXON, R. M. W. **Dependencies between grammatical systems'**. *Language*, n. 74, 1998, p. 56-80.

AMARILLA, D. **Agtemágháta Apqueh Hleanma**: Pueblo Sanapaná. Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica (CEADUC). Biblioteca Paraguaya de Antropología, v.62, 2006.

AMARILLA, P. J. **Pueblo Angaité**: Memória Histórica. Centro de Estudios Antropológicos de La Universidad Católica (CEADUC). Asunción, vol. 55, 2006.

AMRITAVALLI, R; JAYASEELAN, K. A. Finiteness and Negation in Dravidian. In. CINQUE, G; KAYNE, R. (eds). **The Handbook of Comparative Syntax**. Oxford University Press, 2008, p. 178-220.

ANDREWS, A. The major functions of the noun phrase. In: Shopen, T. **Language Typology and Syntactic Description**. Vol. I. Clause Structure. 2ed. Cambridge: CUP, 2007.

ARONOFF, M; FUDEMAN, K. **What is Morphology**. Fundamentals of Linguistic. Blackwell Publishing. United Kingdom, 2005.

BAKER, M. **Lexical categories**: Verbs, Nouns, and Adjectives. CUP: Cambridge, 2003.

BLAKE, B. J. **Case**. Cambridge University Press: CUP, 1997.

BLEVINS, J. The syllable in Phonological Theory. In Goldsmith, J. A. (ed.). **The Handbook of Phonological Theory**. Blackwell Publishers, 2007, p. 1-20.

BRAUNSTEIN, J; MILLER, E. S. Ethnohistorical Introduction. In. Elmer S. Millar (ed.). **Peoples of the Gran Chaco**. Bergin & Garvey editors, 1999.

CAMPBELL, L. **American Indian Languages**: The Historical Linguistics of Native America. Oxford Studies in Anthropological Linguistics 4. New York / Oxford: Oxford University Press, 1997.

CAÑEDO, J. de A. **El Chaco Paraguayo y sus tribus**: apuntes etnograficos y leyendas la Mission Salesiana. Sociedad Editora Internacional. Asunción, 1924.

II CENSO NACIONAL INDÍGENA DE POBLACIÓN Y VIVIENDAS. **Pueblos Indígenas del Paraguay**. Resultados finales. Fernando de la Mora: DGEEC Publicaciones. 688p, 2002.

CENSO. ANUÁRIO ESTADÍSTICO DEL PARAGUAY. **DGEEI**, 2008.

CHOMSKY. N. **The Minimalist Program**. MIT Press, Cambridge, 1995.

CINQUE, G. **Adverbs and functional heads: A cross-linguistics perspective.** Oxford: Oxford University Press, 1999.

CLEMENTS, G. N. **The geometry of phonological features.** *Phonology Yearbook*, 2, 1985, p. 225-252.

COMRIE, B. **Language Universals and Linguistic Typology: Syntax and Morphology.** Chicago: University of Chicago Press, 1981.

CORBETT, G. G. **Number.** Cambridge University Press: CUP, 2000.

CORDEU, E. J. Textos míticos de los Angaité (Chenanesmá) y Sanapaná. **Scripta Ethnologica.** Año I, n. 1. 1973, p. 199-234.

CORYN, A. **Los indios Lengua.** Sus costumbres y su idioma. *Anales de la Sociedad Científica Argentina.* Buenos Aires, 1922.

DIXON, R. M. W. **Basic Linguistic Theory: Methodology.** Oxford: Oxford University Press, 2010a.

DIXON, R. M. W. **Basic Linguistic Theory: Grammatical Topics.** Oxford: Oxford University Press, 2010b.

DIXON, R. M. W. Adjective classes in typological perspective. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. **Adjective Classes: a cross-linguistic perspective.** Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 1-49.

DIXON, R. M. W. **A semantic approach to English Grammar.** Oxford: Oxford University Press, 2005.

DIXON, R. M. W. **The Jarawara language of southern Amazonia**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

EPPS, P. **A Grammar of Hup**. PHD Dissertation. University of Virginia, 2005.

FABRE, A. Los enlhet-enenlhet del Chaco Paraguayo. **Suplemento Antropológico**. Asunción, v.40, n.1, p. 503-570, 2005a.

FABRE, A. Los pueblos del Gran Chaco y sus lenguas, Primera Parte: Los Enlhet-Enenlhet del Chaco Paraguayo. **Suplemento Antropológico**, Asunción, v.40, n.1, p.503-569, 2000b.

GALUCIO, A. V. **The Morphosyntax of Mekens (Tupi)**. Tese (Doutorado) – University of Chicago, IL, 2001.

GIVÓN, T. **Syntax**: A functional-typological introduction. John Benjamins Publishing. Vol I, 2001.

GIVÓN, T. Evidentiality and Epistemic Space. **Studies in Language**. Vol 6, 1982, p. 23-49.

GIVÓN, T. **Syntax**: A functional-typological introduction. Volume I. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

GOLDSMITH, J. A. **The syllable** (2009). Disponível em [hum.uchicago.edu/~jagoldsm/Papers/Syllables.pdf](http://hum.uchicago.edu/~jagoldsm/Papers/Syllables.pdf). Acesso em 02 de julho de 2012.

GOLDSMITH, J. A. **Phonological Theory**: The Essential Readings. Blackwell Publishers, 1999.

GOMES, A. A. S. Negación en sentencias simples Sanapaná. In: **III ENCUENTRO DE LENGUAS INDÍGENAS AMERICANAS**. San Carlos de Bariloche – AR, 2013.

GOMES, A. A. S. Aspectos Fonológicos da língua Sanapaná. Anais do IV Seminário Internacional de Fonologia. 2012. Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica: PUC, 2012. 1. CD-ROM.

GOMES, A. A. S. Gênero e número em Sanapaná. Anais do VII Congresso Internacional da ABRALIN. 2011. Curitiba. **Anais**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2011.

GOMES, A. A. S. **Sanapaná**: um povo indígena paraguaio. Revista Síntesis. Campinas, Unicamp, v. 14, n. 1, p. 360-385, 2009.

GUALDIERI, C. B. **Mocovi (Guaicuru)**: Fonologia e Morfossintaxe. Vol. I. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 1998.

HANUSHEK, E; WÖßMANN, L. Education and Economic Growth. In. Dominic J. Brewer and Patrick J. McEwan, (eds). **Economics of Education**. Amsterdam: Elsevier, 2010. p. 60-67.

HEINE, B; KUTEVA, T. **The Genesis of Grammar**: a reconstruction. Oxford University Press, 2007.

HOCKETT, C.F. **A System of Descriptive Phonology**. Language, 18(1), 3-21, 1942.

KALISCH, H. Los constituyentes de la cláusula enlhet (enlhet-enenlhet). Esbozo de una cláusula omnipredicativa. In: GOLUCIO, L; VIDAL, A. **Les langues du Chaco**. Amerindia, 33/34, p. 2010, p. 109-150.

KERSTEN, L. **Las tribus indígenas del Gran Chaco hasta fines del siglo XVIII.** Una contribución a la Etnografía Histórica de Sudamérica. Universidad Nacional del Nordeste. Resistencia (Chaco), 1968.

KONIG, E; SIEMUND, P. Speech act distinctions in grammar. In: SHOPEN, T. (Org.). **Language Typology and Syntactic Description.** Vol I: Clause Structure. Second Edition. CUP, 2007, p. 276-324.

LADEFOGED, P; MADDIESON, I. **The Sounds of the World's Languages.** Oxford: Blackwell Publishers, 2008.

LANDAR, H. South and Central American Indian languages: foreword to the maps. In: Thomas A. Sebeok (ed.). **Native Languages of the Americas.** Plenum Press, vol. 2, 1977.

LOUKOTKA, C. **Vocabularios inéditos o poco conocidos Del Paraguay.** Museu Andrés Barbero. Asunción, 1930.

MANNELL, R. **Phonetics and Phonology:** phoneme and allophone. Macquaire University, 2008. <http://clas.mq.edu.au/phonetics/phonology/phoneme/>. Acceso em 16 de agosto de 2013.

MARANTZ, A. No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own Lexicon. **Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium:** Penn Working Papers in Linguistics. Alexis Dimitriadis et. al. (Eds). N. 4, Vol. 2., p.201-225.

MELIÁ, B. Las lenguas indígenas en el Paraguay. Una visión desde el Censo 2002. In.: Argenter, Joan A.; McKenna Brown, R. (orgs). **Endangered Languages**

**and Linguistic Rights on the Margin of Nations.** Proceedings of the Eighth FEL Conference, Barcelona. Foundation of Endangered Languages; 2004. p. 77-88.

MESSINEO, C. La negación en Toba (Guaycurú) y en Maká (Mataco-Mataguayo): aproximación tipológica a las lenguas del Gran Chaco. In: ROMERO-FIGUEROA, A. (Org.) **Lenguas Indígenas de América.** Universidad Católica Andrés Bello, Caracas, 2011, p. 48-82.

METRAUX, A. **Etnografía del Chaco.** Universidad Católica Nuestra Señora de la Asunción. 1996.

MIESTAMO, M. “**Negation** – An Overview of Typological Research”. *Language and Linguistics Compass*, 1/5, 2007, p. 552–570. Disponível em <[http://www.linguistics.berkeley.edu/~syntax-circle/syntax\\_group/spr08/miestamo.pdf](http://www.linguistics.berkeley.edu/~syntax-circle/syntax_group/spr08/miestamo.pdf)>. Acesso em 28 de maio de 2013.

MIESTAMO, M. On the complexity of standard negation. *A Man of Measure: Festschrift in Honour of Fred Karlsson on His 60th Birthday.* Turku: **The Linguistic Association of Finland**, p. 345-356, 2006. (*SKY Journal of Linguistics (Special Supplement)*). Disponível em <[http://www.linguistics.fi/julkaisut/SKY2006\\_1/2.5.2.%20MIESTAMO.pdf](http://www.linguistics.fi/julkaisut/SKY2006_1/2.5.2.%20MIESTAMO.pdf)>. Acesso em 28 de maio de 2013.

MOHANAN, T. **Argument structure in Hindi.** California Center for the Study of Language and Information. California, 1994.

MOORE, D; Galucio, A. V; GABAS JR. N. O desafio de Documentar e Preservar as Línguas Amazônicas. **Scientific American Brasil (Edição Especial)**, v.3, p.36-43, 2008.

MORELLI, F. The relative harmony of /s + stop/ onsets: Obstruent clusters and the Sonority Sequencing Principle. In: FERRY, C; VAN DE VIJVER (eds.). **The syllable in Optimality Theory**. Cambridge: CUP, 2003, p. 356-371.

PAYNE, T. E. **Exploring Language Structure**: a student's guide. CUP, 2011.

PAYNE, T. E. **Describing Morphosyntax**: a guide for field linguists. CUP, 1997.

RIJKHOFF, J. **The Noun Phrase**. Oxford University Press, 2004.

ROZIN, P. **Development in the food domain**. *Develop Psychol.* 1990, p. 455-562.

SCHACHTER, P; SHOPEN, T. Parts-of-speech systems. In: Timothy Shopen (ed.). **Language Typology and Syntactic Description**. V. I: Clause Structure. CUP, 2007, p. 1-60.

STUMP, G. T. Inflection. In: Spencer, A; Zwicky, A. M. (eds.). **The Handbook of Morphology**. Wiley, 2004, p. 13-43.

SUSNIK, B. J. Etnohistoria del Paraguay. **América Indígena**. Vol. 49, n.3, 1987, p. 431-490.

SUSNIK, B. J. **Lengua-Maskoy: su hablar, su pensar, su vivencia**. *Lenguas Chaqueñas*. Museo Etnográfico Andrés Barbero, Asunción, vol. 6, 1977.

SUSNIK, B. J. Eenslüt –Áppaiwa. Lengua – Maskoy. Estrutura Gramatical. **Parte 1ra. Boletín de la Sociedad Científica del Paraguay y del Museum Andres Barbero Etnografico e Historico Natural**. Volumen II. Asunción, 1958.

TALLERMAN, M. **Understanding Syntax**. 2ed. Hodder Arnold, 2005.

TIMBERLAKE, A. Aspect, tense and mood. In: Shopen, Paul (ed.). **Language Typology and Syntactic Description**, Vol. III. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 280-332.

UNRUH, E; KALISCH, H. Enlhet-Enenlhet. Una familia lingüística chaqueña. **Thule, Rivista italiana di studi americanistici**. Italia, v.14/15, p. 207-231, 2003.

UNRUH, E; KALISCH, H. La familia lingüística enleht–enenlhet: un acercamiento a la nación enlhet-enenlhet desde el punto de vista lingüístico. **Escola Ya'alve-Saanga/Chaco Paraguayo**, 2001, 18p.

UNRUH, E; KALISCH, H. Escribir en idioma enlhet para hacer crecer lo propio. **Suplemento Antropológico**, Asunción, v.36, p. 379-385, 1999.

UNRUH, E; KALISCH, H. El Diccionario Enlhet “Moya’ansaeclha’ Nengelpayvaam Nengeltomha Enlhet”. Marco, Base, Estructura. **Suplemento Antropológico**, Asunción, v. 31, p. 413-441, 1998.

ZANARDINI, J; BIEDERMANN, W. **Los indígenas del Paraguay**. Edición Actualizada. Asunción, 2006.

ZARRATEA, T. (2009). **Familia lingüística Maskoy**. Disponível em [HTTP://www.abc.com.py/2007-05-13/articulos/329417/el-mapa-linguistico-el-paraguay](http://www.abc.com.py/2007-05-13/articulos/329417/el-mapa-linguistico-el-paraguay)>. Acesso em 25 de julho de 2008.



## BIBLIOGRAFIA

BRESNAN, J; MCHOMBO, S. Topic, Pronoun, and Agreement in Chichewa. **Language**, Vol. 63, 1987, p. 741-782.

CHOMSKY, N. A. Remarks on nominalization. In: Jacobs, Roderick & Rosenbaum, P. (eds.) **Reading in English Transformational Grammar**, Waltham, MA. 1970, p. 184-221.

GERZENSTEIN, A. La negación en la lengua maká (mataguayo). In: **Temas de Lingüística Aborígen**: Archivo de Lenguas Indoamericanas. Universidad de Buenos Aires, Vol. 2, 2002, p. 27-52.

GILDEA, S. A comparative description of syllable reduction in the Cariban language family. **International Journal of American Linguistics**, Vol. 61, N. 1, jan. 1995, p. 62-102.

KIDD, S. W. The morality of the Enxet People of the Paraguayan Chaco and Their Resistance to Assimilation. In.: Elmer S. M. (org.). **Peoples of the Gran Chaco**. USA, Bergin e Garvey editors, 1999. p.37-60.

KUBOZONO, H. **The mora and syllable structure in Japanese**: evidence from speech errors. *Language and Speech*, 32, Vol. 3, p. 249-278.

MIESTAMO, M. Towards a typology of standard negation. **Nordic Journal of Linguistics**, n. 23. 2000, p. 65–88.

MIESTAMO, M. **Clausal negation**: a typological study. Helsinki, Finland: University of Helsinki Dissertation, 2003.

MIESTAMO, M. **Standard negation**: the negation of declarative verbal main clauses in a typological perspective. Berlin, Germany: Mouton de Gruyter, 2005a.

ROBINS, R. H. **General Linguistics**: An Introductory Survey. London: Longman's, 1964.

ROMERO, M et al. Apkeltennaikamaha Marciano Mendoza aktemakha' apkavakha pankek enenlhet. **Biblioteca Paraguaya de Antropología**, Ya'alve-Saanga: Nengvaanemquescama Nempayvaam Enlhet. Asunción, v. 46. 2003.

SWADESH, M. **Mapas de clasificación lingüística de México y las Américas**. UNAM, 1959.

**ANEXO**  
**ÁLBUM DE FOTOS**



**LIVRO DE FOTOS**

**Meus professores Sanapaná (Colaboradores da Pesquisa)**

**NIKO GONZALEZ**



VALÉRIO CHAVEZ



**CRIANÇAS SANAPANÁ**



JOVENS SANAPANÁ



**ANCIÃOS SANAPANÃ**



MORADIAS SANAPANÁ



FIM DE SEMANA EM LA ESPERANZA









**ANTONIO ALMIR SILVA GOMES<sup>109</sup>**  
COMUNIDADE LA ESPERANZA, DEPARTAMENTO DE PRESIDENT HAYES,  
PARAGUAY.

---

<sup>109</sup> Todas as fotos que compõem esse Livro de Fotos foram capturadas entre os anos de 2009 e 2010 em La Esperanza e são de minha propriedade em conjunto com o povo Sanapaná. A reprodução de qualquer uma delas, para qualquer fim, é proibida.